J. Krishnamurti

Comentários sobre o viver

Breves textos – Volume 2

Ele foi escolhido e educado para ser o grão-mestre de uma ordem secreta e mística chamada Estrela do Oriente. Aprendeu vários idiomas e se aprofundou no estudo das religiões e filosofias. No entanto, em agosto de 1929, no dia marcado para assumir o alto cargo que lhe havia sido destinado, Jiddu Krishnamurti surpreendeu os milhares de membros presentes à cerimônia, extinguindo a Ordem "de uma vez por todas e para sempre".

Em seu discurso, que entrou para a história das ordens esotéricas, afirmou que "a Verdade é uma terra sem caminhos", e ninguém pode aproximar-se dela "por nenhuma religião, nenhuma seita"; que a crença "é uma questão puramente individual" e não pode nem deve ser organizada; que "o mestre mora dentro de nós, não precisamos buscar nada nos outros"; que sua única preocupação era "libertar o homem de todas as prisões, de todos os temores"; e que não queria seguidores, pois, "a partir do momento em que

J. Krishnamurti

Comentários sobre o viver

Breves textos – Volume 2

Tradução
Christina Ávila de Menezes

Revisão técnica
Pedro Henrique Penna Firme

Sumário

A felicidade criativa

Existe uma cidade às margens do majestoso rio. Amplos e longos degraus levam até a beira d'água e o mundo todo parece viver neles. Desde cedo pela manhã até bem depois de escurecer eles estão sempre fervilhando com pessoas e ruídos; quase no mesmo nível da água, existem pequenos degraus protuberantes nos quais as pessoas sentam-se e se perdem em suas esperanças e anseios, em seus deuses e cânticos. Os sinos do templo tocam, o muezim chama; alguém canta e uma enorme massa de pessoas reúne-se, ouvindo em silêncio respeitoso.

Além disso tudo, depois da curva e subindo o rio, há um amontoado de edifícios. Com suas avenidas arborizadas e amplas ruas, eles se estendem por vários quilômetros para o interior; e, ao longo do rio, por uma alameda estreita e suja, a pessoa entra nesse vasto campo de aprendizagem. Muitos alunos de todas as partes do país estão lá, ansiosos, ativos e barulhentos. Os professores são imponentes, tramando por melhores cargos e salários. Ninguém parece estar muito preocupado com o que acontecerá com os alunos quando eles forem embora. Os professores trans-

mitem certos conhecimentos e técnicas que os mais inteligentes rapidamente absorvem; e, quando eles se formam, isso é tudo. Eles têm empregos garantidos, têm famílias e segurança; mas, quando os alunos vão embora, precisam enfrentar a agitação e a insegurança da vida. Existem esses edifícios, esses professores e alunos por toda parte. Alguns alunos alcançam fama e reconhecimento no mundo; outros respiram, lutam e morrem. O Estado quer técnicos competentes, administradores para guiarem e controlarem; e ainda há o Exército, a Igreja e os negócios. No mundo inteiro, é igual.

É para aprender uma técnica e ter um emprego, uma profissão, que passamos por esse processo de ter a mente superficial recheada de fatos e conhecimentos, não é? Obviamente, no mundo moderno, um bom técnico tem mais chance de ganhar a vida; mas e daí? Alguém que seja um técnico está mais capacitado a enfrentar o complexo problema de viver do que um que não o seja? Uma profissão é apenas uma parte da vida; mas existem também aquelas partes que são ocultas, sutis e misteriosas. Enfatizar uma e negar ou negligenciar o restante deverá levar inevitavelmente a atividades muito desequilibradas e desintegradoras. É isso precisamente o que está acontecendo no mundo atual, com o aumento constante de conflitos, confusões e infelicidade. Claro que existem algumas exceções: os criativos, os felizes, aqueles que estão em contato com algo que não é criado pelo homem, que não dependem daquilo que pertence à mente.

Você e eu temos intrinsecamente a capacidade de sermos felizes, criativos, de estarmos em contato com algo que transcenda as garras do tempo. A felicidade criativa não é uma dádiva reservada a poucos; por que, então, a maioria não conhece essa felicidade? Por que alguns parecem manter contato com o que é profundo apesar das circunstâncias e dos acasos, ao passo que

outros são destruídos por eles? Por que alguns se mostram resistentes, maleáveis, enquanto outros permanecem inflexíveis e são destruídos? Apesar do conhecimento, alguns mantêm a porta aberta para aquilo que nenhuma pessoa e nenhum livro pode oferecer, enquanto outros são sufocados pela técnica e pela autoridade. Por quê? Está relativamente claro que a mente deseja ficar presa e garantida em algum tipo de atividade, negligenciando assuntos mais profundos e amplos, pois, desse modo, estará em terreno mais seguro; então, sua educação, seus exercícios e suas atividades serão estimulados e sustentados nesse nível e desculpas serão encontradas para que não avancem além disso.

Antes de serem contaminadas pela suposta educação, muitas crianças estão em contato com o desconhecido; elas demonstram isso de muitas maneiras. Mas logo o ambiente começa a fecharse em torno delas e, depois de certa idade, elas perdem aquela luz, aquela beleza que não é encontrada em livros ou escolas. Por quê? Não diga que a vida é demais para elas, que elas têm de enfrentar a dura realidade, que é o carma delas, que é o pecado dos pais delas; tudo isso é bobagem. A felicidade criativa é para todos e não somente para uns poucos. Você pode expressar isso de um modo e eu de outro, mas ela é para todos. A felicidade criativa não tem valor no mercado; não é uma mercadoria para ser vendida pelo melhor preço e é a única coisa que pode existir para todos.

A felicidade criativa é concretizável? Ou seja, a mente pode estar em contato com aquilo que é a fonte de toda a felicidade? Essa abertura pode ser mantida apesar do conhecimento e da técnica, apesar da educação e da afobação da vida? Ela pode, mas apenas quando o educador é preparado para essa realidade, somente quando aquele que ensina está, ele mesmo, em contato com a fonte da felicidade criativa. Então nosso problema não é o

aluno, a criança, mas o professor e o pai. A educação só é um círculo vicioso quando não percebemos a importância, a necessidade essencial acima de tudo mais, dessa suprema felicidade. Afinal, estar aberto à fonte de toda a felicidade é a religião superior; mas, para concretizar essa felicidade, você precisa dar a atenção correta a ela, como dá aos negócios. A profissão de professor não é um simples trabalho rotineiro, mas a expressão da beleza e da alegria, que não pode ser medida em termos de realizações e sucesso.

A luz da realidade e sua bem-aventurança são destruídas quando a mente, que é o centro do ser, assume o controle. O autoconhecimento é o início da sabedoria; sem autoconhecimento o aprendizado conduz a ignorância, discórdia e tristeza.

Condicionamento

Ele estava muito preocupado em ajudar a humanidade, em realizar boas obras, e era ativo em várias organizações de assistência social. Disse que jamais tirara férias longas de verdade e que, desde a formatura da faculdade, batalhava constantemente para o bem da humanidade. Claro, ele não recebia dinheiro algum pelo trabalho que desempenhava. Sua atividade sempre lhe fora muito importante, e ele era extremamente apegado ao que fazia. Tornara-se um assistente social de primeira classe e adorava isso. Mas ouvira algo em uma palestra sobre os vários tipos de fuga que condicionam a mente e queria discutir esse assunto.

"Você acha que ser um assistente social é condicionamento? Isso só faz provocar mais conflito?"

Vamos descobrir o que queremos dizer com condicionamento. Quando percebemos que somos condicionados? Alguma vez nos damos conta disso? Você está consciente de que está condicionado ou só está consciente do conflito, da luta nos vários níveis de seu ser? Com certeza, damo-nos conta disso, não de nosso condicionamento, mas apenas do conflito, da dor e do prazer.

"O que você quer dizer com conflito?"

Todo tipo de conflito: o conflito entre nações, entre vários grupos sociais, entre indivíduos e o conflito dentro de si mesmo. Não é o conflito inevitável enquanto não há integração entre o ator e sua ação, entre desafio e resposta? Nosso problema é o conflito, não é? Não um conflito em especial, mas todos os conflitos: a luta entre ideias, entre crenças, entre ideologias, entre os opostos. Se não existissem conflitos, não existiriam problemas.

"Você está sugerindo que devemos todos buscar uma vida de isolamento, de contemplação?"

A contemplação é árdua, é uma das coisas mais difíceis de entender. O isolamento, embora todos estejam consciente ou inconscientemente buscando isso ao próprio modo, não resolve nossos problemas; pelo contrário, ele os aumenta. Estamos tentando entender quais são os fatores do condicionamento que provocam mais conflito. Estamos somente conscientes do conflito, da dor e do prazer, e não estamos conscientes de nosso condicionamento. O que causa o condicionamento?

"As influências sociais ou ambientais: a sociedade na qual nascemos, a cultura na qual fomos criados, as pressões econômicas e políticas e assim por diante."

Isso mesmo; mas isso é tudo? Essas influências são produzidas por nós, não são? A sociedade resulta da relação do homem com o homem, o que é relativamente óbvio. Essa relação é de utilização, de necessidade, de conforto, de gratificação, e ela cria influências, valores que nos amarram. Essas amarras são nosso condicionamento. Estamos amarrados por nossos próprios pensamentos e ações; mas não estamos conscientes de que estamos presos, só estamos conscientes do conflito entre dor e prazer. Parece que nunca avançamos além disso; e quando avançamos, é apenas para mais conflito. Não estamos conscientes de nosso

condicionamento e, até estarmos, só poderemos provocar mais conflito e confusão.

"Como alguém se torna consciente do próprio condicionamento?"

Só é possível ao se entender outro processo, o do apego. Se pudermos entender por que somos apegados, então talvez consigamos nos conscientizar de nosso condicionamento.

"Essa não é uma volta muito grande para chegar a uma resposta direta?"

É mesmo? Simplesmente tente se dar conta de seu condicionamento. Você só pode conhecê-lo indiretamente, em relação a outra coisa. Você não pode estar consciente de seu condicionamento como uma abstração, pois então ele seria meramente verbal, sem muito significado. Só estamos conscientes do conflito. O conflito existe quando não há integração entre desafio e resposta. Esse conflito resulta de nosso condicionamento. Condicionamento é apego: apego ao trabalho, à tradição, à propriedade, às pessoas, às ideias e assim por diante. Se não houvesse apego, haveria condicionamento? Claro que não. Então, por que somos apegados? Sou apegado a meu país porque, por meio de minha identificação com ele, eu me torno alguém. Eu me identifico com meu trabalho e o trabalho torna-se importante. Sou minha família, minha propriedade; sou apegado a eles. O objeto do apego me oferece os meios de fugir de meu próprio vazio. Apego é fuga, e é a fuga que reforça o condicionamento. Se sou apegado a você, é porque você se tornou um meio de fuga de mim mesmo; portanto, você é muito importante para mim, e eu devo possuí-lo, prender-me a você. Você se torna o fator condicionante, e a fuga é o condicionamento. Se conseguirmos estar conscientes de nossas fugas, então poderemos perceber os fatores, as influências que causam o condicionamento.

"Estou fugindo de mim mesmo pelo trabalho social?"

Você está apegado, amarrado a ele? Você se sentiria perdido, vazio, entediado, se não fizesse o trabalho social?

"Estou certo que sim."

O apego a seu trabalho é sua fuga. Existem fugas em todos os níveis de nossa existência. Você foge pelo trabalho, outros, pela bebida, outros, pelas cerimônias religiosas, outros pelo conhecimento, outros, por Deus, e ainda existem outros, que são viciados em diversão. Todas as fugas são iguais; não existem fugas superiores ou inferiores. Deus e a bebida estarão no mesmo patamar enquanto forem fugas do que nós somos. Só quando estivermos conscientes de nossas fugas é que poderemos ter conhecimento de nosso condicionamento.

"O que deverei fazer se deixar de fugir pelo trabalho social? Posso fazer algo sem fugir? Não são todas as minhas ações um meio de fugir do que sou?"

Esta pergunta é apenas verbal ou ela reflete uma realidade, um fato que você está vivenciando? Se você não fugisse, o que aconteceria? Você já tentou isso algum dia?

"O que você está dizendo é muito negativo, se não se importa que eu diga. Você não oferece qualquer substituição para o trabalho."

Não são todas as substituições outra forma de fuga? Quando uma forma particular de atividade não é mais satisfatória ou causa mais conflito, voltamo-nos para outra. Substituir uma atividade por outra sem entender a fuga é bastante fútil, não é? Essas fugas e nosso apego a elas é que causam o condicionamento. Condicionamento causa problemas, conflitos. É o condicionamento que impede nosso entendimento do desafio; por sermos condicionados, nossas respostas devem, inevitavelmente, criar conflitos.

"Como podemos nos libertar do condicionamento?"

Somente pelo entendimento, tornando-nos conscientes de nossa fuga. Nosso apego a uma pessoa, a um trabalho, a uma ideologia, é o fator condicionante; esse é o aspecto que temos de entender, e não buscar uma fuga melhor ou mais inteligente. Todas as fugas são tolas, pois produzem inevitavelmente conflito. Cultivar o desapego é outra forma de fuga, de isolamento; é apego a uma abstração, a um ideal chamado desapego. O ideal é fictício, fabricado pelo ego, e transformar-se no ideal é uma fuga do que *é*. Só há entendimento do que *é*, uma ação adequada em direção ao que *é*, quando a mente não está mais buscando qualquer fuga. O próprio pensar sobre o que *é* representa uma fuga do que *é*. Pensar no problema é fugir dele; pois pensar *é* o problema, o único problema. A mente, sem vontade de ser o que é, receosa do que ela é, busca essas fugas variadas; e o modo de fugir é o pensamento. Enquanto existir pensamento, será necessário haver fugas, apegos, o que somente reforça o condicionamento.

A libertação do condicionamento vem com a libertação do pensamento. Só quando a mente estiver completamente quieta é que haverá liberdade para o real existir.

O medo da solidão interior

COMO É NECESSÁRIO MORRER todos os dias, morrer a cada minuto para tudo, para os muitos ontens e para o momento que acabou de passar! Sem a morte, não há renovação; sem a morte, não há criação. O fardo do passado dá origem à própria continuidade, e a preocupação de ontem dá vida nova à preocupação de hoje. O ontem perpetua o hoje, e o amanhã ainda é o ontem. Não há alívio dessa continuidade, exceto na morte. Na morte, há alegria. Essa nova manhã, fresca e clara, está livre da luz e da escuridão de ontem; o canto daquele pássaro está sendo ouvido pela primeira vez, e o barulho daquelas crianças não é o mesmo de ontem. Carregamos a memória de ontem, e isso entristece nossa existência. Enquanto a mente for a máquina mecânica da memória, ela não conhecerá descanso algum, quietude alguma, silêncio algum; ela estará sempre se cansando. Aquilo que está quieto pode renascer, mas aquilo que está em constante atividade esgota-se e fica imprestável. A fonte perene está no fim e a morte está tão perto quanto a vida.

*

Ela contou que estudara por muitos anos com um famoso psicólogo e que fora analisada por ele, o que levara um tempo considerável. Embora tivesse sido criada como cristã e também tivesse estudado filosofia hindu e seus mestres, jamais ingressara em qualquer grupo específico ou associara-se a qualquer sistema de pensamento. Como sempre, ela ainda estava insatisfeita e até pusera de lado a psicanálise; e agora estava envolvida em um tipo de trabalho social. Ela fora casada e conhecera todos os infortúnios da vida familiar, bem como suas alegrias. Ela procurara refúgio de diversos modos: no prestígio social, no trabalho, no dinheiro e no caloroso encanto desse país perto do mar azul. As tristezas multiplicavam-se, o que ela conseguia suportar; mas jamais conseguira penetrar além de certa profundidade, e esta não era muito funda.

Quase tudo é superficial e logo chega ao fim, somente para começar novamente com mais superficialidade. O inesgotável não é para ser descoberto por meio de uma atividade da mente.

"Eu fui de uma atividade a outra, de um infortúnio a outro, sempre sendo estimulada e sempre buscando. Agora que cheguei ao fim de um anseio e antes de seguir outro, que me fará prosseguir por alguns anos, agi sob um impulso mais forte e aqui estou. Eu tenho uma boa vida, alegre e rica. Tenho me interessado por muitas coisas e estudei certos assuntos bem profundamente; mas, de alguma forma, após todos esses anos, ainda estou na periferia das coisas, parece que não consigo penetrar além de certo ponto; quero ir mais fundo, mas não consigo. Dizem-me que sou boa no que tenho feito, e é essa mesmíssima bondade que me prende. Meu condicionamento é do tipo beneficente: fazer o bem a outros, ajudar os necessitados, ter consideração, generosidade e assim por diante; mas isso é aprisionador, como qualquer outro condicionamento. Meu problema é libertar-me, não só desse

condicionamento, mas de todos os condicionamentos, e avançar além disso. Isso se tornou uma necessidade imperiosa, não apenas porque ouvi as palestras, mas também por minha própria observação e experiência. Eu deixei de lado por ora meu trabalho social, e, se vou ou não continuar com ele, isso será decidido depois."

Por que você não se perguntou antes sobre o motivo de todas essas atividades?

"Jamais me ocorreu antes perguntar-me por que estou no serviço social. Eu sempre quis ajudar, fazer o bem, e não era simplesmente um sentimentalismo vazio. Descobri que as pessoas com quem vivo não são reais, mas apenas máscaras; aquelas que precisam de ajuda é que são reais. Viver com os mascarados é tolo e estúpido, mas, com os outros, há luta, dor."

Por que você se envolve com assistência social ou com qualquer outro tipo de trabalho?

"Acho que é simplesmente para prosseguir. A pessoa precisa viver e agir, e meu condicionamento tem sido agir do modo mais decente possível. Nunca questionei por que faço essas coisas, e agora preciso descobrir. Mas, antes de prosseguirmos, deixe-me dizer que sou uma pessoa solitária; embora eu veja muita gente, estou sozinha, e gosto disso. Há algo de estimulante em se estar só."

Estar sozinho, no sentido mais elevado, é essencial; mas a solidão do recolhimento dá uma sensação de poder, de força, de invulnerabilidade. Essa solidão é isolamento, é uma fuga, um refúgio. Mas não é importante descobrir por que você nunca perguntou a si mesma o motivo de todas as suas supostamente boas atividades? Você não deveria investigar isso?

"Sim, vamos fazer isso. Acho que foi o medo da solidão interior que me fez agir assim."

Por que você usa a palavra "medo" com relação à solidão interior? Exteriormente, você não se importa de estar sozinha, mas se afasta da solidão interior. Por quê? O medo não é uma abstração, ele existe apenas em relação a algo. O medo não existe por si só; ele existe como uma palavra, mas é sentido apenas em contato com alguma outra coisa. Do que você tem medo?

"Dessa solidão interior."

Só há medo da solidão interior em relação a algo. Você não pode ter medo da solidão interior porque nunca olhou para ela; você a está avaliando agora com o que já conhece. Você conhece seu valor, se podemos colocar desse modo, como assistente social, como mãe, como pessoa capaz e eficiente e assim por diante; você conhece o valor de sua solidão exterior. Então, é em relação a tudo isso que você avalia ou aborda a solidão interior; você sabe o que foi, mas não sabe o que *é*. O conhecido olhando o desconhecido produz medo; é essa atividade que causa o medo.

"Sim, isso é totalmente verdadeiro. Estou comparando a solidão interior com aquilo que conheço por intermédio da experiência. São essas experiências que estão causando medo de algo que eu não vivenciei de fato."

Então seu medo não é realmente da solidão interior, mas o passado está com medo de algo que ele não conhece, que não experienciou. O passado quer absorver o novo, fazer disso uma experiência. Mas o passado, que é você, pode viver o novo, o desconhecido? O conhecido só pode vivenciar aquilo que é dele mesmo; ele jamais pode experimentar o novo, o desconhecido. Ao dar um nome ao desconhecido, ao chamá-lo de solidão interior, você apenas o reconhece verbalmente, e a palavra está tomando o lugar da experiência; pois a palavra é o filtro do medo. A expressão "solidão interior" encobre a realidade, o que *é*, e a própria palavra está criando o medo.

"Seja como for, parece que não consigo olhar para ela."

Vamos primeiro entender por que não somos capazes de olhar para a realidade, e o que nos está impedindo de prestar passivamente atenção a ela. Não tente olhar para ela agora, mas ouça calmamente o que está sendo dito.

O conhecido, a experiência passada, está tentando absorver o que ele chama de solidão interior; mas ele não pode vivenciá-la, pois não sabe o que é isso; ele conhece a expressão, mas não o que está por trás dela. O desconhecido não pode ser experienciado. Você pode pensar ou especular sobre o desconhecido, ou ter medo dele; mas o pensamento não pode compreendê-lo, pois é o resultado do conhecido, da experiência. Como o pensamento não pode conhecer o desconhecido, sente medo dele. Haverá medo enquanto o pensamento desejar vivenciar, entender o desconhecido.

"E agora....?"

Ouça. Se você ouvir corretamente, a verdade de tudo isso será vista, e, então, será a única ação. O que quer que o pensamento faça em relação à solidão interior será uma fuga, evitará o que *é*. Ao evitar o que *é*, o pensamento cria o próprio condicionamento, que impede a experiência do novo, do desconhecido. O medo é a única resposta do pensamento para o desconhecido; o pensamento pode chamá-lo por diferentes termos, mas ainda será medo. Perceba que o pensamento não pode atuar sobre o desconhecido, sobre aquilo que *é* e que está por trás da expressão "solidão interior". Somente então o que *é* poderá ser revelado realmente, e ele é inesgotável.

Agora, se eu puder dar uma sugestão, deixe isso em paz; você já ouviu, deixe que isso opere à vontade. Ficar quieto depois de lavrar e plantar significa deixar a criação nascer.

O processo do ódio

ELA ERA UMA PROFESSORA, ou melhor, fora. Ela era carinhosa e bondosa, e isso se tornara quase uma rotina. Ela contou que ensinara por mais de 25 anos e era feliz com isso; embora no final tenha sentido vontade de largar tudo, ficou amarrada à atividade. Recentemente, começou a perceber o que estava profundamente enterrado em sua natureza. De repente, ela descobriu durante uma das discussões e ficou realmente surpresa e chocada. Estava lá e não era uma simples autoacusação; e, ao olhar para os anos anteriores, agora podia ver que isso sempre estivera presente. Ela realmente odiava. Não era um ódio por alguém em especial, mas um sentimento generalizado, um antagonismo reprimido em relação a todos e a tudo. Quando, a princípio, descobriu isso, pensou que era algo muito superficial que ela poderia abandonar facilmente; mas, à medida que os dias passavam, descobriu que não era apenas uma questão passageira, mas um ódio profundamente arraigado que estivera presente durante toda a sua vida. O que a chocava era sempre ter-se considerado carinhosa e boa.

O amor é uma coisa estranha; enquanto o pensamento está entrelaçado com ele, não é amor. Quando você pensa em alguém que ama, essa pessoa torna-se o símbolo de sensações, lembranças, imagens agradáveis; mas isso não é amor. O pensamento é uma sensação, e sensação não é amor. O próprio processo de pensar é a negação do amor. O amor é a chama sem a fumaça do pensamento, do ciúme, do antagonismo, do uso, que são coisas da mente. Enquanto o coração estiver sobrecarregado com as coisas da mente, existirá ódio; pois a mente é o local do ódio, do antagonismo, da oposição, do conflito. O pensamento é reação, e a reação é sempre, de um modo ou de outro, a fonte da animosidade. O pensamento é oposição, ódio; o pensamento está sempre em competição, sempre buscando um resultado, o sucesso; sua satisfação é o prazer e sua frustração é o ódio. O conflito é o pensamento preso nos opostos; e a síntese dos opostos ainda é ódio, antagonismo.

"Veja, sempre pensei que amava as crianças, e até depois de crescidas elas costumavam me procurar para ajudá-las quando estavam com problemas. Assumi que as amava, especialmente as que eram minhas prediletas fora da sala de aula; mas agora vejo que sempre existiu um sentimento oculto de ódio, de antagonismo, profundamente arraigado. O que vou fazer com essa descoberta? Você não faz ideia do quanto fiquei estarrecida com isso e, embora você diga que não devemos condenar, essa descoberta foi muito salutar."

Você também descobriu o processo do ódio? Ver a causa, saber por que você odeia é algo relativamente fácil; mas você está consciente dos comportamentos habituais do ódio? Você os observa como observaria um novo animal desconhecido?

"Tudo isso é bastante novo para mim e jamais observei o processo do ódio."

Vamos fazer isso agora e ver o que acontece; vamos observar passivamente o ódio enquanto ele se revela. Não fique chocada, não censure, nem encontre desculpas; apenas observe passivamente. O ódio é uma forma de frustração, não? Satisfação e frustração sempre estão juntas.

No que você está interessada, não profissionalmente, mas bem em seu íntimo?

"Eu sempre quis pintar."

Por que não o fez?

"Meu pai costumava insistir que eu não deveria fazer nada que não produzisse dinheiro. Ele era um homem muito dinâmico, e dinheiro para ele era a finalidade de todas as coisas; ele nunca fazia algo que não tivesse dinheiro envolvido ou que não trouxesse mais prestígio, mais poder. 'Mais' era seu deus, e nós éramos seus filhos. Embora gostasse dele, eu era seu oposto de muitas maneiras. Essa ideia da importância do dinheiro foi profundamente implantada em mim; e eu gostava de ensinar, provavelmente porque isso me oferecia a oportunidade de ser a chefe. Em minhas férias, eu costumava pintar, mas era algo bastante insatisfatório; eu queria dedicar minha vida a isso, e o fazia apenas uns dois meses por ano. Finalmente, parei de pintar, mas isso me queimava interiormente. Vejo agora como isso estava gerando antagonismo."

Você já foi casada? Tem filhos?

"Eu me apaixonei por um homem casado e vivemos juntos secretamente. Eu tinha um ciúme violento de sua mulher e seus filhos, e tinha medo de ter filhos, embora os desejasse ardentemente. Todas as coisas naturais, o companheirismo do dia a dia etc., me foram negadas, e o ciúme era de uma fúria destruidora. Ele teve de se mudar para outra cidade, e meu ciúme jamais diminuiu. Era algo insuportável. Para esquecer tudo isso, eu me

afeiçoei ainda mais ao ensino. Mas agora vejo que ainda tenho ciúmes, não dele, pois ele morreu, mas de pessoas felizes, de pessoas casadas, dos bem-sucedidos, de quase qualquer um. O que poderíamos ter sido juntos nos foi negado!"

Ciúme é ódio, não é? Se alguém ama, não há espaço para outra coisa. Mas nós não amamos; a fumaça sufoca nossa vida, e a chama morre.

"Consigo ver agora que na escola, com minhas irmãs casadas e em quase todos os meus relacionamentos, havia uma guerra em andamento, só que ela estava oculta. Eu estava me tornando a professora ideal; tornar-se a professora ideal era meu objetivo, e eu estava sendo reconhecida como tal."

Quanto mais forte o ideal, mais profunda a repressão, mais profundos o conflito e o antagonismo.

"Sim, vejo tudo isso agora; e estranhamente, enquanto observo, não me importo de ser o que de fato sou."

Você não se importa porque há um tipo de reconhecimento brutal, não é? Esse mesmo reconhecimento produz certo prazer; ele dá vitalidade, um sentido de confiança de conhecer a si mesma, o poder do conhecimento. Como o ciúme, embora doloroso, dava uma sensação agradável, agora o conhecimento de seu passado lhe dá uma sensação de domínio que é também agradável. Você agora encontrou um novo termo para ciúme, para frustração, para abandono: é ódio — e o reconhecimento dele. Há orgulho em saber, que é outra forma de antagonismo. Nós vamos de uma substituição a outra; mas, em geral, todas as substituições são iguais, embora verbalmente elas possam parecer diferentes. Então você ficou presa na rede do próprio pensamento, não é?

"Sim, mas o que mais se pode fazer?"

Não pergunte, mas observe o processo de seu próprio pensamento. Como ele é dissimulado e enganador! Ele promete li-

bertação, mas só produz outra crise, outro antagonismo. Esteja passivamente atenta a isso e deixe que a verdade disso apareça.

"Haverá libertação do ciúme, do ódio, dessa batalha reprimida e constante?"

Quando você está esperando por algo, positiva ou negativamente, está projetando o próprio desejo; você terá sucesso, mas isso será apenas outra substituição, e assim a batalha estará de novo em atividade. Esse desejo de ganhar ou de evitar ainda está dentro do campo da oposição, não está? Veja o falso como falso, e então a verdade aparecerá. Você não tem de procurar por ela. Você encontrará o que procurar, mas não será a verdade. É como o homem desconfiado que descobre aquilo de que suspeitava, o que é relativamente fácil e estúpido. Apenas esteja passivamente consciente desse processo total do pensamento e também do desejo de se libertar dele.

"Tudo isso foi uma descoberta extraordinária para mim, e estou começando a ver a verdade no que você está dizendo. Espero não levar anos para superar esse conflito. E aqui estou esperando de novo! Observarei em silêncio e verei o que acontece."

Progresso e revolução

Eles estavam cantando no templo. Era um templo limpo de pedra talhada, sólido e indestrutível. Havia cerca de trinta sacerdotes, nus da cintura para cima; sua pronúncia do sânscrito era precisa e nítida, e eles conheciam o significado do cântico. A intensidade e a sonoridade das palavras faziam as paredes e os pilares quase estremecerem, e instintivamente o grupo que estava lá silenciou. A criação, o início do mundo, estava sendo cantada, e também como o homem havia sido criado. As pessoas haviam fechado os olhos, e o cântico produzia uma perturbação agradável: lembranças nostálgicas da infância, pensamentos do progresso que fizeram desde os dias da juventude, o estranho efeito das palavras em sânscrito, a maravilha de ouvir o cântico novamente. Alguns repetiam o cântico para si mesmos, e seus lábios se moviam. O ambiente estava ficando carregado de fortes emoções, mas os sacerdotes continuavam com o cântico e os deuses permaneciam calados.

Como nos autocongratulamos pela ideia de progresso. Gostamos de pensar que alcançaremos um estado melhor, que nos

transformaremos em indivíduos mais misericordiosos, tranquilos e virtuosos. Adoramos nos agarrar a essa ilusão, e poucos estão intimamente conscientes de que esse transformar-se é uma pretensão, um mito que traz satisfação. Adoramos pensar que algum dia seremos melhores, mas, nesse ínterim, nós prosseguimos. Progresso é uma palavra tão reconfortante, tão tranquilizadora, uma palavra com a qual nos hipnotizamos. Aquilo que *é* não pode transformar-se em algo diferente; a ganância jamais poderá tornar-se não ganância, do mesmo jeito que a violência não poderá tornar-se não violência. Você pode transformar o ferro-gusa em uma máquina maravilhosa e complicada, mas o progresso é uma ilusão quando aplicado à transformação de si mesmo. A ideia do "eu" transformar-se em algo magnífico é uma simples farsa do anseio de ser notável. Nós veneramos o sucesso do Estado, da ideologia, do ser, e nos enganamos com a ilusão reconfortante do progresso. O pensamento pode progredir, transformar-se em algo mais, dirigir-se a um resultado mais perfeito ou tornar-se calmo, mas, enquanto o pensamento for um movimento de aquisição ou de renúncia, ele sempre será mera reação. A reação sempre produz conflito, e o progresso no conflito implica mais confusão, mais antagonismo.

Ele contou que era um revolucionário, pronto para matar ou ser morto por sua causa, por sua ideologia. Ele estava preparado para matar em prol de um mundo melhor. Destruir a ordem social atual produziria, claro, mais caos, mas essa confusão poderia ser usada para construir uma sociedade sem classes. Que importância teria se você destruísse alguns ou muitos no processo de construir uma ordem social perfeita? A importância não era o homem da atualidade, mas o homem do futuro; o novo mundo

que eles iriam construir não teria desigualdade; haveria trabalho e existiria felicidade para todos.

Como você pode ter tanta certeza do futuro? O que o torna tão certo dele? As pessoas religiosas prometem o céu, e você promete um mundo melhor no futuro; você tem seu livro e seus sacerdotes, como eles têm os deles, portanto, não há muita diferença entre vocês. Mas o que o torna tão seguro de que vocês têm uma visão clara do futuro?

"Logicamente, se seguirmos determinado curso, o resultado estará assegurado. Além disso, há uma grande dose de provas históricas para apoiar nossa posição."

Nós representamos o passado de acordo com nossos condicionamentos particulares e o interpretamos para que se ajuste a nossos preconceitos. Sua incerteza sobre o amanhã é tão grande quanto a de todos nós — e ainda bem que é assim! Mas é óbvio que sacrificar o presente por um futuro ilusório é extremamente ilógico.

"Você acredita em mudança ou você é uma ferramenta da *burguesia* capitalista?"

Mudança é a continuidade modificada, que você pode chamar de revolução; mas revolução fundamental é um processo bastante diferente, não tem nada a ver com lógica ou provas históricas. Só há revolução fundamental no entendimento do processo total da ação, não em algum nível particular, seja ele econômico ou ideológico, mas da ação como um todo integrado. Tal ação não é reação. Você só conhece a reação — a reação da antítese — e a reação adicional, que você chama de síntese. A integração não é uma síntese intelectual, uma conclusão verbal baseada em estudos históricos. A integração só pode tomar forma com o entendimento da reação. A mente é uma série de reações; e a revolução baseada em reações, em ideias, não é absolutamen-

te uma revolução, mas apenas uma continuidade modificada do que tem sido. Você pode chamar isso de revolução, mas, na verdade, não é.

"O que é revolução para você?"

Mudança baseada em uma ideia não é revolução; pois a ideia é a resposta da memória, que é, mais uma vez, uma reação. A revolução fundamental só é possível quando as ideias não são importantes e, portanto, cessam. Uma revolução nascida do antagonismo deixa de ser o que ela diz que é; apenas é uma oposição — e a oposição jamais pode ser criativa.

"O tipo de revolução de que você está falando é apenas uma abstração, não tem legitimidade no mundo moderno. Você é um idealista vago, completamente sem praticidade."

Pelo contrário, o idealista é o homem com uma ideia, e ele não é revolucionário. As ideias dividem, e separação é desintegração, não é revolução em absoluto. O homem com uma ideologia está preocupado com ideias, palavras, e não com a ação direta; ele a evita. Uma ideologia é um obstáculo para a ação direta.

"Você não acha que pode haver igualdade pela revolução?"

A revolução baseada em uma ideia, embora lógica e de acordo com provas históricas, não pode produzir igualdade. A própria função da ideia é separar as pessoas. As crenças, religiosas ou políticas, colocam os homens contra os homens. As chamadas religiões dividiram as pessoas, e ainda o fazem. A crença organizada, que é chamada de religião, é, como qualquer outra ideologia, algo da mente e, portanto, separadora. Você com sua ideologia está fazendo o mesmo, não está? Você também está formando um núcleo ou grupo em torno de uma ideia; você quer incluir todos em seu grupo, exatamente como um crente faz. Você quer salvar o mundo do seu jeito, como ele, do dele. Vocês se matam e liquidam uns aos outros, tudo por um mundo melhor. Ninguém

está interessado em um mundo melhor, mas em moldar o mundo de acordo com sua ideia. Como ideias podem criar igualdade?

"Dentro da congregação da ideia, somos todos iguais, embora possamos ter funções diferentes. Somos, primeiro, o que a ideia representa, e, depois, somos os funcionários individuais. Nas funções, temos gradações, mas não tão representativas da ideologia."

Isso é precisamente o que todas as outras crenças organizadas têm proclamado. Aos olhos de Deus, somos todos iguais, mas em capacidade há variações; a vida é só uma, mas as divisões sociais são inevitáveis. Ao substituir uma ideologia por outra, você não muda o fato fundamental de que um grupo ou indivíduo trata o outro como inferior. Na verdade, há desigualdade em todos os níveis da existência. Um indivíduo tem capacidade, o outro não tem; um lidera, enquanto o outro segue; um é insensível, enquanto o outro é sensível, alerta, adaptável; um pinta ou escreve, enquanto o outro cava buracos; um é cientista, enquanto o outro é gari. A desigualdade é um fato, e nenhuma revolução pode dar um fim a ela. O que a suposta revolução faz é substituir um grupo por outro, e o novo grupo então assume o poder, político e econômico; ele se torna a nova classe superior, que continua a se fortalecer com privilégios e assim por diante; ele conhece todos os truques da outra classe, que foi jogada para baixo. Ele não aboliu a desigualdade, não é?

"Acabará fazendo isso. Quando o mundo inteiro tiver nosso modo de pensar, haverá igualdade ideológica."

Que não é de modo algum igualdade, mas simplesmente uma ideia, uma teoria, o sonho de outro mundo, como aquele do crente religioso. O quanto vocês estão próximos um do outro! As ideias dividem, elas são separadoras, opositoras, geram conflito. Uma ideia jamais poderá produzir igualdade, mesmo em seu

próprio mundo. Se todos acreditássemos na mesma coisa, ao mesmo tempo, no mesmo nível, haveria certo modo de igualdade; mas isso é uma impossibilidade, mera especulação que só pode levar à ilusão.

"Você está zombando de toda a igualdade? Você está sendo cínico e condenando todos os esforços para produzir oportunidades iguais para todos?"

Não estou sendo cínico, só estou expondo os fatos óbvios; nem sou contra a igualdade de oportunidades. Com certeza, só será possível ir além e talvez descobrir uma abordagem eficaz para esse problema da desigualdade quando entendermos o real, o que *é*. Abordar o que *é* com uma ideia, uma conclusão, um sonho, não é entender o que *é*. A observação preconceituosa não é absolutamente observação. O fato é que existe desigualdade em todos os níveis da consciência, da vida; e, seja lá o que fizermos, não poderemos alterar esse fato.

Agora, é possível abordar o fato da desigualdade sem criar mais antagonismo, mais divisão? A revolução tem usado o homem como um meio para um fim. O fim era importante, mas não o homem. As religiões têm mantido, pelo menos verbalmente, que o homem é importante; mas também usaram o homem para o estabelecimento da crença, do dogma. A utilização do homem com um propósito deve necessariamente gerar o sentido do superior e do inferior, daquele que está perto e daquele que está longe, daquele que sabe e daquele que não sabe. Essa separação é desigualdade psicológica, e é um fator de desintegração na sociedade. Na atualidade, conhecemos o relacionamento apenas como utilitário; a sociedade utiliza o indivíduo, da mesma maneira que os indivíduos utilizam-se uns aos outros, para se beneficiar de vários modos. Esse uso do outro é a causa fundamental da divisão psicológica do homem contra o homem.

Deixaremos de usar uns aos outros somente quando a ideia não for o fator motivacional no relacionamento. Com a ideia vem a exploração, e a exploração gera antagonismo.

"Então, qual é o fator que toma forma quando a ideia cessa?"

É o amor, o único fator capaz de produzir uma revolução fundamental. O amor é a única revolução verdadeira. Mas o amor não é uma ideia; ele *existe* quando o pensamento não existe. O amor não é uma ferramenta de propaganda; ele não é algo a ser cultivado e anunciado nos muros das casas. Somente quando a bandeira, a crença, o líder e a ideia como ações planejadas caírem poderá haver amor; e o amor é a única revolução criativa e constante.

"Mas o amor não operará as máquinas, não é?"

Tédio

PARARA DE CHOVER; AS estradas estavam limpas e a poeira fora lavada das árvores. A terra estava renovada, e as rãs, barulhentas no pequeno lago; elas eram grandes e suas gargantas inchavam com prazer. A grama cintilava com pequeninas gotas d'água, e havia paz na terra após a forte chuvarada. As vacas estavam encharcadas, mas durante a chuva elas não procuraram abrigo e agora pastavam satisfeitas. Alguns meninos brincavam no pequeno córrego que a chuva criara ao lado da estrada; eles estavam nus, e era bom ver sua pele luzente e seus olhos brilhantes. Eles estavam se divertindo a valer, e como estavam felizes! Nada mais tinha importância, e eles sorriram de alegria quando alguém lhes disse algo, embora não tivessem entendido uma só palavra. O sol estava saindo e as sombras eram intensas.

Como é necessário para a mente expurgar-se de todo pensamento, estar constantemente vazia. Não *ser* esvaziada, mas estar simplesmente vazia; morrer para todo pensamento, para todas as lembranças de ontem e da hora vindoura! É simples morrer e é difícil continuar; pois continuidade é o esforço de ser ou de não

ser. Esforço é desejo, e o desejo só pode morrer quando a mente deixa de adquirir. Como é simples apenas viver! Mas isso não é estagnação. Há grande felicidade em não querer algo, em não ser algo, em não ir a algum lugar. Só quando a mente se expurga de todo pensamento existe o silêncio da criação. A mente não estará tranquila enquanto estiver viajando a fim de chegar. Para a mente, chegar é ter sucesso, e o sucesso é sempre igual, quer no início ou no fim. Não haverá expurgo da mente se ela estiver tecendo o padrão de seu próprio vir a ser.

Ela disse que sempre fora ativa, de um modo ou de outro, com seus filhos, nas questões sociais ou nos esportes; mas por trás dessa atividade sempre existiu o tédio, opressor e constante. Ela estava entediada com a rotina da vida, com o prazer, a dor, a bajulação e tudo mais. O tédio era como uma nuvem que estava suspensa sobre sua vida desde que conseguia se lembrar. Ela tentara fugir dele, mas cada novo interesse logo se tornava um tédio a mais, um enfado mortal. Ela lera bastante e tivera as perturbações habituais da vida em família, mas, durante isso tudo, houve esse tédio exaustivo. Não tinha nada a ver com sua saúde, pois ela estava muito bem.

Por que você acha que fica entediada? Isso resulta de alguma frustração, de algum desejo fundamental que foi frustrado?

"Não em particular. Houve algumas obstruções superficiais, mas nunca me incomodaram; ou, quando o fizeram, tratei delas de forma bem inteligente e jamais me senti desconcertada. Não acho que meu problema seja frustração, pois sempre fui capaz de conseguir o que queria. Não quis coisas inacessíveis, e sempre fui sensata em minhas necessidades; mas, apesar disso, havia essa sensação de tédio com tudo, com minha família e com meu trabalho."

O que você quer dizer com tédio? Você quer dizer insatisfação? É porque nada lhe deu total satisfação?

"Não é exatamente isso. Eu sou tão insatisfeita quanto qualquer pessoa normal, mas tenho conseguido resignar-me com as insatisfações inevitáveis."

No que você está interessada? Há algum interesse profundo em sua vida?

"Não especialmente. Se eu tivesse um interesse profundo, jamais ficaria entediada. Sou naturalmente uma pessoa animada, eu lhe asseguro, e se eu tivesse um interesse, não o abandonaria com facilidade. Tive muitos interesses intermitentes, mas todos levaram no final a essa nuvem de tédio."

O que você quer dizer com interesse? Por que há essa mudança de interesse para tédio? O que significa interesse? Você está interessada naquilo que lhe agrada, que lhe traz satisfação, não é? O interesse não é um processo de aquisição? Você não teria interesse em coisa alguma se não obtivesse algo disso, não é? Há interesse sustentado enquanto você está adquirindo; aquisição é interesse, não é? Você tentou obter satisfação em tudo com que entrou em contato; e, depois de usá-lo por completo, naturalmente sentiu-se entediada daquilo. Cada aquisição é uma forma de tédio, de cansaço. Nós queremos mudar de brinquedos; assim que perdemos interesse em um, recorremos a outro, e há sempre um novo brinquedo ao qual recorrer. Nós recorremos a algo a fim de adquirir; há aquisição no prazer, no conhecimento, na fama, no poder, na eficiência, em ter uma família e assim por diante. Quando não há nada mais para adquirir em uma religião, em um salvador, perdemos o interesse e recorremos a outra coisa. Alguns adormecem em uma organização e jamais acordam, e aqueles que realmente acordam acabam adormecendo novamente ao ingressar em outra. Esse

movimento de aquisição é chamado de expansão do pensamento, de progresso.

"O interesse é sempre aquisição?"

De fato, você tem interesse em alguma coisa que não lhe dê algo em troca, quer seja uma brincadeira, um jogo, uma conversa, um livro ou uma pessoa? Se uma pintura não lhe proporciona algo, você a ignora; se a pessoa não o estimula ou perturba de algum modo, se não há prazer ou dor em um relacionamento particular, você perde o interesse, você fica entediada. Você não percebeu isso?

"Sim, mas nunca olhei para isso desse modo antes."

Você não teria vindo até aqui se não quisesse algo. Você quer livrar-se do tédio. Como não posso lhe oferecer essa libertação, você se sentirá entediada novamente; mas, se pudermos entender juntos o processo da aquisição, do interesse, do tédio, talvez então haja libertação. A libertação não pode ser adquirida. Se você adquiri-la, logo ficará entediada com ela. A aquisição não torna a mente insensível? A aquisição, positiva ou negativa, é um fardo. Assim que você adquire, perde o interesse. Ao tentar possuir, você está alerta, interessada; mas a posse é um tédio. Você pode querer possuir mais, mas a busca por mais é só um movimento em direção ao tédio. Você tentará várias formas de aquisição e, enquanto houver o esforço de adquirir, haverá interesse; mas sempre existe um fim à aquisição e assim sempre existe tédio. Não é isso que tem acontecido?

"Suponho que sim, mas não compreendi o total significado disso."

Isso virá logo.

As posses tornam a mente enfadada. A aquisição, quer de conhecimento, de propriedade, de virtude, cria insensibilidade.

A natureza da mente é adquirir, absorver, não é? Ou melhor, o padrão que ela criou para si mesma é o de reunir; e nessa mesma atividade a mente está preparando o próprio enfado, o próprio tédio. Interesse, curiosidade é o início da aquisição, que logo se torna tédio; e a ânsia de livrar-se do tédio é outra forma de posse. Assim, a mente vai de tédio a interesse, e a tédio de novo, até que ela esteja inteiramente cansada; e essas sucessivas ondas de interesse e cansaço são consideradas existência.

"Mas como alguém se liberta de adquirir sem mais aquisição?"

Somente permitindo que a verdade do processo total de aquisição seja experienciado e não tentando ser não aquisitivo, desapegado. Ser não aquisitivo é outra forma de aquisição que logo se torna exaustiva. A dificuldade, se podemos usar essa palavra, não está no entendimento verbal do que foi dito, mas em experienciar o falso como o falso. Ver a verdade no falso é o início da sabedoria. A dificuldade é a mente ficar quieta; pois a mente está sempre preocupada, está sempre atrás de algo, adquirindo ou negando, buscando e encontrando. A mente nunca está quieta; ela está em constante movimento. O passado, ao fazer sombra ao presente, cria o próprio futuro. É um movimento no tempo, e quase nunca há um intervalo entre os pensamentos. Um pensamento segue outro sem uma pausa; a mente está sempre se aguçando e, portanto, desgastando-se. Se um lápis for apontado o tempo todo, logo não sobrará nada dele; de modo semelhante, a mente utiliza-se constantemente e fica esgotada. A mente está sempre temendo chegar ao fim. Mas viver é um fim a cada dia; é morrer para todas as aquisições, lembranças, experiências, para o passado. Como pode existir vida se existir experiência? A experiência é conhecimento, lembrança; e a lembrança é um estado

de experienciação? No estado de experienciação, há lembrança do experienciador? A expurgação da mente é viva, é criação. A beleza está na experienciação, não na experiência infeliz; pois experiência é sempre do passado e o passado não é a experienciação, não é o vivo. A expurgação da mente é a tranquilidade do coração.

Disciplina

Estávamos dirigindo no meio de um tráfego intenso e, então, deixamos a rodovia principal e entramos em uma estrada resguardada. Ao sairmos do carro, seguimos por uma trilha que serpenteava por um bosque de palmeiras e ao longo de uma plantação de arroz verde, que amadurecia. Como era encantador aquele longo campo curvo de arroz, margeado pelas altas palmeiras! Era um final de tarde fresco e a brisa corria entre as árvores de fartas folhagens. Inesperadamente, depois da curva, surgiu um lago. Ele era comprido, estreito e profundo, e de ambos os lados as palmeiras estavam tão próximas umas das outras que parecia impossível penetrar por ali. A brisa brincava com a água, e havia murmúrios ao longo da praia. Alguns meninos tomavam banho, nus, desinibidos e livres. Seus corpos eram luzidios e lindos, bem torneados, esguios e flexíveis. Eles nadavam até o meio do lago e depois voltavam, e começavam novamente. A trilha prosseguia para além de um povoado e, no caminho de volta, a lua cheia criava sombras intensas; os meninos haviam partido, o luar estava sobre

as águas e as palmeiras eram como colunas brancas na vaga escuridão.

Ele viera de longe e estava ansioso para descobrir como dominar a mente. Disse que, deliberadamente, se retirara do mundo e estava vivendo de modo muito simples com alguns familiares, dedicando seu tempo à conquista da mente. Ele praticara certa disciplina por vários anos, mas sua mente ainda não estava sob controle; ela estava sempre pronta para vaguear, como um animal preso a uma guia. Ele havia-se submetido à fome, mas isso não ajudou; ele fez experiências com a alimentação, e isso ajudara um pouco, mas nunca houve paz alguma. Sua mente estava eternamente expelindo imagens, evocando cenas passadas, sensações e incidentes; ou pensava em como estaria quieta amanhã. Mas o amanhã não chegava nunca, e o processo todo tornava-se quase um pesadelo. Em raríssimas ocasiões, a mente ficava quieta, mas a quietude logo tornava-se uma lembrança, algo do passado.

O que é dominado deve ser conquistado repetidamente. A repressão é uma forma de dominação, como o são a substituição e a sublimação. Desejar conquistar é dar origem a mais conflito. Por que você deseja conquistar, acalmar a mente?

"Sempre tive interesse nos assuntos religiosos. Estudei várias religiões, e todas dizem que para conhecer Deus a mente deve estar quieta, silenciosa. Desde que posso me lembrar, sempre quis encontrar Deus, a beleza difusa do mundo, a beleza da plantação de arroz e do povoado poeirento. Eu tinha uma carreira muito promissora, viajei para fora do país e todo esse tipo de coisa; mas, certa manhã, simplesmente saí de repente para encontrar aquela quietude. Ouvi o que você disse sobre isso no outro dia, então vim."

Para encontrar Deus você tenta dominar a mente. Mas a tranquilidade da mente é o caminho para Deus? A tranquilidade é a moeda que abrirá os portões do céu? Você quer comprar seu caminho para Deus, para a verdade ou para o nome que quiser dar. Você pode comprar o eterno pela virtude, pela renúncia, pela mortificação? Achamos que, se fizermos certas coisas, praticarmos a virtude, buscarmos a castidade, retirarmo-nos do mundo, poderemos conseguir medir o incomensurável; assim, isso é apenas uma troca, não é? Sua "virtude" é o meio para um fim.

"Mas a disciplina é necessária para frear a mente; do contrário, não há paz. Eu apenas não a disciplinei o suficiente; é minha culpa, não culpa da disciplina."

A disciplina é um meio para um fim. Mas o fim é o desconhecido. A verdade é o desconhecido, ela não pode ser conhecida; se ela for conhecida, não será a verdade. Se você puder medir o incomensurável, então ele não o será. Nossa medida é a palavra, e a palavra não é real. A disciplina é o meio; mas o meio e o fim não são duas coisas distintas, são? Certamente, o fim e o meio são iguais; o meio é o fim, o único fim; não há objetivo separado do meio. A violência como o meio para a paz é somente a perpetuação da violência. O meio é tudo que importa, não o fim; o fim é determinado pelo meio; o fim não está separado, afastado do meio.

"Ouvirei e tentarei entender o que você está dizendo. Quando não entender, perguntarei."

Você usa a disciplina, o controle, como um meio para obter tranquilidade, não é? Disciplina subentende conformidade a um padrão; você controla para ser isso ou aquilo. A disciplina não é, pela própria natureza, violência? Pode lhe dar prazer disciplinar-se, mas não é esse próprio prazer uma forma de resistência que somente gera mais conflito? A prática da disciplina não é o

cultivo da defesa? E o que é defendido é sempre atacado. A disciplina não subentende a repressão do que *é* para alcançar um fim desejado? Repressão, substituição e sublimação somente aumentam o esforço e geram mais conflito. Você pode ter sucesso em reprimir uma doença, mas ela continuará a aparecer em diferentes formas até ser erradicada. A disciplina é a repressão, a dominação do que *é*. A disciplina é uma forma de violência; então, por meio de um meio "errado", esperamos obter o fim "certo". Como é possível haver o livre, a verdade, por meio da resistência? A liberdade está no início, não no fim; o objetivo é o primeiro passo, o meio é o fim. O primeiro passo deve ser livre, não o último. Disciplina subentende compulsão, sutil ou brutal, de fora ou autoimposta; e, onde há compulsão, há medo. Medo compulsão são usados como um meio para um fim, o fim sendo o amor. É possível existir amor pelo medo? Amor é quando não existe o medo, em qualquer nível.

"Mas, sem algum tipo de compulsão, algum tipo de conformidade, como a mente pode funcionar?"

A própria atividade da mente é uma barreira para o entendimento. Você nunca percebeu que só há entendimento quando a mente, sob o aspecto do pensamento, não está funcionando? O entendimento vem com o fim do processo do pensamento, no intervalo entre dois pensamentos. Você diz que a mente deve estar quieta, mas deseja que ela funcione. Se conseguirmos ser simples na observação atenta, poderemos entender; mas nossa abordagem é tão complexa que impede o entendimento. Certamente, não estamos interessados na disciplina, no controle, na repressão, na resistência, mas no processo e no fim do próprio pensamento. O que queremos dizer quando falamos que a mente vagueia? Apenas que o pensamento é incessantemente seduzido de uma atração a outra, de uma associação a outra, e

está em constante agitação. É possível para o pensamento chegar ao fim?

"É esse exatamente meu problema. Quero acabar com o pensamento. Agora consigo ver a futilidade da disciplina; realmente vejo a falsidade, a tolice disso, e não quero mais seguir essa linha. Mas como posso acabar com o pensamento?"

Mais uma vez, ouça sem preconceitos, sem interpor quaisquer conclusões, tanto as suas quanto as de outros; ouça para entender, e não apenas para refutar ou aceitar. Você pergunta como pode acabar com o pensamento. Ora, você, o pensador, é uma entidade separada de seus pensamentos? Você é inteiramente diferente de seus pensamentos? Você não é seus próprios pensamentos? O pensamento pode colocar o pensador em um nível muito alto e dar um nome a ele, separá-lo de si mesmo: mas o pensador ainda estará dentro do processo do pensamento, não é? Só existe pensamento, e o pensamento cria o pensador; o pensamento dá forma ao pensador como uma entidade permanente e separada. O pensamento vê a si mesmo como impermanente, em constante fluxo, então ele gera o pensador como uma entidade permanente separada e diferente dele mesmo. Portanto, o pensador atua sobre o pensamento; o pensador diz "devo acabar com o pensamento". Mas só existe o processo de pensar; não há pensador separado do pensamento. A experienciação dessa verdade é vital, não é uma simples repetição de frases. Só existem os pensamentos, e não um pensador que pensa os pensamentos.

"Mas como surgiu o pensamento originalmente?"

Por meio de percepção, contato, sensação, desejo e identificação; "eu quero", "eu não quero" e assim por diante. Isso é bastante simples, não é? Nosso problema é como o pensamento pode acabar? Qualquer forma de compulsão, consciente ou inconsciente, é completamente fútil, pois subentende um contro-

lador, alguém que disciplina; e essa entidade, como vemos, não existe. A disciplina é um processo de reprovação, comparação ou justificação; e quando claramente se percebe que não há uma entidade separada como o pensador, aquele que disciplina, então existem apenas pensamentos, o processo de pensar. Pensar é a resposta da memória, da experiência, do passado. Isso novamente deve ser percebido, não no nível verbal, mas é preciso haver uma experienciação disso. Portanto, só há observação atenta passiva em que o pensador não existe, uma conscientização em que o pensamento está de todo ausente. A mente, a totalidade da experiência, a consciência que está sempre no passado, só está quieta quando não está se projetando; e essa projeção é o desejo de vir a ser.

A mente só está vazia quando o pensamento não existe. O pensamento não pode acabar, a não ser pela observação atenta e passiva de cada pensamento. Nessa conscientização, não há vigia nem censor; sem o censor, só há experienciação. Na experienciação, não há experienciador nem experienciado. O experienciado é o pensamento, que dá origem ao pensador. Apenas quando a mente está experienciando, existe quietude, o silêncio que não é criado, construído; e somente nessa tranquilidade o real pode tomar forma. A realidade não pertence ao tempo e não é mensurável.

Conflito — liberdade — relacionamento

"O CONFLITO ENTRE TESE e antítese é inevitável e necessário; ele produz a síntese, da qual novamente há uma tese com sua antítese correspondente e assim por diante. Não há fim para o conflito, e somente pelo conflito é possível haver algum crescimento, algum progresso."

O conflito produz a compreensão de nossos problemas? Ele leva ao crescimento, ao progresso? Ele pode produzir melhorias secundárias, mas o conflito não é, pela sua própria natureza, um fator de desintegração? Por que você insiste que o conflito é essencial?

"Todos sabemos que há conflito em todos os níveis de nossa existência, então, por que negar ou recusar-se a ver isso?"

A pessoa não se recusa a ver a constante luta interior e exterior; mas, se me permite, por que você insiste em que isso é essencial?

"O conflito não pode ser negado, é parte da estrutura humana, e nós usamos isso como um meio para um fim, o fim sendo o ambiente certo para o indivíduo. Trabalhamos em direção a essa meta e usamos todos os meios para produzir isso. Ambição, con-

flito, é o comportamento habitual do homem, e pode ser usado contra ele ou a favor dele. Pelo conflito, avançamos para níveis melhores."

O que você quer dizer com conflito? Conflito entre o quê?

"Entre o que foi e o que será."

O "que será" é a resposta adicional ao que foi e ao que é. Por conflito queremos dizer a luta entre duas ideias opostas. Mas a oposição é uma forma conducente ao entendimento? Quando há entendimento de um problema?

"Há um conflito de classes, um conflito nacional e um conflito ideológico. O conflito é oposição, resistência em virtude da ignorância de certos fatos históricos fundamentais. Pela oposição, há crescimento, progresso, e esse processo todo é a vida."

Sabemos que há conflito em todos os diferentes níveis da vida e seria tolo negar isso. Mas esse conflito é essencial? Nós assumimos até aqui que sim ou o justificamos com um raciocínio astuto. Na natureza, o significado de conflito pode ser bastante diferente; entre os animais, o conflito como o conhecemos talvez não exista em absoluto. Mas, para nós, o conflito é fator de enorme importância. Por que ele se tornou tão importante em nossa vida? Competição, ambição, o esforço de ser ou não ser, a vontade de realizar e assim por diante — tudo isso é parte do conflito. Por que aceitamos o conflito como essencial à existência? Isso não sugere, por outro lado, que devamos aceitar a indolência. Mas por que toleramos o conflito interior e exterior? O conflito é essencial ao entendimento, à solução de um problema? Não deveríamos investigar, em vez de afirmar ou negar? Não deveríamos tentar encontrar a verdade da questão, em vez de nos agarrarmos a nossas conclusões e opiniões?

"Como pode haver progresso de uma forma de sociedade para outra sem conflito? Os 'ricos' jamais desistirão voluntaria-

mente de sua riqueza, eles precisam ser forçados a isso, e esse conflito produzirá uma nova ordem social, um novo modo de vida. Isso não pode ser realizado pacificamente. Podemos não desejar sermos violentos, mas temos de enfrentar os fatos."

Você supõe que sabe como a nova sociedade deve ser e que o outro sujeito não sabe; você é o único que tem esse conhecimento extraordinário e está disposto a liquidar aqueles que estiverem em seu caminho. Por esse método, que considera essencial, você só produz oposição e ódio. O que você conhece é apenas outra forma de preconceito, um tipo diferente de condicionamento. Seus estudos históricos ou os de seus líderes são interpretados de acordo com um contexto particular que determina sua resposta; e essa resposta você chama de nova abordagem, a nova ideologia. Toda resposta do pensamento é condicionada, e realizar uma revolução baseada em pensamento ou ideia é perpetuar uma forma modificada do que era. Vocês são basicamente reformadores, não revolucionários verdadeiros. Reforma e revolução baseadas em ideias são fatores retrocedentes na sociedade.

Você disse que o conflito entre tese e antítese é essencial e que esse conflito de opostos produz uma síntese, não disse?

"O conflito entre a sociedade atual e seu oposto, por meio da pressão dos eventos históricos etc., acabará produzindo uma nova ordem social."

O oposto é diferente ou dessemelhante do que *existe*? Como o oposto vem a existir? Ele não é uma projeção do que *existe*? A antítese não tem os elementos da própria tese? Uma não é totalmente diferente ou dessemelhante da outra, e a síntese ainda é uma tese modificada. Embora revestida periodicamente por uma cor diferente, embora modificada, reformada, remodelada segundo as circunstâncias e pressões, a tese é sempre a tese. O conflito entre os opostos é completamente inútil e estúpido. Intelectual ou

verbalmente, você pode aprovar ou reprovar qualquer coisa, mas isso não pode alterar certos fatos óbvios. A sociedade atual se baseia em aquisitividade; e seu oposto, com a síntese resultante, é o que você chama de nova sociedade. Em sua nova sociedade, a aquisitividade individual tem seu oposto na aquisitividade do Estado, o Estado sendo os governantes; o Estado, então, vem a ter mais importância, não o indivíduo. Dessa antítese, você diz que no final virá uma síntese em que todos os indivíduos serão importantes. Esse futuro é imaginário, um ideal; é a projeção do pensamento, e o pensamento é sempre a resposta da memória, do condicionamento. É, na verdade, um círculo vicioso sem saída. Esse conflito, essa luta dentro da jaula do pensamento, é o que você chama de progresso.

"Você diz, então, que devemos permanecer como estamos, com toda a exploração e a corrupção da sociedade atual?"

De modo algum. Mas sua revolução não é revolução; é apenas uma mudança de poder de um grupo para outro, a substituição de uma classe por outra. Sua revolução é apenas uma estrutura diferente criada do mesmo material e dentro do mesmo padrão subjacente. *Existe* uma revolução radical que não é um conflito, que não se baseia no pensamento com suas projeções, ideais, dogmas e utopias fabricadas pelo ego; mas, enquanto pensarmos em termos de alterar isso para aquilo, de vir a ser mais ou vir a ser menos, de alcançar um objetivo, não poderá haver essa revolução fundamental.

"Essa revolução é uma impossibilidade. Você está propondo isso a sério?"

É a única revolução, a única transformação fundamental.

"Como você propõe a realização disso?"

Vendo o falso como falso; vendo a verdade no falso. Obviamente, deve haver uma revolução fundamental no relaciona-

mento do homem com o homem; todos sabemos que a situação não pode continuar como está sem aumentar o sofrimento e o desastre. Mas todos os reformadores, como os supostos revolucionários, têm um objetivo em vista, uma meta a ser alcançada, e ambos usam o homem como o meio para os próprios fins. O uso do homem com um propósito é o problema real, não a realização de um fim particular. Você não pode separar o fim do meio, pois eles formam um único processo, inseparável. O meio é o fim; não poderá haver sociedade sem classes por meio do conflito de classes. Os resultados do uso de meios errados para um suposto fim correto são bastante óbvios. Não pode haver paz por meio de guerras ou por meio de preparativos para a guerra. Todos os opostos são autoprojetados; o ideal é uma reação do que *é*, e o conflito para atingir o ideal é uma luta vã e ilusória dentro da jaula do pensamento. Por meio desse conflito, não há libertação, não há liberdade para o homem. Sem liberdade, não pode haver felicidade; e a liberdade não é um ideal. A liberdade é o único meio para a liberdade.

Enquanto o homem for usado psicológica ou fisicamente, quer em nome de Deus ou do Estado, haverá uma sociedade baseada na violência. Usar o homem para um propósito é um truque empregado pelos políticos e sacerdotes, e isso renega o relacionamento.

"O que você quer dizer com isso?"

É possível haver algum relacionamento entre nós quando usamos a nós mesmos para nossa satisfação mútua? Quando você usa outra pessoa para seu conforto, como usa um móvel, você está se relacionando com aquela pessoa? Você está se relacionando com o móvel? Você pode chamá-lo de seu e isso é tudo; mas voce não tem um relacionamento com ele. De modo semelhante, quando você usa outra pessoa em seu proveito psicológico ou fí-

sico, geralmente chama essa pessoa de sua, você a possui; e a posse é relacionamento? O Estado usa o indivíduo e o chama de seu cidadão; mas ele não tem relacionamento com o indivíduo. Ele simplesmente o usa, como uma ferramenta. Uma ferramenta é uma coisa morta, e não pode haver relacionamento com aquilo que está morto. Quando usamos o homem com um propósito, ainda que nobre, nós o queremos como um instrumento, uma coisa morta. Não podemos usar uma coisa viva, então nossa demanda é pelas coisas mortas; nossa sociedade se baseia no uso de coisas mortas. O uso de outro torna aquela pessoa o instrumento morto de nossa satisfação. O relacionamento pode existir apenas entre os vivos, e o uso é um processo de isolamento. É esse processo de isolamento que gera conflito, antagonismo entre o homem e o homem.

"Por que você põe tanta ênfase no relacionamento?"

A existência é relacionamento; existir é estar relacionado. Relacionamento é sociedade. A estrutura de nossa sociedade atual, por se basear no uso mútuo, produz violência, destruição e infelicidade; e se o suposto Estado revolucionário não alterar os fundamentos desse uso, só poderá produzir, talvez em um nível diferente, ainda mais conflito, confusão e antagonismo. Enquanto precisarmos psicologicamente uns dos outros, e nos usarmos, não poderá haver relacionamento. Relacionamento é comunhão; e como poderá haver comunhão se houver exploração? Exploração envolve medo — e o medo, inevitavelmente, leva a todo tipo de ilusões e infelicidade. O conflito só existe na exploração, e não no relacionamento. O conflito, a oposição e a inimizade existem entre nós quando há o uso de outro como um meio de prazer, de realização. Esse conflito, obviamente, não pode ser resolvido pelo uso dele mesmo como um meio para uma meta autoprojetada; e todos os ideais, todas as utopias, são autoprojetados. Per-

ceber isso é essencial, pois assim conseguiremos experienciar a verdade de que o conflito em qualquer forma destrói o relacionamento, o entendimento. Só há entendimento quando a mente está silenciosa; e a mente não está silenciosa quando está presa a uma ideologia, dogma ou crença ou quando está associada ao padrão da própria experiência, de suas lembranças. A mente não está silenciosa quando está adquirindo ou vindo a ser. Toda aquisição é conflito; todo vir a ser é um processo de isolamento. A mente não está silenciosa quando ela é disciplinada, controlada e verificada; essa mente é uma mente morta, está se isolando por meio de várias formas de resistência, criando assim, inevitavelmente, infelicidade para si mesma e para os outros.

A mente só está silenciosa quando não está presa em pensamentos, que é a rede da própria atividade. Quando a mente está quieta, não tornada quieta, um fator verdadeiro, o amor, toma forma.

Esforço

Começara a chover suavemente, mas de súbito foi como se o céu tivesse aberto as comportas e despejado um dilúvio. Na rua, a água estava quase na altura dos joelhos e cobria as calçadas. Não havia agitação nas folhas e elas também estavam mudas de surpresa. Um carro passou e depois afogou, pois a água atingira suas peças essenciais. As pessoas atravessavam a rua no meio da água, molhadas até os ossos, mas estavam gostando da chuvarada. Os canteiros estavam sendo lavados e a grama fora coberta por vários centímetros de água barrenta. Um pássaro azul-escuro com asas em tom castanho-claro tentava abrigar-se entre as grossas folhas, mas ficava cada vez mais molhado e sacudia-se com muita frequência. O aguaceiro durou algum tempo e depois parou tão subitamente quanto começou. Todas as coisas estavam bem lavadas.

Como é simples ser inocente! Sem inocência é impossível ser feliz. O prazer das sensações não é a felicidade da inocência. Inocência é a libertação da carga da experiência. É a lembrança da experiência que corrompe, não a experiência em si. O conhe-

cimento, a carga do passado, é corrupção. O poder de acumular, o esforço do vir a ser, destrói a inocência; e sem inocência como pode haver sabedoria? O meramente curioso jamais poderá conhecer a sabedoria; ele encontrará algo, mas o que encontrar não será a verdade. Os desconfiados jamais poderão conhecer a felicidade, pois a desconfiança é a angústia das próprias existências, e o medo gera corrupção. Ausência de medo não é coragem, mas a libertação da acumulação.

"Não tenho poupado esforços para ter sucesso no mundo, e tornei-me uma pessoa muito bem-sucedida financeiramente; meus esforços nesse sentido produziram os resultados que eu queria. Também me esforcei bastante para fazer de minha vida familiar um evento feliz, mas você sabe como é. A vida familiar não é igual a ganhar dinheiro ou dirigir uma indústria. Lidamos com seres humanos nos negócios, mas é em um nível diferente. Em casa, há uma grande dose de atrito com muito pouca exibição disso, e meus esforços nesse campo só parecem aumentar a confusão. Não estou me queixando, pois isso não é do meu feitio, mas o sistema de casamento está totalmente errado. Nós nos casamos para satisfazer nossos anseios sexuais, sem realmente conhecer nada um do outro; e, embora vivamos na mesma casa e de vez em quando e deliberadamente produzamos um filho, somos como estranhos um para o outro, e a tensão que somente as pessoas casadas conhecem está sempre presente. Fiz o que acho que é meu dever, mas isso não produziu os melhores resultados, para dizer o mínimo. Somos ambos indivíduos controladores e dinâmicos, e isso não é fácil. Nossos esforços de colaboração não produziram um companheirismo íntimo entre nós. Embora eu esteja muito interessado em assuntos psicológicos, isso não ajudou muito, e quero investigar muito mais profundamente esse problema."

O sol saíra, os pássaros estavam cantando e o céu estava limpo e azul depois da tempestade.

O que quer dizer com esforço?

"Lutar para conseguir algo. Lutei para conseguir dinheiro e posição, e obtive ambos. Também lutei para ter uma vida familiar feliz, mas não fui muito bem-sucedido; então, agora, estou me empenhando por alguma coisa mais profunda."

Lutamos com um objetivo em vista; nós nos empenhamos por uma realização; fazemos um esforço constante para nos tornar algo, positiva ou negativamente. A luta é sempre para estar protegido de alguma forma, é sempre em direção a algo ou afastando-se de algo. O esforço é, na verdade, uma batalha infindável para adquirir, não é?

"É errado adquirir?"

Vamos examinar isso agora; mas o que chamamos de esforço é esse processo constante de viajar e chegar, de adquirir em direções distintas. Nós nos cansamos de um tipo de aquisição e nos voltamos para outro, e quando isso é conseguido, nós nos voltamos novamente para outra coisa. O esforço é um processo para acumular conhecimentos, experiências, eficiências, virtudes, posses, poder e assim por diante; é um vir a ser, expandir-se, crescer sem fim. O esforço em direção a um fim, quer valioso ou insignificante, sempre deverá trazer conflito; conflito é antagonismo, oposição, resistência. Isso é necessário?

"Necessário para quê?"

Vamos descobrir. O esforço no nível físico talvez seja necessário; o esforço para construir uma ponte, para produzir petróleo, carvão etc. é ou pode ser benéfico; mas o modo como o trabalho é executado, como as coisas são produzidas e distribuídas, como os lucros são divididos, é um assunto totalmente diferente. Se, no nível físico, o homem for usado para um fim, para um

ideal, quer por interesses privados ou do Estado, o esforço apenas produzirá mais confusão e infelicidade. O esforço para adquirir para o indivíduo, para o Estado ou para uma organização religiosa está destinado a gerar oposição. Sem entendimento dessa luta por aquisição o esforço no nível físico terá, inevitavelmente, um efeito desastroso sobre a sociedade.

O esforço no nível psicológico — o esforço para ser, para realizar, para ter sucesso — é necessário ou benéfico?

"Se não fizéssemos esse esforço, não nos deterioraríamos, desintegraríamos?"

Será? Até agora, o que produzimos pelo esforço no nível psicológico?

"Não muito, admito. O esforço tem sido na direção errada. A direção tem importância e o esforço corretamente dirigido é da maior importância. É por causa da falta de esforço correto que estamos em tamanha confusão."

Então você diz que há um esforço certo e um esforço errado, é isso? Não vamos nos perder no discurso, mas como você distingue entre o esforço certo e o errado? Você julga de acordo com esse critério? Qual é seu padrão? É a tradição ou é o ideal futuro, o "deve ser"?

"Meu critério é determinado pelo que traz resultados. É o resultado que é importante e, sem a sedução de uma meta, não faríamos esforço."

Se o resultado for sua medida, então certamente você não estará preocupado com os meios; ou estará?

"Usarei os meios de acordo com o fim. Se o fim for a felicidade, então um meio feliz deverá ser encontrado."

O meio feliz não é o fim feliz? O fim está no meio, não está? Então, há apenas o meio. O próprio meio é o fim, o resultado.

"Nunca olhei isso desse modo, mas vejo que é assim."

Estamos investigando o que é o meio feliz. Se o esforço produzir conflito, oposição interna e externa, o esforço poderá algum dia levar à felicidade? Se o fim está no meio, como pode haver felicidade pelo conflito e antagonismo? Se o esforço produz mais problemas, mais conflitos, ele é, obviamente, destrutivo e desintegrador. E por que fazemos esforço? Não fazemos esforço para ser mais, para progredir, para ganhar? O esforço é para mais em uma direção e para menos em outra. O esforço sugere aquisição para si mesmo ou para um grupo, não é?

"Sim, isso mesmo. Adquirir para si mesmo é, em outro nível, a aquisitividade do Estado ou da Igreja."

Esforço é aquisição, negativa ou positiva. O que, então, estamos adquirindo? Em um nível, adquirimos as necessidades materiais e, em outro, as usamos como um meio de autoengrandecimento; ou, estando satisfeitos com algumas necessidades materiais, adquirimos poder, posição, fama. Os governantes, os representantes do Estado, podem viver exteriormente uma vida simples e possuir poucas coisas, mas eles adquiriram poder e, assim, resistem e controlam.

"Você acha que toda aquisição é perniciosa?"

Vamos ver. Segurança, que consiste em satisfazer as necessidades materiais essenciais, é uma coisa; aquisitividade é outra. É a aquisitividade em nome da raça ou do país, em nome de Deus ou do indivíduo que está destruindo a organização sensata e eficiente das necessidades materiais para o bem-estar do homem. Todos nós devemos ter alimentação, roupas e abrigo adequados — isso é simples e claro. Porém, o que estamos buscando adquirir, além dessas coisas?

A pessoa adquire dinheiro como um meio para o poder, para determinadas satisfações sociais e psicológicas, como um meio

para a liberdade de fazer o que desejar fazer. O indivíduo luta para conquistar riqueza e posição a fim de ser poderoso de vários modos; e, sendo bem-sucedido em aspectos externos, ele agora deseja ter sucesso, como você diz, em relação aos assuntos internos.

O que queremos dizer com poder? Ser poderoso é dominar, superar, reprimir, sentir-se superior, ser eficiente etc. Consciente ou inconscientemente, o asceta, assim como a pessoa mundana, sente e luta por esse poder. Poder é uma das expressões mais completas do ser, quer seja o poder do conhecimento, o poder sobre si mesmo, o poder mundano ou o poder da abstinência. O sentimento de poder, de controle, é extremamente gratificante. Você pode buscar gratificação por intermédio do poder, outra pessoa, pela bebida, outra, pelo culto religioso, outra, pelo conhecimento, e ainda outra, ao tentar ser virtuosa. Cada uma pode ter o próprio efeito sociológico e psicológico particular, mas toda aquisição é gratificação. Gratificação em qualquer nível é sensação, não é? Estamos nos esforçando para adquirir variedades maiores ou mais sutis de sensação, que em um momento chamamos de experiência, em outro de conhecimento, em outro de amor, em outro de busca por Deus ou pela verdade; e há a sensação de ser honrado ou de ser o agente eficiente de uma ideologia. O esforço é para adquirir gratificação, que é sensação. Você descobriu a gratificação em um nível e agora a está buscando em outro; e quando a adquirir, irá para outro nível, e assim continuará em atividade. Esse constante desejo de gratificação, por formas cada vez mais sutis de sensação, é chamado de progresso, mas isso é conflito incessante. A busca por gratificações cada vez maiores não tem fim, e assim não existe fim para o conflito, para o antagonismo e, em consequência disso, não há felicidade alguma.

"Entendo seu argumento. Você está dizendo que a busca de gratificação em qualquer forma é realmente a busca da infelici-

dade. O esforço voltado à gratificação é sofrimento perene. Mas o que a pessoa deve fazer? Desistir de buscar gratificação e simplesmente estagnar?"

Se a pessoa não buscar gratificação, a estagnação será inevitável? O estado sem raiva é necessariamente um estado sem vida? Certamente, a gratificação em qualquer nível é sensação. O refinamento da sensação é apenas o refinamento da palavra. A palavra, o termo, o símbolo, a imagem desempenha um papel de importância extraordinária em nossa vida, não é? Podemos não buscar o toque, a satisfação do contato físico, mas a palavra, a imagem torna-se muito significativa. Em um nível, acumulamos gratificação por meios toscos, e em outro, por meios que são mais sutis e refinados; mas o acúmulo de palavras é pelo mesmo objetivo que o acúmulo de coisas, não é? Por que nós acumulamos?

"Bom, suponho que seja porque estamos tão insatisfeitos, tão entediados em relação a nós mesmos, que fazemos qualquer coisa para nos afastar de nossa própria superficialidade. De fato, é isso — e choca-me estar precisamente nessa posição. Isso é algo extraordinário!"

Nossas aquisições são um meio de encobrir nosso próprio vazio; nossa mente é como um tambor oco, tocado por todas as mãos que passam e fazem muito barulho. Essa é nossa vida, o conflito de fugas nunca satisfatórias e o aumento da infelicidade. É estranho como nunca estamos sozinhos, nunca rigorosamente sozinhos. Estamos sempre com alguma coisa, com um problema, com um livro, com uma pessoa; e, quando estamos sozinhos, nossos pensamentos estão conosco. Estar sozinho, despido, é essencial. Todas as fugas, todos os acúmulos, todos os esforços para ser ou não ser, deverão cessar; e somente então haverá o estar só, que poderá receber o sozinho, o incomensurável.

"Como alguém pode parar de fugir?"

Ao ver a verdade que todas as fugas somente levam à ilusão e à infelicidade. A verdade liberta; você não pode fazer nada acerca disso. Sua própria ação para parar de fugir é outra fuga. O estado mais elevado de inação é a ação da verdade.

Devoção e veneração

UMA MÃE BATIA NO filho e escutavam-se gritos de dor. A mãe estava muito zangada e, enquanto batia, falava com ele violentamente. Quando voltamos logo depois, ela estava acariciando o filho, abrançando-o como se fosse espremer a vida dele. A mulher tinha lágrimas nos olhos. O filho estava bastante confuso, mas sorria para a mãe.

O amor é uma coisa estranha, e com que facilidade perdemos a calorosa chama dele! A chama foi perdida e a fumaça permanece. A fumaça enche nossos corações e nossas mentes, e nossos dias são gastos em lágrimas e amargura. A canção foi esquecida e as palavras perderam o significado; o perfume se foi e nossas mãos estão vazias. Nunca sabemos como manter a chama livre da fumaça; e a fumaça sempre abafa a chama. Mas o amor não é da mente, não está na rede do pensamento, ele não pode ser buscado, cultivado, cuidado; ele está lá quando a mente está silenciosa, e o coração, vazio das coisas da mente.

*

A sala dava para o rio e o sol estava sobre suas águas.

Ele não era tolo em absoluto, mas estava cheio de emoção, um sentimento exuberante com o qual deve ter-se encantado, pois parecia lhe dar grande prazer. Estava ansioso para falar; e, quando um pássaro verde e dourado lhe foi mostrado, ativou seu sentimento e ele manifestou isso efusivamente. Em seguida, falou da beleza do rio e cantou uma música sobre isso. Ele tinha uma voz agradável, mas a sala era muito pequena. O pássaro verde e dourado ganhou a companhia de outro e os dois sentaram-se bem próximos um do outro, alisando as penas com os bicos.

"A devoção não é um caminho para Deus? O sacrifício da devoção não é a purificação do coração? A devoção não é parte essencial de nossa vida?"

O que você quer dizer por devoção?

"O amor pelo mais elevado; a oferenda de uma flor diante da imagem, o símbolo de Deus. Devoção é estar totalmente absorto, é um amor que se destaca do amor carnal. Tenho permanecido quieto por muitas horas de cada vez, totalmente absorto no amor de Deus. Nesse estado, não sou nada e não sei nada. Nesse estado, toda a vida é uma unidade, o varredor de rua e o rei são um. É um estado maravilhoso. Certamente, você deve conhecê-lo."

Devoção é amor? É algo separado de nossa existência diária? É um ato de sacrifício estar devotado a um objeto, ao conhecimento, ao serviço ou à ação? É autossacrifício quando você está absorto em sua devoção? Quando você se identificou totalmente com o objeto de sua devoção, isso é autoabnegação? É altruísmo ficar absorto em um livro, em um cântico, em uma ideia? A devoção é a adoração de uma imagem, de uma pessoa, de um símbolo? A realidade tem algum símbolo? É possível para um símbolo representar a verdade? O símbolo não é estático? É

possível algo estático representar aquilo que está vivo? Seu retrato é você?

Vamos ver o que queremos dizer por devoção. Você passa várias horas por dia no que chama de amor, de contemplação por Deus. Isso é devoção? O homem que dá sua vida pela melhoria social está devotado ao trabalho; e o general, cuja tarefa é planejar a destruição, também é devotado a seu trabalho. Isso é devoção? Em minha opinião, você passa o tempo sendo inebriado pela imagem ou ideia de Deus, e outros fazem a mesma coisa de um modo diferente. Existe uma distinção fundamental entre os dois? É devoção aquilo que tem um objetivo?

"Mas essa adoração de Deus consome minha vida inteira. Não estou consciente de nada além de Deus. Ele enche meu coração."

E o homem que adora seu trabalho, seu líder, sua ideologia, está também consumido por aquilo com o qual está ocupado. Você enche seu coração com a palavra "Deus", e outra pessoa o faz com atividades; isso é devoção? Você está feliz com sua imagem, seu símbolo, e outra pessoa com seus livros ou música; isso é devoção? É devoção ficar absorto em algo? Um homem é devotado a sua esposa por vários motivos gratificantes; gratificação é devoção? Identificar-se com o próprio país é bastante estimulante; identificação é devoção?

"Mas minha dedicação a Deus não faz mal a ninguém. Pelo contrário, eu me afasto de situações perigosas e não prejudico ninguém."

Isso pelo menos é alguma coisa; mas, embora você talvez não prejudique aparentemente, a ilusão não é prejudicial em um nível mais profundo tanto para você quanto para a sociedade?

"Não estou interessado na sociedade. Minhas necessidades são muito poucas; tenho controlado minhas paixões e passo meus dias na sombra de Deus."

Não é importante descobrir se essa sombra tem alguma substância por trás dela? Adorar a ilusão é prender-se à própria gratificação; ceder ao apetite em qualquer nível é ser voraz.

"Você é muito perturbador e não estou certo em absoluto se quero continuar com essa conversa. Veja, vim adorar no mesmo altar que você; mas descubro que sua adoração é totalmente diferente e o que você diz está além de mim. Mas eu gostaria de saber qual é a beleza de sua adoração. Você não tem retratos, nem imagens, nem rituais, mas você deve adorar. De que natureza é sua adoração?"

O adorador é o adorado. Adorar o outro é adorar a si mesmo; a imagem e o símbolo são uma projeção de si mesmo. Afinal, seu ídolo, seu livro e sua oração são o reflexo de sua formação; são suas criações, embora possam ser produzidos por outros. Você escolhe de acordo com sua gratificação; sua escolha é seu preconceito. Sua imagem é seu estimulante e está esculpido na sua própria memória; você está adorando a si mesmo por meio da imagem criada por seu próprio pensamento. Sua devoção é o amor por si mesmo encoberto pelo cântico de sua mente. A imagem é você mesmo, é o reflexo de sua mente. Essa devoção é uma forma de autoengano que somente leva ao sofrimento e ao isolamento, que é a morte.

A busca é devoção? Buscar por algo não é buscar; buscar a verdade não é encontrá-la. Nós fugimos de nós mesmos pela busca, que é ilusão; tentamos de todas as formas escapar do que somos. Em nós mesmos, somos tão insignificantes, tão fundamentalmente nada, e a adoração de algo maior do que nós mesmos é tão insignificante e estúpida quanto nós somos. A identificação com o grande ainda é uma projeção do pequeno. O mais é uma extensão do menos. O pequeno em busca do grande encontrará apenas o que ele for capaz de encontrar. As fugas são mui-

tas e variadas, mas a mente em fuga ainda é medrosa, estreita e ignorante.

O entendimento da fuga é a libertação do que *é*. O que *é* só pode ser entendido quando a mente não está mais em busca de uma resposta. A busca por uma resposta é a fuga do que *é*. Essa busca é chamada por vários nomes, um dos quais é devoção; mas para entender o que *é*, a mente precisa estar silenciosa.

"O que você quer dizer com 'o que *é*'?"

O que *é* representa aquilo que existe de um momento para outro. Entender o processo inteiro de sua adoração, de sua devoção àquilo que você chama de Deus, é a conscientização do que *é*. Mas você não deseja entender o que *é*; pois sua fuga do que *é*, que você chama de devoção, é uma fonte de prazer maior, e, assim, a ilusão torna-se mais importante do que a realidade. O entendimento do que *é* não depende do pensamento, pois o próprio pensamento é uma fuga. Pensar sobre o problema não é entendê-lo. Somente quando a mente está silenciosa é que a verdade do que *é* se revela.

"Estou satisfeito com o que tenho. Sou feliz com meu Deus, com meu cântico e minha devoção. A devoção a Deus é a canção do meu coração e minha felicidade está nessa canção. Sua canção talvez seja mais clara e honesta, mas, quando canto, meu coração fica cheio. O que mais um homem pode desejar do que ter um coração cheio? Nós somos irmãos em minha canção e eu não fico perturbado com sua canção."

Quando a canção é real, não há nem você nem eu, mas somente o silêncio do eterno. A canção não é o som, mas o silêncio. Não deixe que o som de sua canção encha seu coração.

Interesse

Ele era diretor de escola com vários diplomas acadêmicos. Estivera profundamente interessado em educação e também trabalhara duro por vários tipos de reforma social; mas agora, disse, embora ainda relativamente jovem, perdera o vigor da vida. Ele prosseguia com seus deveres quase mecanicamente, cumprindo sua entediante rotina diária; não havia mais entusiasmo algum no que fazia, e o ânimo que outrora sentia desaparecera completamente. Ele tinha inclinações religiosas e lutou para criar determinadas reformas em sua religião, mas aquilo também secara. Ele não via valor em qualquer ação em particular.

Por quê?

"Todas as ações levam à confusão, criando mais problemas, mais danos. Eu tentei agir com o intelecto e a inteligência, mas isso, invariavelmente, levou a algum tipo de encrenca; as várias atividades com as quais me envolvi fizeram que me sentisse deprimido, ansioso e cansado, e elas não levaram a lugar algum. Agora estou com medo de agir, e o medo de causar mais mal do que bem me fez retirar-me de tudo a não ser pelo mínimo de ação."

Qual é a causa desse medo? É o medo de fazer o mal? Você está se retirando da vida por causa do medo de criar mais confusão? Você está com medo da confusão que possa criar ou da confusão dentro de si mesmo? Se você tivesse clareza dentro de si mesmo e dessa clareza existisse ação, você teria medo de alguma confusão exterior que sua ação pudesse criar? Você está com medo da confusão interna ou externa?

"Não olhei para isso dessa forma antes, e preciso considerar o que você diz."

Você se importaria de criar mais problemas se tivesse clareza em si mesmo? Gostamos de fugir de nossos problemas por quaisquer que sejam os meios e, dessa forma, somente os aumentamos. Expor nossos problemas pode parecer confuso, mas a capacidade de enfrentá-los depende da clareza da abordagem. Se você tivesse clareza, suas ações seriam confusas?

"Eu não tenho clareza. Não sei o que quero fazer. Eu poderia ingressar em algum ismo da esquerda ou da direita, mas isso não traria clareza de ação. Alguém pode fechar os próprios olhos aos absurdos de um ismo particular e trabalhar por ele, mas subsistirá o fato de que há basicamente mais mal do que bem na ação de todos os ismos. Se eu tivesse clareza em mim mesmo, enfrentaria os problemas e tentaria esclarecê-los. Mas não tenho clareza. Perdi todo o estímulo para agir."

Por que você perdeu o estímulo? Você o perdeu no excesso do consumo de uma energia limitada? Você se esgotou ao fazer coisas que não são de interesse fundamental para você? Ou ainda não descobriu no que está verdadeiramente interessado?

"Depois da faculdade, eu estava muito entusiasmado com a reforma social, e trabalhei ardorosamente por alguns anos; mas comecei a perceber a insignificância desse esforço, então aban-

donei-o e dediquei-me à educação. Trabalhei com muito afinco em educação por vários anos, sem me importar com qualquer outra coisa; mas também acabei abandonando isso porque estava ficando cada vez mais confuso. Eu era ambicioso, não por mim mesmo, mas pelo sucesso do trabalho; mas as pessoas com quem eu trabalhava estavam sempre brigando, elas eram invejosas e ambiciosas no nível pessoal."

A ambição é uma coisa estranha. Você diz que não era ambicioso por si mesmo, mas somente pelo sucesso do trabalho. Há alguma diferença entre a suposta ambição impessoal e a pessoal? Você não consideraria pessoal ou insignificante identificar-se com uma ideologia e trabalhar ambiciosamente por ela; você chamaria isso de uma ambição digna de valor, não é? Mas ela é mesmo? Certamente, você só substituiu um termo por outro, "impessoal" por "pessoal"; mas a vontade, a motivação, ainda é a mesma. Você quer sucesso para o trabalho com o qual está identificado. Você substituiu o termo "eu" pelo termo "trabalho", "sistema", "país", "Deus", mas você ainda é importante. A ambição ainda está em funcionamento, implacável, invejosa, medrosa. Você abandonou o trabalho porque ele não teve êxito? Você teria continuado com ele se tivesse sido bem-sucedido?

"Não acho que tenha sido isso. O trabalho era razoavelmente bem-sucedido, como qualquer trabalho se a pessoa dedica tempo, energia e inteligência a ele. Eu desisti porque não estava levando a lugar algum; ele produzia algum alívio temporário, mas não havia uma mudança fundamental e duradoura."

Você tinha vontade quando estava trabalhando, e o que aconteceu com ela? O que aconteceu com o anseio, a chama? É esse o problema?

"Sim, é esse o problema. Eu tive a chama um dia, mas agora ela desapareceu."

Ela está adormecida ou extinguiu-se pelo uso errado de modo que só restaram cinzas? Talvez você não tenha descoberto seu interesse real. Você se sente frustrado? Você é casado?

"Não, não acho que seja frustrado nem sinto necessidade de ter uma família ou da companhia de uma pessoa em particular. Economicamente, eu me contento com pouco. Sempre me senti atraído pela religião no sentido profundo da palavra, mas suponho que queria ser 'bem-sucedido' nesse campo também."

Se você não está frustrado, por que não está contente simplesmente por viver?

"Eu já não sou tão jovem e não quero apodrecer, vegetar."

Vamos expor o problema de forma diferente. No que você tem interesse? Não no que você *deveria* estar interessado, mas no que verdadeiramente está interessado.

"Realmente não sei."

Não está interessado em descobrir?

"Mas como vou descobrir?"

Você acha que tem um método, um modo de descobrir no que você está interessado? É realmente importante descobrir por si mesmo para que lado está seu interesse. Até agora, você experimentou algumas coisas, dedicou sua energia e inteligência a elas, mas elas não o satisfizeram plenamente. Ou você se esgotou realizando atividades que não eram de interesse fundamental para você, ou seu interesse real ainda está adormecido, esperando para ser despertado. Então, qual dos dois?

"Mais uma vez, não sei. Você pode me ajudar a descobrir?"

Você não quer descobrir por si mesmo a verdade da questão? Se você se esgotou, o problema demanda certa abordagem; mas se seu fogo ainda está adormecido, então o despertar dele é importante.

Agora, qual dos dois? Sem que eu diga qual, você não quer descobrir a verdade disso por si mesmo? A verdade do que *é* representa a própria ação disso. Se você estiver esgotado, então será uma questão de curar, recuperar, deixar de lado criativamente. Esse abandono criativo resulta do movimento de cultivar e plantar; é inação para futura ação completa. Ou pode ser que seu real interesse ainda não tenha sido despertado. Ouça e descubra. Se a intenção de descobrir existir, você descobrirá, não por investigação constante, mas por isso ser claro e ardente em sua intenção. Então você verá que durante as horas despertas há uma atenção alerta durante a qual você está colhendo cada insinuação daquele interesse latente, e que os sonhos também desempenham um papel relevante. Em outras palavras, a intenção põe em movimento o mecanismo da descoberta.

"Mas como vou saber qual interesse é o verdadeiro? Eu tenho vários interesses, e eles todos se extinguiram. Como vou saber que aquilo que eu descobrir como meu verdadeiro interesse também não se extinguirá?"

Não há garantias, claro; mas, como você está consciente dessa extinção, haverá uma atenção alerta para descobrir o real. Se me permite dizer, você não está buscando seu real interesse; mas, se estiver passivamente em um estado atento, o real interesse se revelará por si mesmo. Se você tentar descobrir qual é seu verdadeiro interesse, escolherá um contra o outro, ponderará, calculará, avaliará. Esse processo só cultiva oposição; você gasta suas energias imaginando se escolheu da maneira correta e assim por diante. Mas quando há consciência passiva, e não um esforço positivo de sua parte para descobrir, então, naquela consciência, vem o movimento do interesse. Experimente isso e você verá.

"Se eu não for precipitado demais, acho que estou começando a perceber meu interesse verdadeiro. Há uma animação vigorosa, um novo *elã*."

Educação e integração

Era uma linda manhã. O sol estava se pondo por trás de enormes nuvens negras, e contra elas avistavam-se várias palmeiras altas e esguias. O rio ficara dourado e os longínquos morros estavam incandescentes com o pôr do sol. Soavam trovões, mas, em direção às montanhas, o céu estava limpo e azul. O gado voltava do pasto e um menino o conduzia de volta para casa. Ele não devia ter mais de 10 ou 12 anos e, embora tivesse passado o dia inteiro sozinho, estava cantando e, de vez em quando, golpeava de leve os animais que se afastavam ou que eram muito lentos. Ele sorriu, e seu rosto escuro iluminou-se. Movido pela curiosidade e vagamente ansioso, parou e começou a fazer perguntas. Era um menino do povoado e não receberia educação escolar; jamais seria capaz de escrever e ler, mas já sabia o que significava estar sozinho consigo mesmo. Ele não sabia que estava só; isso provavelmente jamais lhe ocorrera, nem o deixava deprimido. Ele simplesmente estava sozinho e contente. Não estava contente com algo; simplesmente estava contente. Estar contente com algo é estar descontente. Buscar contentamento por meio de um re-

lacionamento é viver com medo. O contentamento que depende de um relacionamento é somente gratificação. O contentamento é um estado de não dependência. Dependência sempre produz conflito e oposição. É necessário haver liberdade para estar contente. A liberdade é e sempre deve ser o princípio; ela não é um fim, uma meta a ser alcançada. A pessoa jamais poderá ser livre no futuro. A liberdade futura não tem realidade, é apenas uma ideia. A realidade é o que *é*; e a consciência passiva do que *é* significa contentamento.

O professor disse que ensinava há muitos anos, desde que terminara a faculdade, e tinha um grande número de meninos sob sua responsabilidade em uma das instituições governamentais. Ele preparava alunos que podiam passar nas provas, que era o que o governo e os pais queriam. Claro, havia meninos brilhantes que recebiam oportunidades especiais, ganhavam bolsas de estudo e assim por diante, mas a maioria deles era indiferente, obtusa, preguiçosa e um tanto levada. Havia aqueles que se tornavam notáveis em qualquer que fosse o campo que entrassem, mas apenas poucos tinham a chama criativa. Durante todos os anos que ele ensinou, os meninos brilhantes foram muito raros; de vez em quando, havia um que talvez tivesse a qualidade do brilhantismo, mas geralmente acontecia de ele também ser logo sufocado por seu ambiente. Como professor, ele visitara muitas partes do mundo para estudar essa questão do menino brilhante, ocorria o mesmo em toda parte. Ele estava agora afastando-se da profissão do magistério, porque depois desses anos todos estava bastante entristecido com a situação. Por mais bem educados que os meninos fossem, em geral eles acabavam se tornando um grupo estúpido. Alguns eram inteligentes ou decididos e alcançavam altas posições, mas por trás do filtro de seu prestígio

e controle eles eram tão insignificantes e cheios de ansiedade quanto os demais.

"O sistema educacional moderno é um fracasso, pois produziu duas guerras devastadoras e um sofrimento assombroso. Aprender a ler e escrever, e adquirir técnicas variadas, que é o refinamento da memória, obviamente, não é suficiente, pois isso produziu uma dor inexprimível. O que você considera que seja o objetivo final da educação?"

Não é produzir um indivíduo integrado? Se esse não for o "objetivo" da educação, então devemos ter clareza se o indivíduo existe para a sociedade ou se a sociedade existe para o indivíduo. Se a sociedade precisa do indivíduo e o usa para seus próprios objetivos, então não está preocupada com o refinamento de um ser humano integrado; o que ela quer é uma máquina eficiente, um cidadão adaptado e respeitável, e isso requer apenas integração muito superficial. Desde que o indivíduo obedeça e esteja disposto a ser completamente condicionado, a sociedade o considerará útil e gastará tempo e dinheiro com ele. Mas, se a sociedade existe para o indivíduo, então ela precisa ajudar a libertá-lo de sua própria influência condicionadora. Ela deve educá-lo para se formar como um ser humano integrado.

"O que você quer dizer com ser humano integrado?"

Para responder a esta pergunta é necessário abordá-la negativa e indiretamente; não se pode considerar seu aspecto positivo.

"Não entendo o que quer dizer."

Declarar positivamente o que é um ser humano integrado apenas cria um padrão, um molde, um exemplo que tentamos imitar; e a imitação de um padrão não é um indício de desintegração? Quando tentamos copiar um exemplo, pode haver integração? Certamente, a imitação é um processo de desintegração; e isso não é o que está acontecendo no mundo? Estamos

todos nos tornando muito bons em reproduzir gravações, como se fôssemos discos; repetimos o que supostas religiões nos ensinaram ou o que o último líder político, econômico ou religioso disse. Aderimos a ideologias e frequentamos coletivamente comícios políticos; há divertimento coletivo nos esportes, há cultos coletivos, há hipnose coletiva. Isso é um sinal de integração? Conformidade não é integração, é?

"Isso leva à própria questão fundamental da disciplina. Você é contra a disciplina?"

O que você quer dizer por disciplina?

"Existem muitas formas de disciplina: a disciplina na escola, a disciplina da cidadania, a disciplina do partido, as disciplinas social e religiosa e a disciplina autoimposta. A disciplina pode decorrer de uma autoridade interna ou externa."

Fundamentalmente, a disciplina sugere algum tipo de conformidade, não é? É a conformidade a um ideal, a uma autoridade; é o aperfeiçoamento da resistência que, necessariamente, gera oposição. Resistência é oposição. A disciplina é um processo de isolamento, quer seja isolamento com um grupo particular ou o isolamento da resistência individual. A imitação é uma forma de resistência, não é?

"Você quer dizer que a disciplina destrói a integração? O que aconteceria se você não tivesse disciplina na escola?"

Não é mais importante entender o significado essencial da disciplina, em vez de tirar conclusões precipitadas ou adotar exemplos? Estamos tentando ver quais são os fatores de desintegração ou o que atrapalha a integração. A disciplina, no sentido de conformidade, resistência, oposição, conflito, não é um dos fatores de desintegração? Por que nos conformamos? Não apenas pela segurança física, mas também por conforto e segurança psicológicos. Consciente ou inconscientemente, o medo da inse-

gurança cria conformidade tanto externa quanto interna. Todos nós precisamos ter algum tipo de segurança material; mas é o medo da insegurança psicológica que torna a segurança material impossível, a não ser para uns poucos. O medo é a base de toda a disciplina: o medo de não ser bem-sucedido, de ser punido, de não ganhar e assim por diante. Disciplina é imitação, repressão, resistência, e, quer ela seja consciente ou inconsciente, será resultado do medo. O medo não é um dos fatores da desintegração?

"Pelo que você substituiria a disciplina? Sem disciplina haveria um caos ainda maior do que há agora. Não é necessário algum tipo de disciplina para a ação?"

Entender o falso como o falso, ver a verdade no falso e ver a verdade como a verdade é o princípio da inteligência. Não é uma questão de substituição. Você não pode substituir o medo por outra coisa; se você o fizer, o medo ainda estará presente. Você pode ocultá-lo ou fugir dele, mas o medo permanecerá. O importante é a eliminação do medo, não a descoberta de um substituto. A disciplina, sob qualquer forma, seja ela qual for, nunca poderá produzir libertação do medo. O medo tem de ser observado, estudado, entendido. O medo não é uma abstração; ele toma forma somente em relação a algo, e é esse relacionamento que tem de ser entendido. Entender não é resistir ou se opor. A disciplina, então, em seu sentido mais amplo e profundo, não é um fator de desintegração? O medo, com sua imitação e repressão resultantes, não é uma força de desintegração?

"Mas como alguém pode se libertar do medo? Em uma turma de vários alunos, a não ser que exista algum tipo de disciplina — ou, se preferir, medo —, como poderá haver ordem?"

Com poucos alunos e o tipo certo de educação. Isso, claro, não será possível enquanto o Estado estiver interessado em cidadãos produzidos em massa. O Estado prefere educação em massa;

os governantes não querem o incentivo ao descontentamento, pois suas posições logo seriam insustentáveis. O Estado controla a educação, intervém e condiciona a entidade humana para seus próprios objetivos; e o modo mais fácil de fazer isso é por meio do medo, da disciplina, do castigo e da recompensa. A libertação do medo é outro assunto; o medo tem de ser entendido, não combatido, reprimido ou sublimado.

O problema da desintegração é bastante complexo, como todo os outros problemas humanos. O conflito não é outro fator de desintegração?

"Mas o conflito é essencial; do contrário, estagnaríamos. Sem luta, não haveria progresso, nem avanço, nem cultura. Sem esforço, sem conflito, ainda seríamos selvagens."

Talvez ainda o sejamos. Por que sempre tiramos conclusões precipitadas ou nos opomos quando algo novo é sugerido? Somos, obviamente, selvagens quando matamos milhares por uma ou outra causa, por nosso país; matar outro ser humano é o cúmulo da selvageria. Mas vamos prosseguir com aquilo que estávamos falando. O conflito não é um sinal de desintegração?

"O que você quer dizer por conflito?"

Conflito em todas as formas: entre marido e mulher, entre dois grupos de pessoas com ideias conflitantes, entre o que existe e a tradição, entre o que *é* e o ideal, o que *deveria* ser, o futuro. O conflito é uma luta interna e externa. No momento, há conflito em todos os diversos níveis de nossa existência, tanto nos conscientes quanto nos inconscientes. Nossa vida é uma série de conflitos, um campo de batalha — e para quê? Nós chegamos à compreensão por meio da luta? Poderei entendê-lo se eu estiver em conflito com você? Para entender é preciso haver certa quantidade de paz. A criação só pode acontecer na paz, na felicidade, não quando há conflito, luta. Nossa batalha constante é

entre o que *é* e o que *deveria* ser, entre tese e antítese; aceitamos esse conflito como inevitável, e o inevitável tornou-se a norma, a verdade — embora possa ser falso. O que *é* pode ser transformado pelo conflito com seu oposto? Eu sou *isso* e, ao lutar para ser *aquilo*, que é o oposto, mudei *isso*? O oposto, a antítese, não é uma projeção modificada do que *é*? O oposto não tem sempre os elementos do próprio oposto? Pela comparação, há entendimento do que *é*? Qualquer conclusão sobre o que *é* não é um estorvo para o entendimento do que *é*? Se pretende entender algo, você não precisa observá-lo, estudá-lo? Você conseguirá estudá-lo francamente se tiver ideias preconcebidas contra ou a favor disso? Se pretende entender seu filho, você não precisa estudá-lo, sem se identificar com ele nem reprová-lo? Certamente, se você estiver em conflito com seu filho, não haverá entendimento dele. Então, o conflito é mesmo essencial ao entendimento?

"Há outro tipo de conflito, o conflito de aprender como fazer uma coisa, adquirir uma técnica? A pessoa talvez tenha uma visão intuitiva de algo, mas isso precisa tornar-se visível, e realizar isso é uma luta, envolve grande dose de dificuldade e dor."

Certa quantidade, é verdade; mas a própria criação não é o meio? O meio não está separado do fim; o fim está de acordo com o meio. A expressão está de acordo com a criação; o estilo está de acordo com o que você tem a dizer. Se você tem algo a dizer, esse algo cria o próprio estilo. Mas, se o indivíduo for um mero técnico, então não haverá um problema vital.

O conflito em qualquer campo é produtivo ao entendimento? Não há uma cadeia contínua de conflitos no esforço, na vontade de ser, de se tornar, seja isso positivo ou negativo? A causa do conflito não se torna o efeito, que, por sua vez, se torna a causa? Não há libertação do conflito até haver entendimento do que *é*. O que *é* jamais pode ser entendido pelo filtro da ideia;

deve ser abordado como uma coisa nova. Como o que *é* nunca está estático, a mente precisa não estar ligada ao conhecimento, a uma ideologia, a uma crença, a uma conclusão. Pela própria natureza, o conflito é separador, como toda oposição; e a exclusão, a separação, não é um fator de desintegração? Qualquer forma de poder, quer individual ou do Estado, qualquer esforço para se tornar mais ou menos é um processo de desintegração. Todas as ideias, crenças, sistemas de pensamento, são separadores, excludentes. O esforço, o conflito, não pode, em qualquer circunstância, produzir entendimento e, então, é um fator degenerador no indivíduo, assim como na sociedade.

"O que, então, é integração? Entendo mais ou menos quais são os fatores de desintegração, mas isso é apenas uma negação. Pela negação não se pode chegar à integração. Posso saber o que está errado, o que não significa que eu saiba o que está certo."

Certamente, quando o falso é visto como falso, o verdadeiro *existe*. Quando a pessoa está consciente dos fatores de degeneração, não apenas verbal mas intimamente, não existe integração? A integração é estática, algo a ser obtido e liquidado? Não é possível chegar-se à integração; a chegada é a morte. Não é uma meta, um fim, mas um estado de ser; é uma coisa viva, e como pode uma coisa viva ser uma meta, um objetivo? O desejo de ser integrado não é diferente de qualquer outro desejo, e todos os desejos são causa de conflito. Quando não há conflito, há integração. A integração é um estado de atenção total. Não pode haver atenção total se houver esforço, conflito, resistência, concentração. Concentração é fixação; a concentração é um processo de separação, exclusão, e a atenção total não é possível quando há exclusão. Excluir é reduzir, e a redução jamais pode estar consciente da totalidade. A atenção total, inteira, não é possível

quando há reprovação, justificação ou identificação, ou quando a mente está perturbada por conclusões, especulações, teorias. Só quando entendemos os obstáculos é que existe a liberdade. A liberdade é uma abstração para o homem na prisão; mas a observação atenta e passiva revela os obstáculos, e com a libertação desses, a integração toma forma.

Castidade

O ARROZ ESTAVA AMADURECENDO, o verde tinha um toque de dourado, e o sol da tarde o cobria. Existiam longas e estreitas valas cheias d'água, e a água aprisionava a luz que escurecia. As palmeiras inclinavam-se sobre as plantações de arroz ao longo de toda a margem, e entre as palmeiras viam-se casinhas escuras e isoladas. A alameda serpenteava preguiçosamente através de plantações de arroz e bosques de palmeiras. Era uma alameda muito musical. Um menino tocava flauta, com a plantação de arroz diante dele. Ele tinha um corpo saudável, asseado, bem proporcionado e delicado, e trajava somente um pano branco e limpo sobre suas partes íntimas; o sol poente acabara de bater em seu rosto, e os olhos do garoto estavam sorrindo. Ele praticava a escala e, quando se cansava daquilo, tocava música. Ele estava realmente se divertindo com a atividade, e seu divertimento era contagiante. Embora eu tivesse me sentado a uma pequena distância dele, ele jamais parou de tocar. A luz do entardecer, o dourado verdejante do campo, o sol entre as palmeiras e esse menino tocando flauta pareciam dar à tarde um encanto que raramente

é sentido. Logo ele parou de tocar e se aproximou, sentando-se a meu lado; nenhum de nós disse uma palavra sequer, mas ele sorriu, e isso parecia encher os céus. Sua mãe chamou de dentro de uma casa escondida entre as palmeiras; ele não respondeu imediatamente, mas na terceira chamada ele se levantou, sorriu e foi embora. Mais adiante no caminho, uma menina estava cantando acompanhada por um instrumento de cordas, e ela tinha uma voz razoavelmente boa. Do outro lado do campo, alguém se apossou da música e cantou com uma voz cheia e desenvolta, e a menina parou e escutou até que a voz masculina terminou. Estava ficando escuro agora. A estrela vespertina estava sobre o campo e as rãs começaram a coaxar.

Como desejamos possuir o coqueiro, a mulher e os céus! Queremos ter o controle exclusivo, e as coisas parecem adquirir maior valor pela posse. Quando dizemos "é meu", o quadro parece tornar-se mais bonito, mais valioso; parece adquirir maior delicadeza, maior profundidade e inteireza. Há um estranho atributo de violência na posse. No momento em que alguém diz "é meu", o objeto torna-se algo a ser cuidado, defendido, e nesse próprio ato há uma resistência que gera violência. A violência está sempre buscando o sucesso; violência é autossatisfação. Ter sucesso é sempre fracassar. A chegada é a morte, e a viagem é eterna. Ganhar, ser vitorioso neste mundo, significa perder vida. Com que avidez buscamos um fim! Mas o fim é eterno, e também o é o conflito de sua busca. O conflito é uma superação constante, e o que é conquistado precisa ser conquistado repetidamente. O vitorioso está sempre com medo, e a posse é sua escuridão. O derrotado, ao ansiar pela vitória, perde o que ganhou, e então ele é como o vitorioso. Ter a tigela vazia é ter uma vida imortal.

*

Eles estavam casados há pouco tempo e ainda não tinham filhos. Eles pareciam tão jovens, tão distantes do mundo cotidiano, tão tímidos! Queriam discutir as coisas calmamente, sem pressa e sem a sensação de estarem fazendo os outros esperarem. Eles formavam um casal bonito, mas havia tensão em seus olhos; os sorrisos eram agradáveis, mas por trás deles havia certa ansiedade. Eles eram puros e inexperientes, mas havia um murmúrio de luta interna. O amor é uma coisa estranha; com que rapidez ele murcha, com que rapidez a fumaça abafa a chama! A chama não é sua nem minha; ela é apenas chama, nítida e suficiente; não é pessoal nem impessoal; não é nem de ontem nem de amanhã. Ela tem o calor da cura e um perfume que nunca é constante. Ela não pode ser possuída, monopolizada ou retida nas mãos de alguém. Se ela for agarrada, queimará e destruirá, e a fumaça encherá nosso ser; e, então, não haverá espaço para a chama.

Ele estava contando que estavam casados há dois anos e agora viviam tranquilamente não muito longe de uma cidade bem maior. Tinham uma pequena fazenda, de 80 ou 100 mil metros quadrados de arroz e frutas, e algum gado. Ele estava interessado em melhorar a raça dos animais e ela em arrumar trabalho no hospital local. Seus dias eram cheios, mas não da ocupação total da fuga. Eles nunca haviam tentado fugir de alguma coisa — exceto de seus parentes, que eram muito tradicionais e bastante chatos. Eles se haviam casado apesar da oposição da família e viviam sozinhos, com bem pouca ajuda. Antes de se casarem, conversaram sobre tudo, e decidiram não ter filhos.

Por quê?

"Ambos percebemos que o mundo está numa confusão medonha, e produzir mais bebês parecia um tipo de crime. Os filhos quase inevitavelmente se tornariam meros funcionários burocratas ou escravos de algum tipo de sistema econômico-

religioso. O ambiente os tornaria estúpidos ou espertos e cínicos. Além disso, não tínhamos dinheiro suficiente para educar uma criança adequadamente."

O que quer dizer com adequadamente?

"Para educar os filhos adequadamente teríamos de enviá-los para a escola não apenas aqui, mas também no exterior. Teríamos de cultivar sua inteligência, seu senso de valor e de beleza, e ajudá-los a tirar proveito da vida intensa e alegremente para terem paz de espírito. Também, claro, eles teriam de aprender algum tipo de técnica que não destruísse sua alma. Além disso tudo, considerando o quanto nós mesmos somos estúpidos, ambos sentimos que não deveríamos passar adiante nossas próprias reações e condicionamentos para nossos filhos. Não queríamos propagar exemplos modificados de nós mesmos."

Você quer dizer que os dois pensaram tudo isso de forma tão lógica e brutal antes de se casarem? Vocês prepararam um bom contrato; mas ele pode ser cumprido com a facilidade com que foi preparado? A vida é um pouco mais complexa do que um contrato verbal, não é?

"É isso que estamos descobrindo. Nenhum de nós falou sobre isso tudo com qualquer outra pessoa antes ou após nosso casamento, e o assunto tem sido uma de nossas dificuldades. Não conhecemos ninguém com quem possamos conversar francamente, pois a maioria das pessoas mais velhas tem um prazer arrogante em nos reprovar ou nos congratular. Ouvimos uma de suas palestras e tivemos vontade de vir discutir nosso problema com você. Outra coisa é que, antes de nosso casamento, juramos nunca ter qualquer relacionamento sexual um com o outro."

Mais uma vez, por quê?

"Somos ambos muito religiosos e queremos levar uma vida espiritual. Desde menino, quis ter uma vida menos mundana,

quis viver a vida de um saniase. Eu costumava ler muitos livros religiosos, o que apenas reforçou meu desejo. Na verdade, usei o manto cor de açafrão por quase um ano."

E você também?

"Eu não sou tão inteligente ou tão culta quanto ele, mas tenho uma forte formação religiosa. Meu avô tinha um emprego razoavelmente bom, mas deixou a mulher e os filhos para se tornar um saniase, e agora meu pai quer fazer o mesmo; até aqui, minha mãe está vencendo, mas um dia ele também poderá sumir, e eu tenho o mesmo impulso de seguir uma vida religiosa."

Então, se me permitem perguntar, por que se casaram?

"Queríamos a companhia um do outro", ele respondeu; "nós nos amávamos e tínhamos algo em comum. Sentíamos isso desde nossos primeiros dias juntos e não vimos motivo para não casar oficialmente. Pensamos em não fazê-lo e viver juntos sem sexo, mas isso criaria problemas desnecessários. Depois de nosso casamento, tudo correu bem por cerca de um ano, mas nosso anseio um pelo outro tornou-se quase intolerável. Acabou ficando tão insuportável que eu me acostumei a sair; não conseguia fazer meu trabalho, não conseguia pensar em qualquer outra coisa e tinha sonhos ardentes. Fiquei mal-humorado e irritado, embora não tenhamos trocado sequer uma palavra áspera. Nós nos amamos e não poderíamos nos magoar com palavras ou atos; mas estávamos queimando um pelo outro como o sol do meio-dia, e decidimos finalmente vir conversar com você. Literalmente, não posso continuar a manter os votos que ela e eu fizemos. Você não tem ideia de como isso tem sido difícil."

E você?

"Qual é a mulher que não quer ter um filho do homem que ama? Eu não sabia que era capaz de tanto amor e também tenho vivido dias de tortura e noites de agonia. Tornei-me histérica,

chorava por qualquer coisa e, em certos períodos do mês, era um pesadelo. Eu esperava que algo acontecesse, mas, embora conversássemos a esse respeito, não adiantava nada. Então puseram em funcionamento um hospital nas proximidades e pediram minha ajuda, e eu fiquei encantada em me afastar de tudo. Mas, ainda assim, não adiantou. Vê-lo tão perto todos os dias..." Ela estava chorando agora, com seu coração. "Portanto, viemos discutir isso. O que você diz?"

A vida religiosa destina-se a castigar a pessoa? A mortificação do corpo ou da mente é um sinal de entendimento? A autotortura é um caminho para a realidade? A castidade é negação? Vocês acham que conseguem ir longe por meio da renúncia? Vocês realmente acham que pode haver paz por intermédio do conflito? Os meios não têm importância infinitamente maior do que os fins? O fim *pode ser*, mas o meio *é*. O real, o que *é*, precisa ser entendido, e não sufocado por determinações, ideais e racionalizações astutas. O sofrimento não é o caminho para a felicidade. Aquilo que chamam de paixão tem de ser entendido, e não reprimido ou sublimado, e não é bom encontrar um substituto para isso. O que quer que façam, qualquer truque que inventem somente reforçará aquilo que não foi amado e entendido. Amar o que chamamos paixão é entendê-la. Amar é estar em comunhão direta; e você não poderá amar algo se ressentir-se com isso, se tiver ideias e conclusões a esse respeito. Como você pode amar e entender a paixão se fez votos contra ela? Um voto é uma forma de resistência, e aquilo ao qual resiste acaba vencendo você. A verdade não é para ser conquistada; você não pode tomá-la de assalto; ela escorregará por suas mãos se tentar agarrá-la. A verdade chega silenciosamente, sem você saber. O que você sabe não é a verdade; é apenas uma ideia, um símbolo. A sombra não é o real.

Certamente, nosso problema é entendermos a nos mesmos, e não destruirmos a nós mesmos. Destruir é algo relativamente fácil. Você tem um padrão de ação que espera que conduzirá à verdade. O padrão é sempre a própria criação, está de acordo com o próprio condicionamento, assim como o fim. Você cria o padrão e depois faz um voto para realizá-lo. Essa é a fuga suprema de si mesmo. Você não é aquele padrão autoprojetado e o processo dele; você é o que é, o desejo, o anseio. Se realmente quiser transcender e se libertar do anseio, terá de entendê-lo completamente, sem reprová-lo nem aceitá-lo; mas essa é uma arte que só vem pela observação atenta, temperada com profunda passividade.

"Li algumas de suas palestras e pude acompanhar o que quer dizer. Mas o que realmente devemos fazer?"

É sua vida, seu sofrimento, sua felicidade e podem outros lhes dizer o que devem ou não devem fazer? Os outros já não lhes disseram? Os outros são o passado, a tradição, o condicionamento do qual vocês são parte. Vocês ouviram outros, ouviram a si mesmos e estão nessa situação difícil; e ainda buscam conselhos de outros, que são de vocês mesmos? Vocês ouvirão, mas aceitarão o que for agradável e rejeitarão o que for doloroso, e ambos são aprisionadores. Seu voto contra a paixão é o princípio da infelicidade, do mesmo modo que a indulgência dela também o é; mas o importante é entender esse processo todo do ideal, de fazer um juramento, da disciplina, da dor, tudo isso como uma profunda fuga da pobreza interior, da dor da insuficiência interna, da solidão. Esse processo inteiro é você mesmo.

"Mas e os filhos?"

Novamente, não existe um "sim" ou "não'. A busca pela resposta através da mente não leva a lugar algum. Nós usamos os filhos como peões no jogo de nosso engano, e acumulamos infelicidade; nós os usamos como outro meio de fuga de nós mes-

mos. Quando os filhos não são usados como meios, eles têm um significado que não é o que você, a sociedade ou o Estado podem dar a eles. A castidade não é uma coisa da mente; a castidade é a própria natureza do amor. Sem amor, não importa o que fizerem, não poderá haver castidade. Se houver amor, sua pergunta encontrará a resposta verdadeira.

Eles permaneceram naquela sala, totalmente calados, por um longo tempo. Palavras e gestos haviam chegado ao fim.

O medo da morte

No solo vermelho na frente da casa havia uma quantidade de flores parecidas com trompas com miolos dourados. Tinham grandes pétalas cor de violeta e um perfume delicado. Elas seriam varridas durante o dia, mas na escuridão da noite cobriam o solo vermelho. A trepadeira era forte, com folhas denteadas que cintilavam ao sol da manhã. Algumas crianças caminhavam despreocupadamente sobre as flores, e um homem entrando apressadamente em seu carro nem mesmo olhou para elas. Um passante pegou uma, cheirou-a e a levou embora, para soltá-la logo depois. Uma mulher, que devia ser uma empregada doméstica, saiu da casa, pegou uma flor e a colocou nos cabelos. Como eram bonitas aquelas flores e com que rapidez estavam murchando ao sol!

"Sempre me senti atormentado por algum tipo de medo. Quando criança, eu era muito tímido, retraído e sensível, e agora tenho medo da velhice e da morte. Sei que todos vamos morrer, mas nenhuma racionalização parece acalmar esse temor. Ingressei na Sociedade de Pesquisas Mediúnicas, compareci a algumas

sessões espíritas e li o que os grandes mestres falaram sobre a morte; mas o medo dela ainda está presente. Até tentei a psicanálise, mas isso também não funcionou. Esse medo se tornou realmente um problema para mim; acordo no meio da noite com sonhos apavorantes, e todos eles são, de um modo ou de outro, em relação à morte. Tenho um medo invulgar de violência e morte. A guerra foi um pesadelo contínuo para mim, e agora estou de fato muito perturbado. Não é uma neurose, mas consigo perceber que pode vir a sê-lo. Já fiz tudo que podia para controlar esse medo; tentei fugir dele, mas, no final, não consegui me livrar. Ouvi algumas palestras bastante tolas sobre reencarnação e estudei um pouco as literaturas hindu e budista relacionadas ao tema. Mas tudo foi bastante insatisfatório, pelo menos para mim. Meu medo não é simplesmente superficial, mas muito profundo."

Como você aborda o futuro, o amanhã, a morte? Você está tentando encontrar a verdade da questão ou busca ser reconfortado por uma confirmação gratificante de continuidade ou de aniquilação? Você quer a verdade ou uma resposta reconfortante?

"Quando você coloca desse modo, realmente não sei do que tenho medo; mas o medo tanto existe quanto é premente."

Qual é seu problema? Você quer libertar-se do medo ou está buscando a verdade em relação à morte?

"O que você quer dizer com a verdade em relação à morte?"

A morte é um fato inevitável; faça o que quiser, ela é irrevogável, final e verdadeira. Mas você quer conhecer a verdade do que está além da morte?

"De tudo que estudei e de algumas materializações que vi nas sessões espíritas, há, obviamente, algum tipo de continuidade após a morte. O pensamento continua, de alguma forma, o que você mesmo já afirmou. Exatamente como a radiodifusão de músicas, palavras e imagens exigem um receptor do outro lado,

assim o pensamento que continua após a morte precisa de um instrumento pelo qual possa se expressar. O instrumento pode ser um médium, ou o pensamento pode encarnar-se de outra maneira. Isso é tudo razoavelmente claro e pode ser experimentado e entendido; porém, apesar de eu me haver aprofundado um pouco nesse assunto, ainda existe um medo insondável que acho que está definitivamente associado à morte."

A morte é inevitável. Pode-se dar um fim à continuidade ou ela pode ser alimentada e mantida. Aquilo que tem continuidade jamais pode renovar-se, nunca pode ser o novo, não pode jamais entender o desconhecido. Continuidade é duração, e aquilo que é perene não é o atemporal. Ao longo do tempo, da duração, o atemporal não existe. Precisa haver fim para o novo existir. O novo não está dentro da continuação do pensamento. O pensamento é o movimento contínuo no tempo; esse movimento não pode encerrar dentro de si mesmo um estado de existência que não seja temporal. O pensamento se baseia no passado, sua própria existência é temporal. O tempo não é só cronológico, mas é considerado um movimento do passado através do presente para o futuro; é o movimento da memória, da palavra, da imagem, do símbolo, do registro, da repetição. O pensamento, a memória, é contínuo pela palavra e repetição. O fim do pensamento é o início do novo; a morte do pensamento é a vida eterna. Precisa haver constante fim para o novo existir. Aquilo que é novo não é contínuo; o novo jamais pode existir dentro do campo do tempo. O novo está somente na morte a cada instante. Deve haver morte todos os dias para o desconhecido existir. O fim é o começo, mas o medo impede o fim.

"Eu sei que tenho medo e não sei o que existe além disso."

O que você quer dizer com medo? O que é medo? Medo não é uma abstração, ele não existe de forma independente, em isola-

mento. Ele toma forma somente em relação a algo. No processo do relacionamento, o medo se manifesta; não existe medo separado de relacionamento. Então, do que é que você tem medo? Você diz que tem medo da morte. O que você quer dizer por morte? Embora tenhamos teorias, especulações e existam certos fatos observáveis, a morte ainda é o desconhecido. Seja lá o que saibamos sobre ela, a própria morte não pode ser trazida para o campo do conhecido; nós estendemos a mão para entendê-la, mas ela não está lá. A associação é o conhecido, e o desconhecido não pode ser transformado em conhecido; o hábito não consegue captá-la, portanto há medo.

O conhecido, a mente, poderá algum dia abarcar ou conter o desconhecido? A mão que se estende pode receber apenas o reconhecível; ela não pode segurar o irreconhecível. Desejar experienciar é dar continuidade ao pensamento; é dar força ao passado; é incrementar o conhecido. Você quer experienciar a morte, não é? Embora vivo, você quer saber o que a morte é. Mas você sabe o que é viver? Você conhece a vida somente como conflitos, confusões, antagonismos, alegrias e dores passageiros. Mas isso é a vida? A luta e o sofrimento são a vida? Nesse estado que chamamos de vida, queremos experienciar algo que não está em nosso próprio campo de consciência. Essa dor, essa luta, o ódio que está envolto na alegria, é o que chamamos de viver; e queremos experienciar algo que é o oposto do que chamamos viver. O oposto é a continuação do que *é*, talvez modificado. Mas a morte não é o oposto. É o desconhecido. O reconhecível anseia experienciar a morte, o desconhecido; mas faça ele o que quiser, não conseguirá experienciar a morte, portanto ele tem medo. É isso?

"Você expôs isso com clareza. Se eu pudesse conhecer ou experienciar o que é a morte enquanto estou vivo, então certamente o medo cessaria."

Como você não pode experienciar a morte, tem medo dela. Pode o consciente experienciar aquele estado que não é para ser trazido para a existência pelo consciente? Aquilo que pode ser experienciado é a projeção do consciente, o conhecido. O conhecido só pode experienciar o conhecido; a experiência está sempre dentro do campo do conhecido; o conhecido não pode experienciar o que está além de seu campo. Experienciação é completamente diferente de experiência. A experienciação não está dentro do campo do experienciador; mas quando a experienciação desaparece gradualmente, o experienciador e a experiência tomam forma, e, então, a experienciação é trazida ao campo do conhecido. O conhecedor, o experienciador, anseia pelo estado da experienciação, o desconhecido; e quando o experienciador, o conhecedor, não consegue entrar no estado da experienciação, ele tem medo. Ele *é* o medo, ele não está separado dele. O experienciador do medo não é um observador dele; ele é o próprio medo, o mesmo instrumento do medo.

"O que você quer dizer com medo? Eu sei que tenho medo da morte. Não sinto que eu *seja* o medo, mas tenho medo *de* algo. Eu tenho medo e sou separado do medo. O medo é uma sensação distinta do 'eu' que está olhando para ele, o analisando. Eu sou o observador e o medo é o observado. Como o observador e o observado podem ser o mesmo?"

Você diz que você é o observador e que o medo é o observado. Mas é isso mesmo? Você é uma entidade separada de seus atributos? Você não é idêntico a seus atributos? Você não é seus pensamentos, emoções etc.? Você não está separado de seus atributos, de seus pensamentos. Você *é* seus pensamentos. O pensamento cria o "você", a entidade supostamente separada; sem pensamento, o pensador não existe. Ao ver a impermanência de si mesmo, o pensamento cria o pensador como o permanente, o duradou-

ro; e o pensador depois se torna o experienciador, o analisador, o observador separado do transitório. Todos ansiamos por algum tipo de permanência, e percebendo a impermanência em nós o pensamento cria o pensador, que é supostamente para ser permanente. O pensador depois prossegue, para criar outros estados, mais elevados, de permanência a alma, o *atman*, o ser superior e assim por diante. O pensamento é a base dessa estrutura toda. Mas isso é outro assunto. Estamos interessados no medo. O que é medo? Vamos ver o que é isso.

Você diz que tem medo da morte. Como não pode experienciá-la, tem medo dela. A morte é o desconhecido, e você teme o desconhecido. É isso? Agora, você pode ter medo daquilo que não conhece? Se algo lhe é desconhecido, como você pode ter medo disso? Você está realmente com medo não do desconhecido, da morte, mas da perda do conhecido, porque isso pode causar dor ou levar embora seu prazer, sua satisfação. É o conhecido que causa medo, não o desconhecido. Como o desconhecido pode causar medo? Ele não é mensurável em termos de prazer e dor: ele é desconhecido.

O medo não pode existir por si mesmo; ele vem em relação a algo. Você está realmente com medo do conhecido na relação dele com a morte, não é? Como você se prende ao conhecido, a uma experiência, tem medo do que o futuro possa ser. Mas "o que pode ser", o futuro, é simplesmente uma reação, uma especulação, o oposto do que *é*. É isso, não é?

"Sim, parece que é isso."

E você conhece o que *é*? Você o entende? Você abriu o armário do conhecido e olhou para ele? Você também não tem medo do que pode descobrir lá? Você já investigou o conhecido, o que você possui?

"Não, ainda não. Sempre vi o conhecido como natural. Aceitei o passado como se aceitam a luz do sol ou a chuva. Nunca considerei isso; a pessoa é quase inconsciente dele, como o é de sua sombra. Agora que você mencionou isso, acho que também tenho medo de descobrir o que pode haver lá."

A maioria de nós não tem medo de olhar para si mesmo? Podemos descobrir coisas desagradáveis, então achamos melhor não olhar, preferimos ser ignorantes ao que *é*. Não temos medo apenas do que pode ser no futuro, mas também do que pode ser no presente. Temos medo de conhecer a nós mesmos como somos, e essa evitação do que *é* está fazendo com que tenhamos medo do que *possa* ser. Abordamos o suposto conhecido com medo, e também o desconhecido, a morte. A evitação do que *é* é o desejo por gratificação. Nós estamos buscando segurança, exigindo constantemente que não haja perturbação; e esse desejo de não sermos perturbados nos faz evitar o que *é* e temer o que *poderia* ser. Medo é a ignorância do que *é*, e nossa vida se passa em um constante estado de medo.

"Mas como alguém se livra desse medo?"

Para se livrar de algo você precisa entender esse algo. Há medo ou apenas o desejo de não ver? É o desejo de não ver que causa medo; e quando você não quer entender o total significado do que *é*, o medo atua como uma defesa. Você pode viver uma vida gratificante ao evitar deliberadamente toda a investigação do que *é*, e muitos fazem isso; mas eles não são felizes nem o são aqueles que se divertem com um estudo superficial do que *é*. Somente aqueles que são sinceros em sua investigação podem estar conscientes da felicidade; só para eles há libertação do medo.

"Então, como a pessoa vem a entender o que *é*?"

O que *é* deve ser visto no espelho do relacionamento, em relação a todas as coisas. O que *é* não pode ser entendido em reco-

lhimento, em isolamento; ele não pode ser entendido se houver o intérprete, o tradutor que nega ou aceita. O que *é* só pode ser entendido quando a mente está completamente passiva, quando ela não está atuando sobre o que *é*.

"Não é extremamente difícil ser passivamente consciente?"

É, enquanto há pensamento.

A fusão do pensador e de seus pensamentos

Era um lago pequeno, mas muito bonito. A grama cobria suas margens e alguns degraus levavam até ele. Havia um pequeno templo branco em uma das extremidades e, à sua volta, palmeiras altas e esguias. O templo era bem construído e bem cuidado; estava imaculadamente limpo, e naquela hora, quando o sol estava bem por trás do bosque de palmeiras, não havia ninguém lá, nem mesmo o sacerdote que tratava do templo e de seu conteúdo com grande veneração. Esse templo pequeno e decorativo transmitia uma atmosfera de paz ao lago; o lugar era muito quieto, e até os pássaros estavam silenciosos. A brisa leve que balançara as palmeiras estava diminuindo e algumas nuvens flutuavam pelo céu, radiante com o sol do entardecer. Uma cobra nadava no lago, aparecendo e desaparecendo entre as folhas de lótus. A água era muito clara e havia lótus rosas e violetas. Seu perfume delicado mantinha-se próximo da água e das margens verdes. Não havia nada se movendo agora, e o encantamento do lugar parecia encher a terra. Mas a beleza daquelas flores! Elas estavam muito imóveis e uma ou duas começavam a se fechar para a

noite, expulsando a escuridão. A cobra cruzara o lago, viera até a margem e estava passando por perto; seus olhos eram como contas negras brilhantes e sua língua bifurcada estava brincando como uma pequena chama, abrindo um caminho para a cobra passar.

Especulação e imaginação são um estorvo para a verdade. A mente que especula jamais pode conhecer a beleza do que *é*; ela fica presa na rede das próprias imagens e palavras. Por mais longe que consiga vagar em sua produção de imagens, ela ainda estará na sombra de sua própria estrutura e jamais poderá ver o que está além de si mesma. A mente sensível não é imaginativa. A faculdade de criar imagens limita a mente; essa mente está ligada ao passado, à lembrança, que a torna insensível. Somente a mente quieta é sensível. A acumulação de qualquer forma é uma carga; e como a mente pode ser livre quando está sobrecarregada? Apenas a mente livre é sensível; no estar livre encontra-se o imponderável, o implícito, o desconhecido. A imaginação e a especulação impedem o livre, o sensível.

Ele passara muitos anos, disse, em busca da verdade. Estivera em torno de muitos mestres, muitos gurus, e, estando ainda em sua peregrinação, parara aqui para pedir informações. Bronzeado pelo sol e esguio pelas caminhadas, era um asceta que havia renunciado ao mundo e deixado o próprio país distante. Por meio da prática de certas disciplinas, com grande dificuldade aprendera a se concentrar e a subjugar seus desejos. Um estudioso, com citações prontamente disponíveis, ele era bom na argumentação e rápido nas conclusões. Aprendera sânscrito, e as frases ressonantes do idioma eram fáceis para ele. De certa forma, tudo isso aguçara sua mente; mas a mente que é aguçada não é flexível, livre.

Para entender, para descobrir, a mente não deve ser livre desde o início? Uma mente que seja disciplinada, reprimida, poderá algum dia ser livre? A liberdade não é a meta final; ela deve estar no próprio início, não é? Uma mente que seja disciplinada, controlada, está livre dentro do próprio padrão; mas isso não é liberdade. O fim da disciplina é a conformidade; seu caminho leva ao conhecido, e o conhecido nunca é o livre. A disciplina com seu medo é a ganância da realização.

"Estou começando a perceber que existe algo de errado com todas essas disciplinas. Embora eu tenha passado muitos anos tentando moldar meus pensamentos para o padrão desejado, descubro que não estou chegando a lugar algum."

Se os meios forem a imitação, o fim deverá ser uma cópia. Os meios criam o fim, não é? Se a mente for moldada no início, ela também deverá estar condicionada no fim; e como uma mente condicionada poderá um dia ser livre? Os meios são o fim, eles não são dois processos separados. É uma ilusão pensar que pelos meios errados a verdade pode ser alcançada. Quando o meio é a repressão, o fim também deverá ser um produto do medo.

"Tenho uma vaga sensação da inadequação das disciplinas, mesmo quando as pratico, como ainda o faço; elas são agora quase um hábito inconsciente. Desde a infância, minha educação foi um processo de conformidade, e a disciplina foi quase instintiva comigo desde que coloquei esse manto. A maioria dos livros que li e todos os gurus com quem estive recomendam o controle de uma forma ou outra, e você não tem ideia de como fui atrás disso. Portanto, o que diz parece quase uma blasfêmia; é realmente um choque para mim, mas é obviamente verdadeiro. Será que meus anos foram desperdiçados?"

Eles teriam sido desperdiçados se suas práticas agora impedissem o entendimento, a receptividade à verdade, ou seja, se

esses impedimentos não fossem observados com sensatez e profundamente entendidos. Estamos tão entrincheirados em nosso próprio faz de conta que a maioria de nós não ousa olhar para isso ou além disso. O próprio anseio de entender é o início da liberdade. Então, qual é nosso problema?

"Estou buscando a verdade e fiz das disciplinas e práticas de vários tipos os meios para aquele fim. Meu instinto mais profundo me incita a buscar e encontrar e não estou interessado em outra coisa qualquer."

Vamos começar perto para chegar longe. O que quer dizer com buscar? Você está procurando verdade? E ela pode ser encontrada pela busca? Para buscar a verdade você precisa saber o que ela é. A busca implica um conhecimento antecipado, algo já sentido ou conhecido, não é? A verdade é algo a ser conhecido, reunido e mantido? Não é a insinuação dela uma projeção do passado e, assim, não a verdade em absoluto, mas uma lembrança? A busca implica um processo exterior ou interior, não é? E a mente não deve estar quieta para a realidade ser? A busca é o esforço para ganhar mais ou menos, é aquisitividade negativa ou positiva; e enquanto a mente for a concentração, o foco do esforço, do conflito, ela poderá estar quieta? Pode a mente ser aquietada pelo esforço? Você pode *fazê-la* quieta pela compulsão; mas o que é feito pode ser desfeito.

"Mas não é essencial algum tipo de esforço?"

Vamos ver. Vamos investigar a verdade da busca. Para buscar, deve haver um buscador, uma entidade separada daquilo que se busca. E existe essa entidade separada? O pensador, o experienciador, é diferente ou está separado de seus pensamentos e experiências? Sem investigar todo esse problema, a meditação não tem significado. Então precisamos entender a mente, o processo do ser. O que é a mente que busca, que escolhe, que tem medo, que nega e que justifica? O que é pensamento?

"Nunca abordei o problema dessa forma, e agora estou bastante confuso; mas, por favor, prossiga."

O pensamento é sensação, não é? Por meio da percepção e do contato, existe a sensação; disso, surge o desejo, desejo por isso e não por aquilo. O desejo é o início da identificação, o "meu" e o "não meu". O pensamento é a sensação verbalizada; o pensamento é a resposta da memória, a palavra, a experiência, a imagem. O pensamento é transitório, mutável, impermanente, e ele está buscando a permanência. Portanto, o pensamento cria o pensador, que, depois, torna-se o permanente; ele assume o papel do censor, do guia, do controlador, do moldador do pensamento. Essa entidade permanente ilusória é o produto do pensamento, do transitório. Essa entidade é pensamento; sem o pensamento, ela não existe. O pensador é composto de qualidades; suas qualidades não podem ser separadas dele mesmo. O controlador é o controlado, ele está simplesmente jogando um jogo enganoso consigo mesmo. Até que o falso seja visto como o falso, a verdade não existe.

"Então, quem é o que vê, o experienciador, a entidade que diz 'eu entendo'?"

Enquanto há o experienciador lembrando da experiência, a verdade não existe. A verdade não é algo para ser lembrado, armazenado, registrado e depois apresentado. O que é acumulado não é verdade. O desejo de experienciar cria o experienciador, que depois acumula e lembra. O desejo produz a separação do pensador de seus pensamentos; o desejo de se tornar, de experienciar, de ser mais ou de ser menos, cria a divisão entre o experienciador e a experiência. A consciência do comportamento habitual do desejo é autoconhecimento. O autoconhecimento é o início da meditação.

"Como pode haver a fusão do pensador com seus pensamentos?"

Não pela ação da vontade, nem pela disciplina, nem por formas de esforço, controle ou concentração, nem por quaisquer outros meios. O uso de um meio implica um agente atuando, não é? Enquanto houver um ator, haverá uma divisão. A fusão só acontece quando a mente está completamente quieta, sem tentar ficar quieta. Há essa serenidade não quando o pensador chega ao fim, mas somente quando o próprio pensamento chega ao fim. Precisa existir a libertação da resposta do condicionamento, que é pensamento. Cada problema só é resolvido quando a ideia, a conclusão, não existe; conclusões, ideias, pensamentos são a agitação da mente. Como pode haver entendimento quando a mente está agitada? A sinceridade precisa ser temperada com o ágil jogo da espontaneidade. Você descobrirá, se ouviu tudo que foi dito, que a verdade chegará nos momentos em que você não estiver esperando. Se me permite dizer, esteja aberto, seja sensível, esteja totalmente ciente do que *é* a cada momento. Não construa em torno de si um muro de pensamentos impregnáveis. A felicidade da verdade vem quando a mente não está ocupada com as próprias atividades e lutas.

A busca pelo poder

A VACA ESTAVA EM trabalho de parto, e as duas ou três pessoas que cuidavam regularmente das tarefas de ordenha, alimentação e limpeza estavam com ela naquele momento. Ela as observava, e se uma se afastava por algum motivo, chamava-a suavemente de volta. Nessa hora crucial, ela queria todos os amigos à sua volta; eles vieram, e ela estava contente, mas sofria com as fortes dores do parto. A cria nasceu, e era uma beleza, uma fêmea. A mãe levantou-se e deu uma volta em torno de sua nova bezerrinha, cutucando-a delicadamente de vez em quando; estava tão alegre que nos empurrava para o lado. E continuou a fazer isso por um longo tempo até que finalmente se cansou. Nós seguramos a bezerra para que mamasse, mas a mãe estava agitada demais. Finalmente, ela se acalmou, e não nos deixava ir embora. Uma das mulheres sentou-se no chão e a nova mamãe deitou-se e botou a cabeça em seu colo. Subitamente perdera o interesse em sua cria, e seus amigos eram mais importantes para ela agora. Fizera muito frio, mas finalmente o sol estava saindo por trás dos morros e estava ficando mais quente.

Ele era membro do governo e estava discretamente ciente de sua importância. Falava de sua responsabilidade com o povo; explicava como seu partido era superior e podia fazer tudo melhor do que a oposição, como eles estavam tentando pôr um fim à corrupção e ao mercado negro, mas como era difícil encontrar pessoas incorruptíveis porém eficientes, e como era fácil para os de fora criticar e culpar o governo pelas coisas que não estavam sendo feitas. Ele continuou, dizendo que quando as pessoas alcançassem sua idade, seriam mais moderadas nos seus julgamentos; mas a maioria das pessoas era ávida pelo poder, mesmo os ineficientes. No íntimo, éramos todos infelizes e sozinhos, embora alguns de nós tivessem habilidade para esconder nossa infelicidade e nosso anseio por poder. Por que existia essa ânsia por poder?

O que queremos dizer com poder? Cada indivíduo, cada grupo, está atrás do poder: para si mesmo, para o partido ou para a ideologia. O partido e a ideologia são uma extensão da pessoa. O asceta busca poder pela abnegação, e o mesmo faz a mãe por meio de seu filho. Há o impiedoso poder da eficiência e o poder da máquina nas mãos de uns poucos; há a dominação de um indivíduo por outro, a exploração do estúpido pelo esperto, o poder do dinheiro, o poder do nome e da palavra, e o poder da mente sobre a matéria. Todos queremos algum tipo de poder, quer seja sobre nós mesmos ou sobre os outros. Essa ânsia de poder traz um tipo de felicidade, uma gratificação que não é tão transitória. O poder da renúncia é como o da riqueza. É o anseio pela gratificação, pela felicidade, que nos impele a buscar o poder. E com que facilidade somos satisfeitos! A facilidade de alcançar alguma forma de satisfação nos cega. Toda gratificação causa cegueira. Por que buscamos esse poder?

"Suponho que seja, principalmente, porque ele nos proporciona conforto material, uma posição social e respeitabilidade junto aos canais reconhecidos."

O anseio pelo poder ocorre somente em um nível de nossa existência? Não o buscamos interiormente bem como exteriormente? Por quê? Por que veneramos a autoridade, quer de um livro, de uma pessoa, do Estado ou de uma crença? Por que existe essa ânsia de nos apegarmos a uma pessoa ou a uma ideia? No passado, era a autoridade do sacerdote que nos sustentava, e agora é a autoridade do especialista, do expert. Você não percebeu como trata um homem com um título, um homem de posição, o poderoso executivo? O poder, de alguma forma, parece dominar nossa vida: o poder de um sobre muitos, o uso de um por outro ou o uso mútuo.

"O que você quer dizer por usar o outro?"

Isso é bastante simples, não é? Nós nos usamos uns aos outros para gratificação mútua. A atual estrutura da sociedade, que é nosso relacionamento uns com os outros, está baseada em necessidade e uso. Você necessita de votos para chegar ao poder; você usa as pessoas para obter o que deseja, e elas necessitam do que você promete. A mulher precisa do homem, e este, da mulher. Nosso relacionamento atual se baseia em necessidade e uso. Esse relacionamento é inerentemente violento, e, por isso, a própria base de nossa sociedade é a violência. Enquanto a estrutura social for se basear em uso e necessidade mútuos, estará destinada a ser violenta e destrutiva; enquanto eu usar o outro para minha gratificação pessoal ou para satisfação de uma ideologia com a qual eu esteja identificado, só poderá haver medo, desconfiança e oposição. Relacionamento é, então, um processo de autoisolamento e desintegração. Isso tudo é dolorosamente óbvio na vida do indivíduo e nas questões mundiais.

"Mas é impossível viver sem necessidades mútuas!"

Eu preciso do carteiro, mas, se usá-lo para satisfazer alguma ânsia interior, então a necessidade social torna-se psicológica e nosso relacionamento terá sofrido uma mudança radical. É essa necessidade psicológica e esse uso de outros que produzem violência e sofrimento. A necessidade psicológica cria a busca por poder, e o poder é usado para gratificação em níveis diversos de nossa existência. O homem que é ambicioso para si mesmo ou para seu partido, ou que deseja realizar um ideal, é obviamente um fator desintegrador na sociedade.

"A ambição não é inevitável?"

Ela só é inevitável enquanto não há transformação fundamental no indivíduo. Por que devemos aceitá-la como inevitável? A crueldade do homem para com o homem é inevitável? Você não quer colocar um fim nisso? Aceitar isso como inevitável não indica total insensatez?

"Se você não for cruel para com os outros, outra pessoa será cruel com você, então você precisa estar no comando."

Estar no comando é o que cada indivíduo, cada grupo, cada ideologia está tentando fazer, e sustentando, portanto, a crueldade, a violência. Só pode haver criação na paz; e como poderá haver paz se houver uso mútuo? Falar de paz é totalmente absurdo enquanto nosso relacionamento com o um e com os muitos se baseia em necessidade e uso. A necessidade e o uso do outro devem, inevitavelmente, levar ao poder e à dominação. O poder de uma ideia e o de uma espada são semelhantes; ambos são destrutivos. As ideias e crenças põem o homem contra o homem, exatamente como a espada o faz. Ideias e crenças são a própria antítese do amor.

"Então, por que somos consciente ou inconscientemente consumidos por esse desejo de poder?"

Não é a busca pelo poder uma das fugas reconhecidas e respeitáveis de nós mesmos, do que *é*? Todo mundo tenta fugir da própria insuficiência, de sua pobreza interior, da solidão, do isolamento. O real é desagradável, mas a fuga é fascinante e sedutora. Considere o que aconteceria se você estivesse prestes a ser despojado de seu poder, de sua posição e de sua riqueza duramente conquistados. Você resistiria a isso, não é? Você se considera essencial ao bem-estar da sociedade, então resistiria com violência ou com argumentação racional e astuta. Se você fosse capaz de, voluntariamente, pôr de lado todas as suas muitas aquisições em níveis diferentes, seria como um nada, não é?

"Eu acho que sim; o que é muito deprimente. Claro que não quero ser como um nada."

Então você tem toda a ostentação exterior sem a substância interior, o tesouro interno incorruptível. Você quer sua ostentação exterior, e o mesmo querem os outros, e desse conflito surgem o ódio e o medo, a violência e a ruína. Você, com sua ideologia, é tão insuficiente quanto a oposição, e, portanto, está destruindo o outro em nome da paz, da competência, do emprego adequado ou de Deus. Como quase todo mundo anseia estar no comando, construímos uma sociedade de violência, conflito e animosidade.

"Mas como alguém pode erradicar isso?"

Não sendo ambicioso, ávido por poder, por nome, por posição; sendo o que você é, um simples joão-ninguém. O pensamento de negação é a forma mais elevada de inteligência.

"Mas a crueldade e a violência do mundo não podem ser interrompidas por meu esforço individual. E não levaria um tempo infinito para todos os indivíduos mudarem?"

O outro é você. Essa questão surge do desejo de evitar a própria transformação imediata, não é? Você está dizendo, na ver-

dade: "Que proveito terá minha mudança se todos os outros não mudarem?" A pessoa precisa começar perto para chegar longe. Mas você realmente não quer mudar; quer que as coisas continuem como elas estão, especialmente se você estiver no comando, e então diz que levará um tempo infinito para transformar o mundo por meio da transformação individual. O mundo é você; você é o problema; o problema não está separado de você; o mundo é a projeção de você mesmo. Ele não pode ser transformado até que você seja. A felicidade está na transformação, não na aquisição.

"Mas sou moderadamente feliz. Claro que existem muitas coisas em mim de que não gosto, mas não tenho o tempo nem a disposição para ir atrás disso."

Somente um homem feliz pode produzir uma nova ordem social; mas não é feliz aquele que está identificado com uma ideologia ou uma crença, ou que esteja perdido em qualquer atividade social ou individual. A felicidade não é um fim em si mesma. Ela vem com o entendimento do que *é*. Apenas quando a mente está livre das próprias projeções pode haver felicidade. A felicidade comprada é mera gratificação; a felicidade por meio de ações, de poder, é apenas sensação; e como a sensação acaba logo, há anseio por cada vez mais. Enquanto o mais for um meio para a felicidade, o fim será sempre insatisfação, conflito e infelicidade. A felicidade não é uma lembrança; ela é aquele estado que toma forma com a verdade, sempre novo, nunca contínuo.

O que está tornando você insensível

Ele tinha um emprego que pagava muito mal; chegou com a mulher, que queria conversar sobre o problema deles. Eram ambos bem jovens e, embora estivessem casados há alguns anos, não tinham filhos; mas esse não era o problema. Seu salário mal dava para viver nesses tempos difíceis, mas como eles não tinham filhos, era suficiente para sua sobrevivência. O que o futuro reserva ninguém sabe, embora dificilmente pudesse ser pior do que o presente. Ele não estava disposto a falar, mas sua mulher mostrou que precisava fazê-lo. Ela o trouxera, aparentemente quase à força, pois ele viera muito relutante; mas aqui estava, e ela estava contente. Ele não conseguia se expressar com facilidade, contou, pois nunca havia falado sobre si mesmo a ninguém além de sua mulher. Tinha poucos amigos e, mesmo com eles, nunca abrira o coração, pois não teriam entendido. Enquanto falava, foi se descontraindo lentamente, e sua mulher ouvia com ansiedade. Ele explicou que seu trabalho não era o problema; era razoavelmente interessante e, de qualquer modo, proporcionava a eles comida. Eram pessoas simples, modestas, e ambos foram educados em uma universidade.

Finalmente, ela começou a explicar a situação. Contou que, há uns dois anos, seu marido parecia ter perdido todo o interesse na vida. Ele fazia seu trabalho no escritório, e isso era tudo; saía de casa de manhã e voltava à tarde, e seus empregadores não reclamavam dele.

"Meu trabalho é uma questão de rotina e não exige muita atenção. Estou interessado no que faço, mas ando sempre numa certa tensão. Minha dificuldade não é com o escritório ou com as pessoas com quem trabalho, mas comigo mesmo. Como minha mulher disse, perdi o interesse na vida e não sei exatamente o que é que há comigo."

"Ele sempre foi animado, sensível e muito afetuoso, mas, mais ou menos no último ano, tornou-se insensível e indiferente a tudo. Ele sempre costumava ser carinhoso comigo, mas agora a vida tornou-se muito triste para nós dois. Ele parece não se importar se estou aqui ou não, e se tornou um sofrimento viver na mesma casa que ele. Não é que seja indelicado nem nada assim, mas simplesmente tornou-se apático e completamente indiferente."

Será que é porque vocês não têm filhos?

"Não é isso", ele disse. "Nosso relacionamento físico está bem, mais ou menos. Nenhum casamento é perfeito, e temos nossos altos e baixos, mas não acho que essa insensibilidade resulte de qualquer desajuste sexual. Embora minha mulher e eu não vivamos juntos sexualmente há algum tempo, em virtude dessa minha insensibilidade, eu não acho que seja a falta de filhos que esteja causando isso tudo."

Por que você diz isso?

"Antes de essa insensibilidade me acometer, minha mulher e eu percebemos que não poderíamos ter filhos. Isso nunca me incomodou, embora ela geralmente chore por isso. Ela quer fi-

lhos, mas aparentemente um de nós é incapaz de se reproduzir. Sugeri várias coisas que poderiam lhe possibilitar ter filhos, mas ela não quis tentar nenhuma delas. Ela quer ter um filho meu ou nenhum, e está profundamente aborrecida com o fato. Afinal, sem o fruto, uma árvore é apenas decorativa. Nós temos permanecido acordados na cama conversando sobre toda a questão, mas aí está. Percebo que a pessoa não pode ter tudo na vida e não é a falta de filhos que produz essa insensibilidade; pelo menos, estou bastante certo de que não é isso."

Será devido à tristeza de sua mulher, ao sentido de frustração dela?

"Sabe, senhor, meu marido e eu examinamos esse assunto bem profundamente. Estou muito triste por não ter tido filhos, e rezo a Deus para que possa ter um, algum dia. Meu marido quer que eu seja feliz, claro, mas sua insensibilidade não é devido à minha tristeza. Se tivéssemos um filho agora, eu ficaria extremamente feliz, mas para ele seria apenas uma distração, e eu acho que é o mesmo para a maioria dos homens. Esse desânimo tem lentamente tomado conta dele pelos últimos dois anos, como um tipo de doença interna. Ele costumava conversar comigo sobre tudo, sobre os pássaros, sobre seu trabalho, sobre suas ambições, sobre sua consideração e amor por mim; ele abria o coração para mim. Mas agora seu coração está fechado e sua mente está em algum lugar bem distante. Eu conversei com ele, mas não adiantou."

Vocês se separaram um do outro por um tempo para ver o efeito que isso teria?

"Sim. Eu parti para viver com minha família por cerca de seis meses, e nós nos escrevíamos; mas essa separação não fez diferença. Se teve algum efeito, foi piorar a situação. Ele preparou a própria comida, saiu muito pouco, afastou-se dos amigos e

ficou cada vez mais recolhido em si mesmo. Ele nunca foi mesmo muito sociável. Mesmo depois dessa separação, não houve uma reanimação da centelha."

Você acha que essa insensibilidade é um disfarce, uma atitude artificial, uma fuga de algum desejo interior não realizado?

"Temo não estar entendendo bem o que quer dizer."

Você pode ter um intenso desejo por algo que precisa satisfazer e, como esse desejo não tem alívio, talvez você esteja fugindo da dor tornando-se insensível.

"Eu nunca pensei nesse tipo de coisa, isso nunca me ocorreu antes. Como vou descobrir?"

Por que isso nunca lhe ocorreu antes? Você já se perguntou por que se tornou insensível? Não quer saber?

"É estranho, mas nunca indaguei qual é a causa dessa estúpida insensibilidade. Nunca fiz essa pergunta a mim mesmo."

Agora que você está se fazendo essa pergunta, qual é a resposta?

"Não acho que tenha uma. Mas estou realmente chocado de descobrir o quanto me tornei insensível. Jamais fui assim. Estou espantado com meu próprio estado."

Afinal, é bom saber em que estado realmente se está. Pelo menos isso é um início. Você nunca se perguntou antes por que é tão insensível, letárgico; você apenas aceitou isso e prosseguiu, não é? Não quer descobrir o que o tornou assim, ou resignou-se com seu estado atual?

"Estou com medo de que ele tenha aceitado isso sem sequer lutar."

Você realmente quer sair desse estado, não é? Você quer conversar sem sua mulher?

"Ah, não. Não há nada que eu não possa dizer diante dela. Sei que não foi a falta ou o excesso de sexo que causou esse estado,

nem existe outra mulher. Eu não poderia ter outra mulher. E não é a falta de filhos."

Você pinta ou escreve?

"Eu sempre quis escrever, mas nunca pintei. Em minhas caminhadas, costumava ter algumas ideias, mas agora até isso acabou."

Por que você não tenta pôr algo no papel? Não importa o quanto isso seja tolo; você não precisa mostrar a ninguém. Por que não experimenta escrever algo?

Mas vamos voltar. Você quer descobrir o que causou essa insensibilidade ou quer permanecer como está?

"Eu gostaria de ir para algum lugar sozinho, renunciar a tudo e encontrar um pouco de felicidade."

É isso que deseja fazer? Então, por que não o faz? Você está hesitando por causa de sua mulher?

"Eu não presto para minha mulher como estou; sou apenas um inútil."

Você acha que encontrará a felicidade ao se retirar da vida, ao se isolar? Você já não se isolou o suficiente? Renunciar para encontrar não é renúncia em absoluto; é apenas uma negociação astuta, uma troca, uma jogada calculada para ganhar algo. Você desiste disso para obter aquilo. A renúncia com um fim em vista é somente uma rendição para ganhos adicionais. Mas você pode obter felicidade pelo isolamento, pela dissociação? A vida não é associação, contato, comunhão? Você pode se retirar de uma associação para encontrar felicidade em uma outra, mas não pode se retirar totalmente de todo o contato com outros. Mesmo em total isolamento, você estará em contato com seus pensamentos, consigo mesmo. O suicídio é a forma mais completa de isolamento.

"Claro que não quero cometer suicídio. Eu quero viver, mas não quero continuar como estou."

Você tem certeza de que não quer continuar como está? Veja, está bem claro que há algo que o está tornando insensível, e você quer fugir disso em mais isolamento. Fugir do que *é* significa isolar-se. Você quer isolar-se, talvez de forma temporária, esperando pela felicidade. Mas você já se isolou e totalmente; mais isolamento, que você chama de renúncia, é apenas um recolhimento mais extenso da vida. Você pode obter felicidade pelo autoisolamento cada vez mais profundo? A natureza do ser é isolar-se, sua própria qualidade é exclusividade. Ser exclusivo é renunciar para ganhar. Quanto mais você se retira da associação, maior o conflito, a resistência. Nada pode existir em isolamento. Por mais que o relacionamento possa ser doloroso, ele precisa ser paciente e completamente entendido. O conflito produz insensibilidade. O esforço de se tornar algo só causa problemas, conscientes ou inconscientes. Você não pode estar insensível sem alguma causa, pois, como diz, já foi ativo e entusiasmado um dia. Você não foi sempre insensível. O que provocou essa mudança?

"Parece que você sabe. Não quer, por favor, lhe dizer?"

Eu poderia, mas qual seria o proveito? Ele aceitaria ou rejeitaria de acordo com seu humor e vontade; mas não é importante que ele mesmo descubra? Não é essencial para ele descobrir o processo todo e perceber a verdade disso? A verdade não é algo que pode ser contado a outra pessoa. Ele precisa ser capaz de percebê-la, e ninguém pode prepará-lo para ela. Isso não é indiferença de minha parte; mas ele precisa chegar a ela aberta, livre e inesperadamente.

O que o está tornando insensível? Você não deveria descobrir isso por si mesmo? Conflito, resistência, produz insensibilidade. Achamos que, por meio da luta, vamos entender, por meio

da competição, seremos inteligentes. A luta, certamente, favorece o afiamento, mas o que é afiado logo fica rombudo; o que está em uso constante logo se desgasta. Aceitamos o conflito como inevitável e construímos nossa estrutura de pensamento e ação sobre essa inevitabilidade. Mas o conflito é inevitável? Não há uma forma diferente de viver? Sim, se pudermos entender o processo e a significação do conflito.

Mais uma vez, por que você se tornou insensível?

"Eu tornei a mim mesmo insensível?"

Algo pode torná-lo insensível se você não estiver disposto a deixar que o tornem insensível? Essa disposição pode ser consciente ou oculta. Por que você permitiu a si mesmo tornar-se insensível? Há um conflito firmemente cravado em você?

"Se houver, estou totalmente inconsciente dele."

Mas você não quer descobrir? Não quer entender isso?

"Estou começando a ver o que está insinuando", ela acrescentou, "mas talvez não possa contar a meu marido a causa de sua insensibilidade porque eu mesma não estou muito segura disso."

Você pode ou não ver o modo como essa insensibilidade tomou conta dele; mas estaria realmente ajudando-o se o mostrasse verbalmente? Não é essencial que ele descubra por si mesmo? Perceba a importância disso e, então, não ficará impaciente ou ansiosa. Uma pessoa pode ajudar outra, mas ela sozinha precisa empreender a viagem de descoberta. A vida não é fácil; é muito complexa, mas precisamos abordá-la de forma simples. Nós somos o problema; o problema não é o que chamamos de vida. Nós só podemos entender o problema, que somos nós mesmos, se soubermos abordá-lo. A abordagem é o mais importante, não o problema.

"Mas o que devemos fazer?"

Você deve ter ouvido tudo que foi dito; se ouviu, então verá que somente a verdade traz a libertação. Não se preocupe, mas deixe que a semente crie raízes.

Depois de algumas semanas, ambos voltaram. Havia esperança em seus olhos e um sorriso em seus lábios.

Carma

O SILÊNCIO NÃO É para ser cultivado, não é para ser deliberadamente produzido; não é para ser buscado, racionalizado ou meditado. O cultivo deliberado do silêncio é como a satisfação de um prazer há muito desejado; o desejo de silenciar a mente é apenas a busca de sensação. Esse silêncio é somente uma forma de resistência, um isolamento que leva à deterioração. O silêncio que é comprado é uma coisa de mercado no qual há o ruído da atividade. O silêncio vem com a ausência do desejo. O desejo é ágil, astuto e profundo. A recordação interrompe a varredura do silêncio, e uma mente presa na experiência não pode estar silenciosa. O tempo, o movimento de ontem desaguando no hoje e no amanhã, não é silêncio. Com o cessar desse movimento, há silêncio, e só então aquilo que é inefável pode tomar forma.

"Eu vim para falar sobre carma. Claro que tenho algumas opiniões sobre isso, mas gostaria de conhecer as suas."

Opinião não é verdade; devemos pôr de lado as opiniões para encontrar a verdade. Existem inúmeras opiniões, mas a verdade

não é deste ou daquele grupo. Para o entendimento da verdade, todas as ideias, conclusões e opiniões precisam cair como as folhas secas de uma árvore. A verdade não é para ser encontrada em livros, em conhecimento, na experiência. Se você estiver buscando opiniões, não encontrará nenhuma aqui.

"Mas podemos conversar sobre carma e tentar entender sua importância, não?"

Isso, claro, é um assunto muito diferente. Para entender, as opiniões e as conclusões precisam cessar.

"Por que você insiste nisso?"

Você conseguirá entender algo se já tiver decidido sobre isso ou se repetir as conclusões de outra pessoa? Para encontrar a verdade desse assunto, não devemos abordá-lo de uma nova maneira, com uma mente que não esteja envolta em preconceitos? O que é mais importante: estar livre de conclusões, de preconceitos, ou especular sobre alguma abstração? Não é mais importante encontrar a verdade do que discutir sobre o que é a verdade? Uma opinião sobre o que é a verdade não é a verdade. Não é importante descobrir a verdade com respeito ao carma? Ver o falso como o falso é começar a entender isso, não é? Como podemos ver a verdade ou o falso se nossa mente está firmemente entrincheirada na tradição, nas palavras e nas explicações? Se a mente estiver amarrada a uma crença, como ela poderá ir longe? Para viajar para longe, a mente precisa estar livre. A liberdade não é algo a ser obtido no final de um longo esforço; ela deve estar logo no início da viagem.

"Quero descobrir o que carma significa para você."

Senhor, vamos fazer a viagem de descobrimento juntos. Simplesmente repetir as palavras de outra pessoa não tem muita importância. É como tocar um disco. A repetição ou imitação não produz liberdade. O que você quer dizer com carma?

"É uma palavra em sânscrito que significa fazer, ser, agir e assim por diante. Carma é ação, e ação é o resultado do passado. A ação não pode existir sem o condicionamento da formação. Por meio de uma série de experiências, do condicionamento e do conhecimento, a formação da tradição é construída, não apenas durante a vida atual do indivíduo e do grupo, mas por meio de muitas encarnações. A constante ação e interação entre a formação, que é o "eu", e a sociedade, a vida, é o carma; e o carma cria um compromisso moral para a mente, o "eu". O que fiz em minha vida passada, ou mesmo ontem, continua valendo e me molda, proporcionando-me dor ou prazer no presente. Há o carma de grupo ou coletivo e o individual. Tanto o de grupo quanto o individual estão contidos na cadeia de causa e efeito. Haverá sofrimento ou alegria, castigo ou recompensa, de acordo com o que fiz no passado."

Você diz que a ação resulta do passado. Essa ação não é ação absolutamente, mas apenas uma reação, não é? O condicionamento, a formação, reage a estímulos; essa reação é a resposta da memória, que não é ação, mas carma. No momento, não estamos preocupados com o que é ação. Carma é a reação que surge de certas causas e produz certos resultados. Carma é essa cadeia de causa e efeito. Basicamente, o processo do tempo é carma, não é? Desde que haja um passado, deve haver o presente e o futuro. Hoje e amanhã são os efeitos de ontem; ontem em conjunção com hoje cria o amanhã. Carma, conforme é entendido de modo geral, é o processo de compensação.

"Como diz, carma é um processo do tempo, e a mente é resultado do tempo. Somente uns poucos afortunados podem escapar das garras do tempo; o restante de nós está unido ao tempo. O que fizemos no passado, bem ou mal, determina o que somos no presente."

A formação, o passado, é um estado estático? Não está passando por modificações constantes? Você não é o mesmo hoje do que era ontem; tanto fisiológica quanto psicologicamente, há uma mudança constante acontecendo, não é?

"Claro."

Então, a mente não é um estado fixo. Nossos pensamentos são transitórios, continuamente em mudança; eles são a resposta da formação. Se eu for criado em determinada classe social, em uma cultura definida, responderei aos desafios, aos estímulos, de acordo com meu condicionamento. Com a maioria de nós, esse condicionamento está tão enraizado que a resposta é quase sempre segundo o padrão. Nossos pensamentos são a resposta da formação. Nós *somos* a formação; esse condicionamento não está separado nem é dessemelhante de nós. Com a mudança da formação, nossos pensamentos também mudam.

"Mas, certamente, o pensador é totalmente diferente da formação, não é?"

Será? O pensador não é o resultado dos pensamentos dele? Ele não é composto de seus pensamentos? Há uma entidade separada, um pensador separado de seus pensamentos? O pensamento não criou o pensador, não deu a ele permanência no meio da impermanência dos pensamentos? O pensador é o refúgio do pensamento e se coloca em níveis diferentes de permanência.

"Percebo que isso é assim, mas é realmente um choque para mim perceber os truques que o pensamento está usando com ele mesmo."

O pensamento é a resposta da formação, da memória; a memória é o conhecimento, o resultado da experiência. Essa memória, por meio de mais experiências e respostas, torna-se mais forte, maior, mais aguçada, mais eficiente. Uma forma de condicionamento pode ser substituída por outra, mas ainda será con-

dicionamento. A resposta desse condicionamento é carma, não é? A resposta da memória é chamada de ação, mas ela é apenas reação; essa "ação" gera mais reação, e assim há a suposta cadeia de causas e efeitos. Mas a causa também não é o efeito? Nem a causa nem o efeito são estáticos. Hoje é o resultado de ontem, e hoje é a causa de amanhã; o que foi a causa torna-se o efeito, e o efeito, a causa. Uma deságua na outra. Não existe um momento em que a causa não seja também o efeito. Somente o especializado é fixo em sua causa e, portanto, em seu efeito. O fruto do carvalho não pode tornar-se outra coisa que não seja um carvalho. Na especialização, há morte; mas o homem não é uma entidade especializada, ele pode ser o que desejar. Ele pode abrir caminho através de seu condicionamento — e ele precisará fazer isso, se quiser descobrir o real. Você precisa cessar de ser um suposto brâmane para perceber Deus.

O carma é um processo do tempo, o passado movendo-se pelo presente para o futuro; essa cadeia é o modo de pensar. O pensamento é o resultado do tempo, e só pode existir aquilo que é imensurável, eterno, quando o processo do pensamento cessa. A quietude da mente não pode ser induzida, não pode ser produzida por meio de uma prática ou disciplina. Se a mente for *tornada* quieta, então o que quer que chegue a ela será apenas uma autoprojeção, a resposta da memória. Com a compreensão do condicionamento da mente, com a conscientização sem escolha das próprias respostas dela como pensamentos e sentimentos, a tranquilidade chega à mente. Essa quebra da cadeia do carma não é uma questão de tempo; pois, por meio do tempo, o eterno não existe.

O carma precisa ser entendido como um processo total, não apenas como algo do passado. O passado é tempo, que também é

o presente e o futuro. Tempo é memória, palavra, ideia. Só quando a palavra, o nome, a associação e a experiência não existem é que a mente está quieta, não só nas camadas superficiais, mas completa e integralmente.

O individual e o ideal

"Nossa vida aqui na Índia está mais ou menos arruinada; queremos reconstruir algo dela, mas não sabemos por onde começar. Consigo perceber a importância da ação de massa e também seus perigos. Busquei o ideal da não violência, mas houve derramamento de sangue e sofrimento. Desde a Partição, este país tem sangue nas mãos, e agora estamos criando as Forças Armadas. Falamos de não violência e, ainda assim, nos preparamos para a guerra. Estou tão confuso quanto os líderes políticos. Na prisão, eu costumava ler bastante, mas isso não me ajudou a esclarecer minha própria posição.

"Podemos pegar uma coisa de cada vez e entrarmos um pouco nela? Primeiro, você dá uma grande dose de ênfase ao indivíduo; mas a ação coletiva não é necessária?"

O indivíduo é basicamente o coletivo, e a sociedade, é a criação do indivíduo. O indivíduo e a sociedade estão correlacionados, não estão? Eles não estão separados. O indivíduo cria a estrutura da sociedade e a sociedade ou o ambiente molda o indivíduo. Embora o ambiente condicione o indivíduo, ele sempre pode se

libertar, se desprender de suas origens. O indivíduo é o criador do próprio ambiente do qual ele se torna um escravo; mas também tem o poder de escapar disso e criar um ambiente que não embote sua mente ou seu espírito. O indivíduo é importante apenas no sentido de que ele tem a capacidade de se libertar de seu condicionamento e entender a realidade. A individualidade que é meramente cruel em seu próprio condicionamento cria uma sociedade cujas fundações se baseiam em violência e antagonismo. O indivíduo só existe em um relacionamento, do contrário ele não existe; e é a falta de compreensão desse relacionamento que está gerando conflito e confusão. Se o indivíduo não entender seu relacionamento com as pessoas, com a propriedade e com as ideias ou crenças, impor a ele um padrão coletivo ou qualquer outro é algo totalmente contraproducente. Para efetuar a imposição de um novo padrão faz-se necessária a suposta ação de massa; mas o novo padrão é a invenção de alguns indivíduos, e a massa acaba hipnotizada pelos mais recentes gritos de guerra, as promessas de uma nova utopia. A massa é a mesma de antes, só que agora ela tem novos governantes, novas frases, novos sacerdotes, novas doutrinas. Essa massa é formada por mim e por você, ela é composta de indivíduos; a massa é fictícia, é um termo conveniente com que o explorador e o político podem jogar. Os muitos são empurrados pelos poucos para a ação, para a guerra e assim por diante; e os poucos representam os desejos e os anseios dos muitos. A transformação do indivíduo é da maior importância, mas não em termos de qualquer padrão. Os padrões sempre condicionam, e uma entidade condicionada está sempre em conflito dentro de si mesma e com a sociedade. É relativamente fácil substituir um antigo padrão de condicionamento por um novo; mas para o indivíduo libertar-se de todo o condicionamento é um caso muito diferente.

"Isso exige um pensamento cuidadoso e detalhado, mas acho que estou começando a entender. Você dá ênfase ao indivíduo, mas não como uma força separada e antagonista dentro da sociedade.

"Agora o segundo ponto. Sempre trabalhei por um ideal, e não compreendo sua negação disso. Você se importa de entrar nesse problema?"

Nossa moralidade atual se baseia no passado ou no futuro, no tradicional ou no que *deve* ser. O que *deve* ser é o ideal em oposição ao que foi, o futuro em conflito com o passado. Não violência é o ideal, o que *deveria* ser; e o que foi é violência. O que foi projeta o que *deve* ser; o ideal é feito em casa, é projetado pelo próprio oposto, o real. A antítese é uma extensão da tese; o oposto contém o elemento do próprio oposto. Por ser violenta, a mente projeta seu oposto, o ideal de não violência. Diz-se que o ideal ajuda a superar o próprio oposto; mas ele o faz mesmo? O ideal não é uma evitação, uma fuga do que foi ou do que é? O conflito entre o real e o ideal é, obviamente, um meio de adiar o entendimento do real, e esse conflito somente introduz outro problema, que ajuda a encobrir o problema imediato. O ideal é uma fuga maravilhosa e respeitável do real. O ideal de não violência, como a utopia coletiva, é fictício; o ideal, o que *deveria* ser, ajuda-nos a encobrir e evitar o que *é*. A busca do ideal é a busca pela recompensa. Você pode se esquivar das recompensas mundanas por serem estúpidas e bárbaras, o que elas de fato são; mas sua busca pelo ideal é a busca por recompensa em um nível diferente, que também é estúpida. O ideal é a compensação, um estado fictício que a mente evocou. Por ser violenta, separativa e ambiciosa, a mente projeta a compensação gratificante, a ficção que ela chama de ideal, de utopia, de futuro, e futilmente a persegue. Essa própria busca é um conflito, mas também é um agradável adia-

mento do real. O ideal, o que *deveria* ser, não ajuda a entender o que *é*; pelo contrário, impede o entendimento.

"Você quer dizer que nossos líderes e mestres têm errado ao defender e manter o ideal?"

O que você acha?

"Se entendi direito o que você diz..."

Por favor, não é uma questão de entender o que outro homem diz, mas de descobrir o que é verdadeiro. A verdade não é opinião; a verdade não depende de qualquer líder ou mestre. O exame de opiniões só impede a percepção da verdade. Ou o ideal é uma ficção feita em casa que contém o próprio oposto ou não é. Não há dois caminhos nisso. Não depende de mestre algum; você deve perceber a verdade por si mesmo.

"Se o ideal é fictício, isso revoluciona todo o meu pensamento. Você quer dizer que nossa busca pelo ideal é completamente fútil?"

É uma luta vã, um autoengano gratificante, não é?

"Isso é muito perturbador, mas sou forçado a admitir que sim. Nós aceitamos tantas coisas como naturais que nunca nos permitimos observar de perto o que está em nossas mãos. Enganamos a nós mesmos, e o que você mostra contraria totalmente a estrutura de meus pensamentos e ações. Isso revolucionará a educação, todo nosso modo de viver e trabalhar. Acho que vejo as implicações de uma mente que está livre do ideal, do que *deveria* ser. Para essa mente, a ação tem um significado bastante diferente daquele que lhe damos agora. A ação compensatória não é ação absolutamente, mas apenas uma reação, e nós nos gabamos da ação!... Mas, sem o ideal, como vamos lidar com o real, ou com o que foi?"

O entendimento do real só é possível quando o ideal, o que *deveria* ser, é apagado da mente; isso é, somente quando o falso é

visto como o falso. O que *deveria* ser também é o que *não* deveria ser. Enquanto a mente abordar o real com uma compensação positiva ou negativa, não poderá haver entendimento do real. Para entender o real você precisa estar em comunhão direta com ele; a relação não pode ser através do filtro do ideal, ou do filtro do passado, da tradição, da experiência. Libertar-se da abordagem errada é o único problema. Isso significa, na verdade, o entendimento do condicionamento, que é a mente. O problema é a própria mente, não os problemas que ela gera; a solução dos problemas gerados pela mente é apenas a reconciliação de efeitos, e isso só leva a mais confusão e ilusão.

"Como podemos entender a mente?"

O modo da mente é o modo da vida — não da vida ideal, mas da vida real de sofrimento e prazer, de engano e clareza, de vaidade e da atitude de humildade. Entender a mente é estar consciente do desejo e do medo.

"Por favor, isso está sendo um pouco demais para mim. Como vou entender minha mente?"

Para conhecer a mente você não precisa estar consciente de suas atividades? A mente é só experiência, não apenas a imediata, mas também a acumulada. A mente é o passado em resposta ao presente, o que produz o futuro. O processo total da mente tem de ser entendido.

"De onde começo?"

Do único início: relacionamento. Relacionamento é vida; existir é estar relacionado. A mente só é entendida no espelho do relacionamento, e você tem de começar a ver a si mesmo naquele espelho.

"Você quer dizer em meu relacionamento com minha esposa, com meu vizinho e assim por diante? Isso não é um processo muito limitado?"

O que pode dar a impressão de pequeno, limitado, se abordado corretamente, revela o insondável. É como um funil, o estreito abrindo-se para o largo. Quando observado com atenção passiva, o limitado revela o ilimitado. Afinal, em sua nascente, o rio é pequeno, dificilmente digno de nota.

"Então preciso começar comigo mesmo e meus relacionamentos imediatos."

Certamente. Os relacionamentos nunca são estreitos ou pequenos. Com o um ou com os muitos, o relacionamento é um processo complexo, e você pode abordá-lo de maneira fútil ou livre e francamente. Mais uma vez, a abordagem depende do estado de espírito. Se você não começasse consigo mesmo, onde mais iria começar? Mesmo que você começasse com alguma atividade periférica, estaria em relacionamento com ela, a mente seria o centro dela. Quer comece perto ou longe, você estará lá. Sem entender a si mesmo, o que quer que faça produzirá, inevitavelmente, confusão e sofrimento. O início é o fim.

"Tenho andado muito longe de casa, e vi e fiz muitas coisas, sofri e ri como tantos outros, e ainda tive de voltar para mim mesmo. Sou como aquele saniase que partiu em busca da verdade. Ele passou muitos anos indo de um mestre para outro, e todos eles indicavam um caminho diferente. Finalmente exausto, ele voltou para casa e em sua própria casa encontrou a joia! Percebo como somos tolos, vasculhando o universo por aquela felicidade que é encontrada apenas em nossos próprios corações quando a mente está expurgada de suas atividades. Você está perfeitamente certo. Eu começo de onde iniciei. Eu começo com o que sou."

Ser vulnerável é viver, isolar-se é morrer

O FURACÃO DESTRUÍRA AS plantações, e a água do mar estava sobre a terra. O trem arrastava-se para a frente, e de ambos os lados da linha as árvores estavam caídas, as casas destelhadas e os campos completamente abandonados. A tempestade causara uma boa dose de prejuízo em um raio de quilômetros; as coisas vivas haviam sido destruídas e a terra árida ficara descoberta para o céu.

Nunca estamos sozinhos; vivemos sempre rodeados de pessoas e de nossos próprios pensamentos. Mesmo quando as pessoas estão longe, vemos as coisas através do filtro de nossos pensamentos. São muito raras, ou mesmo inexistentes, os momentos em que o pensamento não exista. Não sabemos o que é estar sozinho, estar livre de todas as associações, de toda a continuidade, de todas as palavras e imagens. Somos solitários, mas não sabemos o que é estarmos sozinhos. A dor da solidão enche nossos corações, e a mente a encobre com medo. A solidão, aquele isolamento profundo, é a sombra negra de nossa vida. Fazemos o possível para escapar dela, mergulhamos em todas as rotas de fuga que conhecemos, mas ela nos persegue, e jamais estamos fora

dela. O isolamento é o modo de nossa vida; raramente nos fundimos com outra pessoa, pois em nosso íntimo estamos quebrados, despedaçados e incurados. Em nós mesmos, não estamos inteiros, completos, e a fusão com outro só é possível quando há integração interior. Temos medo de estar sozinhos, pois isso abre a porta para nossa insuficiência, para a pobreza de nossa própria existência; mas é o estar sozinho que cura o intenso ferimento da solidão. Caminhar sozinho, sem o estorvo do pensamento, do rastro de nossos desejos, é ir além do alcance da mente. É a mente que isola, separa e interrompe a comunhão. A mente não pode ser tornada inteira; ela não pode tornar-se completa, pois esse próprio esforço é um processo de isolamento, é parte da solidão que nada consegue encobrir. A mente é o produto dos muitos e o que é criado em conjunto jamais pode estar só. O estar só não é resultado do pensamento. Somente quando o pensamento está totalmente quieto há a fuga do só para o só.

A casa era bem afastada da rua e o jardim tinha uma abundância de flores. Era uma manhã fresca e o céu estava muito azul; o sol da manhã era agradável, e nas sombras do jardim rebaixado o ruído do tráfego, os chamados dos vendedores e o trotar dos cavalos na rua, tudo parecia muito distante. Um bode vagava pelo jardim; com seu curto rabo balançando, ele beliscava as flores até que o jardineiro chegou e o enxotou.

Ela estava dizendo que se sentia muito perturbada, mas não queria ser perturbada; ela queria evitar o estado doloroso da incerteza. Por que estava tão apreensiva de ser perturbada?

O que você quer dizer por ser perturbada? E por que ficar apreensiva quanto a isso?

"Quero ficar calma, que me deixem só. Fico perturbada até com você. Embora eu só o tenha visto umas duas ou três vezes, o

medo de ser perturbada por você está se abatendo pesadamente em mim. Quero descobrir por que tenho medo de sentir essa incerteza interior. Quero estar calma e em paz comigo mesma, mas estou sempre perturbada por uma coisa ou outra. Até recentemente, eu conseguia ficar mais ou menos em paz comigo mesma; mas um amigo me trouxe a uma de suas palestras, e agora estou estranhamente contrariada. Pensei que você me fortaleceria em minha paz, mas, em vez disso, quase a destruiu. Eu não queria vir aqui, pois sabia que faria papel de boba; mas, ainda assim, estou aqui."

Por que você insiste tanto em que deveria estar em paz? Por que você está tornando isso um problema? A própria exigência de estar em paz é um conflito, não é? Se me permite perguntar, o que você deseja? Se quer ser deixada só, sem ser incomodada e em paz, então por que permite ser abalada? É bastante possível fechar todas as portas e janelas do ser da pessoa, isolar-se e viver em reclusão. É isso que a maioria das pessoas deseja. Algumas cultivam deliberadamente o isolamento, enquanto outras, por seus desejos e atividades, tanto ocultos quanto declarados, produzem essa exclusão. Os sinceros tornam-se moralistas com seus ideais e suas virtudes, que são apenas uma defesa; e os desatentos são levados ao isolamento por meio da pressão econômica e das influências sociais. A maioria de nós está tentando construir muros em torno de si para ficar invulnerável, mas infelizmente sempre existe uma brecha pela qual a vida se insinua.

"Eu consegui, de modo geral, evitar a maioria das perturbações, mas nas últimas duas semanas mais ou menos, por sua causa, eu me senti mais perturbada do que nunca. Por favor, diga-me por que estou perturbada. Qual é a causa disso?"

Por que você quer saber a causa? Obviamente, ao sabê-la, você espera erradicar o efeito. Você realmente não quer saber por que está perturbada, quer? Você só quer evitar a perturbação.

"Eu só quero que me deixem só, sem me incomodarem e em paz; e por que sou constantemente perturbada?"

Você tem se defendido durante toda a vida, não é? Está realmente interessada em descobrir como vedar todas as brechas, e não como viver sem medo, sem dependência. Do que você disse e deixou de dizer, é óbvio que tentou tornar sua vida protegida contra qualquer tipo de perturbação interior; você se isolou de qualquer relacionamento que pudesse causar dor. Conseguiu um salvo-conduto razoavelmente bom contra todos os choques para viver atrás de portas e janelas fechadas. Alguns têm sucesso, e se conseguem levar isso bem longe acabam terminando no hospício; outros fracassam e se tornam cínicos, amargos; e ainda outros ficam ricos em bens ou conhecimento, que é o salvo-conduto deles. A maioria das pessoas, incluindo os supostos religiosos, deseja paz permanente, um estado no qual todos os conflitos tenham chegado ao fim. Depois há aqueles que valorizam o conflito como a única expressão real da vida, e o conflito é seu escudo contra a vida.

Você poderá algum dia ter paz se buscar segurança atrás dos muros de seus medos e esperanças? Toda a sua vida você se isolou porque deseja estar protegida dentro dos muros de um relacionamento limitado que você possa controlar. Não é esse seu problema? Uma vez que você dependa, vai querer possuir aquilo de que você depende. Tem medo de qualquer relacionamento que não consiga dominar e, portanto, o evita. Não é isso?

"Esse é um modo bastante brutal de expor a questão, mas talvez seja isso mesmo."

Se você pudesse dominar a causa de sua perturbação atual, estaria em paz; mas, visto que não pode, você está muito preocupada. Nós todos queremos dominar quando não compreende-

mos; queremos possuir ou sermos possuídos quando há medo de nós mesmos. A incerteza de nós mesmos produz um sentimento de superioridade, exclusão e isolamento.

Se me permite perguntar, do que você tem medo? Você tem medo de ficar sozinha, de ser excluída, de viver na incerteza?

"Veja, toda a minha vida eu vivi para os outros, ou pensava que era assim. Sustentei um ideal e fui elogiada por minha eficiência em fazer o tipo de trabalho que é considerado bom; tive uma vida de abnegação, sem segurança, sem filhos, sem um lar. Minhas irmãs estão bem casadas e são proeminentes na sociedade, e meus irmãos mais velhos são altos funcionários do governo. Quando os visito, sinto que desperdicei minha vida. Eu me tornei amarga e me arrependo profundamente de tudo que não tive. Agora não gosto do trabalho que estava fazendo, ele não me traz mais felicidade alguma e eu o abandonei nas mãos de outros. Virei as costas a tudo isso. Como você mostrou, tornei-me dura em minha autodefesa. Ancorei-me em um irmão mais novo que não está em boa situação e que se considera um buscador de Deus. Tentei me proteger internamente, mas tem sido uma batalha longa e dolorosa. Foi esse irmão mais novo que me trouxe a uma de suas palestras, e a casa que eu construíra com tanto cuidado começou a desmoronar. Juro por Deus que preferiria nunca ter vindo ouvi-lo, mas não posso reconstruir isso, não posso passar por todo esse sofrimento e ansiedade novamente. Você não tem ideia do que tem sido para mim ver meus irmãos e irmãs com posição, prestígio e dinheiro. Mas não quero entrar nisso tudo. Eu me desliguei deles e quase nunca os vejo. Como você diz, gradualmente fechei a porta a todos os relacionamentos, exceto um ou dois; mas, por infortúnio, você veio até esta cidade, e agora tudo está novamente exposto, todos os ve-

lhos ferimentos voltaram à vida e estou profundamente infeliz. O que vou fazer?"

Quanto mais defendemos, mais somos atacados; quanto mais buscamos segurança, menos existe dela; quanto mais desejamos paz, maior é nosso conflito; quanto mais pedimos, menos temos. Você tentou tornar-se invulnerável, à prova de choque; você se tornou inacessível interiormente exceto para um ou outro, e fechou todas as portas para a vida. Isso é suicídio lento. Agora, por que você fez tudo isso? Você já se fez esta pergunta? Não quer saber? Veio para descobrir uma forma de fechar todas as portas ou para descobrir como ser aberta, vulnerável, para a vida? O que você quer, não como uma escolha, mas como uma coisa natural, espontânea?

"Claro que vejo agora que é de fato impossível fechar todas as portas, pois sempre existe uma abertura. Percebo o que tenho feito; vejo que meu próprio medo da incerteza produziu dependência e dominação. Obviamente, eu não conseguia dominar todas as situações, por mais que quisesse agir assim, e é por isso que limitei meus contatos a um ou dois que eu podia dominar e manter. Percebo tudo isso. Mas como posso me abrir novamente, livre e sem esse medo da incerteza interior?"

Você vê a necessidade de ser aberta e vulnerável? Se você não enxergar a verdade disso, então construirá sorrateiramente novos muros em torno de si mesma. Ver a verdade no falso é o início da sabedoria; ver o falso como o falso é a compreensão mais elevada. Ver que aquilo que você tem feito todos esses anos só poderá levar a mais luta e sofrimento — realmente experienciar a verdade disso, que não é uma simples aceitação verbal — porá um fim a essa atividade. Você não pode voluntariamente tornar-se aberta; a ação da vontade não pode fazê-la vulnerável. O próprio desejo

de ser vulnerável gera resistência. Somente no entendimento do falso como o falso há libertação. Esteja passivamente atenta às suas respostas habituais; esteja consciente delas sem resistência; observe-as com passividade, como você observaria uma criança, sem o prazer ou o desprazer da identificação. A própria atenção passiva é a libertação da defesa, do ato de fechar a porta. Ser vulnerável é viver, e isolar-se é morrer.

Desespero e esperança

O PEQUENO TAMBOR MARCAVA um ritmo alegre e logo ganhou a companhia de um instrumento de sopro com palheta; juntos, eles enchiam o ar. O tambor dominava, mas acompanhava o instrumento de sopro. Este parava, mas o tamborzinho continuava, nítido e claro, até ter novamente a música do sopro como companhia. O amanhecer ainda estava longe e os pássaros estavam calados, mas a música enchia o silêncio. Um casamento acontecia na pequena aldeia. Na noite anterior, houve muita alegria; as músicas e o riso entraram pela noite adentro e agora os grupos estavam sendo despertados pela música. Logo os ramos nus começaram a apontar contra o céu claro; as estrelas estavam desaparecendo uma de cada vez e a música chegou ao fim. Havia gritos e chamados de crianças, e discussões barulhentas em torno da única bica d'água na aldeia. O sol ainda estava abaixo do horizonte, mas o dia começara.

Amar é experienciar todas as coisas, mas experienciar sem amor é viver em vão. O amor é vulnerável, mas experienciar sem essa vulnerabilidade é fortalecer o desejo. O desejo não é

amor, e não pode sustentá-lo. O desejo é logo consumido, e em seu consumo está o sofrimento. O desejo, não pode ser interrompido; o fim do desejo pela vontade, por qualquer meio que a mente possa arquitetar, leva a destruição e infelicidade. Somente o amor pode domar o desejo, e o amor não é da mente. A mente, como o observador, deve cessar para o amor existir. O amor não é algo que possa ser planejado e cultivado; ele não pode ser comprado pelo sacrifício ou pela adoração. Não há meios para o amor. A busca por um meio deve acabar para o amor existir. O espontâneo conhece a beleza do amor, mas persegui-lo acaba com a liberdade. Somente para o livre há amor, mas a liberdade nunca comanda, nunca controla. O amor é a própria eternidade.

Ela falava com facilidade, e as palavras lhe vinham de modo natural. Embora ainda jovem, havia tristeza nela; ela sorria com a lembrança distante, e seu sorriso era forçado. Ela fora casada, mas não tinha filhos e seu marido morrera recentemente. Não havia sido um daqueles casamentos arranjados, nem um de desejo mútuo. Ela não queria usar a palavra "amor", pois estava em todos os livros e em todas as bocas; mas seu relacionamento fora algo extraordinário. Desde o dia em que se casaram até o dia em que ele morreu, nunca houve sequer uma palavra áspera ou um gesto de impaciência entre eles, nem jamais se separaram um do outro sequer por um dia. Uma fusão havia acontecido entre eles, e tudo mais — filhos, dinheiro, trabalho, sociedade — tornara-se de importância secundária. Essa fusão não era um sentimentalismo romântico ou algo imaginado após sua morte, mas fora uma realidade desde o começo. Sua alegria não tinha sido do desejo, mas de algo que estava além e acima do físico. Então, de repente, uns dois meses atrás, ele morreu em um acidente. O ônibus fez uma curva rápido demais e pronto.

"Agora estou em desespero; pensei em cometer suicídio, mas, por uma outra razão, não posso fazê-lo. Para esquecer, para ficar insensível, já fiz de tudo, menos me jogar no rio, e não tive uma única boa noite de sono nesses dois meses. Estou em total escuridão; é uma crise além do meu controle que não consigo entender; estou perdida."

Ela cobriu o rosto com as mãos. Logo continuou:

"Não é um desespero que possa ser remediado ou afastado. Com sua morte, toda a esperança chegou ao fim. As pessoas disseram que esquecerei e me casarei novamente, ou farei alguma outra coisa. Mesmo que eu pudesse esquecer, a chama apagou-se; ela não pode ser substituída, nem realmente quero encontrar um substituto para ela. Vivemos e morremos com esperança, mas eu não tenho nenhuma. Não tenho esperança, por esse motivo não sou amarga; estou em desespero e na escuridão, e não quero a luz. Minha vida é uma morte em vida, e não quero compaixão, amor ou piedade de ninguém. Quero continuar em minha escuridão, sem sentir, sem recordar."

É por isso que você veio, para que seja entorpecida, para ser validada em seu desespero? É isso que você quer? Se for, então você terá o que deseja. O desejo é tão maleável e tão ágil quanto a mente; ele se ajustará a qualquer coisa e se moldará a qualquer circunstância, construirá muros que impedirão a luz de entrar. O próprio desespero é seu deleite. O desejo cria a imagem que ele irá adorar. Se você deseja viver na escuridão, terá êxito. É para isso que você veio, para ser fortalecida em seu próprio desejo?

"Sabe, um amigo contou-me sobre você, e eu vim impulsivamente. Se tivesse parado para pensar, provavelmente não teria vindo. Sempre agi de modo bastante impulsivo, e isso nunca me fez mal. Se você me perguntar por que eu vim, tudo que poderei responder é que não sei. Acho que todos queremos algum tipo de esperança; não se pode viver na escuridão para sempre."

O que está fundido não pode ser separado; o que está integrado não pode ser destruído; se a fusão existir, a morte não poderá separar. A integração não é com o outro, mas consigo mesmo e com seu interior. A fusão das entidades diferentes em nós mesmos faz-nos completos com o outro; mas a completude com o outro é incompletude em si mesmo. A fusão com o outro é ainda incompletude. A entidade integrada não é tornada inteira pelo outro; como ela é completa, há completude em todas os seus relacionamentos. O que está incompleto não pode ser completado no relacionamento. É ilusão pensar que somos completados pelo outro.

"Eu era completada por ele. Conheci a beleza e a alegria disso."

Mas isso chegou ao fim. Sempre há um fim para o que está incompleto. É sempre possível quebrar a fusão com o outro; ela está sempre deixando de existir. A integração precisa começar dentro da pessoa, e apenas então a fusão é indestrutível. O modo da integração é o processo do pensamento de negação, que é a compreensão mais elevada. Você está buscando integração?

"Não sei o que estou buscando, mas gostaria de entender a esperança, porque ela parece desempenhar um papel importante em nossa vida. Quando ele estava vivo, nunca pensei no futuro, nunca pensei sobre a esperança ou a felicidade; o amanhã não existia. Eu simplesmente vivia, sem preocupações."

Porque você era feliz. Mas agora a infelicidade, a insatisfação, está criando o futuro, a esperança — ou seu oposto, o desespero e a desesperança. É estranho, não é? Quando a pessoa está feliz, o tempo não existe, ontem e amanhã estão inteiramente ausentes; a pessoa não pensa no passado ou no futuro. Mas a infelicidade gera esperança e desespero.

"Nascemos com esperança e a carregamos conosco até a morte."

Sim, fazemos exatamente isso; ou melhor, nascemos na infelicidade e a esperança nos leva até a morte. O que você entende por esperança?

"Esperança é o amanhã, o futuro, o anseio pela felicidade, pela melhoria do hoje, pelo progresso de si mesmo; é o desejo de ter uma casa mais bonita, um piano ou rádio melhor; é o sonho do desenvolvimento social, um mundo mais feliz e assim por diante."

A esperança está somente no futuro? Não há esperança também no que foi, no domínio do passado? A esperança está tanto no movimento do pensamento para a frente quanto para trás. A esperança é o processo do tempo, não é? A esperança é o desejo pela continuação daquilo que foi agradável, daquilo que pode ser melhorado, aprimorado; e seu oposto é desesperança, desespero. Oscilamos entre esperança e desespero. Dizemos que vivemos porque há esperança; e a esperança está no passado, ou, mais frequentemente, no futuro. O futuro é a esperança de todo político, de todo reformador ou revolucionário, de todo buscador da virtude e do que chamamos Deus. Dizemos que vivemos pela esperança; mas vivemos? É viver quando o futuro ou o passado nos domina? É viver o movimento do passado para o futuro? Quando há preocupação pelo amanhã, você está vivendo? É por causa do amanhã ter se tornado tão importante que há desesperança, desespero. Se o futuro é o mais importante e você vive para ele e por ele, então o passado é o meio do desespero. Pela esperança do amanhã você sacrifica o hoje; mas a felicidade está sempre no agora. São os infelizes que enchem sua vida com preocupações pelo amanhã, que eles chamam de esperança. Viver feliz é viver sem esperança. O homem de esperança não é um homem feliz; ele conhece o desespero. O estado de desesperança projeta esperança ou ressentimento, desespero ou um futuro brilhante.

"Mas você está dizendo que devemos viver sem esperança?"

Há um estado que não é nem de esperança nem de desesperança, um estado que é de bem-aventurança? Afinal, quando se considerava feliz, você não tinha esperança, tinha?

"Entendo o que está dizendo. Eu não tinha esperança porque ele estava a meu lado e eu era feliz em viver o dia a dia. Mas agora ele se foi e... Só estamos livres da esperança quando somos felizes. Quando estamos infelizes, enfermos, oprimidos, explorados, o amanhã torna-se importante; e se o amanhã for impossível, estaremos em total escuridão, em desespero. Mas como a pessoa pode continuar no estado de felicidade?"

Primeiro, perceba a verdade da esperança e da desesperança. Veja como você tem sido dominada pelo falso, pela ilusão da esperança e, então, pelo desespero. Esteja passivamente atenta a esse processo — que não é tão fácil quanto parece. Você pergunta como permanecer no estado de felicidade. Essa mesmíssima pergunta não está baseada em esperança? Você deseja recuperar o que perdeu ou, de algum modo, voltar a possuir isso. Essa pergunta indica o desejo de ganhar, de se tornar, de ter êxito, não é? Quando você tem um objetivo, um propósito em vista, há esperança; então, mais uma vez, você é pega na própria infelicidade. O modo da esperança é o modo do futuro, mas a felicidade nunca é uma questão de tempo. Quando havia felicidade, você nunca perguntou como continuar nela; se tivesse perguntado, já teria provado a infelicidade.

"Você quer dizer que esse problema todo surge somente quando a pessoa está em conflito, em sofrimento. Mas, quando a pessoa está infeliz, ela quer sair disso, o que é natural."

O desejo de descobrir uma saída somente causa outro problema. Ao não entender um problema, você introduz muitos outros. Seu problema é infelicidade, e para entendê-lo é necessário

estar livre de todos os outros problemas. A infelicidade é o único problema que você tem; não seja confundida pela introdução de outro problema de como sair disso. A mente está buscando uma esperança, uma resposta, uma saída. Veja a falsidade dessa fuga e, então, será diretamente confrontada pelo problema. É esse relacionamento direto com o problema que causa a crise, que estamos evitando o tempo todo; mas é apenas na totalidade e na intensidade da crise que o problema chega ao fim.

"Desde o acidente fatal, senti que devia me perder em meu próprio desespero, alimentar minha desesperança; mas, de algum modo, isso foi demais para mim. Agora vejo que devo enfrentar isso sem medo e sem o sentimento de deslealdade para com ele. Veja, eu sentia bem no íntimo que seria de alguma forma desleal para com ele se continuasse a ser feliz; mas agora a carga já está se dissipando, e percebo uma felicidade que não é do tempo."

A mente e o conhecido

O PADRÃO DIÁRIO DA vida estava se repetindo em torno da única bica d'água da aldeia; a água corria vagarosamente e um grupo de mulheres esperava a vez. Três delas estavam discutindo ruidosa e rancorosamente; elas estavam absortas em sua raiva e não prestavam a menor atenção às outras pessoas, nem ninguém prestava atenção a elas. Devia ser um ritual diário. Como todos os rituais, era estimulante, e essas mulheres estavam gostando da estimulação. Uma velha mulher ajudava uma jovem a suspender até a cabeça uma grande panela de latão bem polida. Essa jovem tinha uma pequena almofada de pano sobre a cabeça para sustentar o peso da panela, que segurava levemente com uma das mãos. Seu caminhar era soberbo e mostrava grande dignidade. Uma menininha chegou em silêncio, deslizou rapidamente sua panela embaixo da bica e a levou embora sem dizer uma palavra sequer. Outras mulheres chegaram e saíram, mas a briga continuava, e parecia que não terminaria nunca. De súbito, as três pararam, encheram suas vasilhas com água e foram embora, como se nada tivesse acontecido. Naquele momento, o sol estava

ficando forte e a fumaça subia acima dos telhados de sapê da aldeia. A primeira refeição do dia estava sendo preparada. Como ficou sossegado de repente! Exceto pelos corvos, quase tudo estava silencioso. Depois que a discussão vociferante terminou, podia-se ouvir o rugir do mar além das casas, dos jardins e dos bosques de palmeiras.

Prosseguimos como máquinas em nossa cansativa rotina diária. Com que avidez a mente aceita um padrão de existência e com que tenacidade ela se prende a ele! Como um prego cravado, a mente é sustentada pela ideia, e em torno da ideia ela vive e tem sua existência. A mente nunca é livre, flexível, pois está sempre ancorada; ela se move dentro de um raio, reduzido ou amplo, de seu próprio centro. De seu centro, ela não se arrisca a vaguear, e quando o faz, fica perdida no medo. O medo não é do desconhecido, mas da perda do conhecido. O desconhecido não incita o medo, mas a dependência do conhecido, sim. O medo está sempre com desejo, o desejo por mais ou por menos. A mente, com seu tecer incessante de padrões, é a criadora do tempo; e com o tempo há medo, esperança e morte. A esperança leva à morte.

Ele disse que era um revolucionário; que queria explodir todas as estruturas sociais e começar tudo de novo. Ele trabalhara ansiosamente para a extrema esquerda, pela revolução do proletariado, e isso também fracassara. Veja o que aconteceu no país em que aquela revolução foi tão gloriosamente realizada! A ditadura, com sua polícia e seu exército, acabara gerando novas distinções de classe, e tudo isso em poucos anos; o que fora uma grande promessa acabou em nada. Ele queria que uma revolução mais profunda e mais ampla fosse iniciada de novo, tomando cuidado para evitar todas as armadilhas da antiga.

O que você quer dizer com revolução?

"Uma mudança completa da atual estrutura social, com ou sem derramamento de sangue, de acordo com um plano bem delineado. Para ser eficiente, ela precisa ser bem planejada, organizada em todos os detalhes e cuidadosamente executada. Essa revolução é a única esperança, não há outra saída para esse caos."

Mas você não terá os mesmos resultados novamente — coerção e seus representantes?

"Pode ser que resulte nisso, no início, mas avançaremos daí. Sempre haverá um grupo unido e autônomo fora do governo para fiscalizá-lo e guiá-lo."

Você quer uma revolução de acordo com um padrão e sua esperança está no amanhã, pelo qual você está disposto a sacrificar a si mesmo e a outros. Pode existir uma revolução fundamental se ela for baseada em uma ideia? As ideias, inevitavelmente, geram mais ideias, mais resistência e repressão. A crença produz antagonismo; uma crença dá origem a muitas, e há hostilidade e conflito. Uniformidade de crença não é paz. Ideias ou opiniões, invariavelmente, criam oposição, que aqueles no poder precisam sempre procurar reprimir. Uma revolução baseada em ideias produz uma contrarrevolução, e o revolucionário passa a vida combatendo outros revolucionários, os mais bem organizados liquidando os mais fracos. Você estará repetindo o mesmo padrão, não? Seria possível falar sobre o significado mais profundo da revolução?

"Não teria muito proveito a não ser que levasse a um fim definitivo. Uma nova sociedade precisa ser construída, e a revolução de acordo com um plano é a única maneira de se conseguir isso. Não acho que mudarei meus pontos de vista, mas vamos ver o que você tem a dizer. O que dirá, provavelmente já foi dito por Buda, Cristo e outros mestres religiosos, e para onde isso nos

levou? Mais de dois mil anos de pregação sobre ser bom, e veja a confusão que os capitalistas fizeram!"

Uma sociedade baseada em uma ideia, moldada segundo um padrão particular, gera violência e está em constante estado de desintegração. Uma sociedade padronizada funciona somente dentro da estrutura de sua crença autoprojetada. A sociedade, o grupo, nunca pode estar em um estado de revolução; só o indivíduo pode. Mas se ele for revolucionário de acordo com um plano, uma conclusão bem autenticada, apenas se ajustará a um ideal ou esperança autoprojetado. Ele estará realizando as próprias respostas condicionadas, talvez modificadas, mas limitadas do mesmo modo. Uma revolução limitada não é absolutamente uma revolução; como a reforma, é um retrocesso. Uma revolução baseada em ideias, deduções e conclusões é apenas uma continuação modificada do velho padrão. Para uma revolução fundamental e duradoura, precisamos entender a mente e a ideia.

"O que você quer dizer com ideia? Você quer dizer conhecimento?"

Ideia é a projeção da mente; ideia é o resultado da experiência, e experiência é conhecimento. A experiência é sempre interpretada de acordo com o condicionamento consciente ou inconsciente da mente. A mente é experiência, é ideia; a mente não está separada da qualidade do pensamento. O conhecimento, acumulado e acumulante, é o processo da mente. A mente é experiência, memória, ideia, é o processo total da resposta. Até que entendamos o funcionamento da mente, da consciência, não poderá haver uma transformação fundamental do homem e de seus relacionamentos, que compõem a sociedade.

"Você está sugerindo que a mente, como o conhecimento, é a verdadeira inimiga da revolução e que jamais poderá produzir o novo plano, o novo Estado? Se você quer dizer que, como a men-

te ainda está ligada ao passado, ela nunca poderá compreender o novo e o que quer que possa planejar ou criar será resultado do velho, então como poderá um dia haver alguma mudança?"

Vamos ver. A mente é mantida em um padrão; sua própria existência é a estrutura na qual ela trabalha e se movimenta. O padrão é do passado ou do futuro, é desespero e esperança, confusão e utopia, o que foi e o que *deveria* ser. Com isso estamos todos familiarizados. Você quer quebrar o velho padrão e substituir por um "novo", o novo sendo o velho modificado. Você chama isso de novo para seus próprios objetivos e manobras, mas é ainda o velho. O suposto novo tem suas raízes no velho: ganância, inveja, violência, ódio, poder, exclusão. Incorporado a isso, você quer produzir um novo mundo. É impossível. Você pode enganar-se e aos outros, mas, a menos que o velho padrão seja quebrado totalmente, não poderá haver uma transformação radical. Você pode flertar com isso, mas você não é a esperança do mundo. A quebra do padrão, tanto do velho quanto do suposto novo, é da maior importância se for para a ordem surgir desse caos. Por isso é essencial entender os comportamentos habituais da mente. A mente funciona apenas dentro do campo do conhecido, da experiência, quer consciente ou inconsciente, coletiva ou superficial. Pode haver ação sem um padrão? Até agora, só conhecemos a ação em relação a um padrão, e essa ação é sempre uma aproximação do que *foi* ou do que *deveria* ser. A ação até aqui foi um ajustamento para a esperança e o medo, para o passado e para o futuro.

"Se a ação não for um movimento do passado para o futuro, ou entre o passado e o futuro, então que outra ação poderia haver? Você não está nos convidando para a inação, está?"

Seria um mundo melhor se cada um de nós estivesse ciente da verdadeira inação, que não é o oposto de ação. Mas isso é outro assunto. É possível para a mente existir sem um padrão, ser

livre dessa oscilação para a frente e para trás do desejo? É indiscutível que sim. Essa ação implica viver no agora. Viver é estar sem esperança, sem a preocupação do amanhã; não é desesperança ou indiferença. Mas nós *não* estamos vivendo; estamos sempre em busca da morte, do passado ou do futuro. Viver é a maior revolução. Viver não tem padrão, mas a morte tem: o passado e o futuro, o que foi ou a utopia. Você está vivendo para a utopia e, portanto, está convidando a morte, não a vida.

"Isso está tudo muito bem, mas não nos leva a lugar algum. Onde está sua revolução? Onde está a ação? Onde há uma nova maneira de viver?"

Não na morte, mas na vida. Você está buscando o ideal, a esperança, e essa busca você chama de ação, revolução. Seu ideal, sua esperança, é a projeção da mente para longe do que *é*. A mente, por ser o resultado do passado, está trazendo de si mesma um padrão para o novo, e isso você chama de revolução. Sua nova vida é a mesma de sempre, numa roupagem diferente. O passado e o futuro não sustentam a vida; eles têm a recordação e a esperança da vida, mas não são a vida. A ação da mente não está viva. A mente só consegue agir dentro da estrutura da morte, e revolução baseada na morte é apenas mais escuridão, mais destruição e infelicidade.

"Você me deixa totalmente vazio, quase nu. Isso pode ser bom espiritualmente para mim, há uma leveza de coração e mente, mas não é tão útil em termos da ação revolucionária coletiva."

Conformidade e liberdade

A TEMPESTADE COMEÇOU DE manhã cedo, com trovoadas e relâmpagos, e agora chovia fortemente; não parara o dia todo e a terra vermelha estava se encharcando. O gado abrigava-se sob uma grande árvore, onde havia também um pequeno templo branco. A base da árvore era enorme e o campo em torno era verde vivo. Havia uma ferrovia do outro lado do campo, e os trens avançavam com dificuldade colina acima, dando um apito triunfante no topo. Quando se caminhava junto à ferrovia, de vez em quando se deparava com uma grande naja de lindas padronagens, cortada em duas pelo trem recente. Os pássaros logo chegariam aos restos mortais e, em um instante, não haveria sinal da cobra.

Para viver sozinho é necessário ter grande inteligência; viver sozinho e ainda ser flexível é árduo. Para viver sozinho, sem os muros restritivos das gratificações, é necessário dedicar extrema vigilância; pois a vida solitária favorece a indolência, os hábitos que são confortáveis e difíceis de mudar. O viver só estimula o isolamento, e apenas os sábios podem viver sozinhos sem se prejudicar e causar prejuízo a outros. A sabedoria é solitária, mas um

caminho solitário não leva à sabedoria. O isolamento é a morte, e a sabedoria não é encontrada no recolhimento. Não há um caminho para a sabedoria, pois todos os caminhos são separatistas, exclusivistas. Em sua própria natureza, os caminhos só podem levar ao isolamento, embora esses isolamentos sejam chamados de unidade, o todo, o um e assim por diante. Um caminho é um processo exclusivo; o meio é exclusivo e o fim é como o meio. O meio não está separado da meta, do que *deveria* ser. A sabedoria vem com a compreensão do relacionamento da pessoa com o campo, com o transeunte, com o pensamento fugaz. Retirar-se, isolar-se para encontrar é dar um fim ao descobrimento. O relacionamento leva a um estar só que não é de isolamento. É necessário haver um estar só, não da mente fechada em si mesma, mas de liberdade. O completo é o sozinho e a incompletude busca o modo do isolamento.

Ela era uma escritora e seus livros tinham uma circulação bem ampla. Contou que só conseguira vir à Índia depois de muitos anos. Quando começou, não tinha ideia de onde iria parar; mas agora, depois desse tempo todo, seu destino tornara-se claro. O marido e a família toda estavam interessados em assuntos religiosos, não de forma superficial, mas muito seriamente; entretanto, ela tomara a decisão de deixar a todos e viera na esperança de encontrar alguma paz de espírito. Ela não conhecia ninguém neste país quando chegou, e foi muito difícil no primeiro ano. Ela veio, primeiro, para determinado *ashram*, ou retiro, sobre o qual havia lido. O guru de lá era um velho tranquilo que tivera certas experiências religiosas das quais ele agora vivia, e que constantemente repetia algum ditado sânscrito que seus discípulos entendiam. Ela foi bem recebida nesse retiro e achou fácil ajustar-se às regras. Ficou lá por vários meses, mas não encontrou a

paz, então, um dia, anunciou sua partida. Os discípulos ficaram horrorizados que ela pudesse sequer pensar em deixar tal mestre de sabedoria; mas ela foi embora. Então, foi para um *ashram* no meio das montanhas e ficou lá por algum tempo, feliz no início, pois era lindo, com árvores, riachos e vida selvagem. A disciplina era bastante rigorosa, o que não a incomodava; mas novamente os vivos eram os mortos. Os discípulos estavam venerando conhecimento morto, tradição morta, um mestre morto. Quando ela foi embora, eles também ficaram chocados, e a ameaçaram com trevas espirituais. Ela, então, foi para um retiro bem conhecido, onde se repetia várias afirmações religiosas e se praticava meditações com regularidade, mas gradualmente descobriu que estava entrando em uma armadilha e sendo destruída. Nem o mestre nem os discípulos queriam a liberdade, embora falassem sobre ela. Estavam todos preocupados em manter o centro, em manter os discípulos em nome do guru. De novo ela fugiu, e foi para outro lugar, sempre a mesma história, com um padrão ligeiramente diferente.

"Eu lhe garanto, estive na maioria dos *ashrams* sérios, e eles todos querem controlar as pessoas, enfraquecê-las para se encaixarem no padrão de pensamento que eles denominam a verdade. Por que todos eles querem que as pessoas se conformem a uma disciplina específica, ao modo de vida estabelecido pelo mestre? Por que eles apenas prometem liberdade mas nunca a oferecem?"

A conformidade é gratificante; ela garante a segurança do discípulo, e dá poder tanto ao discípulo quanto ao mestre. Pela conformidade, há o fortalecimento da autoridade, secular ou religiosa; e a conformidade gera entorpecimento, que eles chamam de paz. Se alguém deseja evitar o sofrimento através de alguma forma de resistência, por que não buscar esse caminho, embora

ele envolva uma determinada quantidade de dor? A conformidade anestesia a mente para o conflito. Queremos que nos deixem entorpecidos, insensíveis; tentamos barrar o feio e, desse modo, também nos tornamos entorpecidos ao bonito. A conformidade à autoridade dos mortos ou dos vivos dá uma profunda satisfação. O mestre sabe e você não sabe. Seria tolo você tentar descobrir qualquer coisa por si mesmo quando seu mestre confortador já sabe; então você se torna escravo dele, e escravidão é melhor do que confusão. O mestre e o discípulo ganham força na exploração mútua. Você realmente não vai para um *ashram* por liberdade, não é? Você vai para ser confortada, para ter uma vida de disciplina e crença fechadas, para venerar e, por sua vez, ser venerada — tudo isso é chamado de busca da verdade. Eles não podem oferecer liberdade, pois isso seria a própria destruição. A liberdade não pode ser encontrada em qualquer retiro, em qualquer sistema ou crença, nem pela conformidade nem pelo medo denominados disciplina. As disciplinas não podem oferecer liberdade; elas podem prometer, mas esperança não é liberdade. A imitação como um meio para a liberdade é a própria negação da liberdade, pois o meio é o fim; a cópia gera mais cópia, não liberdade. Mas gostamos de nos enganar, e é por isso que a compulsão ou a promessa de recompensa existem em formas sutis e diferentes. A esperança é a negação da vida.

"Agora estou evitando todos os *ashrams*, como a peste. Fui até eles por paz e recebi compulsões, doutrinas autoritárias e promessas vãs. Com que ansiedade aceitamos a promessa do guru! Como somos cegos! Finalmente, depois desses anos todos, estou totalmente desprovida de qualquer desejo de buscar suas recompensas prometidas. Fisicamente, estou exausta, como você pode ver; pois, muito insensatamente, eu de fato provei suas fórmulas. Em um desses lugares, onde o mestre está em ascensão e

é muito popular, quando disse a eles que estava vindo vê-lo, eles aceitaram a derrota, e alguns tinham lágrimas nos olhos. Essa foi a gota d'água! Eu vim aqui porque quero falar sobre algo que está apertando meu coração. Indiquei isso a um dos mestres e sua resposta foi que eu precisava controlar meu pensamento. É isso. A dor da solidão é mais do que posso suportar; não a solidão física, que é benvinda, mas a profunda dor interior de estar sozinha. O que posso fazer a esse respeito? Como devo considerar esse vazio?"

Quando você pergunta o caminho, torna-se um seguidor. Como há essa dor da solidão, você quer ajuda, e a própria solicitação por orientação abre a porta para a compulsão, a imitação e o medo. O "como" não é absolutamente importante, então vamos entender a natureza dessa dor, em vez de tentar superá-la, evitá-la ou ir para longe dela. Até que haja total entendimento dessa dor da solidão, não poderá haver paz, nem quietude, mas somente luta incessante; e, quer estejamos conscientes disso ou não, a maioria de nós está tentando fugir desse medo, seja de forma violenta ou sutil. Essa dor só existe em relação ao passado, e não em relação ao que *é*. O que *é* tem de ser descoberto, não verbal ou teoricamente, mas diretamente experienciado. Como pode haver descoberta do que realmente *é* se você abordar isso com um sentido de dor ou de medo? Para entender isso você não precisa abordá-lo livremente, despojada do conhecimento passado em relação a isso? Você não precisa chegar com uma mente nova, limpa das lembranças, das respostas habituais? Não pergunte como a mente pode libertar-se para ver o novo, mas ouça a verdade disso. Só a verdade liberta, e não seu desejo de ser livre. O próprio desejo e esforço de ser livre é um estorvo para a libertação.

Para entender o novo, a mente não precisa, com todas as suas conclusões e garantias, cessar suas atividades? Ela não precisa es-

tar silenciosa, sem buscar um modo de fugir dessa solidão, um remédio para isso? A dor da solidão não precisa ser observada, com seu movimento de desespero e esperança? Não é esse mesmo movimento que produz a solidão e seu medo? Não é a própria atividade da mente um processo de isolamento, de resistência? Não é toda a forma de relacionamento da mente um modo de separação, de recolhimento? Não é a própria experiência um processo de autoisolamento? Então o problema não é a dor da solidão, mas a mente que projeta o problema. O entendimento da mente é o início da liberdade. A liberdade não é algo no futuro, é o próprio primeiro passo. A atividade da mente só pode ser entendida no processo de resposta a cada tipo de estímulo. Estímulo e resposta formam um relacionamento em todos os níveis. O acúmulo em qualquer forma, como conhecimento, experiência ou crença, impede a liberdade; e é somente quando há liberdade que a verdade pode existir.

"Mas o esforço não é necessário, o esforço para entender?"

Nós entendemos alguma coisa por meio de luta, por meio de conflito? O entendimento não vem quando a mente está totalmente silenciosa, quando a ação do esforço cessou? A mente que é *silenciada* não é uma mente tranquila; ela é uma mente morta, insensível. Quando o desejo existe, a beleza do silêncio não existe.

Tempo e continuidade

A LUZ DA TARDE batia na água e as árvores escuras estavam contra o sol poente. Um ônibus lotado passou, seguido por um carro grande com pessoas elegantes. Uma criança passou rolando um arco. Uma mulher carregando um fardo pesado parou para recuperar o equilíbrio, depois continuou em seu caminho cansativo. Um menino em uma bicicleta saudou alguém e estava decidido a chegar em casa. Algumas mulheres passaram e um homem parou, acendeu um cigarro, jogou o fósforo na água, olhou em volta e continuou. Ninguém parecia notar as cores da água e as árvores contra o céu. Uma menina veio carregando um bebê, falando e apontando para as águas escuras para diverti-lo e distraí-lo. As luzes estavam surgindo nas casas e a estrela vespertina começava a navegar nas nuvens.

Há uma tristeza da qual temos pouquíssima consciência. Conhecemos a dor e o sofrimento da luta e da confusão pessoais; conhecemos a futilidade e a infelicidade da frustração; conhecemos a plenitude da alegria e sua transitoriedade. Conhecemos nosso próprio sofrimento, mas não estamos conscientes da tris-

teza do outro. Como podemos estar quando estamos fechados em nossos próprios infortúnios e sofrimentos? Quando nossos corações estão fatigados e entorpecidos, como podemos sentir a fadiga de outros? A tristeza é muito exclusiva, isoladora e destrutiva. Com que rapidez o sorriso desaparece! Tudo parece terminar em sofrimento, o isolamento supremo.

Ela era muito culta, capaz e objetiva. Estudara ciências e religião, e acompanhara atentamente a psicologia moderna. Embora ainda bem jovem, fora casada — com as infelicidades costumeiras do casamento, acrescentou. Agora estava livre e ansiosa para encontrar algo mais do que o condicionamento usual, sentir que estava progredindo além dos limites de sua mente. Os estudos haviam aberto sua mente para as possibilidades além do consciente e dos acúmulos do passado. Ela frequentara várias das palestras e discussões, explicou, e sentira que uma fonte comum a todos os grandes mestres estava ativa; ela ouvira com atenção e entendera bastante, e agora viera para discutir o inexaurível e o problema do tempo.

"Qual é a fonte além do tempo, aquele estado de ser que não está dentro do raciocínio da mente? O que é o atemporal, aquela criatividade da qual falou?"

É possível estar consciente do atemporal? Qual é o teste para conhecer ou estar consciente dele? Como você o reconheceria? Como o mediria?

"Nós só podemos julgar por seus efeitos."

Mas julgar é do tempo; e os efeitos da atemporalidade servem para ser julgados pela medida do tempo? Se conseguíssemos compreender o que entendemos por tempo, talvez fosse possível para o atemporal existir; mas é possível discutir o que é o atem-

poral? Ainda que nós dois estivéssemos conscientes dele, poderíamos falar sobre ele? Conseguimos falar sobre ele, mas nossa experiência não será o atemporal. Não é possível jamais falar sobre ele ou transmiti-lo, a não ser por meio do tempo; mas a palavra não é a coisa e, por meio do tempo, o atemporal obviamente não pode ser entendido. A atemporalidade é um estado que só chega quando o tempo não existe. Então vamos considerar o que queremos dizer com tempo.

"Existem diferentes tipos de tempo: tempo como crescimento, tempo como distância, tempo como movimento."

O tempo é cronológico e também psicológico. O tempo como crescimento é o pequeno tornando-se o grande, o carro de boi evoluindo para o avião a jato, o bebê tornando-se o homem. Os céus estão cheios de crescimento, e a Terra também. Esse é um fato óbvio, e seria estúpido negá-lo. O tempo como distância é mais complexo.

"Sabe-se que um ser humano pode estar em dois lugares distintos ao mesmo tempo — em um lugar por várias horas e em outro por alguns minutos durante o mesmo período."

O pensamento pode e realmente vaga para bem longe enquanto o pensador permanece em um único lugar.

"Não estou me referindo a esse fenômeno. Tem-se conhecimento de que uma pessoa, uma entidade física, esteve simultaneamente em dois lugares separados por grande distância. Entretanto, nosso assunto é o tempo."

O ontem usando o hoje como uma passagem para o amanhã, o passado fluindo pelo presente para o futuro, é um movimento de tempo, não três movimentos separados. Conhecemos o tempo como cronológico e psicológico, crescimento e transformação. Há um crescimento da semente em uma árvore, e há o processo da transformação psicológica. O crescimento é bastante claro, então

vamos pôr isso de lado por enquanto. A transformação psicológica envolve tempo. Eu sou *isto* e devo tornar-me *aquilo*, usando o tempo como uma passagem, como um meio; o que foi está se transformando naquilo que será. Estamos muito familiarizados com esse processo. Então o pensamento é tempo, o pensamento do que foi e o pensamento do que será, o que *é* e o ideal. O pensamento é o produto do tempo, e sem o processo de pensar o tempo não existe. A mente é a criadora do tempo, ela *é* o tempo.

"Isso é obviamente verdadeiro. A mente é a criadora e a usuária do tempo. Sem o processo mental, o tempo não existe. Mas é possível ir além da mente? Há um estado que não seja do pensamento?"

Vamos descobrir juntos se existe esse estado ou não. O amor é pensamento? Podemos pensar em alguém que amamos; quando o outro está ausente, pensamos nele ou temos uma imagem, uma fotografia dele. A separação provoca o pensamento.

"Você quer dizer que quando há unicidade o pensamento cessa e há apenas amor?"

A unicidade envolve dualidade, mas essa não é a questão. O amor é um processo do pensamento? O pensamento é do tempo; e o amor está preso ao tempo? O pensamento está preso ao tempo, e você está perguntando se é possível libertar-se da qualidade aprisionadora do tempo.

"Deve ser; do contrário, não poderia existir criação. A criação só é possível quando o processo de continuidade cessa. A criação é o novo, a nova visão, a nova invenção, a nova descoberta, a nova formulação, não a continuidade do velho."

A continuidade é a morte para a criação.

"Mas como é possível dar um fim à continuidade?"

O que você quer dizer por continuidade? O que causa a continuidade? O que junta um momento ao outro, como o fio junta

as contas em um colar? O momento é o novo, mas o novo é absorvido pelo velho e, assim, a cadeia da continuidade é formada. Existe mesmo o novo ou apenas o reconhecimento do novo pelo velho? Se o velho reconhece o novo, ele é o novo? O velho só pode reconhecer a própria projeção; ele pode chamá-lo de novo, mas isso não o será. O novo não é reconhecível; é um estado de não conhecimento, de não associação. O velho dá a si mesmo continuidade por meio de suas próprias projeções; ele nunca poderá conhecer o novo. O novo pode ser convertido no velho, mas o novo não pode estar com o velho. A experienciação do novo é a ausência do velho. A experiência e sua expressão são o pensamento, a ideia; o pensamento traduz o novo em termos do velho. É o velho que dá continuidade; o velho é a memória, a palavra, que é o tempo.

"Como é possível pôr um fim à memória?"

É possível? A entidade que deseja pôr fim à memória é, ela mesma, a formadora da memória; ela não está separada da memória. Não é verdade?

"Sim, o criador do esforço nasce da memória, do pensamento; o pensamento é o resultado do passado, consciente ou inconsciente. Então, o que se deve fazer?"

Apenas ouça e você fará, naturalmente, sem esforço, o que for essencial. O desejo é pensamento; o desejo forma a cadeia da memória. Desejo é esforço, a ação da vontade. A acumulação é o modo do desejo; acumular é continuar. Reunir experiência, conhecimento, poder ou coisas provoca a continuidade, e opor-se a essas coisas é continuar negativamente. A continuação positiva e a negativa são semelhantes. O centro de reunião é o desejo, desejo por mais ou por menos. O centro é o ser, situado em diferentes níveis, de acordo com o condicionamento da pessoa. Qualquer atividade desse centro só produz mais continuidade dele mesmo.

Qualquer movimento da mente está preso ao tempo; isso impede a criação. O atemporal não existe com a memória temporal. O ilimitado não é para ser medido pela memória, pela experiência. Só existe o inefável quando a experiência, o conhecimento, cessou totalmente. Só a verdade liberta a mente do próprio cativeiro.

A família e o desejo de segurança

Que coisa feia é estar satisfeito! O contentamento é uma coisa e a satisfação é outra. A satisfação torna a mente entorpecida e o coração, enfastiado; ela leva à superstição e à indolência, e a margem da sensibilidade é perdida. São aqueles que buscam gratificação e aqueles que a têm que causam confusão e sofrimento; são eles que geram a aldeia malcheirosa e a cidade barulhenta. Eles constroem templos para os ídolos e realizam rituais gratificantes; eles fomentam a segregação de classes e a guerra; eles estão multiplicando eternamente os meios de gratificação; dinheiro, política, poder e organizações religiosas são seu meio. Eles sobrecarregam a Terra com sua respeitabilidade e seus lamentos.

Mas contentamento é outro assunto. É trabalhoso estar contente. O contentamento não pode ser procurado em lugares secretos; ele não existe para ser buscado, como o prazer o é; não é para ser adquirido; ele não pode ser comprado pelo preço da renúncia; ele não tem, de modo algum, um preço; não é alcançado por qualquer meio; não existe para ser meditado e reunido. A busca pelo contentamento é somente a busca por mais satisfação.

O contentamento é a compreensão total do que existe de um momento para o outro; é a forma mais elevada do entendimento negativo. A gratificação conhece a frustração e o sucesso, mas o contentamento não conhece os opostos com seu conflito vazio. O contentamento está acima e além dos opostos; não é uma síntese, pois não tem relação com o conflito. O conflito só pode produzir mais conflito, ele gera mais ilusão e infelicidade. Com o contentamento vem a ação que não é contraditória. O contentamento do coração liberta a mente de suas atividades de confusão e distração. O contentamento é um movimento que não é do tempo.

Ela explicou que obteve seu mestrado em ciências com louvor, ensinou e fez algum trabalho social. Em um curto período depois de sua formatura, viajou pelo país em várias atividades: ensinando matemática em um lugar, realizando trabalhos sociais em outro, ajudando a mãe e trabalhando na organização de uma sociedade à qual pertencia. Ela não estava na política porque considerava isso uma busca de ambição pessoal e uma estúpida perda de tempo. Ela não se deixou enganar por nada disso e agora estava prestes a se casar.

Você tomou a própria decisão sobre com quem casar ou seus pais estão tratando desse assunto?

"Provavelmente meus pais. Talvez seja melhor dessa forma."

Por que, se me permite perguntar?

"Em outros países, um rapaz e uma moça se apaixonam; isso pode ser bom no início, mas logo há discórdia e infelicidade, as discussões e as pazes, o tédio do prazer e a rotina da vida. O casamento arranjado neste país termina da mesma maneira, a graça acaba, então não há muita escolha entre os dois sistemas. Ambos são bem terríveis, mas o que se vai fazer? Afinal, devemos nos casar, não podemos permanecer solteiros pela vida toda. É tudo

muito triste, mas pelo menos o marido dá certa segurança e os filhos são uma alegria; não se pode ter um sem o outro."

Mas o que acontece com os anos todos que você levou para obter seu mestrado?

"Acho que vou usá-los, mas os filhos e o trabalho doméstico ocuparão a maior parte de meu tempo."

Então qual foi o bem dessa suposta educação? Por que gastar tanto tempo, dinheiro e esforço para terminar na cozinha? Você não quer fazer algum tipo de trabalho social ou ensinar depois do casamento?

"Somente quando houver tempo. A não ser que se seja abastado, é impossível ter empregados e todo o resto. Temo que todos esses dias estarão terminados quando eu me casar — e eu quero me casar. Você é contra o casamento?"

Você considera o casamento uma instituição para estabelecer uma família? A família não é uma unidade em oposição à sociedade? Não é o centro do qual todas as atividades se irradiam, um relacionamento exclusivo que domina todas as outras formas de relacionamento? Ela não é uma atividade fechada em si mesma que produz divisão, separação, o importante e o humilde, o poderoso e o fraco? A família como um sistema parece resistir ao todo; cada família se opõe a outras famílias, outros grupos. A família, com sua propriedade, não é uma das causas da guerra?

"Se você é contrário à família, então precisa ser a favor da coletivização de homens e mulheres segundo a qual os filhos pertencem ao Estado."

Por favor, não tire conclusões precipitadas. Pensar em termos de fórmulas e sistemas só produz oposição e discórdia. Você tem seu sistema e o outro, o dele; os dois lutam, cada um procurando liquidar o outro, mas o problema ainda persiste.

"Mas se você é contra a família, então é a favor do quê?"

Por que colocar a questão desse modo? Se houver um problema, não é estúpido tomar partido de acordo com os próprios preconceitos? Não é melhor entender o problema do que gerar oposição e animosidade, multiplicando, assim, nossos problemas?

A família como está agora é uma unidade de relacionamento limitado, fechada em si mesma e exclusiva. Os reformadores e os supostos revolucionários tentaram abolir esse espírito de família exclusivista que gera todo tipo de atividade antissocial; mas ela é um centro de estabilidade como o oposto da insegurança, e a atual estrutura social no mundo inteiro não pode existir sem essa segurança. A família não é uma simples unidade econômica, e qualquer esforço para resolver essa questão nesse nível obviamente fracassará. O desejo por segurança não é apenas econômico, mas muito mais profundo e complexo. Se o homem destruir a família, encontrará outras formas de segurança por meio do Estado, do coletivo, da crença e assim por diante, que, por sua vez, gerará os próprios problemas. Precisamos entender o desejo por segurança interior e psicológica, e não simplesmente substituir um padrão de segurança por outro.

Então o problema não é a família, mas o desejo de estar seguro. O desejo de segurança não é, em qualquer nível, exclusivo? Esse espírito de exclusividade revela-se na família, na propriedade, no Estado, na religião etc. Esse desejo de segurança interior não estabelece formas exteriores de segurança que são sempre exclusivas? O próprio desejo de estar seguro destrói a segurança. Exclusão e separação devem, inevitavelmente, produzir desintegração; o nacionalismo, o antagonismo das classes e a guerra são seus sintomas. A família como meio de segurança interior é uma fonte de desordem e catástrofe social.

"Então, como a pessoa poderá viver, se não for como uma família?"

Não é estranho como a mente está sempre procurando por um padrão, um modelo? Nossa educação consiste em fórmulas e conclusões. O "como" é a demanda pela fórmula, mas as fórmulas não podem resolver o problema. Entenda a verdade disso. Somente quando não procurarmos a segurança interior é que poderemos viver exteriormente seguros. Enquanto a família for o centro da segurança, haverá desintegração social; enquanto a família for usada como um meio para um fim autoprotetor, deverá haver conflito e infelicidade. Não fique tão intrigada, é bastante simples. Enquanto eu usá-la, ou outra pessoa, para minha segurança psicológica, interior, terei de ser exclusivo; *eu* serei o mais importante, *eu* terei o maior significado; é a *minha* família, a *minha* propriedade. O relacionamento de utilidade é baseado na violência; a família como meio de segurança interior mútua provoca conflito e confusão.

"Entendo intelectualmente o que você diz, mas é possível viver sem esse desejo interior de estar seguro?"

Entender intelectualmente é não entender nada. Você quer dizer que ouviu as palavras e compreendeu seu significado, e isso é tudo; mas isso não produzirá ação. Usar o outro como um meio de satisfação e segurança não é amor. O amor nunca é segurança; o amor é um estado no qual não há o desejo de estar seguro; é um estado de vulnerabilidade; é o único estado no qual a exclusividade, a animosidade e o ódio são impossíveis. Nesse estado, a família pode tomar forma, mas ela não será exclusiva, fechada em si mesma.

"Mas nós não conhecemos esse amor. Como é possível...?"

É bom estar consciente dos comportamentos habituais do próprio pensamento. O desejo interior de segurança expressa-se

exteriormente pela exclusão e violência, e, enquanto seu processo não for totalmente entendido, não poderá haver amor. O amor não é outro refúgio na busca por segurança. O desejo por segurança precisa cessar totalmente para o amor existir. O amor não é algo que possa ser produzido por meio da compulsão. Qualquer forma de compulsão, em qualquer nível, é a própria negação do amor. Um revolucionário com uma ideologia não é um revolucionário de modo algum; ele só oferece um substituto, um tipo diferente de segurança, uma nova esperança; e esperança é morte. Só o amor pode produzir uma revolução ou transformação radical no relacionamento; e o amor não é um produto da mente. O pensamento pode planejar e formular estruturas magníficas de esperança, mas só levará a mais conflito, confusão e infelicidade. O amor existe quando a mente astuta e fechada em si mesma não existe.

O "eu"

"A MEDITAÇÃO É DA maior importância para mim; medito duas vezes por dia com muita regularidade há mais de 25 anos. No início, era tudo muito difícil, eu não tinha controle sobre meus pensamentos e havia um número excessivo de distrações; mas, gradualmente, eliminei-as quase por completo. Dediquei cada vez mais de meu tempo e energia ao resultado final. Fui a vários mestres e segui vários sistemas diferentes de meditação, mas, de um modo ou de outro, nunca fiquei satisfeito com qualquer um deles — talvez 'satisfeito' não seja a palavra certa. Eles todos levaram até determinado ponto, dependendo do sistema em particular, e descobri que estava me tornando um mero resultado do sistema, que não era o resultado final. Mas, com todas essas experiências, aprendi a dominar meus pensamentos completamente, e minhas emoções também estão sob controle. Pratiquei a respiração profunda para acalmar o corpo e a mente. Repeti a palavra sagrada e jejuei por longos períodos; moralmente, fui honrado, e as coisas do mundo não me atraem. Mas, após todos esses anos de luta e esforço, de disciplina e abnegação, não há

a paz, a bem-aventurança da qual os Grandes falam. Em raras ocasiões, houve momentos iluminadores de profundo êxtase, a promessa intuitiva de maiores coisas; mas parece que sou incapaz de discernir a ilusão de minha própria mente e fico sempre preso nela. Uma nuvem de desespero confuso está descendo sobre mim e há cada vez mais sofrimento."

Estávamos sentados na margem de um amplo rio, perto da água. A cidade ficava rio acima, um pouco distante. Um menino cantava na outra margem. O sol estava se pondo atrás de nós e havia pesadas sombras na água. Era uma tarde linda e serena, com massas de nuvens em direção ao leste, e o profundo rio nem parecia estar correndo. O homem estava totalmente desatento a toda essa beleza tão abrangente; ele estava totalmente absorvido em seu problema. Estávamos calados e ele fechara os olhos; seu rosto duro estava calmo, mas interiormente havia uma intensa luta acontecendo. Um bando de pássaros acomodou-se na beira d'água; seus pios devem ter sido levados até o outro lado do rio, pois logo um novo bando chegou da outra margem e juntou-se ao primeiro. Havia um silêncio atemporal cobrindo a Terra.

Durante todos esses anos você algum dia parou de se empenhar pelo resultado final? A vontade e o esforço não formam o "eu"? Pode o processo do tempo levar ao eterno?

"Nunca parei, conscientemente, de me empenhar por aquilo que meu coração, meu ser inteiro, anseia. Não ouso parar; se o fizesse, eu retrocederia, deterioraria. É da própria natureza de todas as coisas lutar sempre ascendentemente, e sem vontade e esforço haveria estagnação; sem essa luta intencional, eu jamais poderia ir além e acima de mim mesmo."

É possível o "eu" libertar-se do próprio cativeiro e ilusões? O "eu" não deve cessar para o inominável existir? E essa luta cons-

tante pelo resultado final não fortalece o "eu", por mais concentrado que seu desejo possa ser? Você luta pelo resultado final, enquanto outra pessoa busca as coisas mundanas; seu esforço pode ser mais enobrecedor, mas ainda será o desejo de obter, não é?

"Superei todas as paixões, todos os desejos, exceto esse, que é mais do que desejo; é a única coisa pela qual vivo."

Então você deve morrer para isso também, como está morto para outros anseios e desejos. Durante todos esses anos de luta e eliminação constante, você fortaleceu a si mesmo nesse único propósito, mas ele ainda está dentro do campo do "eu". E você quer experienciar o inefável — é esse seu anseio, não é?

"Claro. Sem dúvida alguma, quero conhecer o resultado final, quero experienciar Deus."

O experienciador está sempre condicionado por sua experiência. Se o experienciador estiver ciente de que ele está experienciando, então a experiência será o resultado de seus desejos autoprojetados. Se você souber que está experienciando Deus, então aquele Deus será a projeção de suas esperanças e ilusões. Não há liberdade para o experienciador, ele está sempre preso nas próprias experiências; ele é o criador do tempo e nunca poderá experienciar o eterno.

"Você quer dizer que aquilo que tenho me dedicado a construir, com esforço considerável e pela escolha sensata, deve ser destruído? E que preciso ser o instrumento de sua destruição?"

Pode o "eu" positivamente renunciar a si mesmo? Se o fizer, sua motivação, sua intenção será obter aquilo que não é para ser possuído. Qualquer que seja sua atividade, por mais nobre que seja sua meta, qualquer esforço da parte do "eu" ainda estará dentro do campo das próprias memórias, idiossincrasias e projeções, quer conscientes ou inconscientes. O "eu" pode dividir-se no "eu" orgânico e no "não eu" ou ser transcendental; mas

essa separação dualista é uma ilusão na qual a mente fica presa. Qualquer que possa ser o movimento da mente, ou do "eu", ela nunca poderá libertar-se; ela poderá ir de um nível a outro, de uma escolha estúpida a uma mais inteligente, mas seu movimento sempre estará dentro da esfera de sua própria criação.

"Você parece eliminar toda esperança. O que se pode fazer?"

Você precisa estar totalmente despido, sem o peso do passado ou a atração de um futuro esperançoso — o que não significa desespero. Se você estiver em desespero, não haverá vazio, despojamento. Você não conseguirá "fazer" nada. Você pode e precisa estar imóvel, sem qualquer esperança, anseio ou desejo; mas você não pode decidir ficar imóvel, reprimindo todo o ruído, pois nesse mesmíssimo esforço haverá ruído. O silêncio não é o oposto de barulho.

"Mas, em meu estado atual, o que deve ser feito?"

Se me permite dizer, você está tão ansioso para conseguir, tão impaciente para ter alguma direção positiva, que não está realmente ouvindo.

A estrela vespertina estava refletida no rio calmo.

Cedo, na manhã seguinte, ele voltou. O sol estava apenas surgindo sobre as copas das árvores, e havia uma névoa sobre o rio. Um barco com grandes velas, carregado com lenha, flutuava preguiçosamente rio abaixo; exceto pelo que estava no leme, os homens todos dormiam em diferentes partes do barco. Estava bastante silencioso e as atividades humanas ao longo do rio ainda não haviam começado.

"Apesar de minha impaciência e ansiedade exteriores, interiormente devo ter prestado atenção ao que você estava dizendo

ontem, pois, quando acordei esta manhã, havia uma sensação de liberdade, e a clareza que vem com o entendimento. Fiz minha meditação matinal habitual por uma hora antes de o sol nascer, e não estou absolutamente certo de que minha mente não esteja presa em várias ilusões mais amplas. Podemos prosseguir de onde paramos?"

Nós não podemos começar exatamente de onde paramos, mas podemos olhar nosso problema mais uma vez. A mente, externa e internamente, está sempre ativa, recebendo impressões; presa em suas memórias e reações, ela é um agregado de muitos desejos e conflitos. Ela funciona apenas dentro do campo do tempo, e nesse campo há contradição, a oposição da vontade ou desejo, que é esforço. Essa atividade psicológica do "eu" e do "meu" deve cessar, pois causa problemas e produz várias formas de agitação e desordem. Mas qualquer esforço para interromper essa atividade só causa mais atividade e agitação.

"Isso é verdade, já percebi isso. Quanto mais tentamos fazer a mente calar, mais resistência existe, e o esforço da pessoa é gasto para superar essa resistência; então, isso se torna um círculo vicioso e inquebrável."

Se estiver ciente da viciosidade desse círculo e perceber que *você* não pode quebrá-lo, então, com essa percepção, o censor, o observador, deixará de existir.

"Isto parece ser a coisa mais difícil de fazer: suprimir o observador. Eu tentei, mas até agora nunca fui capaz de ter êxito. Como se pode fazer isso?"

Você não está ainda pensando em termos do "eu" e do "não eu"? Você não está mantendo esse dualismo dentro da mente pela palavra, pela repetição constante da experiência e do hábito? Afinal, o pensador e seu pensamento não são dois processos distintos, mas nós os tornamos assim para atingir um objetivo

desejado. O censor toma forma com o desejo. Nosso problema não é como suprimir o censor, mas entender o desejo.

"É necessário haver uma entidade que seja capaz de entender, um estado que esteja separado da ignorância."

A entidade que disser "eu entendo" ainda estará dentro do campo da mente; ainda será o observador, o censor, não é?

"Claro que é; mas eu não vejo como esse observador poderá ser erradicado. E *pode* sê-lo?"

Vamos ver. Estávamos dizendo que é essencial entender o desejo. O desejo pode dividir-se, e realmente o faz, em prazer e dor, sabedoria e ignorância; um desejo opõe-se a outro, os conflitos mais vantajosos contra os menos vantajosos e assim por diante. Embora por vários motivos ele possa separar-se, o desejo é, na verdade, um processo indivisível, não é?

"Isso é algo difícil de entender. Estou tão acostumado a opor um desejo ao outro, a reprimir e transformar o desejo, que ainda não consigo estar totalmente consciente do desejo como um processo indivisível único; mas, agora que você mostrou isso, estou começando a perceber que é assim."

O desejo pode dividir-se em muitos anseios opostos e conflitantes, mas ainda será desejo. Esses muitos anseios levam a formar o "eu", com suas memórias, ansiedades, medos etc., e a atividade toda desse "eu" estará dentro do campo do desejo; ela não tem outro campo de atividade. É assim, não é?

"Por favor, continue. Estou ouvindo com meu ser inteiro, tentando ir além das palavras, profundamente e sem esforço."

Nosso problema, então, é este: é possível para a atividade do desejo chegar ao fim voluntária e livremente, sem qualquer forma de compulsão? Apenas quando isso acontecer poderá a mente estar silenciosa. Se você estiver consciente desse fato, a atividade do desejo não chegará ao fim?

"Somente por um período muito breve; depois, mais uma vez, a atividade habitual começará. Como isso pode ser interrompido?... Mas, à medida que pergunto, vejo o absurdo da pergunta!"

Você percebe o quanto somos gananciosos; queremos sempre cada vez mais. A demanda pela interrupção do "eu" torna-se nova atividade dele; mas não é novo, é simplesmente outra forma de desejo. Somente quando a mente está espontaneamente silenciosa pode a outra coisa, aquilo que não é da mente, tomar forma.

A natureza do desejo

Era uma tarde serena, e muitas velas brancas navegavam no lago. Bem ao longe, um pico coberto de neve sobressaía, como se suspenso pelos céus. A brisa vespertina do nordeste ainda não estava soprando, mas havia ondulações na água em direção ao norte e mais barcos estavam partindo. A água era muito azul, e o céu estava bem limpo. Era um lago amplo, mas, nos dias ensolarados, era possível avistar as cidades do outro lado. Nessa pequena baía, escondida e esquecida, era tudo muito tranquilo; não havia turistas e o barco a vapor que passeava pelo lago nunca chegava lá. Perto, havia uma aldeia de pescadores; e como o tempo prometia continuar bom, haveria barquinhos, com lanternas, pescando até bem tarde da noite. No encantamento da tarde, eles estavam preparando suas redes e barcos. Os vales estavam mergulhados nas sombras, mas as montanhas ainda guardavam o sol.

Estávamos caminhando por algum tempo e nos sentamos no caminho, pois ele viera para esclarecer uns assuntos.

"Até onde posso me lembrar, sempre estive em um interminável conflito, sobretudo comigo mesmo, embora, às vezes, isso se manifeste externamente. Não estou muito preocupado com qualquer conflito externo, pois aprendi a me ajustar às circunstâncias. Esse ajustamento, contudo, foi doloroso, pois não sou facilmente persuadido ou dominado. A vida tem sido difícil, mas sou bastante eficiente para ganhar bem. Mas tudo isso não é o problema. O que não consigo entender é esse conflito interno que não sou capaz de controlar. Em geral, acordo no meio da noite saindo de sonhos violentos, e parece que nunca tenho um momento sequer de descanso de meu conflito; ele continua, sob as ocupações diárias, e explode com frequência em meus relacionamentos mais íntimos."

O que você quer dizer por conflito? Qual é a natureza dele?

"Por fora, sou um homem bastante ocupado, e meu trabalho exige concentração e atenção. Quando minha mente está ocupada desse modo, meus conflitos interiores são esquecidos; mas, assim que há uma calmaria em meu trabalho, volto para meus conflitos. Esses conflitos são de natureza variada e em níveis diferentes. Quero ser bem-sucedido em meu trabalho, estar no topo de minha profissão, com muito dinheiro e tudo mais, e sei que posso conseguir isso. Em outro nível, estou consciente da estupidez de minha ambição. Adoro as boas coisas da vida e, em oposição a isso, quero levar uma vida simples, quase uma existência ascética. Detesto várias pessoas e, ainda assim, quero esquecer e perdoar. Posso continuar dando exemplos, mas estou certo de que pode entender a natureza de meus conflitos. Instintivamente, sou uma pessoa pacífica, mas a raiva é natural para mim. Sou muito sadio — o que pode ser um infortúnio, pelo menos no meu caso. No exterior, dou a impressão de ser calmo e equilibrado, mas sou agitado e confuso por causa de meus con-

flitos interiores. Já passei dos 30 anos e quero realmente abrir caminho através da confusão de meus próprios desejos. Veja: outra de minhas dificuldades é que acho quase impossível falar desses assuntos com qualquer pessoa. Essa é a primeira vez em muitos anos que consegui me abrir um pouco. Não sou reservado, mas detesto falar sobre mim mesmo, e não conseguiria fazer isso com um psicólogo. Sabendo de tudo isso, poderia me dizer se é possível para mim ter algum tipo de serenidade interior?"

Em vez de tentar abolir o conflito, vamos ver se podemos entender esse aglomerado de desejos. Nosso problema é ver a natureza do desejo, e não apenas superar o conflito; pois é o desejo que causa o conflito. O desejo é estimulado pela associação e recordação; a memória é parte do desejo. A lembrança do agradável e do desagradável alimenta o desejo e o divide em desejos opostos e conflitantes. A mente identifica-se com o agradável em oposição ao desagradável; por meio da escolha de dor e prazer, a mente separa o desejo, dividindo-o em diferentes categorias de atividades e valores.

"Embora haja muitos desejos conflitantes e opostos, todos os desejos são o mesmo. É isso?"

É, não é? E é realmente importante entender isso; do contrário, o conflito entre desejos opostos não terá fim. O dualismo do desejo, que a mente produziu, é uma ilusão. Não há dualismo no desejo, só tipos diferentes de desejo. Só existe dualismo entre tempo e eternidade. Nosso interesse é ver a irrealidade do dualismo do desejo. O desejo realmente divide-se em querer e não querer, mas a evitação de um e a busca pelo outro é ainda desejo. Não há escapatória do conflito por intermédio de qualquer um dos opostos do desejo, pois o próprio desejo gera sua oposição.

"Percebo vagamente que o que você diz é um fato, mas é também um fato que ainda estou dividido entre muitos desejos."

É um fato que todos os desejos são um só e o mesmo, e não podemos alterar esse fato, deturpá-lo para adequá-lo às nossas conveniências e prazer, ou usá-lo como um instrumento para nos libertar dos conflitos do desejo; mas, se virmos isso como verdadeiro, então ele terá o poder de libertar a mente da geração de ilusões. Então devemos estar conscientes do desejo dividindo-se em partes separadas e conflitantes. Nós somos esses desejos opostos e conflitantes, nós somos o fardo completo deles, cada um puxando numa direção diferente.

"Sim, mas o que podemos fazer a esse respeito?"

Sem primeiro dar uma olhada no desejo como uma peça única, seja lá o que consiga fazer ou não será de muito pouca importância, pois o desejo apenas multiplica o desejo e a mente fica presa nesse conflito. Só há liberdade do conflito quando o desejo, que forma o "eu" com suas lembranças e reconhecimentos, chega ao fim.

"Quando você diz que o conflito só para com a cessação do desejo, isso envolve um fim para a vida ativa da pessoa?"

Isso pode ou não acontecer. É tolo de nossa parte especular sobre que tipo de vida existiria sem o desejo.

"Você, certamente, não está dizendo que os desejos orgânicos devam cessar."

Os desejos orgânicos são moldados e acentuados pelos desejos psicológicos; estamos falando desses desejos.

"Podemos nos aprofundar um pouco mais no funcionamento desses anseios interiores?"

Os desejos são tanto declarados quanto ocultos, tanto conscientes quanto escondidos. Os escondidos são de importância muito maior do que os óbvios; mas não poderemos nos tornar familiarizados com os mais profundos se os superficiais não forem entendidos e domados. Não é que os desejos conscientes

devam ser reprimidos, sublimados ou moldados em qualquer padrão, mas eles precisam ser observados e aquietados. Com a tranquilização da agitação superficial haverá a possibilidade de que os desejos, as motivações e as intenções mais íntimas venham à tona.

"Como a pessoa pode aquietar a agitação da superfície? Vejo a importância do que você está dizendo, mas não percebo muito bem como abordar o problema, como experimentar com ele."

O experimentador não está separado daquilo que ele está experimentando. A verdade disso deve ser percebida. Você que está experimentando com seus desejos não é uma entidade separada desses desejos, é? O "eu" que diz "reprimirei esse desejo e irei atrás daquele outro" é, ele mesmo, o resultado de todos os desejos, não é?

"Pode-se sentir que isso é assim, mas, na verdade, perceber isso é muito diferente."

Se a cada desejo que surgir houver uma conscientização dessa verdade, então haverá libertação da ilusão do experimentador como uma entidade separada, não relacionada com o desejo. Enquanto o "eu" se esforçar para se libertar do desejo, ele só estará fortalecendo o desejo em outra direção e assim perpetuando o conflito. Se houver uma conscientização desse fato a cada momento, a vontade do censor cessará; e quando o experienciador for a experiência, você descobrirá que o desejo com seus muitos conflitos variados chegará ao fim.

"Tudo isso me ajudará a ter uma vida mais calma e plena?"

Certamente não no início. Seguramente, originará mais perturbações e haverá a necessidade de se fazer ajustes mais profundos; mas, quanto mais profundo e longe a pessoa for nesse problema complexo de desejo e conflito, mais simples isso se tornará.

O propósito da vida

A ESTRADA EM FRENTE à casa descia até o mar, seu caminho serpenteando por muitas lojinhas, ótimos prédios de apartamentos, garagens, templos e um jardim poeirento e descuidado. Quando chegava ao mar, a estrada tornava-se uma grande via de tráfego intenso, com táxis, ônibus chacoalhantes e todo tipo de barulho de uma cidade moderna. Saindo dessa via pública, havia uma avenida resguardada e tranquila, coberta por enormes árvores-da-chuva, mas, pelas manhãs e tardes, ficava cheia de carros a caminho de um clube elegante, com um campo de golfe e lindos jardins. Enquanto eu caminhava ao longo dessa avenida, via vários tipos de mendigos deitados na calçada; eles não eram barulhentos e sequer estendiam as mãos para os passantes. Uma menina de uns 10 anos estava deitada com a cabeça em uma lata, descansando com os olhos abertos; ela estava suja, com o cabelo desgrenhado, mas sorriu quando sorri para ela. Mais adiante, uma menininha, de 3 anos no máximo, aproximou-se com a mão estendida e um sorriso encantador. A mãe observava por trás de uma árvore próxima. Peguei a mão

estendida e caminhamos juntos por alguns passos, devolvendo-a para a mãe. Como eu não tinha moedas, voltei no dia seguinte com uma, mas a menininha não quis aceitar, ela queria brincar; então brincamos e a moeda foi entregue à mãe. Sempre que ando por aquela avenida, a menininha está lá, com um sorriso tímido e olhos vivos.

Defronte à entrada do clube elegante, um mendigo ficava sentado no chão; ele se cobria com um saco de aniagem imundo e seu cabelo desgrenhado era cheio de poeira. Alguns dias, quando eu passava, ele estava deitado, sua cabeça na terra, seu corpo nu coberto pelo saco de aniagem; em outros dias, ele estava sentado, perfeitamente imóvel, olhando sem ver, com as imensas árvores sobre ele. Certa noite, havia uma festa no clube; ele estava todo iluminado e os carros reluzentes cheios de pessoas rindo entravam, tocando suas buzinas. Da sede do clube vinha uma música alegre, alta e que enchia o ar. Muitos policiais estavam na entrada, onde um grande grupo se juntara para ver as pessoas elegantemente vestidas e bem alimentadas passarem em seus carros. O mendigo voltara suas costas a tudo isso. Um homem oferecia a ele algo para comer e outro, um cigarro, mas ele recusou ambos em silêncio, sem fazer um movimento. Ele estava morrendo lentamente, dia após dia, e as pessoas passando.

Aquelas árvores-da-chuva eram imponentes contra o céu escuro, de uma forma fantástica. Elas tinham folhas muito pequenas, mas seus ramos pareciam enormes, e eles tinham uma estranha grandiosidade e alheamento naquela cidade superpovoada de barulho e dor. Mas o mar estava lá, em movimento permanente, agitado e infinito. Havia velas brancas, simples pontos naquela infinitude, e na dança das águas a lua criava uma trilha de prata. A rica beleza da terra, das estrelas distantes e da huma-

nidade imortal. Uma vastidão imensurável parecia cobrir todas as coisas.

Ele era um homem relativamente jovem, e viera do outro lado do país, uma viagem cansativa. Fizera o voto de não se casar até que tivesse encontrado o significado e o propósito da vida. Determinado e dinâmico, ele trabalhava em um escritório do qual tirara uma licença por determinado período para tentar encontrar a resposta à sua busca. Tinha uma mente ativa e argumentativa, e estava tão associado às próprias respostas e às de outras pessoas que dificilmente escutaria. Suas palavras não saíam rápido o bastante, e ele citava sem cessar o que os filósofos e os mestres haviam concluído com respeito ao propósito da vida. Ele estava atormentado e profundamente ansioso.

"Sem saber o propósito da vida, minha própria existência não tem sentido, e todas as minhas ações são destrutivas. Ganho a vida apenas para prosseguir; sofro, e a morte me aguarda. Esse é meu modo de vida, mas qual é o propósito disso tudo? Eu não sei. Já estive com os estudiosos e com vários gurus; alguns dizem uma coisa, outros, outra. O que você diz?"

Você está perguntando a fim de comparar a resposta com o que foi dito em outros lugares?

"Sim. Então, poderei escolher. E minha escolha dependerá do que eu considerar ser verdadeiro."

Você acha que entender o que é verdadeiro é uma questão de opinião pessoal e depende de escolha? Por meio da escolha você descobrirá o que é verdadeiro?

"De que outra forma é possível encontrar o real a não ser pela discriminação, pela escolha? Ouvirei você com muita atenção, e se o que disser me agradar, rejeitarei o que os outros disseram

e modelarei minha vida pela meta que você definir. Sou extremamente sincero em meu desejo de descobrir qual é o verdadeiro propósito da vida."

Senhor, antes de continuarmos, não é importante se perguntar se você é capaz de buscar a verdade? Sugiro com respeito, não com um espírito depreciativo. A verdade é uma questão de opinião, de prazer, de gratificação? Você diz que aceitará o que lhe agradar, o que significa que você não está interessado na verdade, mas está atrás daquilo que julgar mais gratificante. Está preparado para passar pela dor, pela compulsão, para obter aquilo que no final será prazeroso. Está buscando o prazer, não a verdade. A verdade precisa ser algo além de atração e aversão, não é? A humildade deve estar no início de todas as buscas.

"É por isso que vim até aqui, senhor. Estou realmente buscando; conto com os mestres para me dizerem o que é verdadeiro, e os seguirei com um espírito humilde e contrito."

Seguir é negar a humildade. Você segue porque deseja ter sucesso, alcançar um fim. Um homem ambicioso, por mais que seja oculta e sutil sua ambição, nunca é humilde. Buscar a autoridade e defini-la como um guia é destruir a percepção, o entendimento. A busca de um ideal impede a humildade, pois o ideal é a glorificação do ser, do ego. Como pode aquele que de modos diferentes dá importância ao "eu" algum dia ser humilde? Sem humildade, a realidade jamais pode existir.

"Mas minha preocupação toda ao vir aqui é descobrir qual é o *verdadeiro* propósito da vida."

Se me permite dizê-lo, você está simplesmente preso em uma ideia, e isso está se tornando uma fixação. Isso é algo ao qual tem-se de estar sempre atento. Querendo conhecer o verdadeiro propósito da vida, você leu muitos filósofos e procurou muitos

mestres. Alguns dizem isso, outros dizem aquilo, e você quer saber a verdade. Agora, você quer saber a verdade do que eles dizem ou a verdade de sua própria investigação?

"Quando você faz uma pergunta direta como esta, hesito bastante em minha resposta. Existem pessoas que estudaram e experienciaram mais do que jamais conseguirei, e seria uma presunção absurda de minha parte descartar o que elas dizem, que pode me ajudar a descobrir o significado da vida. Mas cada um fala de acordo com a própria experiência e compreensão, e eles, às vezes, se contradizem. Os marxistas dizem uma coisa e os religiosos dizem outra, bastante diferente. Por favor, ajude-me a encontrar a verdade em tudo isso."

Ver o falso como falso e a verdade no falso, e a verdade como a verdade, não é fácil. Para perceber com clareza é preciso haver libertação do desejo, que confunde e condiciona a mente. Você está tão ansioso para encontrar o verdadeiro significado da vida que sua ansiedade se torna um estorvo para o entendimento em sua própria investigação. Você quer saber a verdade do que leu e do que seus mestres disseram, não é?

"Sim, decididamente."

Então você precisa ser capaz de descobrir por si mesmo qual é a verdade de todas essas declarações. Sua mente precisa ser capaz da percepção direta; se ela não o for, ficará perdida na floresta de ideias, opiniões e crenças. Se sua mente não tiver a capacidade de ver o que é verdadeiro, você será como uma folha ao vento. Então, o que é importante não são as conclusões e afirmações de outros, sejam lá de quem forem, mas você ter a percepção do que é verdadeiro. Não é isso que é mais essencial?

"Acho que sim, mas como vou ter esse dom?"

O entendimento não é um dom reservado a poucos, mas ele vem para os que são sinceros em seu autoconhecimento. A comparação não produz entendimento; a comparação é outra forma de distração, como o julgamento é evasão. Para a verdade existir, a mente precisa estar livre de comparação, livre de avaliação. Quando a mente está comparando, avaliando, ela não está silenciosa; ela está ocupada. Uma mente ocupada é incapaz de uma percepção clara e simples.

"Então isso significa que devo me despojar de todos os valores que construí, do conhecimento que reuni?"

A mente não precisa estar livre para descobrir? O conhecimento, as informações — as conclusões e experiências da pessoa e de outros, essa enorme e acumulada carga da memória —, proporcionam liberdade? Há liberdade enquanto existe o censor que está julgando, condenando, comparando? A mente nunca estará silenciosa se estiver sempre adquirindo e calculando, e não é preciso a mente estar serena para a verdade existir?

"Eu vejo isso, mas você não está pedindo demais de uma mente simples e ignorante como a minha?"

Você é simples e ignorante? Se o fosse mesmo, seria uma verdadeira delícia começar com uma investigação real; mas infelizmente não o é. A sabedoria e a verdade vêm para o homem que verdadeiramente diz "eu sou ignorante, eu não sei". Os simples, os inocentes, não aqueles que estão carregados de conhecimento, verão a luz, pois eles são humildes.

"Só quero uma coisa: saber o verdadeiro propósito da vida, e você me acumula de coisas que estão além de mim. Você não poderia me contar em simples palavras qual é o verdadeiro significado da vida?"

Senhor, você precisa começar bem perto para chegar bem longe. Você quer o imenso sem ver o que está próximo. Você quer

saber o significado da vida. A vida não tem início e não tem fim; ela é tanto morte quanto vida; é a folha verde e a folha seca que é levada pelo vento; é amor e sua imensurável beleza; é a tristeza da solidão e a felicidade do estar só. Ela não pode ser medida nem pode a mente descobri-la.

Valorização da experiência

Em cima da pedra quente, sob o sol escaldante, as mulheres da aldeia espalhavam o arroz que era mantido no depósito. Elas carregavam grandes feixes dele para a pedra chata e inclinada, e os dois bois amarrados à árvore logo pisariam no arroz para soltar os grãos. O vale era distante de qualquer cidade e os enormes tamarindeiros forneciam densas sombras. Através do vale, uma estrada poeirenta abria caminho pela aldeia e além. O gado e várias cabras cobriam os morros. As plantações de arroz estavam mergulhadas na água e os brancos pássaros do arrozal voavam com asas preguiçosas de uma plantação para outra; eles pareciam destemidos, mas eram ariscos e não deixavam que se chegasse perto. As mangueiras estavam começando a florir e o rio fazia um ruído alegre com sua água corrente transparente. Era uma terra agradável, mas a pobreza pairava sobre ela como uma praga. A pobreza voluntária é uma coisa, mas a pobreza compulsória é outra, bem diferente. Os aldeões eram pobres e doentes, e, embora agora houvesse um dispensário médico e fossem distribuídos alimentos, o dano produzido por séculos de privação não poderia ser

apagado em poucos anos. A fome não é problema de uma única comunidade ou de um único país, mas do mundo inteiro.

Com o pôr do sol chegava uma brisa suave do leste, e dos morros vinha a energia. Esses morros não eram muito altos, mas eram o suficiente para dar ao ar um frescor suave, tão diferente das planícies. As estrelas pareciam suspensas e bem próximas dos morros, e de vez em quando podia-se ouvir o fungar de um leopardo. Naquela noite, a luz por trás dos morros escurecidos parecia dar maior significado e beleza a todas as coisas ao redor da pessoa. Quando alguém sentava na ponte, os aldeões passando em seu caminho para casa, de repente, paravam de falar e somente continuavam sua conversa quando desapareciam na escuridão. As visões que a mente consegue evocar são muito vazias e entorpecidas; mas, quando a mente não cria a partir dos próprios elementos — memória e tempo —, existe aquilo sem nome.

Um carro de bois, com um lampião aceso, subia a estrada; lentamente, cada parte da roda presa com aço tocava o solo duro. O carreiro dormia, mas os bois conheciam o caminho de casa; eles passaram e logo foram também engolidos pela escuridão. Estava profundamente silencioso agora. A estrela vespertina estava sobre o morro, mas logo sumiria de vista. Ao longe, uma coruja piava, e por toda parte o mundo dos insetos da noite estava vivo e ocupado; ainda assim, a quietude não era quebrada. Ela continha tudo, as estrelas, a coruja solitária, a miríade de insetos. Se a pessoa prestasse atenção a ela, poderia perdê-la; mas se a pessoa fizesse parte dela, ela a acolheria. O observador nunca pode fazer parte dessa quietude; ele é um intruso olhando para ela, mas não faz parte dela. O observador só experiencia, ele nunca é a experiência, a coisa em si.

*

Ele viajara por todas as partes do mundo, conhecia várias línguas e fora professor e diplomata. Na juventude, estivera em Oxford, e por ter progredido na vida com muito esforço aposentara-se antes da idade habitual. Ele conhecia a música ocidental, mas gostava mais da música do próprio país. Estudara as diferentes religiões, e ficou especialmente impressionado com o budismo; mas, no final das contas, acrescentou, despidas de suas superstições, de seus dogmas e rituais, elas todas diziam mais ou menos a mesma coisa. Alguns dos rituais continham beleza, mas as finanças e o romantismo haviam tomado conta da maioria das religiões, e ele mesmo estava livre de todos os rituais e acréscimos dogmáticos. Ele experimentara a transmissão de pensamento e a hipnose, e estava familiarizado com a clarividência, mas jamais as considerou como um fim em si mesmas. A pessoa podia desenvolver faculdades ampliadas de observação, maior controle sobre a matéria e assim por diante, mas tudo isso parecia a ele bastante primitivo e óbvio. Ele usara algumas drogas, inclusive as mais recentes, que, até então, lhe haviam proporcionado uma intensidade de percepção e experiência além das sensações superficiais; mas não dera maior importância a essas experiências, pois elas não revelavam de modo algum o significado daquilo que ele sentia que estava além de todas as coisas efêmeras.

"Tentei várias formas de meditação", disse, "e por um ano inteiro me afastei de todas as atividades para ser eu mesmo e meditar. Em ocasiões diferentes, li o que você diz sobre meditação e fui enormemente afetado por isso. Desde minha meninice, a própria palavra 'meditação' ou seu equivalente em sânscrito exerce um efeito muito estranho sobre mim. Sempre encontrei uma beleza e uma satisfação extraordinárias na meditação, e é uma das poucas coisas que já me proporcionaram verdadeiro prazer na vida — se é possível usar-se semelhante palavra com respeito a

algo tão profundo quanto a meditação. Esse prazer não me largou, mas se aprofundou e se ampliou ao longo dos anos, e o que você disse sobre meditação abriu um novo céu para mim. Não quero perguntar mais nada sobre meditação, pois li quase tudo que você disse até agora sobre isso, mas gostaria de conversar, se puder, sobre um evento que aconteceu muito recentemente." Ele parou por um momento e depois continuou:

"Pelo que lhe contei, pode ver que não sou do tipo de pessoa que cria imagens simbólicas e as venera. Evitei escrupulosamente qualquer identificação com noções ou figuras religiosas autoprojetadas. Ouvi ou li que alguns dos santos — ou pelo menos alguns daqueles que as pessoas chamaram de santos — tinham visões de Krishna, Cristo, a Mãe (Kali, a Virgem Maria etc.). Posso perceber com que facilidade alguém poderia hipnotizar-se por meio de uma crença e evocar algumas visões capazes de alterar radicalmente sua conduta de vida. Mas não quero estar subordinado a qualquer ilusão; e, tendo dito tudo isso, quero descrever algo que aconteceu algumas semanas atrás.

"Um grupo de nós reunia-se com razoável frequência para debater assuntos de forma séria, e, uma noite, estávamos discutindo acaloradamente a notável semelhança entre comunismo e catolicismo quando, de repente, apareceu na sala uma figura sentada, com um manto amarelo e a cabeça raspada. Fiquei bastante espantado. Esfreguei os olhos e olhei para o rosto de meus amigos. Eles estavam totalmente desapercebidos da figura e tão ocupados com sua discussão que não notaram meu silêncio. Balancei minha cabeça, tossi e esfreguei os olhos de novo, mas a figura ainda estava lá. Eu não conseguiria transmitir a você a beleza que esse rosto tinha; não era apenas de forma, mas de algo infinitamente maior. Eu não conseguia desviar os olhos daquele rosto; e quando foi ficando demais para mim, e não querendo

que meus amigos percebessem meu silêncio e minha absorção espontânea, levantei-me e fui até a varanda. O ar da noite estava refrescante e frio. Andei de um lado para outro e logo voltei a entrar. Eles ainda estavam falando; mas a atmosfera da sala havia mudado, e a figura ainda estava no mesmo lugar que antes, sentada no chão, com sua cabeça extraordinária perfeitamente raspada. Eu não conseguia prosseguir com o que estávamos discutindo, e logo todos nós saímos. Enquanto eu caminhava para casa, a figura ia na minha frente. Isso aconteceu várias semanas atrás e ainda não me deixou, embora tenha perdido aquela imanência poderosa. Quando fecho os olhos, está lá, e algo muito estranho aconteceu comigo. Mas, antes de entrar nisso, o que *é* essa experiência? É uma autoprojeção do passado inconsciente, sem meu conhecimento e minha vontade conscientes, ou é algo totalmente independente de mim, sem qualquer relação com minha consciência? Pensei bastante sobre o assunto, e ainda não consegui encontrar a verdade."

Agora que teve essa experiência, você a valoriza? Ela é importante para você, se posso perguntar, e você se prende a ela?

"De certo modo, suponho que sim, se é para responder honestamente. Isso me deu uma liberdade criativa. Não que eu escreva poemas ou pinte, mas essa experiência produziu um profundo sentido de liberdade e paz. Eu a valorizo porque ela causou uma profunda transformação em mim. É, na verdade, de vital importância para mim, e eu não a perderia por preço algum."

Você não tem medo de perdê-la? Você busca conscientemente aquela figura ou ela é algo sempre vivo?

"Suponho que esteja apreensivo de perdê-la, pois de fato me apoio constantemente nessa figura e a estou sempre usando para criar um estado desejado. Nunca pensei nisso dessa forma antes, mas, agora que você perguntou, vejo o que estou fazendo."

É uma figura viva ou a lembrança de algo que chegou e partiu?

"Estou quase com medo de responder. Por favor, não pense que sou sentimental, mas essa experiência significou muito para mim. Embora eu tenha vindo aqui para discutir isso com você e ver a verdade, agora me sinto bastante hesitante e sem vontade de investigar isso; mas eu preciso. Às vezes, é uma figura viva, mas com mais frequência é a recordação de uma experiência passada."

Você vê como é importante estar consciente do que *é* e não ficar preso no que a pessoa *gostaria* que fosse. É fácil criar uma ilusão e viver nela. Vamos entrar no assunto com paciência. Viver no passado, por mais agradável que seja, por mais edificante, impede a experienciação do que *é*. O que *é* é sempre novo, e a mente acha bastante árduo e difícil não viver nos mil passados. Como você está se prendendo a essa memória, a experiência viva é negada. O passado tem um fim e o vivo é o eterno. A memória daquela figura o está encantando, inspirando, dando-lhe uma sensação de liberdade; é o morto que está dando vida ao vivo. Muitos de nós nunca sabemos o que é viver porque estamos vivendo com os mortos.

Posso salientar, senhor, que a apreensão de perder algo muito precioso se instalou. O medo surgiu em você. Daquela única experiência, você criou vários problemas: aquisitividade, medo, a carga da experiência e o vazio da própria existência. Se a mente puder libertar-se de todos os anseios aquisitivos, a experienciação terá um significado bem diferente e, então, o medo desaparecerá totalmente. O medo é uma sombra, não a coisa em si.

"Estou mesmo começando a ver o que estive fazendo. Não estou me desculpando, mas, como a experiência foi intensa, também o foi o desejo de me prender a ela. Como é difícil não ficar

preso em uma profunda experiência emocional! A memória de uma experiência é tão tentadoramente poderosa quanto a própria experiência."

É muito difícil diferenciar experienciação e memória, não é? Quando a experienciação vira uma lembrança, uma coisa do passado? Onde está a diferença sutil? É uma questão de tempo? O tempo não existe quando a experienciação existe. Toda experiência vira um movimento para o passado; o presente, o estado de experienciar, está imperceptivelmente fluindo para o passado. Cada experiência viva, um segundo depois, tornou-se uma memória, uma coisa do passado. Esse é o processo que todos conhecemos, e parece ser inevitável. Mas será que é mesmo?

"Estou acompanhando com muita atenção o que você está revelando, e estou mais do que encantado que esteja falando disso, pois estou consciente de mim mesmo apenas como uma série de memórias, em todos os níveis de meu ser. Eu sou memória. É possível ser, existir, nesse estado de experienciação? É isso que você está perguntando, não é?"

Palavras têm significados sutis para todos nós, e se por um momento pudermos ir além dessas referências e suas reações, talvez cheguemos à verdade. Com a maioria de nós, a experienciação está sempre virando memória. Por quê? Não é a constante atividade da mente receber ou absorver e afastar ou negar? Ela não se prende ao que é prazeroso, edificante, significativo e tenta eliminar tudo que não é útil para ela mesma? E ela poderá existir algum dia sem esse processo? Certamente, esta é uma pergunta vã, como descobrimos no momento em que a fazemos.

Agora vamos prosseguir. Esse acúmulo positivo ou negativo, esse processo avaliador da mente, torna-se o censor, o vigia, o experienciador, o pensador, o ego. No momento da experienciação, o experienciador não existe; mas o experienciar toma forma

quando a escolha começa, isto é, quando o vivo termina e há o início da acumulação. O anseio aquisitivo torna o vivo, a experienciação, insignificante, fazendo disso uma coisa do passado, da memória. Enquanto houver o observador, o experienciador, será inevitável a existência da aquisitividade, o processo de acumulação; enquanto houver uma entidade separada que esteja observando e escolhendo, a experiência sempre será um processo do vir a ser. Ser ou experienciar existe quando a entidade separada não existe.

"Como a entidade separada pode cessar?"

Por que você está fazendo esta pergunta? O "como" é um novo modo de adquirir. Estamos agora preocupados com a aquisitividade, e não com o modo de atingir a libertação dela. A libertação *de* algo não é libertação absolutamente; é uma reação, uma resistência, que somente gera mais oposição.

Mas vamos voltar à sua pergunta original. A figura era autoprojetada ou ela tomou forma sem sua influência? Ela era independente de você? A consciência é uma coisa complicada e seria tolo dar uma resposta definitiva, não seria? Mas pode-se ver que o reconhecimento se baseia em um condicionamento da mente. Você estudou budismo e, como disse, ele o impressionou mais do que qualquer outra religião, então o processo de condicionamento aconteceu. Esse condicionamento pode ter projetado a figura, muito embora a mente consciente estivesse ocupada com um assunto totalmente diferente. Ademais, por sua mente ter sido aguçada e sensibilizada por seu modo de viver e pela discussão que estava tendo com seus amigos, talvez tenha "visto" o pensamento vestido em um formato budista, como outro poderia "vê-lo" isso em um formato cristão. Mas, quer tenha sido autoprojetado ou não, não é de importância vital, é?

"Talvez não, mas me mostrou muito."

É mesmo? Ele não lhe revelou o funcionamento da própria mente, e você se tornou um prisioneiro dessa experiência. Toda experiência tem significado quando com ela vem autoconhecimento, que é o único fator libertador ou integrador; mas sem autoconhecimento a experiência é um fardo, levando a todo tipo de ilusão.

Esse problema do amor

Um patinho vinha subindo pelo canal como um navio a todo vapor, sozinho e cheio de importância nos grasnados. O canal serpenteava entrando e saindo da cidade. Não existiam outros patos à vista, mas esse fazia barulho suficiente para toda uma passarada. Os poucos que o ouviam não davam atenção, mas isso não importava para o pato. Ele não estava assustado, e sentia-se como um sujeito proeminente naquele canal; ele o dominava. Para além da cidade, o interior era agradável, com pastos verdes e vacas gordas brancas e pretas. Havia aglomerações de nuvens no horizonte e o céu parecia baixo, perto da terra, com aquela luz que somente esta parte do mundo parece ter. A terra era tão plana como a palma de uma mão, e a estrada subia somente para passar pelas pontes que cruzavam os altos canais. Era uma linda tarde; o sol estava se pondo por trás do mar do Norte e as nuvens adquiriam a cor do sol poente. Grandes raios de luz, azuis e rosas, cruzavam o céu.

Ela era esposa de um homem bem conhecido, que ocupava um elevado cargo no governo, quase no topo, mas não tanto.

Bem vestida e de modos calmos, tinha aquele ar peculiar de poder e opulência, a segurança de uma pessoa há muito acostumada a ser obedecida e de fazer com que tudo fosse realizado. De uma ou duas coisas que disse, era evidente que seu marido tinha o cérebro e ela, o dinamismo. Juntos, eles galgaram o topo, mas justamente quando muito mais poder e posição já estavam quase nas mãos deles, ele caíra terrivelmente doente. Nesse ponto de sua narrativa, ela quase não conseguiu continuar, e lágrimas desceram por seu rosto. Ela chegara com uma segurança sorridente, mas que logo desaparecera. Sentando-se, ela ficou calada por algum tempo, e depois continuou.

"Li algumas de suas palestras e frequentei uma ou duas delas. Enquanto eu o ouvia, o que disse teve grande importância. Mas essas coisas fogem rápido da gente, e agora que estou realmente em grande dificuldade, pensei em vir vê-lo. Estou certa de que entende o que aconteceu. Meu marido está fatalmente doente e tudo pelo que vivemos e trabalhamos está desmoronando. O partido e seu trabalho continuarão, mas... Embora haja médicos e enfermeiros, eu mesma tenho cuidado dele, e há meses durmo muito pouco. Não suporto perdê-lo, embora os médicos digam que há pouca chance de ele se recuperar. Pensei e pensei sobre tudo isso e quase adoeci de ansiedade. Não temos filhos, sabe, e somos muito importantes um para o outro. E agora..."

Você quer de fato falar seriamente e entrar nesse assunto?

"Estou tão desesperada e confusa, não acredito que seja capaz de pensar com seriedade; mas preciso ter algum tipo de clareza em mim."

Você ama seu marido ou as coisas que acontecem por meio dele?

"Eu amo..." Ela estava chocada demais para continuar.

Por favor, não considere a pergunta cruel, mas você terá de encontrar a verdadeira resposta; do contrário, a tristeza sempre estará presente. Revelar a verdade dessa questão poderá ser a descoberta do que é o amor.

"Em meu estado atual, não consigo pensar nisso."

Mas esse problema do amor não passou pela sua cabeça?

"Uma vez, talvez, mas rapidamente me livrei dele. Sempre tive tanta coisa para fazer antes de ele ficar doente; e agora, claro, todo pensar é doloroso. Eu o amava por causa da posição e do poder que vinham com ele ou eu apenas o amava? Já estou falando dele como se não existisse! Realmente não sei de que modo o amo. No momento, estou confusa demais e meu cérebro recusa-se a trabalhar. Se der, gostaria de voltar em outra ocasião, talvez depois de ter aceitado o inevitável."

Se me permite dizer, a aceitação também é uma forma de morte.

Vários meses se passaram até voltarmos a nos encontrar. Os jornais tinham estado cheios de notícias da morte dele e agora ele também estava esquecido. O falecimento deixara marcas no rosto dela, e logo a amargura e o ressentimento revelaram-se em sua conversa.

"Não falei com ninguém sobre tudo isso", explicou. "Simplesmente me retirei de todas as minhas atividades do passado e me enterrei no campo. Tem sido terrível e espero que você não se importe se eu falar só um pouco. Durante toda a minha vida, fui tremendamente ambiciosa e, antes de me casar, entreguei-me a trabalhos de caridade de todo tipo. Logo depois que casei, e em grande parte por causa de meu marido, deixei as pequenas brigas dos trabalhos de caridade e mergulhei de coração na política. Era um campo muito maior de luta e adorei cada minuto disso — os

altos e baixos, as intrigas e as invejas. Meu marido era brilhante a seu modo calmo, e com minha ambição dinâmica estávamos sempre progredindo. Como não tivemos filhos, todo meu tempo e pensamento eram dedicados a promover meu marido. Trabalhávamos juntos esplendidamente, complementando-nos de modo extraordinário. Tudo estava caminhando conforme havíamos planejado, mas sempre tive um medo atormentador de que tudo estava indo bem demais. Então um dia, há dois anos, quando meu marido estava sendo examinado devido a um problema sem importância, o médico disse que havia um tumor que devia ser verificado imediatamente. Era maligno. Por um período, fomos capazes de manter a coisa toda em segredo; mas, seis meses atrás, começou tudo de novo, e foi um sofrimento terrível. Quando vim encontrá-lo você da última vez, estava triste e angustiada demais para pensar, mas talvez agora eu consiga ver as coisas com um pouco mais de clareza. Sua pergunta me transtornou mais do que posso dizer. Talvez você se lembre que perguntou se eu amava meu marido ou as coisas que vinham com ele. Pensei muitíssimo a esse respeito; mas não é um problema complexo demais para ser respondido por mim mesma?"

Talvez, mas, a não ser que se descubra o que é o amor, sempre haverá dor e tristes decepções. E é difícil descobrir onde o amor acaba e a confusão começa, não é?

"Você me pergunta se meu amor por meu marido não estava misturado com meu amor por posição e poder. Eu amava meu marido porque ele me proporcionava os meios para realizar minha ambição? É parte isso e parte o amor pelo homem. O amor é uma mistura de muitas coisas."

É amor quando há total identificação com outra pessoa? E essa identificação não é um modo indireto de dar importância a si mesmo? É amor quando há a tristeza da solidão, a dor de ser

privada das coisas que aparentemente deram significado à vida? Ser desligado dos caminhos de autorrealização, das coisas pelas quais o ser viveu, é a negação da autoimportância, e isso gera desilusão, amargura, a infelicidade do isolamento. E essa infelicidade é amor?

"Você está tentando me dizer, não é, que eu não amava absolutamente meu marido? Fico estarrecida comigo mesma quando você diz desse modo. E não há outra forma de dizê-lo, há? Nunca pensei sobre tudo isso e somente quando recebi o golpe é que houve uma real infelicidade em minha vida. Claro, não ter tido filhos foi uma grande decepção, mas era amenizada pelo fato de que eu tinha meu marido e o trabalho. Suponho que eles se tornaram meus filhos. Há uma finalização assustadora na morte. De repente, encontro-me sozinha, sem coisa alguma para me ocupar, posta de lado e esquecida. Agora percebo a verdade do que você diz; mas, se tivesse dito essas coisas há três ou quatro anos, eu não o teria ouvido. Eu me pergunto se estive ouvindo mesmo agora, ou apenas procurando motivos para me justificar! Posso voltar para conversar novamente?"

Qual é a verdadeira função de um professor?

As FIGUEIRAS E AS TAMARINDEIRAS dominavam o pequeno vale, que estava verde e animado após as chuvas. Ao ar livre, o sol era forte e queimante, mas na sombra estava agradável e fresco. As sombras eram densas e as velhas árvores estavam uniformemente posicionadas contra o céu azul. Havia um número incrível de pássaros naquele vale, de muitos tipos diferentes, e eles vinham para as árvores e logo sumiam nelas. Provavelmente, não haveria mais chuva por vários meses, mas agora o campo estava verde e calmo, os poços estavam cheios e havia esperança na terra. As cidades corrompidas estavam distantes, além dos morros, mas as aldeias próximas eram imundas e as pessoas passavam fome. O governo só prometia, e os aldeões pareciam importar-se muito pouco. Havia beleza e alegria em volta deles, mas eles não tinham olhos para isso nem para as próprias riquezas interiores. No meio de tanta beleza, o povo era insensível e vazio.

Ele era um professor com salário baixo e uma grande família, mas estava interessado em educação. Disse que tinha difi-

culdades em viver com o que ganhava, mas de alguma forma conseguia sobreviver, e a pobreza não era um fator perturbador. Embora não houvesse abundância de comida, eles tinham o suficiente, e como seus filhos tinham educação gratuita na escola em que ele ensinava, eles conseguiam ir vivendo. Era competente em sua disciplina e ensinava outras também, dizendo que qualquer professor que fosse inteligente poderia fazer o mesmo. Ele, mais uma vez, acentuou seu profundo interesse pela educação.

"Qual é a função de um professor?", perguntou.

Ele é simplesmente um doador de informação, um transmissor de conhecimento?

"Ele precisa ser pelo menos isso. Em qualquer sociedade, os meninos e as meninas precisam estar preparados para ganhar a vida, depender de suas capacidades e assim por diante. É parte da função de um professor transmitir conhecimento ao aluno para que ele possa ter um emprego quando chegar a hora e talvez também ajudar a criar uma estrutura social melhor. O aluno precisa estar preparado para enfrentar a vida."

Isso é verdade, senhor, mas não estamos tentando descobrir qual é a função de um professor? É simplesmente preparar o aluno para uma carreira bem-sucedida? O professor não tem uma importância maior ou mais ampla?

"Claro que tem. Em primeiro lugar, ele pode ser um exemplo. Pelo seu modo de viver, pela sua conduta, atitude e ponto de vista, ele pode influenciar e inspirar o aluno."

É função do professor ser um exemplo para o aluno? Não existem já exemplos, heróis, líderes suficientes sem precisarmos acrescentar outro à longa lista? O exemplo é o modo de educar? Não é função da educação ajudar o aluno a ser livre, a ser criativo? E há liberdade na imitação, na conformidade, quer interna ou externa? Quando o aluno é estimulado a seguir um exemplo,

o medo não é mantido em uma forma profunda e sutil? Se o professor tornar-se um exemplo, esse mesmo exemplo não moldará e deturpará a vida do aluno, e você não estará aí estimulando o conflito eterno entre o que ele é e o que ele deveria ser? Não é função do professor ajudar o aluno a entender o que ele é?

"Mas o professor deve guiar o aluno em direção a uma vida melhor e mais nobre."

Para guiar, você precisa saber; mas você sabe? O que você sabe? Você só sabe o que aprendeu pelos filtros de seus preconceitos, que é seu condicionamento como hindu, cristão ou comunista; e esse modo de guiar só leva a mais infelicidade e derramamento de sangue, como se tem mostrado pelo mundo afora. Não é a função de um professor ajudar o aluno a se libertar de maneira inteligente de todas essas influências condicionantes para que ele seja capaz de enfrentar a vida profunda e totalmente, sem medo, sem descontentamento agressivo? O descontentamento é parte da inteligência, mas não o fácil apaziguamento do descontentamento. O descontentamento aquisitivo é logo apaziguado, pois ele busca o surrado padrão da ação aquisitiva. Não é a função de um professor dissipar a ilusão gratificante de guias, exemplos e líderes?

"Então pelo menos o professor pode inspirar o aluno para realizações mais notáveis."

Mais uma vez, você não está abordando o problema de forma equivocada, senhor? Se você, como professor, infundir pensamentos e sentimentos no aluno, não o estará tornando psicologicamente dependente? Quando você age como a inspiração dele, quando ele o vê como veria um líder ou um ideal, certamente está dependendo de você. A dependência não gera medo? E o medo não prejudica a inteligência?

"Mas se o professor não é para ser nem um inspirador, um exemplo, nem um guia, então, em nome dos céus, qual é sua verdadeira função?"

No momento em que não for nenhuma dessas coisas, o que você será? Qual é seu relacionamento com o aluno? Antes, você tinha, de algum modo, um relacionamento com o aluno? Seu relacionamento com ele estava baseado em uma ideia do que seria bom para ele, que ele deveria ser isso ou aquilo. Você era o professor e ele era o aluno; você atuava sobre ele, influenciava-o de acordo com seu condicionamento particular, então, consciente ou inconscientemente, você o moldava à própria imagem. Mas se você deixar de atuar sobre ele, então ele se tornará importante por si mesmo, o que significa que você terá de entendê-lo e não exigir que ele deva entender você e seus ideais, que são falsificados de qualquer maneira. Então você tem de lidar com o que *é* e não com o que *deveria* ser.

Certamente, quando o professor considera cada aluno como um indivíduo único e, portanto, alguém que não deva ser comparado com qualquer outro, ele então não está preocupado com o sistema ou método. Sua única preocupação é em "ajudar" o aluno a entender as influências condicionantes sobre ele e em seu interior, para que possa enfrentar com inteligência, sem medo, o complexo processo de viver e não adicionar mais problemas à confusão já existente.

"Você não está pedindo ao professor uma tarefa que não está de fato nas mãos dele?"

Se você for incapaz disso, então, por que ser um professor? Sua pergunta só tem sentido se ensinar for uma simples carreira para você, um emprego como outro qualquer, pois acho que nada é impossível para o verdadeiro educador.

Seus filhos e o sucesso deles

Era uma tarde encantadora. Os topos dos morros brilhavam com o pôr do sol, e na areia, no caminho que cruzava o vale, quatro pica-paus tomavam banho. Com seus bicos um tanto longos, eles retiravam a areia que estava debaixo deles, suas asas batendo enquanto enterravam seus corpos cada vez mais fundo no solo, e depois começavam tudo novamente, os tufos em suas cabeças subindo e descendo. Eles piavam uns para os outros e estavam se divertindo bastante. Para não incomodá-los, nós paramos fora do caminho, sobre a grama curta e grossa pelas recentes chuvas; e lá, a alguns passos de distância, estava uma grande cobra, amarela e poderosa. Sua cabeça era lisa, pintada e cruelmente moldada. Ela estava atenta demais aos pássaros para ser perturbada, seus olhos negros observando sem se mover e sua língua preta bifurcada disparando para dentro e para fora. Quase imperceptivelmente, ela se movia em direção aos pássaros, suas escamas sem fazer ruído algum sobre a grama. Era uma naja, e a morte estava com ela. Perigosa mas linda, cintilava na luz do anoitecer, e devia ter trocado recentemente a pele. De súbito, os quatro pássaros

foram embora, com um grito, e então vimos algo extraordinário acontecer: uma naja relaxar. Ela estivera tão ansiosa, tão tensa, e agora parecia quase inanimada, parte da terra — mas, em um segundo, fatal. Ela se movia com facilidade e somente levantou a cabeça quando fizemos um leve ruído, mas com ela ia uma serenidade peculiar, a serenidade do medo e da morte.

Ela era uma senhora idosa e pequena, com cabelos brancos, mas bem conservada. Embora suave na fala, seu porte, seu caminhar, seus gestos e o modo como sustentava a cabeça, tudo mostrava uma agressividade bem arraigada que sua voz não escondia. Ela tinha uma grande família, vários filhos e filhas, mas seu marido estava morto há algum tempo e ela tivera de criá-los sozinha. Um dos filhos, disse com visível orgulho, era um médico de sucesso, com uma grande clientela, e também um bom cirurgião. Uma das filhas era uma política habilidosa e bem-sucedida e, sem muita dificuldade, estava conseguindo conquistar seu espaço; ela disse isso com um sorriso que sugeria "você sabe como são as mulheres". Ela continuou a explicar que essa senhora política tinha aspirações espirituais.

O que quer dizer com aspirações espirituais?

"Ela quer ser a chefe de um grupo religioso ou filosófico."

Ter poder sobre outros por meio de uma organização é certamente ruim, não é? Esse é o modo de todos os políticos, estejam eles na política ou não. Você pode esconder isso com palavras agradáveis e enganosas, mas o desejo de poder não é sempre ruim?

Ela ouviu, mas o que estava sendo dito não fazia sentido para ela. Estava escrito em seu rosto que ela estava preocupada com algo, o que logo surgiria. Ela continuou a contar sobre as ativi-

dades de seus outros filhos, todos eles fortes e saindo-se bem, exceto aquele que realmente amava.

"O que é a tristeza?", perguntou de repente. "No fundo, parece que senti isso durante minha vida toda. Embora todos os meus filhos, menos um, estejam bem de vida e satisfeitos, a tristeza tem estado constantemente a meu lado. Eu não consigo localizar, mas isso me tem perseguido, e geralmente fico acordada à noite imaginando o que ela quer dizer. Também estou preocupada com meu filho mais novo. Sabe, ele é um fracasso. O que quer que ele toque, desmorona: seu casamento, seu relacionamento com irmãos e irmãs, e com amigos. Ele quase nunca tem um emprego e, quando consegue um, algo acontece e ele sai. Ele parece incapaz de ser ajudado. Eu me preocupo com ele e, embora aumente minha tristeza, não acho que ele seja a raiz dela. O que é tristeza? Eu tenho tido ansiedade, decepções e dores físicas, mas essa tristeza penetrante é algo além disso tudo, e não fui capaz de encontrar sua causa. Podemos falar a esse respeito?"

Você está muito orgulhosa de seus filhos e especialmente do sucesso deles, não é?

"Acho que qualquer pai ou mãe estaria, pois todos eles se saíram bem, exceto o último. Eles estão prósperos e felizes. Mas por que está fazendo esta pergunta?"

Isso pode ter algo a ver com sua tristeza. Você tem certeza de que sua tristeza não tem nada a ver com o sucesso deles?

"Claro; pelo contrário, estou muito feliz com isso."

O que você acha que é a raiz de sua tristeza? Se me permite perguntar, a morte de seu marido a afetou muito intimamente? Você ainda está afetada por isso?

"Foi um grande choque. Fiquei muito solitária após sua morte, mas logo esqueci minha solidão e tristeza, pois havia os filhos para serem cuidados e eu não tinha tempo de pensar em mim mesma."

Você acha que o tempo apaga a solidão e a tristeza? Elas ainda não estão aí, enterradas em camadas cada vez mais profundas de sua mente, embora você possa tê-las esquecido? Será que não podem ser elas a causa de sua tristeza consciente?

"Como eu disse, a morte de meu marido foi um choque, mas era, de algum modo, esperada, e com lágrimas eu a aceitei. Quando garota, antes de me casar, presenciei a morte de meu pai e, alguns anos depois, a de minha mãe também; mas nunca me interessei pelas religiões oficiais, e todo esse clamor para explicações sobre a morte e o outro mundo nunca me afetou. A morte é inevitável e vamos aceitá-la com o menor estardalhaço possível."

Esse pode ser o modo como você considera a morte, mas a solidão pode ser tão facilmente discutida? A morte é algo do amanhã, para ser encarada, talvez, quando chegar; mas a solidão não está sempre presente? Você pode decidir mandá-la embora, mas ela ainda estará atrás da porta. Você não deveria convidar a solidão a entrar e olhar para ela?

"Eu não sei. A solidão é muito desagradável, e tenho dúvida de que consiga chegar a ponto de convidar esse sentimento horrível. É realmente bastante assustador."

Você não deveria entender isso totalmente, visto que pode ser a causa de sua tristeza?

"Mas como vou entendê-la se ela é a mesmíssima coisa que me causa dor?"

A solidão não lhe causa dor, mas a ideia da solidão lhe causa medo. Você nunca experienciou o estado de solidão. Você sempre se aproximou da solidão com apreensão, pavor, com o desejo de fugir dela ou de encontrar uma forma de superá-la; portanto, você a evitou, não? Você realmente nunca entrou diretamente em contato com ela. Para afastar a solidão de si, você fugiu para as atividades de seus filhos e o sucesso deles. O sucesso deles tor-

nou-se seu; mas por trás dessa veneração ao sucesso não há alguma preocupação íntima?

"Como você sabe?"

Aquilo para o qual você foge — o rádio, a atividade social, um dogma em particular, o suposto amor etc. — torna-se totalmente importante, tão necessário para você quanto a bebida para o bêbado. Uma pessoa pode perder-se no culto ao sucesso, a uma imagem ou a algum ideal; mas todos os ideais são ilusórios, e na própria na própria absorção de nós mesmos há ansiedade. Se me permite mostrar, o sucesso de seus filhos tem sido para você uma fonte de dor, pois você tem uma preocupação mais íntima com eles e consigo mesma. Apesar de sua admiração pelo sucesso deles e do aplauso que recebem do público, não há por trás disso uma sensação de vergonha, de desgosto ou decepção? Perdoe-me por perguntar, mas você não está profundamente angustiada com o sucesso deles?

"Sabe, senhor, nunca ousei reconhecer, nem mesmo para mim mesma, a natureza dessa infelicidade, mas é como diz."

Você quer conversar sobre isso?

"Agora, claro, que quero conversar. Veja, sempre fui religiosa sem pertencer a religião alguma. Aqui e ali, eu lia sobre questões religiosas, mas nunca fui pega por nenhuma suposta organização religiosa. A religião organizada parecia muito distante e sem a intimidade suficiente. Em minha vida mundana, contudo, sempre houve um vago tatear de busca religiosa, e quando comecei a ter filhos, essa busca assumiu a forma de uma profunda esperança de que um de meus filhos tivessem inclinação religiosa. E nenhum deles tem; todos tornaram-se ricos e mundanos, exceto o último, que é uma mistura de tudo. Todos eles são realmente medíocres, e é isso que dói. Eles estão ocupados em seu mundanismo. Tudo parece tão superficial e tolo, mas não discuti isso ainda com ne-

nhum deles, e mesmo que o fizesse, eles não entenderiam do que estou falando. Pensei que pelo menos um deles seria diferente, e estou horrorizada com a mediocridade deles e com a minha própria. É isso, suponho, que esteja causando minha tristeza. O que posso fazer para dissolver esse estúpido estado?"

Em si mesma ou em outro? Alguém só pode dissolver a mediocridade em si mesmo e, então, talvez um relacionamento diferente com outros possa surgir. Saber que se é medíocre já é o início da mudança, não é? Mas uma mente insignificante, ao se tornar consciente de si mesma, tentará freneticamente mudar, melhorar, e esse próprio anseio será medíocre. Qualquer desejo de automelhoramento será insignificante. Quando a mente sabe que é medíocre e não atua sobre si mesma, há a dissolução da mediocridade.

"O que você quer dizer com 'atuar sobre si mesma'?"

Se a mente insignificante, ao perceber que é insignificante, fizer um esforço para mudar, não será ainda insignificante? O esforço para mudar origina-se em uma mente insignificante, portanto esse próprio esforço é insignificante.

"Sim, percebo isso, mas o que posso fazer?"

Qualquer ação da mente é pequena, limitada. A mente tem de parar de atuar e apenas assim pode haver o fim da mediocridade.

A ânsia de buscar

Dois passarinhos em tons verde e dourado com longas caudas costumavam vir ao jardim todas as manhãs e pousar em um ramo específico, brincando e piando um para o outro. Eles eram muito agitados, estavam sempre em movimento, seus corpos palpitando, mas eram lindos e nunca pareciam cansar-se em seus voos e brincadeiras. Era um jardim resguardado e muitos outros pássaros chegavam e partiam constantemente. Dois mangustos jovens, lisos e ágeis, seu pelo amarelado brilhando ao sol, perseguiam-se em cima do muro baixo e depois, deslizando por um buraco, chegavam ao jardim; mas eram cautelosos e observadores mesmo em sua brincadeira, mantendo-se perto do muro, seus olhos vermelhos alertas e atentos. De vez em quando, um velho mangusto, confortavelmente gordo, vinha até o jardim pelo mesmo buraco. Ele devia ser o pai ou a mãe, pois dessa vez os três estavam juntos. Vindo para o jardim um depois do outro pelo buraco, eles atravessaram toda a extensão do gramado em fila indiana e desapareceram entre os arbustos.

*

"Por que buscamos?", perguntou P. "Qual é o propósito de nossa busca? Como a gente se cansa dessa busca incessante! Não existe fim para isso?"

"Nós buscamos aquilo que queremos encontrar", respondeu M., "e depois de encontrar o que procuramos prosseguimos para outras descobertas. Se não buscássemos, toda a vida chegaria ao fim, estagnaria e não teria significado".

"'Busque e encontrará'", citou R. "Nós encontramos o que queremos, que desejamos consciente ou inconscientemente. Nunca questionamos essa ânsia de buscar; sempre buscamos e aparentemente sempre continuaremos a buscar."

"O desejo de buscar é inevitável", declarou L. "Você também pode perguntar por que respiramos ou por que o cabelo cresce. A ânsia de buscar é tão inevitável quanto o dia e a noite."

Quando você afirma tão decididamente que a ânsia de buscar é inevitável, a descoberta da verdade da questão é bloqueada, não é? Quando você aceita qualquer coisa como definitiva, determinada, toda a investigação não chega ao fim?

"Mas existem certas leis fixas, como a gravidade, e é mais sensato aceitá-las do que bater a cabeça em vão contra elas", respondeu L.

Aceitamos certos dogmas e crenças por diversos motivos psicológicos, e pelo processo do tempo o que é aceito desse modo torna-se "inevitável", uma suposta necessidade do homem.

"Se L. aceita como inevitável a ânsia de buscar, então ele continuará buscando e, para ele, isso não é um problema", disse M.

O cientista, o político astuto, o infeliz, o doente — todos estão procurando, a seu próprio modo, e mudando o objeto de sua busca de tempos em tempos. Nós todos estamos buscando, mas nunca, parece, perguntamo-nos por que buscamos. Não estamos discutindo o objeto de nossa busca, quer seja nobre ou desprezí-

vel, mas estamos tentando descobrir por que buscamos. O que é essa ânsia, essa compulsão eterna? Ela é inevitável? Ela tem uma continuidade interminável?

"Se não buscarmos", perguntou Y., "não nos tornaremos preguiçosos e simplesmente estagnaremos?"

O conflito em uma forma ou outra parece ser o modo de viver, e sem ele pensamos que a vida não teria sentido. Para a maioria de nós, a cessação da luta é a morte. A busca sugere luta, conflito, e esse processo é essencial ao homem ou existe um "modo" de viver diferente em que a busca e a luta não existam? Por que e o que buscamos?

"Busco modos e meios de garantir, não minha própria sobrevivência, mas a de minha nação", disse L.

Há uma diferença muito grande entre a sobrevivência nacional e a individual? O indivíduo identifica-se com a nação ou com uma forma particular de sociedade e depois quer que a nação ou sociedade sobreviva. A sobrevivência dessa ou daquela nação é também a sobrevivência do indivíduo. O indivíduo não está sempre buscando sobreviver, ter continuidade, ao se identificar com algo maior ou mais nobre do que ele mesmo?

"Não há um ponto ou um momento no qual, de repente, nos encontramos sem busca, sem luta?", perguntou M.

"Esse momento pode ser simplesmente o resultado do cansaço", respondeu R., "uma breve pausa antes de mergulhar de novo no círculo vicioso de busca e medo".

"Ou isso pode estar fora do tempo", disse M.

O momento do que estamos falando está fora do tempo ou é apenas um ponto de descanso antes de começar a buscar novamente? Por que buscamos, e é possível para essa busca chegar ao fim? A não ser que descubramos por nós mesmos por que

buscamos e lutamos, o estado no qual a busca chega ao fim permanecerá uma ilusão, sem significado.

"Não há diferença entre os diversos objetos da busca?", perguntou B.

Claro que existem diferenças, mas em toda busca a ânsia é mais ou menos a mesma, não é? Quer busquemos sobreviver individualmente ou como uma nação; quer procuremos um mestre, um guru, um sábio; quer sigamos uma disciplina particular ou encontremos algum outro meio de melhorar a nós mesmos, não estamos, cada um de nós, de seu próprio jeito limitado ou amplo, buscando alguma forma de satisfação, continuidade, permanência? Então estamos agora nos perguntando não pelo que buscamos, mas por que buscamos. E é possível que toda busca chegue ao fim, não pela compulsão ou frustração, ou porque a pessoa encontrou, mas porque a ânsia cessou totalmente?

"Nós estamos presos ao hábito da busca e eu suponho que seja o resultado de nosso descontentamento", disse B.

Estando descontentes, insatisfeitos, buscamos contentamento, satisfação. Enquanto houver essa ânsia a ser satisfeita, realizada, precisará haver busca e luta. Com a ânsia de realizar, sempre haverá a sombra do medo, não é?

"Como podemos escapar do medo?", perguntou B.

Você quer a satisfação sem a dor do medo; mas é possível uma satisfação duradoura? Certamente, o próprio desejo de satisfazer é ele mesmo a causa de frustração e medo. Somente quando o significado da satisfação for percebido, haverá o fim do desejo. Vir a ser e ser são dois estados inteiramente distintos, e você não pode ir de um para o outro; mas, com o fim do vir a ser, o outro acontece.

Escuta

A LUA CHEIA ACABARA de surgir acima do rio; havia uma neblina que a tornava vermelha, e a fumaça subia de muitas aldeias, pois estava frio. Não havia ondulação alguma no rio, mas a correnteza estava oculta, forte e profunda. As andorinhas voavam baixo e uma ou outra ponta de asa tocava a água, agitando ainda que pouco a plácida superfície. Acima do rio, a estrela vespertina estava visível sobre o minarete na distante e populosa cidade. Os papagaios estavam voltando para ficar perto das casas dos homens, e seu voo nunca era direto. Eles caíam com um grito, pegavam um grão e voavam de lado, mas sempre iam para a frente, em direção a uma árvore frondosa, onde se reuniriam às centenas; então, voavam novamente, partindo para uma árvore mais protetora, e à medida que a escuridão descia, vinha o silêncio. A lua estava agora muito acima das copas das árvores e deixava uma trilha prateada nas águas calmas.

*

"Vejo a importância de escutar, mas me pergunto se algum dia realmente escutei o que você diz", ele comentou. "De alguma forma, tenho de um grande esforço para escutar."

Quando faz esforço para escutar, você está escutando? Não é esse mesmo esforço uma distração que impede que escute? Você faz esforço quando escuta algo que lhe dá prazer? Com certeza, esse esforço para escutar é uma forma de compulsão. Compulsão é resistência, não é? E resistência gera problemas, então escutar torna-se um deles. O próprio escutar nunca é um problema.

"Mas, para mim, é. Quero escutar corretamente porque sinto que o que você está dizendo tem profunda importância, mas não consigo ir além do significado verbal."

Se me permite dizer, você não está escutando agora o que está sendo dito. Você transformou o ato de escutar em um problema, e esse problema o está impedindo de escutar. Tudo que tocamos torna-se um problema, uma questão gera muitas outras questões. Percebendo isso, será possível não gerarmos problema algum?

"Isso seria maravilhoso, mas como se chega a esse estado feliz?"

Novamente, veja, a pergunta do "como", a maneira como atingir certo estado torna-se ainda outro problema. Nós estamos falando de não dar origem a problemas. Se me permite mostrar, você precisa estar consciente da maneira como a mente está criando o problema. Você quer atingir o estado de escutar perfeitamente; em outras palavras, você não está escutando, mas quer atingir um estado e precisa de tempo e interesse para obter esse ou qualquer outro estado. A necessidade de tempo e interesse gera problemas. Você não está consciente de que não está escutando. Quando estiver consciente disso, o próprio fato de

que não está escutando terá a própria ação; a verdade desse fato atuará, você não atuará sobre o fato. Mas você quer atuar sobre isso, mudá-lo, cultivar seu oposto, produzir um estado desejado e assim por diante. Seu esforço de atuar sobre o fato gera problemas, enquanto que ver a verdade do fato traz a própria ação libertadora. Você não estará consciente da verdade nem verá o falso como o falso enquanto sua mente estiver ocupada, de algum modo, com o esforço, com a comparação, com a justificação ou a reprovação.

"Tudo isso pode ser assim, mas, com todos os conflitos e contradições que acontecem dentro de nós, ainda me parece que é quase impossível escutar."

O próprio escutar é um ato completo; o mesmíssimo ato de escutar produz a própria liberdade. Mas você está realmente preocupado em escutar ou em modificar a agitação interna? Se você escutasse, no sentido de estar consciente de seus conflitos e contradições sem forçá-los para dentro de qualquer padrão de pensamento, talvez eles pudessem cessar por completo. Veja, estamos constantemente tentando ser isso ou aquilo, atingir um estado particular, captar algum tipo de experiência e evitar outro, então a mente está sempre ocupada com alguma coisa; ela não está nunca silenciosa para escutar o ruído das próprias lutas e dores. Seja simples, e não tente tornar-se algo ou captar alguma experiência.

O fogo do descontentamento

Há vários dias chovia copiosamente e os regatos estavam caudalosos e barulhentos. Marrons e sujos, eles vinham de todos os sulcos na terra e juntavam-se ao regato mais largo que corria pelo meio do vale, e ele, por sua vez, juntava-se ao rio que descia até o mar, a alguns quilômetros de distância. O rio estava cheio e corria rápido, serpenteando pelos pomares e campos abertos. Mesmo no verão, o rio nunca ficava seco, embora todos os regatos que o alimentavam exibissem suas pedras nuas e areias secas. Agora o rio corria mais rápido do que um homem consegue caminhar, e de ambas as margens as pessoas olhavam para as águas barrentas. Não era muito frequente o rio ficar tão cheio. As pessoas estavam empolgadas, seus olhos brilhavam, pois ver as águas correndo com aquela velocidade era um deleite. A cidade perto do mar poderia sofrer, o rio poderia alagar suas margens, inundando os campos e os bosques, danificando as casas; mas aqui, sob a ponte solitária, as águas marrons estavam cantando. Algumas pessoas pescavam, mas elas não podiam ter pego muitos peixes, pois a correnteza estava forte demais, levando com ela

os resíduos de todos os regatos vizinhos. Começara a chover de novo, mas as pessoas ficaram para observar e aproveitar o prazer das coisas simples.

"Sempre fui uma buscadora", disse ela. "Já li muitos livros sobre vários assuntos. Fui católica, mas abandonei uma Igreja para entrar em outra; deixei essa também e ingressei em uma sociedade religiosa. Ultimamente, tenho lido sobre filosofia oriental, os ensinamentos do Buda, e somado a tudo isso, fui psicanalisada; mas mesmo isso não me impediu de buscar, e agora estou aqui falando com você. Quase fui para a Índia, em busca de um mestre, mas as circunstâncias me impediram de ir."

Ela continuou a dizer que era casada e tinha dois filhos, brilhantes e inteligentes, que estavam na faculdade; ela não estava preocupada com eles, eles podiam cuidar-se sozinhos. Os interesses sociais não significavam mais nada. Ela tentara seriamente meditar, mas não chegou a lugar algum, e sua mente estava tão tola e errante como antes.

"O que você fala sobre meditação e oração é muito diferente do que eu li e imaginava, esse é o maior enigma para mim", acrescentou. "Mas através de toda essa confusão realmente quero encontrar a verdade e compreender seu mistério."

Você acha que ao buscar a verdade você a encontrará? Não pode acontecer de o suposto buscador nunca conseguir encontrar a verdade? Você nunca penetrou nesse desejo de buscar, não é? Entretanto, você continua a buscar, indo de uma coisa a outra, na esperança de encontrar o que deseja, que você chama de verdade e que entende ser um mistério.

"Mas qual é o erro de ir atrás do que eu desejo? Sempre fui atrás do que desejava e, na maioria das vezes, consegui obter o que queria."

Pode ser que sim; mas você acha que pode colecionar a verdade como faria com dinheiro ou quadros? Você acha que ela é um outro enfeite para sua vaidade? Ou a mente que é aquisitiva precisa cessar por completo para que a outra coisa exista?

"Suponho que eu esteja ansiosa demais para encontrá-la."

Absolutamente. Você encontrará o que procura em sua ânsia, mas isso não será o real.

"Então, o que devo fazer, apenas deitar-me e vegetar?"

Você está tirando conclusões precipitadas, não é? Não é importante descobrir por que você está buscando?

"Ah, sei porque estou buscando. Estou inteiramente descontente com tudo, mesmo com as coisas que encontrei. A dor do descontentamento volta repetidas vezes; acho que consigo segurar algo, mas isso logo desaparece e, mais uma vez, a dor do descontentamento me arrasa. Tentei, de todas as formas que imaginei, superar isso, mas de algum modo é forte demais dentro de mim, e preciso encontrar algo — a verdade ou o que quer que seja — que me traga paz e contentamento."

Você não deveria estar grata por não ter conseguido sufocar esse fogo do descontentamento? Superar o descontentamento tem sido seu problema, não é? Você buscou o contentamento e, felizmente, não o encontrou; encontrá-lo é estagnar, vegetar.

"Suponho que seja isso que estou buscando, na realidade: uma fuga desse descontentamento atormentador."

A maioria das pessoas está descontente, não é? Mas elas encontram satisfação nas pequenas coisas da vida, quer seja no alpinismo ou na realização de alguma ambição. A agitação do descontentamento é superficialmente transformada em realizações que gratificam. Se somos sacudidos em nosso contentamento, logo encontramos maneiras de superar a dor do desconten-

mento, então passamos a viver na superfície e nunca penetramos em suas profundezas.

"Como se pode ir abaixo da superfície do descontentamento?"

Sua pergunta indica que você ainda deseja fugir do descontentamento, não é? Viver com aquela dor, sem tentar fugir dela ou alterá-la, significa penetrar nas profundezas do descontentamento. Enquanto estamos tentando chegar a algum lugar ou ser alguma coisa, precisa haver a dor do conflito, e tendo causado a dor, queremos então fugir dela; e realmente fugimos para todo tipo de atividade. Estar integrado ao descontentamento — permanecer com e ser parte do descontentamento —, sem o observador forçá-lo para rotinas de satisfação ou aceitá-lo como inevitável, é permitir que aquilo que não tem oposto, nem substituto, tome forma.

"Estou acompanhando o que está dizendo, mas combati o descontentamento por tantos anos que agora é muito difícil para mim ser parte dele."

Quanto mais você combate um hábito, mais vida dá a ele. O hábito é uma coisa morta, não o combata, não resista a ele; mas, com a percepção da verdade do descontentamento, o passado terá perdido o significado. Embora doloroso, é maravilhoso estar descontente sem sufocar essa chama com conhecimento, tradição, esperança ou sucesso. Nós nos perdemos no mistério da realização do homem, no mistério da Igreja ou do avião a jato. Mais uma vez, isso é superficial, vazio, levando à destruição e à infelicidade. Há um mistério que está além das capacidades e dos poderes da mente. Você não pode buscá-lo ou convidá-lo; ele precisa vir sem você pedir e, com ele, vem a bênção para o homem.

Uma experiência de bem-aventurança

Era um dia muito quente e úmido. No parque, muitas pessoas estavam estiradas no gramado ou sentadas em bancos à sombra das pesadas árvores; tomavam bebidas geladas e ansiavam por um ar fresco e limpo. O céu estava cinza, não havia a menor brisa e os vapores dessa enorme cidade mecanizada enchiam o ar. No campo devia estar lindo, pois a primavera estava começando a transformar-se em verão. Algumas árvores estariam apenas começando a produzir suas folhas, e ao longo da estrada que corria ao lado do amplo e cintilante rio todos os tipos de flores estariam surgindo. Bem dentro do bosque haveria aquele silêncio peculiar no qual você quase consegue ouvir as coisas nascendo, e as montanhas, com seus profundos vales, estariam azuis e perfumadas. Mas aqui na cidade...!

A imaginação deturpa a percepção do que *é*; ainda assim, como temos orgulho de nossa imaginação e especulação! A mente especuladora, com seus pensamentos complicados, não é capaz de uma transformação fundamental; ela não é uma mente

revolucionária. Ela se vestiu com o que *deveria* ser e segue o padrão das próprias projeções limitadas e fechadas em si mesmas. O bom não está no que *deveria* ser, mas no entendimento do que *é*. A imaginação impede a percepção do que *é*, como o faz a comparação. A mente precisa pôr de lado toda imaginação e especulação para que o real exista.

Ele era bastante jovem, mas tinha uma família e era um homem de negócios de alguma reputação. Parecia muito preocupado e infeliz, e estava ansioso para dizer alguma coisa.

"Algum tempo atrás, eu tive a experiência mais notável, e nunca falei sobre isso com ninguém. Penso se conseguiria explicar isso a você; espero que sim, pois não posso falar com qualquer outra pessoa. Foi uma experiência que arrebatou totalmente meu coração; mas passou, e agora só tenho uma lembrança vaga disso. Talvez você possa me ajudar a recuperá-la. Vou lhe contar, tão inteiramente quanto possa, qual foi essa bênção. Eu lera sobre essas coisas, mas elas eram sempre palavras vazias e só agradavam meus sentidos; mas o que aconteceu comigo foi além de todo pensamento, além da imaginação e do desejo, e agora eu a perdi. Por favor, ajude-me a recuperá-la." Ele parou por um momento, depois continuou:

"Acordei uma manhã muito cedo; a cidade ainda dormia e seu murmúrio ainda não começara. Senti que precisava sair, então me vesti rapidamente e desci até a rua. Nem o caminhão do leite havia iniciado ainda sua rotina. Era o início da primavera e o céu estava azul-claro. Tive uma forte sensação que deveria ir ao parque, a um quilômetro e meio de distância, mais ou menos. Desde o momento em que saí porta afora, tive uma curiosa sensação de leveza, como se estivesse exultante. O prédio do lado oposto, um edifício de apartamentos acastanhado, perde-

ra sua feiura; mesmo aos tijolos estavam vivos e limpos. Todos os pequenos objetos que eu nunca perceberia pareciam ter uma extraordinária qualidade própria e, estranhamente, tudo parecia ser uma parte de mim. Nada estava separado de mim; na verdade, o 'eu' como o observador, o percebedor, estava ausente, se entende o que quero dizer. Não havia um 'eu' separado daquela árvore, do papel na sarjeta ou dos pássaros que estavam piando uns para os outros. Foi um estado de consciência que eu nunca experimentara antes."

"No caminho para o parque", ele continuou, "havia uma floricultura. Eu já passara por ela centenas de vezes e costumava dar uma olhada nas flores quando passava. Mas, nessa manhã especial, parei em frente a ela. A vitrine de vidro laminado estava ligeiramente embaçada pelo calor e umidade do interior, mas isso não me impedia de ver as muitas variedades de flores. Enquanto eu estava de pé diante delas, fiquei rindo com uma alegria que nunca antes havia experimentado. Essas flores estavam falando comigo, e eu estava falando com elas; eu estava entre elas, e elas eram parte de mim. Dizendo isso, posso dar a impressão de que estava histérico, ligeiramente fora de mim; mas não foi assim. Eu me vestira com muito cuidado, e tive a consciência de vestir roupas limpas, olhar para meu relógio de pulso, ver o nome das lojas, inclusive a de meu alfaiate, e ler os títulos dos livros na vitrine de uma livraria. Tudo estava vivo, e eu adorava tudo. Eu era o perfume daquelas flores, mas não havia um 'eu' para cheirar as flores, se entende o que digo. Não havia separação entre mim e elas. Aquela floricultura estava fantasticamente viva com cores, e a beleza disso tudo deve ter sido estonteante, pois o tempo e sua medição haviam cessado. Devo ter ficado ali parado por mais de vinte minutos, mas lhe asseguro que não havia um sentido de tempo. Eu quase não conseguia me afastar daquelas flores. O

mundo de luta, dor e tristeza estava lá, mas não estava. Veja, naquele estado, as palavras não têm significado. As palavras são descritivas, separativas, comparativas, mas naquele estado não existiam palavras; 'eu' não estava experienciando, só existia aquele estado, aquela experiência. O tempo havia parado; não havia passado, presente ou futuro. Só havia — não sei como expressar isso com palavras, mas não importa. Havia uma Presença — não, não é esta a palavra. Era como se a Terra, com tudo nela e sobre ela, estivesse em um estado de bênção, e eu, andando pelo parque, era parte disso. À medida que me aproximava do parque, fiquei totalmente enfeitiçado pela beleza daquelas árvores conhecidas. Do amarelo-claro até o verde quase preto, as folhas estavam dançando com vida; cada folha sobressaía, separada, e a riqueza total da terra estava em uma única folha. Eu estava consciente de que meu coração estava batendo rápido; tenho um ótimo coração, mas quase não conseguia respirar quando entrei no parque, e pensei que iria desmaiar. Sentei-me em um banco e lágrimas escorreram pelo meu rosto. Havia um silêncio completamente insuportável, mas que estava limpando todas as coisas da dor e da tristeza. Conforme eu adentrava mais no parque, havia música no ar. Fiquei surpreso, pois não tinha casas por perto, e ninguém estaria com um rádio no parque naquela hora da manhã. A música era parte da coisa inteira. Toda a bondade, toda a compaixão do mundo, estavam naquele parque, e Deus estava lá".

"Não sou um teólogo, nem uma pessoa muito religiosa", continuou. "Estive uma dezena de vezes mais ou menos dentro de uma igreja, mas isso nunca teve qualquer significado para mim. Não tenho estômago para todos os absurdos que acontecem nas igrejas. Mas naquele parque havia um Ser, se é possível usar esta palavra, no qual todas as coisas viviam e tinham sua existência.

Minhas pernas estavam tremendo e fui forçado a me sentar novamente, com minhas costas contra uma árvore. O tronco era uma coisa vivente, como eu, e eu fazia parte daquela árvore, parte daquele Ser, parte do mundo. Devo ter desmaiado. Tudo fora demais para mim: as cores nítidas e vivas, as folhas, as pedras, as flores, a incrível beleza de tudo. E, acima de tudo, havia a bênção de...

"Quando voltei a mim, o sol estava alto. Em geral, levo cerca de vinte minutos para andar até o parque, mas se haviam passado quase duas horas desde que saíra de casa. Fisicamente, parecia que eu não tinha forças para caminhar de volta; então eu me sentei, reunindo as forças e não ousando pensar. Enquanto caminhava lentamente para casa, o todo daquela experiência estava comigo; isso durou dois dias, e desapareceu tão subitamente quanto surgiu. Então, começou minha tortura. Não cheguei perto do escritório por uma semana. Queria que aquela estranha experiência viva voltasse, queria viver mais uma vez e para sempre naquele mundo beatífico. Tudo isso aconteceu há dois anos. Pensei seriamente em desistir de tudo e partir para algum canto solitário do mundo, mas sei, no íntimo, que não posso recuperar aquilo assim. Nenhum monastério pode me oferecer aquela experiência, nem o pode qualquer igreja iluminada por velas, que apenas lida com a morte e as trevas. Considerei ir para a Índia, mas essa ideia também foi abandonada. Então experimentei certa droga; tornou as coisas mais vívidas, mas um opiáceo não é o que quero. Esse é um modo vulgar de experienciar; é um truque, mas não a coisa real."

"Então aqui estou", concluiu. "Eu daria tudo, minha vida e todos os meus bens, para viver novamente naquele mundo. O que vou fazer?"

Isso veio até você sem convite. Você nunca o buscou. Enquanto estiver procurando por isso, jamais o terá. O próprio de-

sejo de viver novamente naquele estado enlevado está impedindo a nova, a refrescante experiência da bem-aventurança. Veja o que aconteceu: você teve essa experiência e agora está vivendo com a lembrança morta de ontem. O que foi está impedindo o novo.

"Você quer dizer que devo afastar isso, esquecer tudo que aconteceu e prosseguir com minha vida insignificante, sentindo essa fome interior a cada dia?"

Se você não olhar para trás e pedir por mais, que é uma tarefa e tanto, talvez aquela mesma coisa sobre a qual você não tem controle possa atuar como ela quiser. A ganância, mesmo pelo sublime, gera tristeza; a ânsia por mais abre a porta para o tempo. Essa bem-aventurança não pode ser comprada por meio de qualquer sacrifício, de qualquer virtude, de qualquer droga. Ela não é uma recompensa, um resultado. Ela vem quando quer; não procure por ela.

"Mas essa experiência foi real, foi do mais elevado?"

Nós queremos que outros confirmem, nos assegurem do que foi, e assim encontraremos conforto. Ser assegurado ou certificado daquilo que aconteceu, mesmo que seja o real, é fortalecer o irreal e gerar ilusão. Trazer para o presente o que é passado, agradável ou doloroso, é impedir o real. A realidade não tem continuidade. Ela existe de momento para momento, atemporal e sem medida.

O político que queria fazer o bem

CHOVERA DURANTE A NOITE e a terra perfumada ainda estava úmida. O caminho levava para longe do rio entre árvores antiquíssimas e bosques de mangueiras. Era um caminho de peregrinação percorrido por milhares de pessoas, pois era a tradição há mais de vinte séculos que todos os bons peregrinos deveriam trilhar o caminho. Mas essa não era a época certa do ano para os peregrinos, e nessa manhã em particular somente os aldeões estavam passando por lá. Em suas roupas alegremente coloridas, com o sol por trás deles e com fardos de feno, legumes e lenha sobre suas cabeças, eles eram um lindo espetáculo; andavam com graça e dignidade, rindo e conversando sobre os assuntos da aldeia. De ambos os lados do caminho, estendendo-se até onde a vista podia alcançar, existiam campos verdes cultivados de trigo do inverno, com grandes plantações de ervilha e de outros legumes para o mercado. Era uma linda manhã, com o céu azul e limpo, e havia uma bênção sobre essa terra. O solo era uma coisa viva, generosa, rica e sagrada. Não era a sacralidade das coisas criadas pelo homem, dos templos, padres e livros; era a beleza da paz e do

silêncio totais. Todo ser vivo banhava-se nela; as árvores, a grama e o grande touro eram parte dela; as crianças brincando na terra estavam conscientes dela, embora não a conhecessem. Não era uma coisa passageira; estava lá sem um começo, sem um fim.

Ele era um político e queria fazer o bem. Sentia-se diferente dos outros políticos, disse, pois realmente estava interessado no bem-estar do povo, em suas necessidades, sua saúde e seu desenvolvimento. Claro que ele era ambicioso, mas quem não o é? A ambição o ajudava a ser mais ativo, e sem isso ele seria preguiçoso, incapaz de fazer muito bem aos outros. Ele queria se tornar um membro do Gabinete, e estava avançando para conseguir isso; e quando chegasse lá, garantiria que suas ideias fossem executadas. Ele viajara o mundo todo, visitando vários países e estudando os projetos de diferentes governos, e, após cuidadosa consideração, fora capaz de elaborar um plano que realmente beneficiaria seu país.

"Mas agora não sei se posso levá-lo a cabo", disse ele, com visível pesar. "Sabe, não tenho estado nada bem ultimamente. Os médicos dizem que devo ter calma, e talvez tenha de passar por uma cirurgia muito séria; mas não consigo aceitar essa situação."

Se me permite perguntar, o que o está impedindo de ter calma?

"Eu me recuso a aceitar a perspectiva de ser um inválido para o resto de minha vida e não ser capaz de fazer o que quero. Eu sei, pelo menos verbalmente, que não posso manter para sempre o ritmo com o qual me acostumei, mas, se eu for afastado do serviço, meu plano talvez nunca seja levado a cabo. Claro, existem outras pessoas ambiciosas, e é uma questão cruel de interesses pessoais. Estive em várias de suas palestras, portanto pensei em vir conversar com você."

Seu problema é de frustração? Há a possibilidade de uma longa doença, com uma queda de produtividade e popularidade, e você acha que não consegue aceitar isso, porque a vida seria inteiramente árida sem a realização de seus projetos; é isso?

"Como eu disse, sou tão ambicioso quanto qualquer um, mas também quero fazer o bem. Por outro lado, estou mesmo muito doente, e simplesmente não consigo aceitar essa doença, então há um conflito amargo acontecendo dentro de mim, e estou bastante consciente de que isso está me tornando ainda mais doente. Há também outro medo — não por minha família, de quem já cuidei muito bem —, o medo de algo que nunca pude expressar em palavras, nem mesmo para mim mesmo."

Você quer dizer o medo da morte?

"Sim, acho que é isso; ou melhor, de chegar ao fim sem realizar o que tinha a intenção de fazer. Provavelmente, esse é o meu maior medo, e não sei como amenizá-lo."

Essa doença impedirá totalmente suas atividades políticas?

"Sabe como é. A não ser que eu esteja no centro das coisas, serei esquecido e meus projetos não terão chance alguma. Isso praticamente significará uma retirada da política, e estou relutante em fazer isso."

Portanto, você pode aceitar voluntária e facilmente o fato de que deve se retirar ou, igualmente feliz, continuar a fazer seu trabalho político, reconhecendo a grave natureza de sua doença. De qualquer modo, a doença pode frustrar sua ambição. A vida é muito estranha, não é? Se me permite sugerir, por que não aceitar o inevitável sem amargura? Se houver cinismo ou amargura, sua mente tornará a doença pior.

"Estou totalmente consciente de tudo isso e, ainda assim, não consigo aceitar — muito menos de modo feliz, como você

sugere — minha condição física. Eu talvez possa continuar com um pouco do meu trabalho político, mas isso não é o bastante."

Você acha que a realização de sua ambição de fazer o bem é o único modo de vida que lhe serve, e que somente por meio de você e de seus projetos seu país será salvo? Você é o centro de todo esse tal bom trabalho, não é? Você não está realmente, em seu íntimo, interessado no bem do povo, mas no bem manifestado por seu intermédio. *Você* é importante, não o bem do povo. Você se identificou tanto com seus projetos e com o suposto bem do povo que considera a própria realização como a felicidade deles. Seus projetos podem ser excelentes e, por um feliz acaso, trazer o bem para o povo; mas você quer que seu nome esteja identificado com aquele bem. A vida é estranha; a doença o acometeu e você está impedido de promover seu nome e sua importância. É isso que está causando conflito em você, e não a angústia por temer que o povo não seja ajudado. Se você amasse o povo, e não fosse só da boca para fora, isso teria o próprio efeito espontâneo, que seria de ajuda significativa; mas você não ama o povo, ele é apenas a ferramenta de sua ambição e vaidade. Fazer o bem está no caminho de sua própria glória. Espero que não se importe de eu dizer tudo isso.

"Estou mesmo feliz que você tenha expressado de forma tão franca as coisas que estão escondidas nas profundezas de meu coração, e isso me fez bem. Tenho, de algum modo, sentido tudo isso, mas nunca me permiti enfrentar tudo diretamente. É um grande alívio ouvi-lo de maneira tão direta e espero agora entender e acalmar meu conflito. Verei como as coisas se apresentam, mas já me sinto um pouco mais desapegado de minhas ansiedades e esperanças. Mas, senhor, e a morte?"

Esse problema é mais complexo e exige uma profunda percepção, não é? Você pode justificar a morte, dizendo que todas

as coisas morrem, que a folha verde nova da primavera é levada embora pelo outono e assim por diante. Você pode justificar logicamente e encontrar explicações para a morte, tentar vencer o medo da morte pela força de vontade ou achar uma crença para substituir esse medo; mas tudo ainda será a ação da mente. E a suposta intuição com respeito à verdade da reencarnação ou da vida após a morte talvez seja apenas um desejo de sobreviver. Todas essas explicações, intuições, justificativas estão no campo da mente, não é? Elas são todas atividades do pensamento para superar o medo da morte; mas o medo da morte não é para ser vencido de forma suave. O desejo do indivíduo de sobreviver pela nação, pela família, pelo nome e pela ideia, ou pelas crenças, ainda é o anseio por sua própria continuidade, não é? É esse anseio, com suas complexas resistências e esperanças, que deve chegar voluntariamente ao fim, sem esforço e de modo feliz. A pessoa precisa morrer a cada dia para todas as suas lembranças, experiências, conhecimento e esperanças; a acumulação de prazeres e arrependimentos, a coleta de virtudes, deve cessar a cada momento. Essas não são apenas palavras, mas a afirmação de uma realidade. O que continua jamais pode conhecer a bem-aventurança do desconhecido. Não reunir, mas morrer a cada dia, cada minuto, é a existência eterna. Enquanto houver o anseio de realizar, com seus conflitos, o medo da morte estará presente.

O modo de viver competitivo

Os macacos estavam na estrada, e, em meio a eles, um bebê macaco brincava com o rabo, mas a mãe estava de olho. Eles todos estavam muito cientes de que alguém estava lá, a uma distância segura. Os machos adultos eram grandes, pesados e bem ferozes, e a maioria dos outros macacos os evitava. Eles todos estavam comendo um tipo de fruta silvestre que caíra de uma grande árvore frondosa de folhas grossas. As chuvas recentes tinham enchido o rio, e o regato sob a ponte estreita estava gorgolejando. Os macacos evitavam a água e as poças na estrada e, quando um carro aparecia, respingando lama quando passava, eles saíam da estrada em um segundo, a mãe levando o bebê consigo. Alguns subiam na árvore e outros desciam para as margens de cada lado da estrada, mas voltavam para ela assim que o carro desaparecia. Eles agora estavam bastante acostumados com a presença das pessoas. Eram tão agitados quanto a mente humana e capazes de todos os tipos de truques.

Os campos de arroz do outro lado da estrada formavam um gramado verde brilhante e exuberante sob o sol quente, e contra os morros azuis além dos campos os pássaros no arrozal eram

brancos e de voo lento. Uma comprida cobra amarronzada rastejara para fora d'água e estava descansando ao sol. Um martim-pescador azul e brilhante pousara na ponte e estava se aprontando para outro mergulho. Era uma linda manhã, não muito quente, e as palmeiras solitárias espalhadas pelos campos falavam de muitas coisas. Entre os campos verdes e os morros azuis, havia uma comunhão, uma canção. O tempo dava a impressão de passar muito rapidamente. No céu azul, os gaviões giravam; de vez em quando, eles pousavam em um ramo para alisar as penas com os bicos e depois voltavam a partir, piando e voando em círculos. Havia também várias águias, com pescoços brancos e asas e corpos marrom-dourado. Entre a grama recém-brotada, havia grandes formigas vermelhas; elas corriam para a frente, paravam subitamente e depois partiam na direção oposta. A vida era tão rica, tão abundante e despercebida, o que talvez fosse o que todas essas coisas viventes, grandes e pequenas, desejavam.

Um boi jovem com sinos pendurados no pescoço puxava uma carroça leve muito bem construída, suas duas grandes rodas ligadas por uma fina barra de aço na qual uma plataforma de madeira estava montada. Nessa plataforma, um homem estava sentado, orgulhoso do boi de trote rápido e do resultado. O boi, robusto porém esguio, dava a ele importância; todos olhariam para ele agora, como os aldeões que passavam o faziam. Eles paravam, observavam com olhos de admiração, faziam comentários e continuavam. Como o homem sentava orgulhoso e ereto, olhando sempre em frente! O orgulho, quer em pequenas coisas ou em grandes realizações, é basicamente igual. O que alguém faz e o que alguém possui lhe dão importância e prestígio; mas o homem em si mesmo, como um ser total, parece não ter quase nenhum significado.

*

Ele veio com dois amigos. Cada um deles se formara em uma faculdade, e estavam bem de vida, disseram, em suas diferentes profissões. Eles eram casados e tinham filhos, e pareciam satisfeitos com a vida, mas também estavam perturbados.

"Se me permite", disse ele, "gostaria de fazer uma pergunta para começar nossa conversa. Não é uma pergunta fútil, e ela vem, de certo modo, me perturbando desde que o ouvi algumas noites atrás. Entre outras coisas, você disse que a competição e a ambição eram anseios destrutivos que o homem deveria entender e, assim, libertar-se, se quisesse viver em uma sociedade pacífica. Mas a luta e o conflito não fazem parte da própria natureza da existência?"

A sociedade conforme constituída atualmente se baseia em ambição e conflito, e quase todos aceitam esse fato como inevitável. O indivíduo está condicionado a essa inevitabilidade; por meio da educação, de várias formas de compulsão interior e exterior, ele é conduzido a ser competitivo. Se for para ele se encaixar nessa sociedade de algum modo, ele precisará aceitar as condições que ela apresentar, do contrário terá muitos problemas. Parece que pensamos que temos de nos encaixar nessa sociedade; mas por que temos de fazer isso?

"Se não o fizermos, simplesmente fracassaremos."

Pergunto-me se isso aconteceria se víssemos o significado total do problema. Podemos não viver de acordo com o padrão normal, mas viveríamos de forma criativa e feliz, com uma perspectiva completamente diferente. Esse estado não pode ser produzido se aceitarmos o padrão social atual como inevitável. Mas para voltar ao seu ponto: a ambição, a competição e o conflito constituem um modo de viver predestinado e inevitável? É evidente que você presume que sim. Agora vamos começar daí. Por que você presume que esse modo de vida competitivo é o único processo de existência?

"Sou competitivo, ambicioso, como todos à minha volta. É um fato que geralmente me dá prazer e às vezes dor, mas simplesmente o aceito sem luta, porque não conheço outro modo de viver; e, mesmo que conhecesse, suponho que teria medo de experimentar. Tenho muitas responsabilidades e ficaria bastante preocupado com o futuro de meus filhos se eu me desprendesse dos pensamentos e hábitos usuais da vida."

Você pode ser responsável por outros, mas também não tem a responsabilidade de produzir um mundo pacífico? Não poderá haver paz, nem felicidade duradoura para a humanidade enquanto nós — o indivíduo, o grupo e a nação — aceitarmos essa existência competitiva como inevitável. Competitividade, ambição, envolve conflito dentro e fora, não? Um homem ambicioso não é um homem tranquilo, embora ele possa falar de paz e fraternidade. O político nunca pode trazer paz ao mundo, nem podem aqueles que pertencem a uma crença organizada, pois todos foram condicionados para um mundo de líderes, salvadores, guias e exemplos; e quando você segue outro, está buscando a realização da própria ambição, quer neste mundo ou no da ideação, o chamado mundo espiritual. Competitividade, ambição, envolve conflito, não?

"Eu vejo isso, mas o que se pode fazer? Estando preso nessa rede de competição, como se pode sair dela? E mesmo que a pessoa conseguisse sair, que garantia teria de que haveria paz entre os homens? A não ser que todos vejamos a verdade da questão ao mesmo tempo, a percepção dessa verdade por um ou dois não terá qualquer valor."

Você quer saber como sair dessa rede de conflitos, realizações e frustrações. A própria pergunta "como" sugere que você quer ser assegurado de que seu esforço não será em vão. Você ainda quer ter sucesso, só que em um nível diferente. Não consegue ver

que toda ambição, todo desejo de sucesso, em qualquer direção, cria conflito tanto interior quanto exteriormente. O "como" é o modo da ambição e do conflito, e essa própria pergunta o impede de ver a verdade do problema. O "como" é um meio para obter mais sucesso. Mas não estamos agora pensando em termos de sucesso ou fracasso, e sim em termos da eliminação do conflito; e isso resulta que, sem conflito, a estagnação é inevitável? Com certeza, a paz toma forma, não pelas salvaguardas, sanções ou garantias, mas ela existe quando *você* não existe — você que é o agente do conflito com suas ambições e frustrações.

Seu outro ponto, de que todos precisam ver a verdade desse problema ao mesmo tempo, é uma impossibilidade óbvia. Mas é possível para *você* ver isso; e quando o fizer, essa verdade que você viu e que traz liberdade afetará outros. Ela deverá começar em você, pois você é o mundo, assim como o outro.

A ambição gera mediocridade de mente e coração; a ambição é superficial, pois ela está sempre buscando um resultado. O homem que quer ser um santo ou um político de sucesso ou um grande executivo está preocupado com a realização pessoal. Quer identificado com uma ideia, uma nação ou um sistema, da área religiosa ou econômica, o anseio de ser bem-sucedido fortalece o ego, o ser, cuja própria estrutura é frágil, superficial e limitada. Tudo isso é relativamente óbvio se a pessoa olhar para isso, não é?

"Pode ser óbvio para você, senhor, mas para a maioria de nós o conflito dá um sentido de existência, a sensação de que estamos vivos. Sem ambição e competição, nossa vida seria monótona e inútil."

Visto que você está mantendo esse modo de viver competitivo, seus filhos e os filhos deles gerarão mais antagonismo, inveja e guerra; nem você nem eles terão paz. Tendo sido condicionados

para esse padrão tradicional de existência, vocês estão, por sua vez, educando seus filhos para aceitá-lo; portanto, o mundo continuará desse modo doloroso.

"Nós queremos mudar, mas..." Ele estava consciente da própria futilidade e parou de falar.

Meditação — esforço — consciência

O MAR ESTAVA PARA além das montanhas ao leste do vale e um rio abria seu caminho vagarosamente pelo centro do vale até o mar. O rio corria cheio durante o ano inteiro e era lindo, mesmo quando passava pela cidade, que era bem grande. Os habitantes da cidade usavam-no para tudo — para pescar, para tomar banho, para beber a água, para despejar o esgoto; mesmo os resíduos de uma fábrica iam para ele. Mas o rio abandonava toda a sujeira do homem, e suas águas eram novamente limpas e azuis assim que passava por suas casas.

Uma ampla estrada passava ao longo do rio para o oeste, levando às plantações de chá nas montanhas; ela se curvava de um lado para o outro, às vezes perdendo-se do rio, mas, na maior parte do tempo, com ele à vista. Conforme a estrada subia, acompanhando o leito, as plantações tornavam-se maiores, e aqui e ali existiam fábricas para secar e processar o chá. Logo as propriedades tornavam-se enormes e o rio era barulhento, com quedas-d'água. Pela manhã, era possível ver mulheres vestidas em cores alegres, seus corpos curvados, suas peles escurecidas

pelo sol ardente, colhendo as delicadas folhas dos arbustos de chá. Todas tinham de ser colhidas antes de certa hora da manhã e levadas à fábrica mais próxima antes de o sol tornar-se quente demais. Naquela altitude, o sol era forte e dolorosamente penetrante, e embora elas estivessem acostumadas, algumas das mulheres tinham a cabeça coberta com parte da roupa que vestiam. Elas eram alegres, rápidas e habilidosas em seu trabalho, e logo aquela tarefa específica estaria terminada por aquele dia; mas a maioria era esposa e mãe, e ainda teria de cozinhar e tomar conta dos filhos. Elas tinham um sindicato, e os plantadores as tratavam decentemente, pois seria desastroso ter uma greve e deixar que as folhas tenras crescessem até seu tamanho normal.

A estrada continuava a subir, e o ar tornou-se bem frio. A 2.400 metros, não havia mais plantações de chá, mas homens estavam trabalhando no solo e cultivando muitas coisas para serem enviadas para baixo, para as cidades junto ao mar. Daquela altitude, a visão das florestas e planícies era magnífica, com o rio, agora prateado, dominando tudo. Voltando por outro caminho, a estrada dava voltas pelos campos de arroz verdes e brilhantes, e pelos densos bosques. Havia muitas palmeiras e mangueiras, e as flores estavam por toda parte. As pessoas eram alegres e, ao longo da estrada, estavam expondo muitas coisas, desde quinquilharias até frutas exuberantes. Elas eram indolentes e afáveis, e parecia que tinham o bastante para comer, ao contrário daquelas na baixada, onde a vida era dura, pobre e amontoada.

Ele era um saniase, um monge, mas não de alguma ordem particular, e falava de si mesmo na terceira pessoa. Enquanto ainda era jovem, renunciara ao mundo e a seus costumes, e vagara por todo o país, permanecendo com alguns dos mestres religiosos mais conhecidos, falando com eles e seguindo suas dis-

ciplinas e rituais peculiares. Ele tinha jejuado por muitos dias, vivido em solidão nas montanhas, e feito a maioria das coisas que os saniases devem fazer. Tinha se prejudicado fisicamente pelas práticas ascéticas excessivas e, embora isso tivesse sido há muito tempo, seu corpo ainda sofria por isso. Então, um dia, ele decidiu abandonar todas essas práticas, rituais e disciplinas como vãs e sem muito significado e partiu para uma aldeia montanhosa distante, onde passou muitos anos em profunda contemplação. Aconteceu a coisa habitual, disse com um sorriso, e ele, por sua vez, tornou-se conhecido e teve um grande número de discípulos, a quem ele ensinou as coisas simples. Lera a antiga literatura sânscrita e, agora, também abandonara isso. Embora fosse necessário descrever rapidamente o que sua vida fora, ele acrescentou, não tinha vindo por isso.

"Acima de toda a virtude, o sacrifício e a ação da ajuda desapaixonada, está a meditação", ele afirmou. "Sem a meditação, o conhecimento e a ação tornam-se uma carga enfadonha com muito pouco significado; mas poucos sabem o que é meditação. Se você estiver disposto, podemos falar sobre isso. Na meditação, tem sido a experiência do orador alcançar diferentes estados de consciência; ele teve as experiências que todos os seres humanos que buscam mais cedo ou mais tarde têm, as visões personificando Krishna, Cristo, Buda. Elas são o resultado de seu próprio pensamento e educação, e do que pode ser chamado de sua cultura. Há visões, experiências e energias de muitas variedades. Infelizmente, a maioria dos buscadores fica presa na rede do próprio pensamento e desejo, mesmo alguns dos maiores expoentes da verdade. Tendo o poder de curar e o dom das palavras, eles se tornam prisioneiros das próprias capacidades e experiências. Este próprio orador passou por essas experiências e perigos, e, até onde sabe, entendeu e foi adiante

delas — pelo menos, vamos esperar que sim. O que, então, é meditação?"

Certamente, ao considerar a meditação, o esforço e o criador do esforço precisam ser entendidos. Bom esforço leva a uma coisa, e mau, a outra, mas ambos são aprisionadores, não?

"Dizem que você não leu os *Upanishads* ou qualquer outra literatura sagrada, mas você dá a impressão de que leu e conhece."

É verdade que não li qualquer dessas coisas, mas isso não é importante. Bom e mau esforço são ambos aprisionadores, e é esse cativeiro que precisa ser entendido e quebrado. A meditação é a quebra de todo o cativeiro; é um estado de libertação, mas não *de* alguma coisa. A libertação *de* alguma coisa é apenas o cultivo da resistência. Estar consciente de ser livre não é liberdade. A consciência é a experienciação da liberdade ou do cativeiro, e essa consciência é o experienciador, o criador do esforço. A meditação é a destruição do experienciador, o que não pode ser feito conscientemente. Se o experienciador for destruído conscientemente, então haverá o fortalecimento da vontade, que é também parte da consciência. Nossa questão, então, está interessada no processo total da consciência, e não em uma parte dela, pequena ou grande, dominante ou subserviente.

"O que você diz parece ser verdade. Os movimentos da consciência são profundos, enganadores e contraditórios. Somente através da observação desapaixonada e do estudo cuidadoso é que essa confusão pode ser desembaraçada e a ordem pode prevalecer."

Mas, senhor, o desembaraçador ainda estará lá; pode-se chamá-lo do ser superior, o *atman*, e assim por diante, mas ele ainda será parte da consciência, o criador do esforço que está sempre tentando chegar a algum lugar. O esforço é desejo. Um desejo pode ser superado por um desejo maior, e esse desejo por outro ainda maior e assim por diante. O desejo gera engano, ilusão,

contradição e visões de esperança. O desejo totalmente conquistador do supremo ou a vontade de alcançar aquilo que é sem nome ainda é o movimento da consciência, do experienciador do bom e do mau, o experienciador que está aguardando, observando, tendo esperança. A consciência não é de um nível único particular, é a totalidade de nosso ser.

"O que foi ouvido até aqui é excelente e verdadeiro; mas, se me permite perguntar, o que trará paz, serenidade para essa consciência?"

Nada. Certamente, a mente estará sempre buscando um resultado, um meio para alguma realização. A mente é um instrumento que foi criado, é a estrutura do tempo, e ela só pode pensar em termos de resultado, de realização, de algo a ser obtido ou evitado.

"Isso mesmo. Afirma-se que, enquanto a mente estiver ativa, escolhendo, buscando, experienciando, será necessário haver o criador do esforço que cria a própria imagem, chamando por diferentes nomes, e essa é a rede na qual o pensamento está preso."

O próprio pensamento é o criador da rede; o pensamento é a rede. O pensamento é aprisionador; o pensamento só pode levar ao vasto espaço do tempo, o campo no qual o conhecimento, a ação e a virtude têm importância. Por mais refinado ou simplificado que seja, o pensamento não pode destruir todo o pensamento. A consciência como o experienciador, o observador, o escolhedor, o censor, a vontade, precisa chegar ao fim, de modo voluntário e feliz, sem qualquer esperança de recompensa. O buscador cessa. Isso é meditação. O silêncio da mente não pode ser realizado pela ação da vontade. Há silêncio quando a vontade cessa. Isso é meditação. A realidade não pode ser buscada; ela existe quando o buscador não existe. A mente é tempo, e o pensamento não pode descobrir o que não tem medida.

A psicanálise e o problema humano

Todos os pássaros e cabras estavam em algum outro lugar extraordinariamente silencioso e distante, embaixo da única árvore que se esticava espaçosa em uma grande extensão de campos bem cultivados e de verde intenso. Os morros estavam a certa distância, agrestes e nada convidativos ao sol do meio-dia, mas sob a árvore estava sombrio, fresco e agradável. Essa árvore, enorme e impressionante, reunia grande força e simetria em sua solidão. Era uma coisa vital, sozinha e, contudo, parecia dominar todo o ambiente, mesmo os morros distantes. Os aldeões a veneravam; contra seu imenso tronco havia uma pedra gravada na qual alguém colocara alegres flores amarelas. À tardinha, ninguém ia até a árvore; sua solidão era esmagadora demais, e era melhor venerá-la durante o dia quando havia densas sombras, pássaros chilrando e o som de vozes humanas. Mas a essa hora, todos os aldeões estavam ao redor de suas cabanas, e sob a árvore era muito tranquilo. O sol jamais penetrava até a base da árvore, e as flores durariam até o dia seguinte, quando novas oferendas seriam feitas. Uma estreita trilha levava até a árvore e depois continuava pelos campos

verdes. As cabras eram conduzidas com cuidado ao longo dessa trilha até chegarem perto dos morros, e então corriam livres, comendo tudo que estivesse ao seu alcance. A glória total da árvore vinha ao anoitecer. Quando o sol se punha atrás dos morros, os campos tornavam-se mais intensamente verdes e somente o topo da árvore pegava os últimos raios, dourados e diáfanos. Com a chegada da escuridão, a árvore dava a impressão de se retirar de seu ambiente e recolher-se em si mesma para a noite; seu mistério parecia aumentar, entrando no mistério de todas as coisas.

Psicólogo e analista, ele clinicava há vários anos e tinha o crédito de muitas curas. Trabalhava em um hospital e em seu consultório particular. Seus muitos pacientes prósperos o tornaram próspero também, com carros caros, uma casa de campo e tudo mais. Ele levava seu trabalho a sério — não era apenas para fazer dinheiro — e usava diferentes métodos de análise, dependendo do paciente. Estudara mesmerismo e praticava hipnose experimentalmente em alguns de seus pacientes.

"É uma coisa muito curiosa", disse ele, "como, durante o estado hipnótico, as pessoas falam com desembaraço e facilidade de suas compulsões e respostas ocultas, e todas as vezes que um paciente é posto sob hipnose, sinto a estranheza disso. Eu mesmo tenho sido escrupulosamente honesto, mas estou bem consciente dos graves perigos do hipnotismo, sobretudo nas mãos de pessoas inescrupulosas, da área médica ou não. A hipnose pode ou não ser um atalho, e eu não sinto que seja justificável, exceto em certos casos rebeldes. Leva um longo tempo para curar um paciente, geralmente vários meses, e é um processo bastante cansativo".

"Algum tempo atrás", ele continuou, "uma paciente que eu tratava há vários meses veio me ver. Não era absolutamente uma idiota, ela era culta e tinha amplos interesses; e com considerável

empolgação e um sorriso que eu não via há muito tempo ela me contou que fora persuadida por um amigo a frequentar algumas de suas palestras. Parece que durante as palestras ela se sentiu libertada de suas depressões, que eram bastante sérias. Contou que a primeira palestra a desconcertara bastante. Os pensamentos e as palavras eram novos para ela e pareciam contraditórios, e ela não queria comparecer à segunda palestra; mas seu amigo explicou que isso ocorria com frequência, e que ela deveria ouvir várias palestras antes de decidir. Acabou indo a todas elas e, como digo, teve uma sensação de libertação. O que você falou pareceu tocar certos pontos em sua consciência, e, sem fazer qualquer esforço para se libertar de suas frustrações e depressões, ela descobriu que estas haviam desaparecido; elas simplesmente deixaram de existir. Isso foi há alguns meses. Eu voltei a vê-la no outro dia, e aquelas depressões certamente haviam melhorado; ela está normal e feliz, em especial no relacionamento com a família, e as coisas parecem estar bem.

"Isso tudo foi apenas uma introdução", continuou. "Veja, graças a essa paciente eu li alguns de seus ensinamentos e o que realmente quero conversar com você é isto: existe um meio ou um método pelo qual nós podemos chegar rapidamente à raiz de todo esse sofrimento humano? Nossas técnicas atuais levam tempo e exigem uma quantidade considerável de investigação do paciente."

Senhor, se me permite perguntar, o que está tentando fazer com seus pacientes?

"Dito de forma simples, sem jargões psicanalíticos, tentamos ajudá-los a superar suas dificuldades, depressões e assim por diante, para que eles possam encaixar-se na sociedade."

Você acha que é muito importante ajudar as pessoas a se encaixarem nessa sociedade corrupta?

"Ela pode ser corrupta, mas a reforma da sociedade não é tarefa nossa. Nossa tarefa é ajudar o paciente a ajustar-se a seu ambiente e ser um cidadão mais feliz e mais útil. Estamos lidando com casos anormais, não tentando criar pessoas supranormais. Eu não acho que seja nossa função."

Você acha que pode separar-se de sua função? Se me permite perguntar, não é também sua função realizar uma ordem totalmente diferente, um mundo no qual não existam guerras, nem antagonismo, nem desejo de competir etc.? Esses anseios e compulsões não produzem um ambiente social que cria pessoas anormais? Se alguém só estiver preocupado em ajudar o indivíduo a se ajustar ao padrão social existente, aqui ou em qualquer outro lugar, ele não estará sustentando as próprias causas que provocam frustração, infelicidade e destruição?

"Há, certamente, algo no que você diz, mas como analistas, não acho que estejamos preparados para entrar tão profundamente na causação toda da infelicidade humana."

Então parece, senhor, que está preocupado não com o total desenvolvimento do homem, mas somente com uma parte específica de sua consciência total. Curar determinada parte pode ser necessário, mas, sem entender o processo total do homem, podemos causar outras formas de doença. Certamente, isso não é uma questão para argumentação ou especulação; é um fato óbvio que precisa ser levado em consideração, não só por especialistas, mas por cada um de nós.

"Você está conduzindo para problemas muito profundos aos quais eu não estou acostumado, e estou me vendo além do meu nível. Pensei apenas vagamente sobre essas coisas, e sobre o que estamos de fato tentando conseguir com nossos pacientes à parte do procedimento comum. Veja, a maioria de nós não tem nem a inclinação nem o tempo necessário para estudar tudo isso; mas

suponho que realmente devamos fazê-lo se quisermos nos libertar e ajudar nossos pacientes a se libertarem da confusão e da infelicidade da atual civilização ocidental."

A confusão e a infelicidade não estão apenas no Ocidente, pois os homens do mundo inteiro estão na mesma situação difícil. O problema do indivíduo é também o problema do mundo; eles não são dois processos separados e distintos. Estamos preocupados, certamente, com o problema humano, quer o homem seja do Oriente ou do Ocidente, que é uma divisão geográfica arbitrária. A consciência total do homem está preocupada com Deus, com a morte, com o meio de vida certo e feliz, com filhos e sua educação, com guerra e paz. Sem entender tudo isso, não pode haver cura do homem.

"Você está certo, senhor, mas acho que muito poucos de nós somos capazes de uma investigação tão ampla e profunda. A maioria é educada de forma errada. Tornamo-nos especialista, técnicos, o que tem sua utilidade, mas infelizmente esse é nosso fim. Quer a especialidade seja o coração ou os complexos, cada especialista cria o próprio edenzinho, como o padre faz, e embora ele possa, de vez em quando, ler algo nas horas vagas, permanece lá até morrer. Você está certo, mas é assim.

"Agora, senhor, gostaria de voltar à minha pergunta: há um método ou uma técnica pelo qual podemos ir direto à raiz de nossos sofrimentos, em especial os do paciente, e assim erradicá-los rapidamente?"

Mais uma vez, se me permite perguntar, por que você está sempre pensando em termos de métodos e técnicas? Pode um método ou uma técnica libertar o homem, ou isso irá apenas moldá-lo para o fim desejado? E o fim desejado, por ser o oposto das ansiedades, medos, frustrações, pressões do homem, será

ele mesmo um resultado desses. A reação do oposto não é ação verdadeira, nem no mundo econômico nem no psicológico. À parte de técnicas ou métodos, é necessário existir um fator que realmente ajude o homem.

"O que é?"

Talvez seja amor.

A limpeza do passado

Uma estrada bem cuidada levava até o sopé do morro, e um caminho continuava de lá. No alto do morro havia ruínas de um forte muito antigo. Milhares de anos atrás, ele fora um lugar terrível, uma fortaleza de pedras gigantescas, com salões de colunas altivas, pisos de mosaico, banheiros e aposentos de mármore. Quanto mais perto se chegava dessa cidadela, mais altas e grossas suas muralhas ficavam e mais vigorosamente ela deve ter sido defendida; entretanto, ela foi conquistada, destruída e reconstruída. As muralhas externas eram compostas de enormes blocos de pedra colocados uns por cima dos outros, sem qualquer argamassa para uni-los. Do lado de dentro das muralhas havia um poço antiquíssimo, com muitos metros de profundidade, com degraus levando até ele. Os degraus eram lisos e escorregadios, e as laterais do poço brilhavam com a umidade. Estava tudo em ruínas, agora, mas a maravilhosa vista do alto do morro permanecia a mesma. Ao longe, à esquerda, estava o mar fulgurante, ladeando amplas campinas abertas com morros por trás delas. Mais próximo, havia duas colinas menores, que, em dias longínquos,

também foram fortalezas, mas nada comparável a essa cidadela soberba que olhava de cima esses morros vizinhos e as campinas. Era uma linda manhã, com a brisa do mar movendo as alegres flores entre as ruínas. As flores eram muito bonitas, suas cores vivas e intensas, e elas cresciam em lugares extraordinários, em pedras, nas fendas dos muros quebrados e nos pátios. Elas cresceram ali, selvagens e livres, por séculos incalculáveis, e pareceria um sacrilégio pisar nelas, pois se aglomeravam no caminho; era seu mundo, e nós éramos os forasteiros; mas elas não faziam que nos sentíssemos assim.

A visão do topo desse morro não era emocionante, como as que são vistas de vez em quando e que obliteram a consciência com esplendor e silêncio. Aqui não era assim. Aqui havia um encantamento tranquilo, suave e expansivo; aqui você podia viver a atemporalidade, sem um passado e sem um futuro, pois você era uno com esse mundo arrebatador inteiro. Você não era um ser humano, um estranho de uma terra diferente, mas esses morros, essas cabras e o pastor das cabras. Você era o céu e a terra florescendo; você não era separado dela, você era dela. Mas você não estava mais consciente do que aquelas flores desse fato. Você *era* aqueles campos sorridentes, o céu azul e o trem distante com seus passageiros. Você não existia, aquele você que escolhe, compara, age e busca; você existia com tudo.

Alguém disse que era tarde e que deveríamos ir embora, então descemos o caminho do outro lado do morro e depois ao longo da estrada que levava ao mar.

Estávamos sentados debaixo de uma árvore, e ele estava contando como, na juventude e na meia-idade, trabalhou em diferentes partes da Europa durante as duas guerras mundiais. Na última, ele não teve casa, passou fome com frequência e quase le-

vou um tiro por esse ou aquele motivo desse ou daquele exército vencedor. Ele passou noites insones e torturantes na prisão, pois em suas vagueações perdera o passaporte e ninguém acreditava apenas na sua declaração sobre onde havia nascido e a que país pertencia. Ele falava várias línguas, fora engenheiro, depois teve algum tipo de negócio e, no momento, pintava. Ele agora tinha um passaporte, disse com um sorriso e um lugar para morar.

"Existem muitos como eu, pessoas que foram destruídas e voltaram à vida novamente", continuou. "Eu não me arrependo, mas, de algum modo, perdi o contato íntimo com a vida, pelo menos com aquilo que chamam de vida. Estou farto de exércitos e reis, bandeiras e política. Eles causaram tanto mal e sofrimento quanto nossa religião oficial, que derramou mais sangue do que qualquer outra; nem mesmo o mundo muçulmano pode competir conosco em violência e horror, e agora estamos todos de volta a isso. Eu costumava ser muito cínico, mas isso também passou. Eu vivo sozinho, pois minha mulher e meu filho morreram durante a guerra, e qualquer país, desde que seja quente, é bom para mim. Eu não me importo muito, de um modo ou outro, mas vendo minhas pinturas de vez em quando, o que me permite ir vivendo. Às vezes, é bastante difícil dar conta das despesas, mas algo sempre acontece, e como minhas necessidades são muito simples, eu não me incomodo muito com dinheiro. Sou um monge no íntimo, mas fora da prisão de um monastério. Estou lhe contando tudo isso, não apenas para divagar sobre mim mesmo, mas para lhe dar uma ideia de minhas origens, pois, ao conversar com você, eu talvez possa chegar a entender algo que se tornou bastante fundamental para mim. Nada mais me interessa, nem mesmo minha pintura.

"Um dia, parti para aqueles morros com meu material de pintura, pois vira algo lá que queria pintar. Era muito cedo de manhã

quando cheguei ao local, e havia algumas nuvens no céu. De onde estava, podia ver do outro lado do vale até o mar brilhante. Eu estava encantado em estar sozinho, e comecei a pintar. Devia estar pintando há algum tempo, e estava indo muito bem, sem qualquer tensão ou esforço, quando me tornei consciente de que algo estava acontecendo em minha cabeça, se é que posso expressar assim. Eu estava tão absorto em minha pintura que por um momento não percebi o que estava acontecendo comigo, e então, de repente, fiquei consciente disso. Eu não conseguia continuar com minha pintura, mas me sentei muito calmo." Depois de uma pausa, ele continuou:

"Não pense que sou louco, pois não sou, mas, sentado lá, eu estava ciente da energia extraordinariamente criativa. Não era eu o criativo, mas algo em mim, algo que também estava naquelas formigas e naquele esquilo agitado. Não acho que esteja explicando muito bem, mas certamente você entende o que quero dizer. Não era a criatividade de um fulano ou sicrano escrevendo um poema, ou de mim mesmo pintando um quadro tolo; era apenas criação, pura e simples, e as coisas produzidas pela mente e pela mão situavam-se mais na periferia externa dessa criação, com pouco significado. Parecia que eu estava imerso nela; havia uma sacralidade nisso, uma bênção. Se eu fosse expressá-lo em palavras religiosas, diria... Mas não o farei. As palavras religiosas metem-se em minha boca, elas não têm mais qualquer sentido. Aquilo era o centro da Criação, o próprio Deus... Novamente essas palavras! Mas vou lhe dizer: era sagrado, não o sagrado de igrejas, incenso e hinos criados pelo homem, que é tudo uma tolice imatura. Isso era algo não contaminado, não pensado, e lágrimas estavam rolando pelo meu rosto; eu estava passando por uma limpeza de todo o meu passado. O esquilo deixara de se

preocupar com sua próxima refeição e havia um silêncio espantoso — não o silêncio da noite, quando tudo está adormecido, mas um silêncio no qual tudo está desperto.

Devo ter ficado lá sentado, imóvel, por um tempo muito longo, pois o sol estava no oeste; eu estava um pouco rígido, uma com perna dormente, e tive dificuldades para me levantar. Eu não estou exagerando, senhor, mas o tempo parecia ter parado — ou melhor, não havia tempo. Eu não tinha relógio, mas várias horas devem ter-se passado do momento em que larguei o pincel até o momento em que me levantei. Eu não estava nervoso, nem estivera inconsciente, como alguns podem concluir; pelo contrário, estava totalmente alerta, consciente de tudo que estava acontecendo a meu redor. Recolhendo todas as minhas coisas e colocando-as com cuidado na mochila, fui embora, e naquele estado extraordinário andei de volta até minha casa. Todos os barulhos da cidadezinha não perturbaram aquele estado de modo algum, e isso durou por várias horas depois que cheguei em casa. Quando acordei na manhã seguinte, havia desaparecido completamente. Olhei para minha pintura; estava boa, mas nada notável.

"Sinto muito por ter falado tanto", concluiu, "mas isso tem estado preso em mim, e eu não poderia ter falado com qualquer outra pessoa. Se o fizesse, chamariam um padre ou sugeririam um daqueles analistas. Agora, não estou pedindo uma explicação, mas como essa coisa toma forma? Quais são as circunstâncias necessárias para isso existir?"

Você está fazendo esta pergunta porque deseja experienciar isso novamente, não é?

"Suponho que seja esse o motivo de minha pergunta, mas..."

Por favor, vamos continuar daqui. O que é importante não é que isso aconteceu, mas que você não deveria ir atrás disso.

A ganância gera arrogância, e o que é necessário é humildade. Você não pode cultivar humildade; se o fizer, não será mais humildade, mas outra aquisição. É importante não que você tenha outra experiência dessas, mas que haja inocência, libertação da lembrança da experiência, boa ou má, agradável ou dolorosa.

"Senhor do céu, você está me dizendo para esquecer algo que se tornou de total importância para mim. Você está pedindo o impossível. Não consigo esquecer isso, nem quero fazê-lo."

Sim, senhor, é essa a dificuldade. Ouça com paciência e percepção. O que você tem agora? Uma lembrança morta. Enquanto isso estava acontecendo, era algo vivo e não havia o "eu" para experienciar aquela coisa viva, nenhuma lembrança para prender ao que tinha sido. Sua mente estava, então, em um estado de inocência, sem pedir, perguntar ou segurar; era livre. Mas, agora, você está buscando e prendendo-se ao passado morto. Ah, sim, ele está morto; sua recordação o destruiu e está gerando o conflito da dualidade, o conflito entre o que foi e aquilo que você espera que aconteça. Conflito é morte, e você está vivendo com a escuridão. Essa coisa realmente acontece quando o ser está ausente; mas a lembrança disso, o anseio por mais, fortalece o ser e impede a realidade viva.

"Então, como vou apagar essa lembrança emocionante?"

De novo, a própria pergunta indica o desejo de resgatar aquele estado, não é? Você quer apagar a lembrança daquele estado a fim de experienciá-lo mais, então o anseio ainda permanece, embora você esteja disposto a esquecer o que foi. Seu anseio por aquele estado extraordinário é semelhante àquele de um homem que é viciado em bebida ou em uma droga. O importante não é experienciar mais daquela realidade, mas que esse anseio seja entendido e dissolva-se voluntariamente sem resistência, sem a ação da vontade.

"Você quer dizer que a própria recordação daquele estado e meu intenso anseio de experienciá-lo de novo estão impedindo que algo de uma natureza similar ou talvez diferente aconteça? Preciso não fazer nada, consciente ou inconscientemente, para que isso aconteça?"

Se você realmente entender, é isso mesmo.

"Você está pedindo uma coisa quase impossível, mas nunca se sabe."

Autoridade e cooperação

ELA FORA SECRETÁRIA DE um importante homem de negócios, explicou, e trabalhara com ele por muitos anos. Deve ter sido muito eficiente, pois demonstrava isso em seu comportamento e em suas palavras. Por ter economizado algum dinheiro, desistira do emprego uns dois anos antes porque desejava ajudar o mundo. Ainda bem jovem e forte, ela queria dedicar o resto de seus anos a algo que valesse a pena, então estava analisando as várias organizações espirituais. Antes de ir para a faculdade, estudara em um convento, mas as coisas que lhe ensinaram lá agora pareciam limitadas, dogmáticas e autoritárias, e naturalmente ela não poderia pertencer a uma instituição religiosa como essa. Depois de analisar várias outras, por fim acabara em uma que parecia ser mais aberta e ter mais significado do que a maioria, e agora ela era ativa no próprio centro daquela organização, ajudando um de seus principais funcionários.

"Finalmente encontrei algo que oferece uma explicação satisfatória sobre toda a questão da existência", continuou. "Claro que eles recebem sua autoridade dos mestres, mas não é preciso

que se acredite neles. Eu acredito, mas isso não vem ao caso. Pertenço ao grupo interno e, como sabe, praticamos certas formas de meditação. Bem poucos são agora ordenados em sua iniciação pelos mestres, não tantos como antes. Eles estão mais cuidadosos hoje em dia."

Se me permite perguntar, por que você está explicando tudo isso?

"Eu estava presente em sua discussão na outra tarde, quando declarou que ser um seguidor é ruim. Desde então, assisti a várias outras dessas discussões e estou perturbada por tudo que foi dito. Veja: trabalhar para os mestres não significa necessariamente ser seguidora deles. Há autoridade, mas somos nós que precisamos de autoridade. Eles não pedem nossa obediência, mas nós a oferecemos a eles ou a seus representantes."

Se, como diz, você participou das discussões, não acha que o que está dizendo agora é bastante imaturo? Refugiar-se nos mestres ou em seus representantes, cuja autoridade deve basear-se nos próprios deveres e prazeres escolhidos por eles, é basicamente o mesmo que se refugiar na autoridade da Igreja, não é? Um pode ser considerado estreito e o outro amplo, mas é óbvio que ambos são aprisionadores. Quando se está confuso, busca-se orientação, mas aquilo que se encontrar será sempre o resultado da própria confusão de alguém. O líder é tão confuso quanto o seguidor que, a partir de seu conflito e infelicidade, escolheu o líder. Seguir um outro, quer seja um líder, um salvador ou um mestre, não produz clareza e felicidade. Somente com o entendimento da confusão e do criador dela há libertação do conflito e da infelicidade. Isso parece bastante evidente, não?

"Pode ser para você, senhor, mas eu ainda não entendo. Precisamos trabalhar ao longo das linhas certas, e aqueles que co-

nhecem podem e devem traçar certos planos para nossa orientação. Isso não sugere seguir cegamente."

Não existe uma forma iluminada de seguir; todo o comportamento de seguir é ruim. A autoridade corrompe, quer em posições elevadas ou entre os insensatos. Os insensatos não são transformados em sensatos por seguir outro, por mais que este possa ser grande e nobre.

"Gosto de cooperar com meus amigos trabalhando por algo que tenha um significado mundial. Para trabalhar junto, precisamos de algum tipo de autoridade sobre nós."

É cooperação quando há uma influência poderosa, agradável ou desagradável, da autoridade? É cooperação quando você está trabalhando por um plano traçado por outros? Você não estará nesse caso, consciente ou inconscientemente, conformando-se por intermédio do medo, da esperança de recompensa e assim por diante? E essa conformidade é cooperação? Quando há autoridade sobre você, benevolente ou tirânica, pode haver cooperação? Certamente, a cooperação toma forma apenas quando há o amor pela coisa em si, sem o medo do castigo ou do fracasso, e sem o desejo ardente por sucesso ou reconhecimento. A cooperação só é possível quando há libertação da inveja, da aquisitividade e do anseio por dominação ou por poder pessoal ou coletivo.

"Você não é drástico demais nesses assuntos? Nada jamais seria realizado se fôssemos esperar até que tivéssemos nos libertado de todas essas causas internas que são obviamente ruins."

Mas o que você está realizando agora? É necessário ter profunda sinceridade e revolução interior se for para existir um mundo diferente; precisam existir pelo menos alguns que não estejam consciente ou inconscientemente perpetuando o conflito e a infelicidade. A ambição pessoal e a ambição em favor

da coletividade precisam ser abandonadas, pois a ambição, sob qualquer forma, impede o amor.

"Estou perturbada demais por tudo que você disse e espero poder voltar outro dia, quando estiver um pouco mais calma."

Ela voltou muitos dias depois.

"Depois que eu o vi, fui embora sozinha para pensar em tudo isso de forma objetiva e clara, e passei várias noites sem dormir. Meus amigos me avisaram para não ficar muito perturbada pelo que você dissesse, mas eu fiquei, e tive de decidir algumas coisas por mim mesma. Tenho lido algumas de suas falas com mais cuidado, sem oferecer resistência, e as coisas estão se tornando claras. Não há volta, e não estou dramatizando. Eu me demiti da organização, com tudo que ela significa. Meus amigos estão, naturalmente, contrariados, e eles acham que voltarei; mas eu receio que não. Fiz isso porque percebo a verdade do que foi dito. Vejamos o que acontece agora."

Mediocridade

A TEMPESTADE JÁ DURAVA vários dias, com ventos fortes e chuvas torrenciais. A terra encharcava-se de água e a poeira de muitos verões era lavada das árvores. Nessa parte do país, não chovia de fato há muitos anos, mas agora estava compensando por isso tudo, pelo menos todos esperavam que sim, e havia alegria no barulho da chuva e no correr das águas. Ainda chovia quando todos nós fomos dormir e o barulho da chuva era muito forte no telhado. Ele tinha um ritmo, uma dança, e havia o murmúrio de vários regatos. Depois, que linda estava aquela manhã! As nuvens tinham ido embora, e os morros em volta estavam brilhando ao sol do início da manhã; eles haviam sido lavados e havia uma bênção no ar. Nada ainda se movia, e somente os cumes dos morros estavam incandescentes. Em poucos minutos, os barulhos do dia começariam; mas agora havia uma paz profunda no vale, embora os regatos estivessem gorgolejando e, bem longe, um galo começasse a cantar. Todas as cores tinham ganhado vida; tudo era tão vívido, a nova grama e aquela árvore enorme que parecia dominar o vale. Havia nova vida com abundância, e agora os deuses

receberiam suas oferendas, doadas alegre e generosamente; agora os campos estariam férteis para o arroz vindouro e não haveria falta de forragem para as vacas e cabras; agora os poços estariam cheios e os casamentos poderiam ser realizados com alegria. A terra estava vermelha e haveria enorme contentamento.

"Estou muito consciente do estado de minha mente", ele explicou. "Estive na faculdade e recebi a chamada educação, e li relativamente muito. Politicamente, fui da extrema esquerda, e estou bem familiarizado com a literatura deles. O partido tornou-se igual a qualquer religião organizada; é o que o catolicismo foi e continua a ser, com as excomunhões, ameaças e destituições. Por um tempo, trabalhei ambiciosamente na política, na esperança de um mundo melhor; mas percebi a verdadeira natureza desse jogo, embora eu pudesse ter progredido nele. Há muito tempo, percebi que a reforma real não vem pela política; política e religião não combinam. Eu sei que é o que dizem, que temos de levar a religião para a política; mas, no momento que o fizermos, não será mais religião — será apenas um absurdo. Deus não fala conosco em termos políticos, mas nós criamos nosso próprio deus em termos de nosso condicionamento político ou econômico.

"Mas não vim discutir política com você. E você tem toda razão em se recusar a discutir. Eu vim conversar sobre algo que está realmente me consumindo. Na outra tarde, você disse algo sobre mediocridade. Ouvi, mas não pude absorver, pois estava perturbado demais; mas, enquanto foi falando, a palavra 'mediocridade' me atingiu com muita força. Eu nunca pensara em mim como medíocre. Não estou usando essa palavra no sentido social, e como você mostrou, isso não tem nada a ver com diferenças econômicas ou de classes ou com as origens de alguém."

Claro. A mediocridade está inteiramente fora do campo das divisões sociais arbitrárias.

"Vejo que sim. Você também disse, se me lembro bem, que o indivíduo verdadeiramente religioso é o único revolucionário, e esse indivíduo não é medíocre. Estou falando da mediocridade da mente, não de trabalho ou posição. Aqueles que estão nas posições mais altas e poderosas e aqueles que têm ocupações maravilhosas e interessantes ainda podem ser medíocres. Eu não tenho nem uma posição enaltecida nem uma ocupação particularmente interessante, e estou consciente do estado de minha própria mente. Ela é simplesmente medíocre. Sou um estudioso tanto da filosofia ocidental quanto da oriental e estou interessado em muitas outras coisas, mas, apesar disso, minha mente é bem comum; ela tem alguma capacidade de raciocínio coordenado, mas ainda é medíocre e não criativa."

Então, qual é o problema, senhor?

"Primeiro, estou realmente muito envergonhado do estado em que me encontro, de minha própria estupidez total, e estou dizendo isso sem autopiedade alguma. Bem em meu íntimo, apesar de todo o meu aprendizado, descubro que não sou criativo no mais profundo sentido dessa palavra. Deve ser possível ter essa criatividade da qual você falou no outro dia; mas como se pode chegar a ter isso? Esta é uma pergunta direta demais?"

Podemos pensar nesse problema muito simplesmente? O que é que torna a mente-coração medíocre? A pessoa pode ter um conhecimento enciclopédico, grande capacidade e assim por diante; mas, além de todas essas aquisições e talentos superficiais, o que torna a mente profundamente estúpida? A mente pode ser, em qualquer momento, diferente do que ela sempre foi?

"Estou começando a ver que a mente, por mais que seja inteligente, por mais que seja capaz, também pode ser estúpida.

Ela não pode ser transformada em qualquer outra coisa, pois ela sempre será o que é. Ela pode ser infinitamente capaz de raciocínio, especulação, projetos, cálculos; mas, embora expansível, ela sempre permanecerá no mesmo campo. Acabei de perceber o significado de sua pergunta. Você está perguntando se a mente, que é capaz desses feitos surpreendentes, pode transcender-se pela própria vontade e esforço."

Essa é uma das perguntas que surgem. Se, por mais inteligente e capaz, a mente ainda for medíocre, ela poderá, pela própria vontade, algum dia ir além de si mesma? A simples reprovação da mediocridade, com seu amplo escopo de excentricidades, não alterará de modo algum o fato. E quando a reprovação, com todas as suas implicações, cessar, será possível descobrir o que causa o estado de mediocridade? Agora entendemos o significado dessa palavra, então vamos nos ater a ele. Não é um dos fatores da mediocridade o anseio de realizar, de ter um resultado, de ter sucesso? E quando queremos nos tornar criativos, ainda estamos lidando com a questão de forma superficial, não estamos? Eu sou *isso*, quero mudar para *aquilo*, então pergunto como; mas quando a criatividade é algo a ser conseguido com esforço, um resultado a ser alcançado, a mente o reduz à própria condição. Esse é o processo que temos de entender, e não tentar mudar a mediocridade para outra coisa qualquer.

"Você quer dizer que qualquer esforço da parte da mente para mudar o que ela é apenas leva à continuação dela mesma sob outra forma e, assim, não há mudança alguma?"

É isso mesmo, não? A mente causou seu atual estado por meio de seu próprio esforço, de seus desejos e medos, de suas esperanças, alegrias e dores; e qualquer tentativa da parte dela para mudar esse estado ainda será na mesma direção. Uma mente insignificante tentando não ser insignificante ainda o será

Certamente, o problema é a cessação de todo esforço da parte da mente para ser algo, em qualquer que seja a direção.

"Claro. Mas isso não envolve negação, um estado de vacuidade?"

Se alguém simplesmente ouvir as palavras sem entender seu significado, sem provar e experimentar, então as conclusões não terão validade.

"Então a criatividade não é para ser obtida com esforço. Não é para ser aprendida, praticada ou produzida por qualquer ação, por qualquer forma de compulsão. Eu vejo a verdade disso. Se me permite, preciso pensar em voz alta e lentamente elaborar isso com você. Minha mente, que tem tido vergonha de sua mediocridade, está agora ciente do significado da reprovação. Essa atitude reprovadora é evocada pelo desejo de mudar; mas esse mesmo desejo de mudar é o resultado da insignificância, então a mente ainda é o que ela era e não houve mudança alguma. Até aqui, entendi."

Qual é o estado da mente quando ela não está tentando mudar-se, tornar-se outra coisa?

"Ela aceita o que é."

A aceitação sugere que há uma entidade que aceita, não? E essa aceitação não é também uma forma de esforço para obter, para experienciar mais? Então um conflito de dualidade é posto em funcionamento, que é novamente o mesmo problema, pois é o conflito que gera a mediocridade de mente e coração. A libertação da mediocridade é aquele estado que toma forma quando todo o conflito cessou; mas aceitação é simplesmente resignação. Ou a palavra "aceitação" tem um significado diferente para você?

"Vejo as implicações da aceitação, visto que você me deu uma noção de seu significado. Mas qual é o estado da mente que não mais aceita ou reprova?"

Por que você pergunta, senhor? É uma coisa a ser descoberta, não simplesmente a ser explicada.

"Não estou buscando uma explicação ou sendo especulador, mas é possível para a mente estar quieta, sem qualquer movimento, e ainda estar inconsciente da própria quietude?"

Estar consciente disso gerará o conflito da dualidade, não é?

Ensinamento positivo e negativo

O CAMINHO ERA ACIDENTADO e poeirento, e descia até uma cidadezinha mais abaixo. Algumas árvores permaneciam espalhadas na encosta, mas a maioria fora cortada para lenha e era necessário subir a uma grande altura para encontrar uma boa sombra. Lá, as árvores não eram mais mirradas nem machucadas pelo homem; elas cresciam até a altura completa, com grossos galhos e folhagem normal. As pessoas cortavam os galhos para que as cabras pudessem comer as folhas, e quando eles ficavam sem folhas, elas os reduziam a lenha. Havia uma escassez de madeira nos níveis mais baixos, e então as pessoas avançavam mais para cima, subindo e destruindo. As chuvas já não eram tão abundantes como costumavam ser; a população aumentava e o povo tinha de viver. Havia fome e vivia-se de forma tão indiferente quanto se morria. Não existiam animais selvagens por aqui e eles talvez tivessem ido mais para cima. Havia alguns pássaros arranhando entre os arbustos, mas mesmo eles pareciam esgotados, com algumas penas quebradas. Um gaio, branco e preto, resmungava roucamente, voando de um ramo para outro em uma árvore solitária.

Estava esquentando e estaria bastante quente por volta do meio-dia. Há muitos anos não chovia o suficiente. A terra estava ressecada e rachada, as poucas árvores estavam cobertas por uma poeira marrom e não havia nem mesmo o orvalho da manhã. O sol era implacável, dia após dia, mês após mês, e a estação incerta das chuvas ainda estava muito longe. Algumas cabras subiam o morro, com um menino tomando conta delas. Ele ficou surpreso de mais alguém estar lá, mas não sorriu e, com um olhar sério, acompanhou as cabras. Era um lugar solitário e havia o silêncio do calor que chegava.

Duas mulheres desciam pelo caminho carregando feixes de lenha sobre as cabeças. Uma era idosa e a outra bem jovem, e os fardos que carregavam pareciam bem pesados. Cada uma delas equilibrava na cabeça, protegido por um rolo de pano, um longo feixe de galhos secos amarrados por um cipó verde, e mantinha-o no lugar com uma das mãos. Seus corpos balançavam livremente enquanto desciam o morro com um andar leve e apressado. Elas não tinham nada nos pés, embora o caminho fosse acidentado. Os pés pareciam encontrar seu próprio caminho, pois as mulheres nunca olhavam para baixo; elas mantinham as cabeças muito eretas, os olhos injetados e distantes. Eram muito magras, as costelas aparecendo, e o cabelo da mais velha estava sujo e embaraçado. O cabelo da moça dava a impressão de ter sido penteado e azeitado recentemente, pois ainda existiam alguns fios limpos e brilhantes; mas ela também estava exausta, e apresentava um aspecto de esgotamento. Não faz muito tempo, deve ter cantado e brincado com outras crianças, mas isso tudo acabara. Agora, reunir lenha nesses morros era sua vida, e seria até que morresse, com uma pausa aqui e ali com a chegada de um filho.

Todos descemos pelo caminho. A pequena cidade do interior estava a vários quilômetros de distância e lá elas venderiam seus

fardos por uma ninharia, apenas para recomeçar tudo novamente no dia seguinte. Elas estavam conversando, com longos intervalos de silêncio. De repente, a mais jovem disse à mãe que estava com fome, e a mãe respondeu que elas nasciam com fome, viviam com fome e morriam com fome; era seu destino. Era a afirmação de um fato; em sua voz não havia acusação, nem raiva, nem esperança. Continuamos a descer aquele caminho pedregoso. Não havia um observador escutando, apiedando-se e andando atrás delas. Ele não era parte delas por amor e piedade; ele *era* elas; ele cessara e elas existiam. Elas não eram as estranhas que ele encontrara no morro, elas eram ele; eram dele as mãos que seguravam os feixes; e o suor, a exaustão, o cheiro, a fome, não eram delas, para serem compartilhadas e pranteadas. O tempo e o espaço cessaram. Não existiam pensamentos em nossas cabeças, cansadas demais para pensar; e se realmente pensássemos, seria para vender a lenha, comer, descansar e recomeçar. Os pés no caminho pedregoso nunca doíam, nem o sol sobre a cabeça. Existiam apenas dois de nós descendo aquele morro costumeiro, passando aquele poço no qual bebíamos como de costume e atravessando o leito seco da lembrança de um regato.

"Eu li e ouvi algumas de suas falas", ele disse, "e para mim o que você diz parece muito negativo; não há qualquer diretiva, qualquer modo de viver positivo. Esse ponto de vista oriental é muito destrutivo, e veja o que fez ao Oriente. Sua atitude negativa e especialmente sua insistência de que é necessário haver libertação de todo o pensamento são muito quiméricas para nós, ocidentais, que somos ativos e empreendedores por temperamento e necessidade. O que você está ensinando é completamente contrário a nosso modo de viver".

Se posso mostrar, essa divisão de pessoas como do Ocidente ou do Oriente, é geográfica e arbitrária, não é? Isso não tem relevância. Quer moremos a leste ou oeste de determinada linha, quer sejamos morenos, pretos, brancos ou amarelos, somos todos seres humanos, sofrendo e esperando, receosos e confiantes; a alegria e a dor existem aqui como existem lá. O pensamento não é do Ocidente ou do Oriente, mas o homem o divide assim por causa de seu condicionamento. O amor não é geográfico, considerado sagrado em um continente e negado em outro. A divisão dos seres humanos é para fins econômicos e exploradores. Isso não significa que os indivíduos não sejam diferentes em temperamento etc.; há semelhanças e há diferenças. Tudo isso é bastante óbvio e psicologicamente real, não é?

"Pode ser para você, mas nossa cultura, nosso modo de viver, é inteiramente diferente daquele do Oriente. Nosso conhecimento científico, evoluindo lentamente desde os dias da Antiga Grécia, é agora imenso. O Oriente e o Ocidente estão evoluindo ao longo de duas linhas diferentes."

Percebendo as diferenças, devemos ainda estar conscientes das semelhanças. As expressões externas podem variar, e realmente o fazem, mas, por trás dessas formas e manifestações externas, os anseios, as compulsões, os desejos e os medos são semelhantes. Não nos deixemos iludir pelas palavras. Tanto aqui quanto lá, o homem quer ter paz e abundância, e encontrar algo mais do que a felicidade material. As civilizações podem variar de acordo com o clima, o meio ambiente, a alimentação e assim por diante, mas a cultura no mundo inteiro é fundamentalmente a mesma: ser compassivo, afastar-se do mal, ser generoso, não ser invejoso, perdoar e assim por diante. Sem essa cultura fundamental qualquer civilização, quer aqui ou lá, se desintegrará ou será destruída. O conhecimento pode ser adquirido pelos cha-

mados povos atrasados, eles podem muito em breve aprender o *know-how* do Ocidente; eles também podem ser fomentadores de guerras, generais, advogados, policiais, tiranos, com campos de concentração e tudo mais. Mas cultura é uma questão totalmente diferente. O amor de Deus e a liberdade do homem não são tão fáceis de obter, e sem esses o bem-estar material não significa muito.

"Você está certo nisso, senhor, mas gostaria que considerasse o que eu disse sobre seus ensinamentos serem negativos. Eu realmente gostaria de entendê-los, e não me considere rude se dou a impressão de ser um pouco direto em minhas afirmações."

O que é negativo e o que é positivo? A maioria de nós está acostumada a que nos digam o que fazer. A transmissão e o cumprimento de ordens são considerados um ensinamento positivo. Ser dirigido parece ser positivo, construtivo e, para aqueles que são condicionados a seguir, a verdade que ser um seguidor é ruim parece negativa, destrutiva. A verdade é a negação do falso, não o oposto do falso. A verdade é inteiramente diferente do positivo e do negativo, e uma mente que pense em termos de opostos jamais poderá estar consciente dela.

"Temo não entender totalmente tudo isso. Por favor, poderia explicar um pouco mais?"

Veja, senhor, estamos acostumados com autoridade e liderança. O anseio de ser guiado surge do desejo de estar seguro, de ser protegido e também do desejo de ser bem-sucedido. Isso é um de nossos mais profundos anseios, não é?

"Eu acho que sim, mas sem proteção e segurança o homem..."

Por favor, vamos nos aprofundar na questão e não tirar conclusões precipitadas. Em nosso anseio para estarmos seguros, não apenas como indivíduos, mas como grupos, nações e raças,

não construímos um mundo em que as guerras, dentro e fora de uma sociedade particular, tornaram-se uma importante preocupação?

"Eu sei; meu filho foi morto em uma guerra do outro lado do oceano."

Paz é um estado de espírito; é a libertação de todo o desejo de estar seguro. A mente-coração que busca segurança precisa sempre estar à sombra do medo. Nosso desejo não é somente por segurança material, mas muito mais por segurança interior, psicológica, e é esse desejo de estar internamente seguro pela virtude, pela crença, por uma nação, que cria grupos e ideias limitantes e tão conflitantes. Esse desejo de estar seguro, de alcançar um fim cobiçado, gera a aceitação da orientação de um guia, o seguimento do exemplo, a veneração do sucesso, a autoridade de líderes, salvadores, mestres e gurus, e tudo isso é chamado de ensinamento positivo; mas é, na verdade, insensatez e imitação.

"Percebo isso; mas não é possível guiar ou ser guiado sem transformar-se ou ao outro em uma autoridade, um salvador?"

Estamos tentando entender o anseio de ser guiado, não é? Qual é esse anseio? Não é o resultado do medo? Sendo inseguros, vendo a impermanência de nós mesmos, há o anseio de encontrar algo seguro, permanente; mas esse anseio é o impulso do medo. Em vez de entendermos o que é o medo, fugimos dele, e a própria fuga é medo. Foge-se para o conhecido, o conhecido sendo as crenças, os rituais, o patriotismo, as fórmulas confortadoras dos mestres religiosos, as garantias reconfortantes dos padres e assim por diante. Esses, por sua vez, causam conflito entre os homens, então o problema é mantido de uma geração a outra. Se alguém fosse resolver o problema, precisaria explorar e entender a raiz disso. Esse suposto ensinamento positivo, o aquilo-que-se-deve-

pensar das religiões, incluindo o comunismo, dá continuidade ao medo; então, o ensinamento positivo é destrutivo.

"Eu acho que estou começando a ver qual é sua perspectiva e espero que minha percepção esteja correta."

Não é uma perspectiva pessoal, preconcebida; não há uma perspectiva pessoal para a verdade, como não existe para o descobrimento de fatos científicos. A ideia de que existem caminhos separados para a verdade, de que a verdade tem aspectos diferentes, é irreal; é o pensamento especulativo do intolerante tentando ser tolerante.

"É preciso ser muito cuidadoso, percebo, no uso das palavras. Mas eu gostaria, se puder, de voltar a um ponto que levantei mais cedo. Visto que a maioria de nós foi educada para pensar — ou foi ensinada o *que* pensar, como você diz —, isso não nos trará apenas mais confusão quando você continua dizendo de modos diferentes que todo o pensamento é condicionado e que devemos ir além de todo pensamento?"

Para a maioria de nós, pensar é algo extraordinariamente importante; mas será mesmo? Isso tem alguma importância, mas o pensamento não pode descobrir aquilo que não é produto do pensamento. O pensamento resulta do conhecido, portanto ele não pode sondar o desconhecido, o incognoscível. O pensamento não é desejo, desejo por necessidades materiais ou pelo objetivo espiritual mais elevado? Estamos falando não sobre o pensamento de um cientista trabalhando no laboratório ou o de um matemático ocupado etc., mas sobre como o pensamento funciona em nossa vida diária, em nossos contatos e reações cotidianos. Para sobreviver, somos forçados a pensar. O pensamento é um processo de sobrevivência, quer do indivíduo ou da nação. O pensamento, que é desejo tanto em sua forma mais baixa quanto na mais alta, deve sempre ser fechado em si mesmo,

condicionador. Quer pensemos no universo, em nosso vizinho, em nós mesmos ou em Deus, todo esse pensamento é limitado, condicionado, não é?

"No sentido que você está usando a palavra 'pensar', suponho que seja. Mas o conhecimento não ajuda a destruir esse condicionamento?"

Será? Acumulamos conhecimento sobre tantos aspectos da vida — medicina, guerra, lei, ciência —, e há pelo menos algum conhecimento de nós mesmos, de nossa própria consciência. Com todo esse vasto armazenamento de informações, estamos livres do sofrimento, da guerra, do ódio? Será que mais conhecimento nos libertará? Podemos saber que a guerra é inevitável enquanto o indivíduo, o grupo ou o país for ambicioso, buscar o poder, mas persistimos nos hábitos que levam à guerra. O centro que gera antagonismo, ódio, pode ser radicalmente transformado pelo conhecimento? O amor não é o oposto do ódio; se o ódio for mudado para amor pelo conhecimento, então ele não será amor. Essa mudança causada pelo pensamento, pela vontade, não é amor, mas simplesmente outra conveniência autoprotetora.

"Eu não acompanhei isso absolutamente, se me permite dizer."

O pensamento é a resposta do que já foi, a resposta da memória, não é? A memória é tradição, experiência, e sua reação a qualquer experiência nova é o resultado do passado; então, a experiência está sempre fortalecendo o passado. A mente é o resultado do passado, do tempo; o pensamento é o produto de muitos ontens. Quando o pensamento procura mudar a si mesmo, tentando ser ou não ser isto ou aquilo, ele simplesmente se perpetua, sob um nome diferente. Por ser o produto do conhecido, o pensamento jamais pode experienciar o desconhecido; por ser o resultado do tempo, ele nunca pode entender o atemporal, o eterno. O pensamento precisa cessar para o real ser.

Veja, senhor, temos tanto medo de perder o que pensamos que temos que nunca penetramos nessas coisas muito profundamente. Olhamos a superfície de nós mesmos e repetimos palavras e frases que têm muito pouca significância; então permanecemos insignificantes, e geramos antagonismo tão insensatamente quanto geramos filhos.

"Como você disse, somos insensatos em nossa aparente sensatez. Eu devo voltar, se puder."

Ajuda

As ruas estavam apinhadas de gente, e as lojas, cheias de artigos. Era a parte abastada da cidade, mas nas ruas havia pessoas de todos os tipos, ricas e pobres, operários e funcionários de escritório. Havia homens e mulheres de todas as partes do mundo, alguns em seus trajes nativos, mas a maioria usando roupas ocidentais. Havia muitos carros, velhos e novos, e, naquela manhã de primavera, os caros reluziam com cromados e polimentos, e os rostos das pessoas estavam animados e sorridentes. As lojas também estavam cheias de pessoas, e bem poucas pareciam estar conscientes do céu azul. As vitrines as atraíam, os vestidos, os sapatos, os carros novos e a exposição de comida. Os pombos estavam em toda parte, movimentando-se em um vai e vem entre os muitos pés e os incessantes carros. Havia uma livraria com todos os livros mais recentes de inúmeros autores. As pessoas pareciam não ter preocupação alguma com o mundo; a guerra era distante, em outra parte do globo. Dinheiro, comida e trabalho eram abundantes e havia um vasto ganhar e gastar. As ruas eram como desfiladeiros entre os altos edifícios, e não existiam árvores. Era

barulhento; havia a estranha inquietação de um povo que tinha tudo e, ainda assim, nada.

Uma grande igreja estava situada entre as lojas da moda, e em frente a ela, havia uma instituição bancária igualmente grande; ambas eram imponentes e aparentemente necessárias. Na enorme igreja, um padre em sobrepeliz e estola pregava sobre Aquele que sofreu para o bem da humanidade. O povo ajoelhava-se em oração; havia velas, ídolos e incensos. O padre entoou e a congregação respondeu; finalmente, eles se levantaram e saíram para as ruas ensolaradas e para as lojas com suas coleções de coisas. Agora estava silencioso na igreja; somente alguns permaneciam lá, perdidos em seus próprios pensamentos. As decorações, as janelas ricamente coloridas, o púlpito, o altar e as velas — tudo estava lá para acalmar a mente do homem.

Deus é para ser encontrado em igrejas ou em nossos corações? O anseio de ser confortado gera ilusão; é esse anseio que cria igrejas, templos e mesquitas. Nós nos perdemos neles, ou na ilusão de um Estado onipotente, e as coisas reais passaram despercebidas. O desimportante torna-se totalmente absorvente. A verdade ou o que queira, não pode ser encontrada pela mente; o pensamento não pode ir atrás dela; não há caminho para ela; ela não pode ser comprada por veneração, orações ou sacrifícios. Se quisermos conforto, consolo, conseguiremos isso de um modo ou outro, mas com isso virá mais dor e infelicidade. O desejo por conforto, por segurança, tem o poder de criar todo tipo de ilusão. Apenas quando a mente está quieta é que existe a possibilidade de o real tomar forma.

Éramos muitos, e B. começou a perguntar se não era necessário ter ajuda se quiséssemos entender esse totalmente confuso problema da vida. Não deveria existir um guia, um ser iluminado que pudesse nos mostrar o caminho da verdade?

"Não entramos nisso tudo o suficiente durante esses vários anos?", perguntou S. "Quanto a mim, não estou procurando um guru ou um mestre."

"Se você realmente não está buscando ajuda, então por que está aqui?", insistiu B. "Você quer dizer que pôs de lado todo o desejo de orientação?"

"Não, não acho que tenha posto de lado, e gostaria de investigar esse anseio de buscar orientação ou ajuda. Agora não fico mais olhando vitrines, por assim dizer, correndo de um mestre para outro, antigos e modernos, como fazia antes; mas realmente preciso de ajuda, e gostaria de saber por quê. E chegará o dia em que eu não precise mais de ajuda?"

"Pessoalmente, eu não estaria aqui se não houvesse ajuda disponível para todos", disse M. "Eu fui ajudado em ocasiões anteriores, e é por isso que estou aqui agora. Embora você tenha mostrado os males de ser um seguidor, senhor, eu fui ajudado por você, e continuarei a vir a suas palestras e discussões com tanta frequência quanto puder."

Estamos buscando provas de se estamos sendo ajudados ou não? Um médico, o sorriso de uma criança ou de um transeunte, um relacionamento, uma folha levada pelo vento, uma mudança de clima, mesmo um mestre, um guru — todas essas coisas podem ajudar. Há ajuda em toda parte para o homem que está atento; mas muitos de nós estamos adormecidos para tudo que nos cerca exceto para um mestre ou livro em particular, e esse é nosso problema. Você presta atenção quando digo algo, não? Mas quando outra pessoa diz a mesma coisa, talvez com palavras diferentes, você fica surdo. Você ouve um que considera ser a autoridade e não está atento quando outros falam.

"Mas descobri que o que você diz geralmente tem significância", respondeu M., "então eu o ouço atentamente. Quando

outros dizem algo, em geral, é simplesmente um chavão, uma resposta insípida — ou talvez eu mesmo seja insípido. A questão é: ajuda-me ouvi-lo, então por que eu não deveria fazê-lo? Mesmo que todos insistam que estou simplesmente seguindo você, ainda voltarei com tanta frequência quanto puder.

Por que estamos abertos à ajuda de uma direção particular e fechados para todas as outras direções? Consciente ou inconscientemente, você pode me dar seu amor, sua compaixão, pode me ajudar a entender meus problemas; mas por que insisto que você é a única fonte de ajuda, o único salvador? Por que eu o estabeleço como minha autoridade? Eu ouço você, fico atento a tudo que diz, mas sou indiferente ou surdo às afirmações de outros. Por quê? Não é essa a questão?

"Você não está dizendo que nós não devamos buscar ajuda", disse L., "mas está nos perguntando por que damos importância a um que ajude, transformando-o em uma autoridade para nós. Não é isso?"

Estou também perguntando por que você busca ajuda. Quando alguém busca ajuda, qual é o anseio por trás disso? Quando alguém consciente e deliberadamente começa a buscar ajuda, é ajuda que a pessoa quer ou uma fuga, um consolo? O que é que estamos buscando?

"Existem muitos tipos de ajuda", disse B. "Do empregado doméstico até o mais eminente cirurgião, do professor do ensino médio até o maior cientista, todos dão algum tipo de ajuda. Em qualquer civilização, a ajuda é necessária, não só do tipo ordinário, mas também a orientação de um professor espiritual que atingiu a iluminação e ajuda a trazer ordem e paz para a humanidade."

Por favor, vamos pôr de lado as generalidades e considerar o que orientação e ajuda significam para cada um de nós. Isso não

significa a resolução de dificuldades, dores e sofrimentos individuais? Se você é um mestre espiritual ou um médico, eu vou a você para que me mostre um modo feliz de viver ou para ser curado de alguma doença. Buscamos o modo de viver do homem iluminado e conhecimento ou informações dos instruídos. Queremos realizar, queremos ter sucesso, queremos ser felizes, então procuramos por um padrão de vida que nos ajude a atingir o que desejamos, sagrado ou profano. Após tentar muitas outras coisas, pensamos sobre a verdade como a meta suprema, a paz e a felicidade definitivas, e queremos consegui-la; então, estamos de prontidão para encontrar o que desejamos. Mas o desejo pode mesmo abrir caminho para a realidade? O desejo por alguma coisa, por mais nobre que seja, não gera ilusão? E quando o desejo atua, ele não estabelece a estrutura de autoridade, imitação e medo? Esse é o processo psicológico real, não é? E isso é ajuda ou autoengano?

"Estou tendo a maior dificuldade para não ser persuadido pelo que você diz!", exclamou B. "Eu vejo o raciocínio, a significância disso. Mas sei que você me ajudou, e devo negar isso?"

Se alguém o ajudou e você fizer dele sua autoridade, você não estará impedindo toda a ajuda posterior, não apenas dele, mas de tudo a seu redor? A ajuda não está localizada em toda parte? Por que olhar só em uma direção? E quando você está muito fechado, muito preso, é possível alguma ajuda chegar até você? Mas quando você está aberto, há uma ajuda interminável em todas as coisas, do canto do passarinho à chamada de uma pessoa, da haste da grama à imensidão dos céus. O veneno e a corrupção começam quando você olha para uma pessoa como sua autoridade, seu guia, seu salvador. Isso é assim, não é?

"Acho que entendo o que você está dizendo", disse L., "mas minha dificuldade é essa. Eu fui um seguidor, um buscador de

orientação, por muitos anos. Quando você mostra a significância mais profunda de ser um seguidor, intelectualmente concordo com você, mas há uma parte de mim que se rebela. Agora, como posso integrar essa contradição interior para que eu não seja mais um seguidor?"

Dois desejos ou impulsos opostos não podem ser integrados, e quando você introduz um terceiro elemento, que é o desejo de integração, você só complica o problema, não o resolve. Mas quando você percebe o significado total de pedir ajuda, de seguir a autoridade, quer ela seja a autoridade de outro ou de seu próprio padrão autoimposto, essa própria percepção acaba com todo ato de seguir.

O silêncio da mente

Para além da névoa distante estavam as areias brancas e o mar frio, mas aqui estava intoleravelmente quente, mesmo sob as árvores e dentro de casa. O céu não estava mais azul e o sol parecia ter absorvido todas as partículas de umidade. A brisa do mar parara e as montanhas atrás, claras e próximas, refletiam os raios ardentes do sol. O inquieto cachorro deitou-se arfando como se seu coração fosse explodir com o calor insuportável. Seriam dias claros e ensolarados semana após semana, durante vários meses, e os morros, não mais verdes e amenos com as chuvas de primavera, estavam de um marrom queimado, a terra, seca e dura. Mas mesmo assim havia beleza naqueles morros, tremeluzindo além dos carvalhos verdes e do feno dourado, com as rochas áridas das montanhas acima deles.

O caminho levando pelos morros até as altas montanhas era poeirento, pedregoso e acidentado. Não havia regatos, nenhum som de água corrente. O calor era intenso nesses morros, mas à sombra de algumas árvores ao longo do leito seco do rio era suportável, pois ali havia uma leve brisa vinda do vale pelo des-

filadeiro. Dessa altura, o azul do mar era visível muitos quilômetros ao longe. Estava muito quieto, até os pássaros estavam silenciosos, e um gaio que estivera ruidoso e briguento agora descansava. Um cervo castanho chegou pelo caminho, alerta e vigilante, avançando até a única poça d'água que restava no leito seco do regato; ele se movia muito silenciosamente sobre as pedras, suas enormes orelhas repuxando e seus grandes olhos observando todo o movimento entre os arbustos. Bebeu até fartar-se e deitou-se à sombra, perto da poça, mas deve ter percebido a presença humana que não conseguia ver, pois seguiu inquietamente pelo caminho e desapareceu. E como era difícil enxergar um coiote, um tipo de cachorro selvagem, nos morros! Ele era da mesma cor das pedras e estava fazendo o melhor que podia para não ser visto. Era preciso manter os olhos fixados nele, e mesmo assim ele desaparecia e você não conseguia voltar a discerni-lo; você procurava e procurava por qualquer movimento, mas não havia nenhum. Talvez ele viesse até a poça d'água. Não faz muito tempo, houve um incêndio brutal nesses morros, e os animais selvagens foram embora; mas agora alguns tinham voltado. Do outro lado da trilha, uma codorna mãe ia à frente de seus pintinhos recém-nascidos, mais de uma dúzia deles; ela os incentivava suavemente, levando-os até um frondoso arbusto. Eles eram bolas redondas cinza-amareladas de penas delicadas, tão novos para esse mundo perigoso, mas vivos e encantados. Lá, embaixo do arbusto, vários subiram em cima da mãe, mas a maioria estava embaixo de suas confortadoras asas, descansando da luta do nascimento.

O que nos liga uns aos outros? Não são nossas necessidades. Nem são o comércio e as grandes indústrias, nem os bancos e as Igrejas; esses são apenas ideias e o resultado de ideias. As ideias

não nos ligam uns aos outros. Podemos nos juntar por conveniência ou por necessidade, perigo, ódio ou veneração, mas nenhuma dessas coisas nos mantém unidos. Todas elas devem ser afastadas de nós, para que fiquemos sozinhos. Nesse estar sozinho existe amor, e é o amor que nos une.

Uma mente preocupada nunca é uma mente livre, quer ela esteja preocupada com o sublime ou com o trivial.

Ele viera de uma terra muito distante. Embora tivesse tido poliomielite, a doença paralisante, ele agora conseguia andar e dirigir automóveis.

"Como muitos outros, especialmente aqueles em minha condição, pertenci a diferentes Igrejas e organizações religiosas", disse, "e nenhuma delas me proporcionou qualquer satisfação; mas nunca se para de procurar. Eu acho que sou sincero, mas uma de minhas dificuldades é que sou invejoso. A maioria de nós é impelida por ambição, ganância ou inveja; elas são inimigas implacáveis do homem, e ainda assim parece que não podemos viver sem elas. Tentei criar vários tipos de resistência contra a inveja, mas, apesar de todos os meus esforços, eu me vejo preso nela repetidamente; é como a água infiltrando-se pelo telhado, e antes que perceba onde estou, me vejo sendo mais intensamente invejoso do que nunca. Você, provavelmente, respondeu a essa mesma pergunta dezenas de vezes, mas se tiver paciência gostaria de perguntar: como posso me desembaraçar desse inferno da inveja?"

Você precisa descobrir que com o desejo de não ser invejoso vem o conflito dos opostos. O desejo ou a vontade de não ser *isso*, mas ser *aquilo*, causa conflito. Nós geralmente consideramos esse conflito um processo natural da vida; mas ele o é? Essa luta incessante entre o que *é* e o que *deveria* ser é considerada no-

bre, idealista; mas o desejo e a tentativa de ser não-invejoso são iguais aos de ser invejoso, não é? Se a pessoa realmente entende isso, não há luta entre os opostos; o conflito da dualidade cessa. Isso não é uma questão para ser ponderada quando chegar em casa; é um fato para ser percebido imediatamente, e essa percepção é importante, não como se libertar da inveja. A libertação da inveja vem, não pelo conflito de seu oposto, mas com o entendimento do que *é*; mas esse entendimento não é possível enquanto a mente está preocupada em mudar o que *é*.

"A mudança não é necessária?"

Pode haver mudança por meio de um ato da vontade? Vontade não é desejo concentrado? Por ter gerado inveja, o desejo agora busca um estado no qual não haja inveja; ambos os estados são produtos do desejo. O desejo não pode produzir mudança fundamental.

"Então, o que o fará?"

A percepção da verdade do que *é*. Enquanto a mente, ou o desejo, buscar mudar a si mesma de *isso* para *aquilo*, toda mudança será superficial e trivial. O significado total desse fato deverá ser sentido e entendido, e somente então será possível acontecer uma transformação radical. Enquanto a mente estiver comparando, julgando, buscando um resultado, não haverá possibilidade de mudança, mas apenas uma série de lutas incessantes que ela chama de viver.

"O que você diz parece muito verdadeiro, mas mesmo enquanto o ouço me encontro preso na luta para mudar, para atingir um objetivo, para alcançar um resultado."

Quanto mais lutamos contra um hábito, por mais profundas que sejam suas raízes, mais força damos a esse hábito. Estar consciente de seu hábito sem escolher nem cultivar outro é o fim do hábito.

"Então preciso permanecer silenciosamente com o que *é*, nem aceitando nem rejeitando. Essa é uma tarefa enorme, mas vejo que é o único meio para ser libertado.

"Agora posso continuar com outra pergunta? O corpo não afeta a mente e a mente, por sua vez, não afeta o corpo? Percebi isso especialmente no meu caso. Meus pensamentos estão ocupados com a lembrança do que fui — saudável, forte, ágil de movimentos — e com o que espero ser, comparado com o que sou agora. Parece que sou incapaz de aceitar meu estado atual. O que vou fazer?"

Essa comparação constante do presente com o passado e o futuro causa dor e deterioração da mente, não? Isso o impede de considerar a realidade de seu estado atual. O passado nunca pode existir novamente e o futuro é imprevisível, então você só tem o presente. Você só pode lidar adequadamente com o presente quando a mente está livre da carga da memória do passado e da esperança do futuro. Quando a mente está atenta ao presente, sem comparações, há, então, a possibilidade de outras coisas acontecerem.

"O que você quer dizer com 'outras coisas'?"

Quando a mente está preocupada com as próprias dores, esperanças e medos, não há espaço para libertação deles. O processo do pensamento fechado em si mesmo só prejudica ainda mais a mente, portanto o círculo vicioso é mantido em funcionamento. A preocupação torna a mente trivial, insignificante e superficial. Uma mente preocupada não é uma mente livre, e a preocupação com a liberdade ainda gerará insignificância. A mente é insignificante quando está preocupada com Deus, com o Estado, com a virtude ou com o próprio corpo. Essa preocupação com o corpo impede a adaptabilidade ao presente, a obtenção de vitalidade e de movimento, ainda que limitado. O ser, com suas

preocupações, causa as próprias dores e problemas, que afetam o corpo; e a preocupação com males corporais só atrapalha ainda mais o corpo. Isso não significa que a saúde deva ser negligenciada; mas a preocupação com saúde, como a preocupação com a verdade, com ideias, apenas entrincheira a mente em sua própria insignificância. Há uma enorme diferença entre uma mente preocupada e uma mente ativa. Uma mente ativa é silenciosa, consciente, sem preferências.

"Conscientemente, é muito difícil entender tudo isso, mas é provável que o inconsciente esteja absorvendo o que está dizendo; pelo menos espero que sim.

"Gostaria de fazer mais uma pergunta. Veja, senhor, há momentos em que minha mente esteja silenciosa, mas esses momentos são muito raros. Ponderei sobre o problema da meditação e li algumas das coisas que disse sobre isso, mas por um longo tempo meu corpo foi demais para mim. Agora que fiquei mais ou menos acostumado a meu estado físico, sinto que é importante cultivar esse silêncio. Como se consegue fazer isso?"

O silêncio é para ser cultivado, cuidadosamente alimentado e fortalecido? E quem é o cultivador? Ele é diferente da totalidade de seu ser? Há silêncio, uma mente silenciosa, quando a pessoa deseja dominar todos os outros ou quando ela estabelece resistência contra eles? Há silêncio quando a mente é disciplinada, moldada, controlada? Isso tudo não sugere um censor, um suposto ser superior que controla, julga, escolhe? E existe tal entidade? Se existir, ela não será produto do pensamento? O pensamento dividindo-se como o superior e o inferior, o permanente e o impermanente, ainda será o resultado do passado, da tradição, do tempo. Nessa divisão está sua própria segurança. O pensamento ou desejo agora busca segurança no silêncio e assim ele pede por um método ou um sistema que ofereça o que ele quer. No lugar

de coisas mundanas, ele agora anseia pelo prazer do silêncio, então gera conflito entre o que *é* e o que *deveria* ser. Não há silêncio onde existe conflito, repressão, resistência.

"A pessoa não deveria buscar o silêncio?"

Não poderá haver silêncio enquanto houver um buscador. Só haverá o silêncio de uma mente silenciosa quando não houver um buscador, quando não houver desejo. Sem responder, faça esta pergunta a si mesmo: pode o todo de seu ser ficar silencioso? Pode a totalidade da mente, o consciente bem como o inconsciente, ficar quieta?

Contentamento

O AVIÃO ESTAVA LOTADO. Voava a mais de seis mil metros sobre o Atlântico e havia um grosso tapete de nuvens abaixo dele. O céu acima era intensamente azul, o sol estava por trás de nós e voávamos em direção ao oeste. As crianças tinham brincado, correndo de um lado para o outro no corredor, e agora, cansadas, dormiam. Após a longa noite, todos os outros estavam acordados, fumando e bebendo. Um homem em frente contava a outro sobre seus negócios, e uma mulher no assento detrás descrevia em voz agradável as coisas que comprara e especulava sobre o valor do imposto que teria de pagar. Naquela altitude, o voo era tranquilo, não havia solavancos, apesar dos ventos fortes abaixo de nós. As asas do avião brilhavam na clara luz do sol e as hélices giravam suavemente, cortando o ar em uma velocidade fantástica; o vento estava por trás de nós e estávamos fazendo mais de 450km/h.

Dois homens do outro lado do estreito corredor conversavam bem alto, e era difícil não ouvir o que eles diziam. Eram homens grandes, e um tinha o rosto vermelho, castigado pelo

clima. Ele explicava o comércio de matar baleias, como era arriscado, o lucro que havia nisso e como os mares eram assustadoramente bravios. Algumas baleias pesavam centenas de toneladas. As mães com filhotes não deviam ser mortas, nem eles tinham permissão de matar mais do que um certo número de baleias em um período específico. O abate desses grandes monstros parecia ser elaborado com muito conhecimento científico, cada grupo tendo um trabalho especial para fazer pelo qual era tecnicamente treinado. O cheiro no navio-fábrica era quase intolerável, mas as pessoas se acostumavam com isso, como se acostumam com quase tudo. Mas havia uma grande quantidade de dinheiro nisso se tudo corresse bem. Ele começou a explicar a estranha fascinação de matar, mas naquele momento foram servidas as bebidas e o assunto mudou de rumo.

Os homens gostam de matar, quer seja um ao outro ou um cervo inofensivo, com olhos arregalados, no meio da floresta, ou um tigre que atacou o gado. Uma cobra é deliberadamente atropelada na estrada; uma armadilha é montada para um lobo ou um coiote ser apanhado. Pessoas bem vestidas, rindo, saem com suas preciosas armas e matam pássaros que pouco antes piavam uns para os outros. Um menino mata um gaio chilreante com sua espingarda de ar comprimido, e os velhos à sua volta nunca dizem uma palavra de lamento nem ralham com ele; pelo contrário, dizem que bom atirador ele é. Matar pelo chamado esporte, por alimento, pelo seu país, pela paz — não há muita diferença em tudo isso. Justificativa não é a resposta. Só existe: não mate. No Ocidente, achamos que os animais existem para o bem de nossos estômagos, para o prazer de matar ou por suas peles. No Oriente, é ensinado há séculos e repetido por cada pai: não mate, seja piedoso, seja compassivo. Aqui, os animais não têm alma, então eles podem ser mortos com impunidade; lá, os animais

têm alma, portanto reflita e deixe seu coração conhecer o amor. Comer animais, pássaros, é considerado aqui uma coisa natural, normal, sancionada pela Igreja e pelos anúncios; lá não é, e os sensatos, os religiosos, por tradição e cultura, nunca o fazem. Mas isso também está rapidamente desmoronando. Aqui sempre matamos em nome de Deus e do país, e agora está em toda parte. O ato de matar está disseminado; quase da noite para o dia, as culturas antigas estão sendo varridas para o lado e a eficiência, a crueldade e os meios de destruição estão sendo cuidadosamente alimentados e fortalecidos.

A paz não está com o político ou com o padre, nem está com o advogado ou com o policial. A paz é um estado de espírito quando existe amor.

Ele era um homem de uma pequena empresa, lutava mas conseguia viver com o que ganhava.

"Eu não vim falar sobre meu trabalho", disse. "Ele me proporciona o que preciso, e como minhas necessidades são poucas, estou bem. Não sendo superambicioso, não estou no jogo da competição ferrenha. Um dia, quando estava passando, vi uma multidão embaixo das árvores e parei para ouvi-lo. Isso foi há uns dois anos, e o que você disse fez surgir uma inquietação em mim. Não sou muito culto, mas agora leio suas palestras e aqui estou. Eu costumava estar contente com minha vida, com meus pensamentos e com as poucas crenças que estavam pousadas levemente em minha mente. Mas, desde aquela manhã de domingo, quando vagava por este vale no meu carro e vim por acaso ouvir você, tenho estado descontente. Não é tanto com meu trabalho que estou descontente, mas o descontentamento tomou conta de todo o meu ser. Eu costumava sentir pena das pessoas que eram descontentes. Elas eram tão infelizes, nada as satisfazia — e agora entrei para essa categoria. Eu já estive satisfeito com minha vida,

com meus amigos e com as coisas que estava fazendo, mas agora estou descontente e infeliz."

Se posso perguntar, o que quer dizer com a palavra "descontente"?

"Antes daquela manhã de domingo, quando eu o ouvi, era um indivíduo contente, e suponho que um tanto aborrecido para outros; agora vejo como era estúpido e estou tentando ser inteligente e alerta a tudo à minha volta. Quero chegar a algo, chegar em algum lugar, e esse anseio naturalmente causa descontentamento. Eu costumava estar adormecido, se posso dizer assim, mas agora estou acordando."

Você está acordando ou está tentando pôr a si mesmo para dormir novamente pelo desejo de se tornar algo? Você diz que estava dormindo, e que agora você está acordado; mas esse estado desperto o torna descontente, o que o desagrada, causa-lhe dor, e para fugir dessa dor você está tentando tornar-se algo, seguir um ideal e assim por diante. Essa imitação está pondo você para dormir novamente, não está?

"Mas não quero voltar a meu velho estado, quero realmente ficar acordado."

Não é muito estranho como a mente se engana? A mente não gosta de ser perturbada, ela não gosta de ser sacudida de seus antigos padrões, seus hábitos confortáveis de pensamento e ação; sendo perturbada, ela procura meios e maneiras de estabelecer novos limites e pastos nos quais possa viver com segurança. É essa zona de segurança que a maioria de nós está buscando, e é o desejo de estar seguro, de estar protegido, que nos põe para dormir. As circunstâncias, uma palavra, um gesto, uma experiência, podem nos acordar, nos perturbar, mas queremos ser postos novamente para dormir. Isso está acontecendo com a maioria de nós o tempo todo,

e não é um estado desperto. O que temos de entender são os meios pelo quais a mente se põe para dormir. É isso, não é?

"Mas deve haver um grande número de meios pelos quais a mente se põe para dormir. É possível conhecer e evitar todos eles?"

Vários podem ser indicados; mas isso não resolveria o problema, não é?

"Por que não?"

Simplesmente aprender os meios pelos quais a mente se põe para dormir é novamente encontrar um meio, talvez diferente, de não ser perturbado, de estar protegido. A coisa importante é manter-se acordado e não perguntar *como* se manter acordado; a busca do "como" é o anseio de estar seguro.

"Então, o que se pode fazer?"

Ficar com o descontentamento sem desejar pacificá-lo. É o desejo de não ser perturbado que precisa ser entendido. Esse desejo, que assume muitas formas, é o anseio de fugir do que *é*. Só quando esse anseio desaparece — mas não por meio de qualquer forma de compulsão consciente ou inconsciente — é que a dor do descontentamento cessa. Comparar o que *é* com o que *deveria* ser traz dor. A cessação da comparação não é um estado de contentamento; é um estado de vigília, sem as atividades do ser.

"Tudo isso é muito novo para mim. Parece-me que você dá às palavras um significado bastante diferente, mas a comunicação só é possível quando nós damos o mesmo significado à mesma palavra ao mesmo tempo."

Comunicação é relacionamento, não é?

"Você pula para significados mais amplos do que sou capaz de entender. Eu preciso entrar mais profundamente nisso tudo e depois talvez entenda."

O ator

A ESTRADA CURVAVA-SE DE um lado para o outro através dos morros baixos, quilômetro após quilômetro, interminavelmente. Os raios abrasadores do sol da tarde batiam nos morros dourados, e havia profundas sombras sob as árvores espalhadas, que falavam de sua existência solitária. Por quilômetros junto dali não existiam habitações de qualquer tipo; aqui e ali viam-se algumas cabeças de gado solitárias e somente de vez em quando outro carro aparecia na estrada plana e bem cuidada. O céu estava bem azul para o norte e resplandecente para o oeste. O campo estava estranhamente vivo, embora árido e isolado, e bem longe das alegrias e dores humanas. Não existiam pássaros e não se viam animais selvagens além dos poucos esquilos terrestres que corriam de um lado para o outro da estrada. Não havia água visível exceto em um ou dois lugares onde o gado estava. Com as chuvas, os morros ficariam verdes, amenos e acolhedores, mas agora eles estavam agrestes, austeros, com a beleza da grande quietude.

Era uma tarde de estranho encanto, cheia e intensa, mas, à medida que a estrada avançava em ziguezague entre os morros

ondulados, o tempo tinha chegado a um fim. A placa dizia que eram 29 quilômetros até a estrada principal que levava em direção ao norte. Levaria meia hora mais ou menos para chegar lá: tempo e distância. Mas, naquele momento, olhando para aquela placa na beira da estrada, o tempo e a distância haviam cessado. Não era um momento mensurável; ele não tinha início nem fim. O céu azul e os morros sinuosos e dourados estavam lá, enormes e permanentes, mas eles eram parte dessa atemporalidade. Os olhos e a mente estavam atentos à estrada; as árvores escuras e solitárias eram vívidas e intensas, e cada haste separada de feno nos ondulados morros destacava-se, simples e clara. A luz daquele final de tarde estava bem parada em torno das árvores e entre os morros, e a única coisa em movimento era o carro, indo muito rápido. O silêncio entre as palavras era daquela quietude sem medida. Essa estrada chegaria ao fim, juntar-se-ia a outra, e aquela também chegaria ao fim em algum lugar; essas árvores escuras e imóveis cairiam e seu pó seria espalhado e perdido; a grama verde macia viria com as chuvas, e também murcharia.

A vida e a morte são inseparáveis, e em sua separação está o medo perene. A separação é o início do tempo; o medo de um fim dá origem à dor de um início. Nesse círculo, a mente fica presa e tece a teia do tempo. O pensamento é o processo e o resultado do tempo, e o pensamento não pode cultivar o amor.

Ele era ator com alguma fama e estava se tornando conhecido, mas ainda era bastante jovem para perguntar e sofrer.

"Por que se atua?", perguntou. "Para alguns, o palco é simplesmente um meio de sustento; para outros, isso oferece um meio para a expressão da própria vaidade; e ainda para outros, representar papéis variados é um grande estímulo. O palco também oferece uma fuga maravilhosa das realidades da vida.

Eu atuo por todos esses motivos, e talvez também porque — digo isso com hesitação — espero fazer algum bem por meio do palco."

Atuar não dá força ao ser, ao ego? Nós fazemos pose, botamos máscaras e, gradualmente, a pose, a máscara, tornam-se o hábito diário, cobrindo os muitos seres de contradição, ganância, ódio e assim por diante. O ideal é uma pose, uma máscara cobrindo o fato, o real. Pode alguém fazer o bem por meio do palco?

"Você quer dizer que não se pode?"

Não, isso é uma pergunta, não um julgamento. Ao escrever uma peça, o autor tem certas ideias e intenções que quer transmitir eficazmente; o ator é o meio, a máscara, e o público recebe diversão ou educação. Essa educação é fazer o bem? Ou é simplesmente o condicionamento da mente para um padrão, bom ou mau, inteligente ou estúpido, planejado pelo autor?

"Meu Deus, nunca pensei sobre tudo isso. Veja, eu posso tornar-me um ator razoavelmente bem-sucedido e, antes de perder-me nisso por completo, estou me perguntando se atuar está destinado a ser meu modo de vida. Isso tem uma fascinação curiosa própria, às vezes muito destrutiva, e outras vezes muito agradável. Pode-se levar a representação a sério, mas em si mesma não é muito séria. Como sou inclinado a ser muito sério, tenho me perguntado se deveria fazer do palco minha carreira. Há algo em mim que se rebela contra a absurda superficialidade de tudo isso, e, ainda assim, sinto grande atração por isso; então estou perturbado, para dizer o mínimo. Por meio disso tudo corre o fio da seriedade."

Pode outra pessoa decidir qual deve ser o modo de vida de alguém?

"Não, mas ao conversar sobre o assunto com outro as coisas, às vezes, ficam claras."

Se posso mostrar, qualquer atividade que dê ênfase ao ser, ao ego, é destrutiva; isso traz dor. Essa é a questão principal, não é? Você disse antes que queria fazer o bem; mas com certeza o bem não é possível quando, consciente ou inconscientemente, o ser está sendo alimentado e sustentado por meio de uma carreira ou atividade.

"Toda ação não se baseia na sobrevivência do ser?"

Talvez nem sempre. Exteriormente, pode parecer que uma ação é autoprotetora, mas interiormente ela pode não ser nem um pouco. O que os outros dizem ou pensam a esse respeito não é de grande importância, mas a pessoa não devia se enganar. E o autoengano é muito fácil em assuntos psicológicos.

"Parece-me que, se eu estiver realmente preocupado com a abnegação do ser, devo recolher-me a um monastério e levar uma vida de ermitão."

É necessário ter uma vida de ermitão para abnegar o ser? Veja: temos um conceito da vida altruísta, e é esse conceito que impede o entendimento de uma vida na qual o ser não exista. O conceito é outro modelo do ser. Sem fugir para monastérios etc., não é possível estar passivamente atento às atividades do ser? Essa consciência pode produzir uma atividade totalmente diferente que não gere dor nem infelicidade.

"Então existem certas profissões que são obviamente prejudiciais a uma vida sã, e incluo a minha entre elas. Sou ainda bastante jovem. Posso desistir do palco, e depois de entrar nisso tudo, estou bem certo que o farei; mas depois o que irei fazer? Tenho certos talentos que podem amadurecer e ser úteis."

O talento pode tornar-se uma maldição. O ser pode usar as habilidades e entrincheirar-se nelas, e assim o talento torna-se o meio e a glória do ser. O homem talentoso pode oferecer seus dons para Deus, sabendo do perigo deles; mas ele está conscien-

te de seus dons, do contrário não os ofereceria, e é essa consciência de ser ou ter algo que deve ser entendida. O oferecimento do que alguém é ou possui a fim de ser humilde é vaidade.

"Estou começando a ter uma vaga ideia disso tudo, mas ainda é muito complexo."

Talvez, mas o que é importante é a conscientização sem preferências das atividades óbvias e das sutis do ser.

O caminho do conhecimento

O SOL SE PUSERA por trás das montanhas e o brilho rosado ainda estava sobre a cordilheira rochosa ao leste. O caminho levava para baixo, serpenteando de um lado para outro pelo vale verde. Era uma tarde calma, e havia uma leve brisa entre as folhas. A estrela vespertina acabava de surgir bem acima do horizonte e logo estaria bastante escuro, pois não haveria lua. As árvores, que eram amplas e acolhedoras, estavam recolhendo-se em si mesmas para a noite escura. Estava frio e silencioso entre esses morros, e agora o céu estava cheio de estrelas e as montanhas estavam bem definidas e nítidas contra elas. Aquele cheiro peculiar da noite enchia o ar, e essa quietude parecia penetrar nas rochas, nas árvores, em todas as coisas ao redor, e os passos no caminho acidentado não perturbavam isso.

A mente também estava totalmente quieta. Afinal, a meditação não é um meio para produzir um resultado, para criar um estado que foi ou que poderia ser. Se a meditação é com intenção, o resultado desejado pode ser alcançado, mas aí não será meditação, é apenas a realização do desejo. O desejo nunca é

satisfeito, não há fim para ele. O entendimento do desejo, sem tentar pôr-lhe um fim ou sustentá-lo, é o início e o fim da meditação. Mas existe algo além disso. É estranho como o meditador persiste; ele procura continuar, ele se torna o observador, o experienciador, um mecanismo de recordação, aquele que avalia, acumula, rejeita. Quando a meditação é do meditador, ela somente fortalece o meditador, o experienciador. A quietude da mente é a ausência do experienciador, do observador que está consciente de que ele está quieto. Quando a mente está quieta, há o estado desperto. Você pode estar desperto intermitentemente para muitas coisas, você pode sondar, procurar, indagar, mas essas são as atividades do desejo, da vontade, do reconhecimento e do ganho. Aquilo que é um dia despertado não é nem desejo nem o produto do desejo. O desejo gera o conflito da dualidade, e conflito é escuridão.

Bem relacionada e rica, ela agora estava à procura do espiritual. Ela procurou os mestres católicos e os mestres hindus, estudou com os sufis e envolveu-se um pouco com o budismo.

"Claro", acrescentou, "também andei sondando o oculto, e agora vim aprender com você".

A sabedoria está no acúmulo de tanto conhecimento? Se posso perguntar, o que você está buscando?

"Fui atrás de coisas diferentes em períodos diferentes de minha vida, e o que busquei, de modo geral, encontrei. Acumulei muita experiência e tive uma vida rica e variada. Li bastante sobre uma variedade de assuntos e fui a um dos analistas eminentes, mas ainda estou buscando."

Por que você está fazendo tudo isso? Por que essa busca, seja ela superficial ou profunda?

"Que pergunta estranha de se fazer! Se a pessoa não buscasse, ela vegetaria; se ela não aprendesse constantemente, a vida não teria significado algum, seria o mesmo que morrer."

Mais uma vez, o que você está aprendendo? Ao ler o que outros disseram sobre a estrutura e o comportamento dos homens, ao analisar as diferenças sociais e culturais, ao estudar qualquer uma das diversas ciências ou escolas de filosofia, o que está coletando?

"Acho que se ao menos tivesse conhecimento suficiente, isso me protegeria da luta e infelicidade, então coleciono isso onde posso. O conhecimento é essencial ao entendimento."

O entendimento vem pelo conhecimento? Ou o conhecimento impede o entendimento criativo? Parece que pensamos que, ao acumular fatos e informações, ao ter conhecimento enciclopédico, podemos nos libertar de nossos grilhões. Isso simplesmente não é assim. Antagonismo, ódio e guerras não foram impedidos, embora todos nós saibamos como são destrutivos e devastadores. O conhecimento não é necessariamente um impedimento para essas coisas; pelo contrário, ele pode estimular e incentivá-las. Portanto, não é importante descobrir por que estamos reunindo conhecimento?

"Conversei com muitos educadores que acham que se o conhecimento pudesse ser difundido de forma suficientemente ampla, ele dissiparia o ódio do homem pelo homem e impediria a completa destruição do mundo. Acho que é nisso que a maioria dos educadores sérios está interessada."

Embora agora tenhamos tanto conhecimento em muitas áreas, isso não impediu a brutalidade do homem contra o homem mesmo entre aqueles do mesmo grupo, nação ou religião. Talvez o conhecimento nos esteja cegando para algum outro fator que seja a real solução para todo esse caos e infelicidade.

"Qual é ele?"

Em que espírito você está fazendo esta pergunta? Uma resposta verbal pode ser dada, mas estaria apenas acrescentando mais palavras a uma mente já sobrecarregada. Para a maioria das pessoas, o conhecimento é o acúmulo de palavras ou o fortalecimento de seus preconceitos e crenças. Palavras e pensamentos formam a estrutura na qual a autoimagem existe. Essa imagem encolhe ou aumenta pela experiência e conhecimento, mas o núcleo fundamental do ser permanece, e o simples conhecimento ou aprendizado jamais pode dissolver isso. Revolução é a dissolução espontânea desse núcleo fundamental, dessa imagem, ao passo que a ação originada do conhecimento autoperpetuado só pode levar a mais infelicidade e destruição.

"Você sugeriu que poderia haver um fator diferente que é a verdadeira solução para todas as nossas infelicidades, e estou perguntando com toda a seriedade qual é esse fator. Se esse fator existe e a pessoa puder conhecer e construir sua vida toda em torno dele, uma cultura totalmente nova poderia muito bem ser o resultado."

O pensamento nunca poderá encontrá-lo, a mente nunca poderá buscá-lo. Você quer conhecer e construir sua vida em torno disso; mas o "você", com seu conhecimento, seus medos, suas esperanças, frustrações e ilusões, jamais poderá descobri-lo; e sem descobri-lo, simplesmente adquirir mais conhecimento, mais aprendizado, só atuará como outra barreira para que aquele estado tome forma.

"Se você não me guiar até ele, eu terei de ir buscá-lo por minha conta; e ainda assim você sugere que toda busca deve cessar."

Se houver orientação, não haverá descobrimento. É preciso haver liberdade para descobrir, não orientação. A descoberta não é uma recompensa.

"Temo que não compreenda tudo isso."

Você busca orientação para encontrar; mas se você for orientada, não será mais livre, tornar-se-á uma escrava daquele que sabe. Aquele que afirma que sabe já é um escravo desse conhecimento, e ele também precisa ser livre para encontrar. Descobrir é de um momento para outro, então o conhecimento torna-se um impedimento.

"Poderia, por favor, explicar um pouco mais?"

O conhecimento é sempre do passado. O que você conhece já está no passado, não é? Você não conhece o presente ou o futuro. O fortalecimento do passado é o caminho do conhecimento. O que pode ser descoberto pode ser totalmente novo, e seu conhecimento, que é o acúmulo do passado, não pode sondar o novo, o desconhecido.

"Você quer dizer que a pessoa precisa livrar-se de todo seu conhecimento se quiser encontrar Deus, o amor ou o que quer que seja?"

O ser é o passado, o poder de acumular bens, virtudes, ideias. O pensamento resulta desse condicionamento de ontem, e com esse instrumento você está tentando descobrir o incognoscível. Isso não é possível. O conhecimento precisa cessar para a outra coisa existir.

"Então, como alguém pode esvaziar a mente do conhecimento?"

Não existe um "como". A prática de um método apenas condiciona ainda mais a mente, pois então você tem um resultado, não uma mente que esteja livre do conhecimento, do ser. Não há um caminho, mas apenas a conscientização passiva da verdade com respeito ao conhecimento.

Convicções — sonhos

Como é bonita a terra com seus desertos e ricos campos, suas florestas, rios e montanhas, seus incontáveis pássaros, animais e seres humanos! Há aldeias, imundas e doentes, onde não chove o suficiente há muitas estações; os poços estão quase secos e o gado está pele e ossos; os campos estão danificados e o amendoim está murchando; a cana-de-açúcar não é mais plantada e o rio não corre há muitos anos. Eles esmolam, roubam e têm fome; eles morrem esperando pelas chuvas. Depois existem as cidades opulentas, com suas ruas limpas e automóveis novos reluzentes, seu povo bem vestido e limpo, suas intermináveis lojas cheias de artigos, suas bibliotecas, universidades e favelas. A terra é linda e seu solo, ao redor do templo e no árido deserto, é sagrado.

Imaginar é uma coisa, e perceber o que *é* é outra, mas ambas estão ligadas. É fácil perceber o que *é*, mas libertar-se dele é outra questão; pois a percepção é toldada por julgamentos, comparações, desejos. Perceber sem a interferência do censor é árduo. A imaginação constrói a imagem do ser e o pensamento, então, funciona dentro de suas sombras. Dessa autoimagem cresce o

conflito entre o que *é* e o que *deve* ser, o conflito da dualidade. A percepção do fato e a ideia sobre o fato são dois estados inteiramente distintos, e apenas uma mente que não esteja aprisionada pela opinião, pelos valores comparativos, é capaz de perceber o que é verdadeiro.

Ela viajara uma longa distância de trem e ônibus, e precisou caminhar na última parte; mas como era um dia fresco, a subida não foi penosa demais.

"Eu tenho um problema bastante urgente que gostaria de discutir", ela disse. "Quando duas pessoas que se amam são inflexíveis em suas convicções diametralmente opostas, o que pode ser feito? Uma delas deve ceder? O amor pode criar uma ponte sobre esse abismo separador e destrutivo?"

Se houvesse amor, haveria essas convicções fixas que separam e aprisionam?

"Talvez não, mas agora isso foi além do estado do amor; as convicções tornaram-se ásperas, brutais, inflexíveis. Uma das pessoas pode ser flexível, mas se a outra não o for, é certo que acontecerá uma explosão. Pode-se fazer algo para evitar isso? Uma pode ceder, contemporizar, mas se a outra for totalmente intransigente, a vida com aquela pessoa ficará impossível, não existirá um relacionamento com ela. Essa intransigência está levando a resultados perigosos, mas a pessoa em questão não parece se importar em convidar o martírio para suas convicções. Tudo isso parece bastante absurdo quando se considera a natureza ilusória das ideias; mas as ideias assumem profundas raízes quando não se tem nada mais. A gentileza e a consideração somem no brilhantismo áspero das ideias. O indivíduo em questão está completamente convencido de que suas ideias, teorias que ele obteve das leituras, vão salvar o mundo ao trazer paz e abundância para

todos, e ele considera que matar e destruir, quando necessário, são justificados como meios para aquele fim idealista. O fim é tudo que importa, não os meios; ninguém importa desde que aquele fim seja alcançado."

Para essa mente, a salvação está na destruição daqueles que não compartilham da mesma convicção. Algumas religiões pensaram no passado que esse era o caminho para Deus, e elas ainda têm excomunhões, ameaças com o inferno eterno e assim por diante. Isso que você está dizendo é a mais nova religião. Buscamos esperança nas Igrejas, nas ideias, nos "discos voadores", nos mestres, nos gurus, todos eles levando somente a mais infelicidade e destruição. Em si mesmo, o indivíduo precisa estar liberto dessa atitude intransigente; pois ideias, por mais ótimas, por mais sutis e persuasivas, são ilusórias, elas separam e destroem. Quando a mente não está mais presa na teia das ideias, opiniões e convicções, então existe algo totalmente diferente das projeções da mente. A mente não é nosso último recurso para resolver nossos problemas; pelo contrário, ela é a criadora dos problemas.

"Eu sei que você não aconselha pessoas, mas, de qualquer modo, o que posso fazer? Eu tenho me feito esta pergunta por muitos meses e não encontrei a resposta. Mas mesmo agora, quando faço a pergunta, estou começando a ver que não há uma resposta definitiva, que é preciso viver de um momento para outro, aceitando as coisas como elas se apresentam e esquecendo-se de si mesmo. Aí talvez seja possível ser cortês, perdoar. Mas como isso vai ser difícil!"

Quando você diz "como isso vai ser difícil" você já parou de viver de um momento para outro com amor e cortesia. A mente projetou-se no futuro, criando um problema — o que é da própria natureza do ser. O passado e o futuro são sua sustentação.

"Posso perguntar outra coisa? É possível para mim interpretar meus próprios sonhos? Ultimamente, tenho sonhado bastante, e sei que esses sonhos estão tentando me dizer alguma coisa, mas não posso interpretar os símbolos, as imagens que ficam se repetindo. Esses símbolos e imagens não são sempre iguais, eles variam, mas, basicamente, todos têm o mesmo conteúdo e significado — pelo menos eu acho que sim, embora, claro, possa estar enganada."

O que a palavra "interpretar" significa em relação a sonhos?

"Como expliquei, tenho um problema sério que me tem aborrecido por muitos meses, e meus sonhos todos estão relacionados a esse problema. Eles estão tentando me dizer algo, talvez me dar uma pista do que devo fazer, e se eu conseguisse interpretá-los corretamente saberia o que estão tentando transmitir."

Certamente, o sonhador não está separado de seu sonho; o sonhador é o sonho. Você não acha que é importante entender isso?

"Eu não entendo o que quer dizer. Poderia, por favor, explicar?"

Nossa consciência é um processo total, embora possa ter contradições em si mesma. Ela pode dividir-se como o consciente e o inconsciente, o oculto e o revelado, nela pode haver desejos, valores opostos, anseios, mas essa consciência é um processo total e unitário. A mente consciente pode estar ciente de um sonho, mas o sonho será o resultado da atividade da consciência inteira. Quando a camada superficial da consciência tenta interpretar um sonho, que é uma projeção de toda a consciência, sua interpretação tem de ser parcial, incompleta, distorcida. O interpretador, inevitavelmente, deturpa o símbolo, o sonho.

"Sinto muito, mas isso não está claro para mim."

A mente consciente, superficial, está tão ocupada com a ansiedade, em tentar encontrar uma solução para seu problema, que, durante o período desperto, nunca está quieta. No chamado sono, estando talvez um pouco mais quieta, menos perturbada, ela reúne sugestões da atividade da consciência toda. Essas sugestões formam o sonho, que a mente ansiosa ao acordar tenta interpretar; mas sua interpretação será incorreta, pois ela estará preocupada com a ação imediata e seus resultados. O anseio de interpretar precisa cessar antes que possa haver o entendimento do processo total da consciência. Você está muito ansiosa para descobrir qual é a coisa certa a fazer com relação a seu problema, não é? Essa própria ansiedade está impedindo o entendimento do problema, e assim há uma mudança constante de símbolos por trás dos quais o conteúdo parece ser sempre o mesmo. Então, qual é o problema?

"Não ter medo do que quer que aconteça."

Você pode suprimir o medo com tanta facilidade? Uma simples afirmação verbal não suprime a ansiedade. Mas é esse o problema? Você pode desejar suprimir o medo, mas então o "como", o método, torna-se importante, e você tem um novo problema, bem como o antigo. Então avançamos de um problema para outro e nunca nos libertamos deles. Mas agora estamos falando de algo totalmente diferente, não é? Não estamos preocupados com a substituição de um problema por outro.

"Então suponho que o problema real seja ter uma mente quieta."

Certamente, este é o único problema: uma mente quieta.

"Como posso ter uma mente quieta?"

Veja o que está dizendo. Você deseja uma mente quieta, como um vestido ou uma casa. Tendo um novo objetivo, a quietude da

mente, você começa a investigar sobre os modos e meios de obtê-la, então você tem outro problema em suas mãos. Simplesmente esteja ciente da absoluta necessidade e importância de uma mente quieta. Não lute pela quietude, não se torture com disciplina para adquiri-la, não a cultive nem a pratique. Todos esses esforços produzem um resultado, e aquilo que é um resultado não é quietude. O que é construído pode ser desconstruído. Não busque a continuidade da quietude. A quietude é para ser experienciada de um momento para outro; ela não pode ser acumulada.

Morte

O RIO ERA MUITO largo nesse trecho, quase um quilômetro e meio, e muito profundo; no meio do rio, as águas eram claras e azuis, mas perto das margens elas eram manchadas, sujas e lentas. O sol se punha por trás da grande cidade espraiada rio acima; a fumaça e a poeira da cidade davam um colorido maravilhoso ao sol poente, que era refletido nas águas amplas e dançantes. Era uma linda tarde e todas as hastes de grama, as árvores e os pássaros cantando estavam imersos na beleza atemporal. Nada estava separado, fragmentado. O barulho de um trem chacoalhando sobre a ponte ao longe era parte dessa quietude completa. Não muito longe, um pescador cantava. Havia amplas faixas de terreno cultivado ao longo de ambas as margens, e durante o dia os campos verdes e exuberantes eram sorridentes e atraentes; mas agora eles estavam escuros, silenciosos e recolhidos. Desse lado do rio havia um grande espaço não cultivado no qual as crianças da aldeia soltavam pipas e brincavam animadamente em uma alegria barulhenta, e as redes dos pescadores eram estendidas para secar. Eles ancoravam seus barcos primitivos aqui.

A aldeia estava logo adiante, um pouco mais acima do rio, e geralmente tinha cantoria, dança ou algum outro evento ruidoso acontecendo por lá; mas esta noite, embora todos estivessem fora de suas cabanas e sentados próximos, os aldeões estavam quietos e estranhamente sérios. Um grupo descia a íngreme ribanceira até a margem do rio carregando um corpo morto sobre uma padiola de bambu coberto com pano branco. Eles passaram e eu acompanhei. Ao chegarem à beira do rio, eles baixaram a padiola, quase tocando a água. Trouxeram com eles lenha de queima rápida e pesados troncos, e construindo com isso uma pira puseram o corpo nela, borrifando-o com água do rio e cobrindo-o com mais lenha e feno. Um homem muito jovem acendeu a pira. Havia cerca de vinte de nós, e todos nos reunimos em volta. Não havia mulheres presentes e os homens sentaram-se acocorados, enrolados em seus panos brancos, totalmente silenciosos. O fogo estava ficando extremamente quente e tivemos de recuar. Uma perna preta carbonizada saiu da fogueira e foi empurrada de volta com uma vara comprida; ela não parava lá, e um pesado tronco foi jogado nela. As chamas amarelo brilhante refletiam-se na água escura, como também as estrelas. A leve brisa tinha terminado com o pôr do sol. Exceto pelo crepitar do fogo, tudo estava muito quieto. A morte estava lá, queimando. No meio de todas essas pessoas imóveis e das chamas vivas havia um espaço infinito, uma distância imensurável, uma enorme solidão. Não era algo isolado, separado e dividido da vida. O começo estava lá, e sempre o começo.

Logo o crânio foi quebrado e os aldeões começaram a ir embora. O último a sair deve ter sido um parente; ele cruzou as mãos, saudou e lentamente subiu a ribanceira. Restava muito pouco, agora; as altas chamas acalmaram-se e só restavam brasas incandescentes. Alguns ossos que não queimaram seriam joga-

dos no rio na manhã seguinte. A imensidão da morte, a proximidade dela, e que proximidade! Com a queima daquele corpo, nós também morríamos. Havia uma total solidão e no entanto uma não separatividade, solidão mas não isolamento. O isolamento é da mente, mas não da morte.

De idade bem avançada, com modos calmos e dignidade, ele tinha olhos claros e um sorriso fácil. Estava frio na sala e ele estava envolto por um xale quente. Falando em inglês, pois fora educado no exterior, explicou que se aposentara do trabalho no governo e tinha muito tempo livre agora. Estudara várias religiões e filosofias, disse, mas não viera de tão longe para discutir esses assuntos.

O sol do início da manhã estava sobre o rio e as águas cintilavam como milhares de joias. Havia um pequeno pássaro verde e dourado na varanda expondo-se ao sol, protegido e quieto.

"Eu vim mesmo", continuou, "para perguntar ou talvez para discutir sobre aquilo que mais me perturba: a morte. Eu li *O livro tibetano dos mortos* e estou familiarizado com o que nossos próprios livros dizem sobre o assunto. As sugestões cristãs e islâmicas com respeito à morte são superficiais demais. Conversei com vários mestres religiosos aqui e no exterior, mas para mim, pelo menos, todas as teorias deles parecem ser muito insatisfatórias. Tenho pensado bastante no assunto e tenho meditado sobre isso com frequência, mas parece que não avanço muito. Um amigo que o ouviu recentemente me contou algo sobre o que disse, então eu vim. Para mim, o problema não é somente o medo da morte, o medo de não existir, mas também o que acontece depois da morte. Isso tem sido um problema para o homem através das eras e ninguém parece tê-lo resolvido. O que você diz?"

Vamos primeiro descartar a ânsia de fugir do fato da morte através de alguma forma de crença, como reencarnação ou ressurreição, ou pela racionalização fácil. A mente está tão ansiosa para encontrar uma explicação razoável para a morte ou uma resposta satisfatória para esse problema, que ela escorrega com facilidade para algum tipo de ilusão. Temos de estar extremamente atentos a isso.

"Mas essa não é uma de nossas maiores dificuldades? Nós ansiamos ardentemente por algum tipo de garantia, sobretudo daqueles que achamos que têm conhecimento ou experiência nesse assunto; e quando não conseguimos encontrar essa garantia, criamos, de nossos desespero e esperança, nossas próprias crenças e teorias confortadoras. Então a crença, a mais ultrajante ou a mais razoável, torna-se uma necessidade."

Por mais gratificante que possa ser a fuga, ela não traz, de modo algum, entendimento do problema. Essa própria fuga é a causa do medo. O medo chega no movimento de afastamento da realidade, do que *é*. A crença, por mais confortadora, tem nela a semente do medo. Alguém desliga-se da realidade da morte porque não quer olhar para ela, e as crenças e as teorias oferecem uma saída fácil. Portanto, se a mente quiser descobrir a importância extraordinária da morte, ela precisará descartar, facilmente, sem resistência, o desejo ardente por algum conforto esperançoso. Isso é bastante óbvio, não acha?

"Você não está pedindo muito? Para entender a morte precisamos estar em desespero; não é isso que está dizendo?"

De modo algum, senhor. Há desespero quando não existe aquele estado que chamamos de esperança? Por que devemos sempre pensar em opostos? A esperança é o oposto de desespero? Se for, então essa esperança tem a semente do desespero e está tingida de medo. Para haver entendimento não é necessário estar

livre dos opostos? O estado de espírito é da maior importância. As atividades de desespero e de esperança impedem o entendimento ou a experienciação da morte. O movimento dos opostos precisa cessar. A mente precisa abordar o problema da morte com uma conscientização totalmente nova na qual o familiar, o processo de reconhecimento, esteja ausente.

"Temo que não entenda muito bem essa afirmação. Acho que entendo vagamente a importância de a mente estar livre dos opostos. Embora seja uma tarefa difícil demais, acho que percebo a necessidade disso. Mas o que significa estar livre do processo de reconhecimento, me escapa totalmente."

O reconhecimento é um processo do conhecido, é o resultado do passado. A mente tem medo daquilo com o qual não está familiarizada. Se você conhecesse a morte, não haveria medo dela, nem necessidade de elaborar explicações. Mas você não pode conhecer a morte, ela é algo totalmente novo, jamais experienciado antes. O que é experienciado torna-se o conhecimento, o passado, e é desse passado, desse conhecimento, que o reconhecimento acontece. Enquanto houver esse movimento do passado, o novo não poderá existir.

"Sim, sim, estou começando a perceber isso, senhor."

O que estamos discutindo juntos não é algo a ser reconsiderado mais tarde, mas para ser diretamente experienciado enquanto avançamos. Essa experiência não pode ser armazenada, pois, se o for, ela se tornará uma memória, e memória, o modo do reconhecimento, bloqueia o novo, o desconhecido. A morte é o desconhecido. O problema não é o que a morte é e o que acontece daí em diante, mas a mente limpar-se do passado, do conhecido. Então a mente viva pode entrar na morada da morte, ela pode encontrar a morte, o desconhecido.

"Você está sugerindo que a pessoa pode conhecer a morte enquanto ainda vive?"

Acidentes, doenças e velhice trazem a morte, mas, nessas circunstâncias, não é possível estar-se totalmente consciente. Há dor, esperança ou desespero, o medo do isolamento, e a mente, o ser, está consciente ou inconscientemente lutando contra a morte, o inevitável. Com enorme resistência contra a morte, nós falecemos. Mas é possível — sem resistência, sem morbidez, sem uma ânsia sádica ou suicida, e enquanto totalmente vivo, vigoroso mentalmente — entrar na casa da morte? Isso só é possível quando a mente morre para o conhecido, para o ser. Então nosso problema não é a morte, mas a mente libertar-se de séculos de experiências psicológicas reunidas, do aumento constante da memória, do fortalecimento e refinamento do ser.

"Mas como isso deve ser feito? Como a mente pode se libertar de seus grilhões? Parece-me que é necessário uma mediação externa ou, senão, uma parte superior e mais nobre da mente intervir para purificar a mente do passado."

Essa é uma questão bastante complexa, não é? A mediação externa pode ser a influência ambiental ou algo além dos limites da mente. Se a mediação externa for influência ambiental, será a mesma influência, com suas tradições, crenças e culturas, que manteve a mente no cativeiro. Se for algo além da mente, então nenhuma forma de pensamento poderá tocá-lo. O pensamento é o resultado do tempo; o pensamento está ancorado ao passado, ele nunca poderá libertar-se do passado. Se o pensamento libertar-se do passado, ele deixará de ser pensamento. Especular sobre o que está além da mente é totalmente vão. Para a intervenção daquilo que está além do pensamento, o pensamento que é o ser precisa cessar. A mente precisa estar sem qualquer movimento, ela precisa estar quieta com a imobilidade da não motivação.

A mente não pode atrair isso. A mente pode e realmente divide seu próprio campo de atividades como nobre e ignóbil, desejável e indesejável, superior e inferior, mas todas essas divisões e subdivisões estão dentro dos limites da própria mente; então, qualquer movimento da mente, em qualquer direção, é a reação do passado, do "eu", do tempo. Essa verdade é o único fator liberador, e aquele que não perceber essa verdade estará sempre no cativeiro, faça ele o que fizer; seus votos, penitências, disciplinas, sacrifícios, poderão ter importância confortadora e sociológica, mas eles não terão valor em relação à verdade.

Avaliação

Meditação é uma ação muito importante na vida; talvez seja a ação que tenha a maior e mais profunda importância. É um perfume que não pode ser facilmente percebido; não é para ser comprada pela luta e pela prática. Um sistema só pode produzir a fruta que oferece, e o sistema, o método, está baseado na inveja e na ganância.

Não ser capaz de meditar é não ser capaz de ver a luz do sol, as sombras escuras, as águas cintilantes e a folha tenra. Mas tão poucos veem essas coisas! A meditação não tem nada a oferecer; você não pode esmolar com as mãos cruzadas. Ela não o salva de qualquer dor. Ela torna as coisas abundantemente claras e simples; mas, para perceber essa simplicidade, a mente precisa libertar-se, sem qualquer causa ou motivo, de todas as coisas que reuniu através de causa e motivo. Essa é a questão total da meditação. A meditação é o expurgo do conhecido. Buscar o conhecido em formas diferentes é um jogo de autoengano e então o meditador é o senhor, não existe o simples ato da meditação. O meditador só pode agir no campo do conhecido; ele precisa

deixar de agir para o desconhecido existir. O incognoscível não convida você e não se pode convidá-lo. Ele vem e vai como o vento, e você não pode capturá-lo e armazená-lo para seu benefício, para seu uso. Ele não tem valor utilitário, mas sem ele a vida fica imensuravelmente vazia.

A pergunta não é como meditar, que sistema seguir, mas o que é meditação? O "como" só pode produzir o que o método oferece, mas a própria investigação do que é meditação abre a porta para a meditação. A investigação não está fora da mente, mas dentro do movimento da própria mente. Ao buscar essa investigação, o mais importante é entender o próprio buscador, não o que ele busca. O que ele busca é a projeção do próprio desejo, de suas próprias compulsões, desejos. Quando esse fato é percebido, toda a busca cessa, o que em si mesmo é enormemente significativo. Então a mente não está mais tentando agarrar algo além de si mesma, não há um movimento para o exterior com sua reação para o interior; mas quando a busca cessa inteiramente, há um movimento da mente que não é nem para o exterior nem para o interior. A busca não chega ao fim por qualquer ato da vontade ou pelo complexo processo de conclusões. Parar de buscar exige grande entendimento. O final da busca é o início de uma mente quieta.

A mente que é capaz de concentração não é necessariamente capaz de meditar. O autointeresse de fato produz concentração, como qualquer outro interesse, mas essa concentração sugere um motivo, uma causa, consciente ou inconsciente; sempre há uma coisa a ser ganha ou posta de lado, um esforço para compreender, para chegar do outro lado. A atenção com um objetivo está interessada em acumular. A atenção que vem com esse movimento em direção a algo ou para longe de algo é a atração do prazer ou a aversão da dor, mas meditação é aquela atenção

extraordinária na qual não existe criador do esforço, nem fim ou objeto a ser obtido. O esforço é parte do processo aquisitivo, é a coleta de experiências pelo experienciador. O experienciador pode concentrar-se, prestar atenção, estar consciente; mas o desejo ardente do experienciador pela experiência precisa cessar totalmente, pois o experienciador é simplesmente a acumulação do conhecido.

Há uma grande bem-aventurança na meditação.

Ele explicou que estudara filosofia e psicologia e lera o que Patanjali disse. Ele considerava o pensamento cristão bastante superficial e tendente à simples reforma, então fora para o Oriente, praticara algum tipo de ioga e estava razoavelmente familiarizado com o pensamento hindu.

"Li algumas coisas do que tem dito e acho que consigo acompanhá-las até certo ponto. Vejo a importância de não condenar, embora ache extremamente difícil não fazê-lo; mas não consigo entender absolutamente quando diz 'não avalie, não julgue'. Todo pensamento, parece-me, é um processo de avaliação. Nossa vida e todos os nossos pontos de vista se baseiam em escolhas, em valores, em bom e mau e assim por diante. Sem valores, nos desintegraríamos, e certamente não é isso que você diz. Tentei esvaziar minha mente de todas as normas e valores, e para mim, pelo menos, é impossível."

Existe pensamento sem verbalização, sem símbolos? As palavras são necessárias para pensar? Se não houvesse símbolos, referenciais, existiria o que chamamos de pensar? Todo pensamento é verbal ou existe pensamento sem palavras?

"Eu não sei, nunca considerei o assunto. Até onde posso perceber, sem imagens e palavras não haveria pensamento."

Não devemos descobrir a verdade desse assunto agora, enquanto estamos aqui falando sobre isso? Não é possível descobrir por si mesmo se existe pensamento sem palavras e símbolos ou não?

"Mas de que modo isso está relacionado com avaliação?"

A mente é composta de referenciais, associações, imagens e palavras. A avaliação vem desse pano de fundo. Palavras como Deus, amor, socialismo, comunismo e outras representam um papel extraordinariamente importante em nossa vida. Neurológica, assim como psicologicamente, as palavras têm significação de acordo com a cultura na qual somos criados. Para um cristão, certas palavras e símbolos têm enorme significação, e para um muçulmano, outro conjunto de palavras e símbolos tem uma significação igualmente vital. A avaliação ocorre nessa área.

"Pode alguém ir além dessa área? E, mesmo que possa, por que alguém iria?"

Pensar é sempre condicionado; não existe essa coisa de liberdade de pensamento. Você pode pensar o que quiser, mas seu pensamento é e sempre será limitado. A avaliação é um processo de pensamento, de escolha. Se a mente estiver satisfeita, como geralmente está, para permanecer dentro de um limite, amplo ou estreito, não se incomodará com qualquer questão fundamental; ela obterá sua própria recompensa. Mas se ela quiser descobrir se existe algo além do pensamento, então toda a avaliação precisará cessar; o processo de pensar terá de chegar ao fim.

"Mas a própria mente é parte e parcela desse processo de pensar, então, por meio de qual esforço ou prática o pensamento pode ser levado ao fim?"

Avaliação, condenação, comparação, é o modo do pensamento, e quando você pergunta por meio de qual esforço ou método o processo de pensar pode ser levado ao fim, você não está buscando obter algo? Essa ânsia de praticar um método ou de

fazer mais esforço é o resultado da avaliação, e ainda será um processo da mente. Nem pela prática de um método nem por qualquer esforço que seja o pensamento pode ser levado ao fim. Por que fazemos um esforço?

"Pela razão muito simples de que, se não o fizéssemos, estagnaríamos e morreríamos. Tudo faz um esforço, toda natureza luta para sobreviver."

Nós lutamos apenas para sobreviver ou para sobreviver dentro de certo padrão psicológico ou ideológico? Queremos ser alguma coisa; o anseio da ambição, da realização, do medo, molda nossa luta dentro do padrão de uma sociedade que tomou forma pela ambição, realização e medo coletivos. Fazemos esforço para obter ou para evitar. Se estivéssemos interessados somente na sobrevivência, então nosso ponto de vista seria fundamentalmente diferente. Esforço sugere escolha; escolha é comparação, avaliação, condenação. O pensamento é criado dessas lutas e contradições; e pode esse pensamento libertar-se de suas próprias barreiras autoperpetuadoras?

"Então precisa haver uma mediação externa, chame isso de graça divina ou do que quiser, que intervenha e dê fim aos hábitos da mente fechada em si mesma. É isso que você está mostrando?"

Com que ansiedade queremos alcançar um estado gratificante! Se posso comentar, senhor, você não está interessado no sucesso, na realização, na libertação da mente de uma condição particular? A mente está contida na prisão de sua própria criação, de seus próprios desejos e esforços, e cada movimento que ela faz, em qualquer direção, é dentro da prisão; mas ela não está ciente disso, então, em sua dor e conflito, ela reza, ela busca uma mediação externa que a liberte. Ela geralmente encontra o que procura, mas o que encontra é o resultado do próprio movimen-

to. A mente ainda será uma prisioneira, só que em uma nova prisão, que é mais gratificante e confortadora.

"Mas o que, em nome dos céus, podemos fazer? Se cada movimento da mente é uma extensão da própria prisão, então toda esperança deve ser abandonada."

Esperança é outro movimento do pensamento preso no desespero. Esperança e desespero são palavras que tolhem a mente com seu conteúdo emocional, com seus anseios aparentemente opostos e contraditórios. Não é possível permanecer nesse estado de desespero ou em qualquer estado semelhante sem fugir para uma ideia oposta ou sem se prender desesperadamente ao estado que é chamado de alegre, esperançoso etc.? O conflito toma forma quando a mente põe-se em fuga de um estado chamado infelicidade, dor, para outro chamado esperança, felicidade. Entender o estado no qual se está não é aceitá-lo. Tanto aceitação quanto negação estão dentro da área de avaliação.

"Temo que ainda não tenha entendido como o pensamento pode chegar ao fim sem algum tipo de ação nessa direção."

Toda ação da vontade, do desejo, da ânsia compulsiva, nasce na mente, a mente que está avaliando, comparando, condenando. Se a mente perceber a verdade disso, não pela argumentação, convicção ou crença, mas por ser simples e atenta, então o pensamento chegará ao fim. O fim do pensamento não é adormecer, um enfraquecimento da vida, um estado de negação; é um estado inteiramente diferente.

"Nossa conversa mostrou-me que não tenho pensado muito profundamente a esse respeito. Embora eu tenha lido bastante, só assimilei o que outros disseram. Sinto que pela primeira vez estou experienciando o estado de meu próprio pensamento e talvez seja capaz de ouvir alguma coisa mais do que simples palavras."

Inveja e solidão

ESTAVA MUITO QUIETO EMBAIXO da árvore naquela noite. Um lagarto passeava para cima e para baixo de uma pedra ainda quente. A noite seria fria e o sol não se levantaria novamente por muitas horas. O gado estava cansado e lento, voltando dos campos distantes nos quais havia trabalhado com seus donos. Uma coruja rouca piava do alto do morro que era seu lar. Toda noite em torno dessa hora ela começava, e quando ficava mais escuro, os pios eram menos frequentes; mas, de vez em quando, tarde da noite, você podia ouvi-los de novo. Uma coruja chamava outra através do vale, e seu profundo piar parecia dar maior silêncio e beleza à noite. Era uma linda noite e a lua nova estava se pondo por trás do morro escuro.

A compaixão não é difícil de aparecer quando o coração não está cheio das coisas dissimuladas da mente. É a mente com suas exigências e medos, seus apegos e negações, suas determinações e anseios, que destrói o amor. E como é difícil ser simples sobre tudo isso! Você não precisa de filosofias e doutrinas para ser gentil e bondoso. Os eficientes e os poderosos da Terra se organiza-

rão para alimentar e vestir o povo, para lhes proporcionar abrigo e cuidados médicos. Isso é inevitável com o rápido aumento da produção; é a função do governo bem organizado e de uma sociedade equilibrada. Mas a organização não dá a generosidade do coração e da mão. A generosidade vem de uma fonte bem diferente, uma fonte além de qualquer medida. Ambição e inveja a destroem tão certamente quanto o fogo queima. Essa fonte precisa ser tocada, mas é preciso chegar-se a ela com as mãos vazias, sem orações, sem sacrifício. Os livros não podem ensinar nem pode qualquer guru conduzir até essa fonte. Ela não pode ser alcançada pelo aperfeiçoamento da virtude, embora a virtude seja necessária, nem pela capacidade e obediência. Quando a mente está serena, sem qualquer movimento, ela está lá. Serenidade é sem motivo, sem a ânsia pelo mais.

Ela era uma jovem mulher, mas bastante abatida pela dor. Não era a dor física que a incomodava tanto, mas a dor de um tipo diferente. A dor do corpo, ela era capaz de controlar com medicamentos, mas a agonia do ciúme, ela jamais fora capaz de amenizar. Estava com ela, explicou, desde a infância; naquela idade, era uma coisa infantil, para ser tolerada e levada na brincadeira, mas agora tornara-se uma doença. Ela era casada, tinha dois filhos e o ciúme estava destruindo todos os seus relacionamentos.

"Parece que tenho ciúmes não só de meu marido e filhos, mas de quase todos que tenham mais do que eu tenho, um jardim melhor ou um vestido mais bonito. Tudo isso pode parecer muito tolo, mas sou torturada por isso. Algum tempo atrás, fui a um psicanalista e fiquei temporariamente em paz; mas logo recomeçou tudo."

A cultura na qual vivemos não estimula a inveja? Os anúncios, a competição, a comparação, a idolatria do sucesso com suas

muitas atividades — todas essas coisas não sustentam a inveja? A demanda por mais é ciúme, não é?

"Mas..."

Vamos considerar a própria inveja por alguns instantes, e não suas lutas particulares contra ela; voltaremos a isso depois. Está bem assim?

"Certamente sim."

A inveja é estimulada e respeitada, não? O espírito competitivo é alimentado desde a infância. A ideia de que você precisa fazer melhor e ser melhor do que os outros é repetida constantemente de maneiras diferentes; o exemplo de sucesso — do herói e seu bravo ato — é interminavelmente repetido na mente. A cultura atual se baseia na inveja, na aquisitividade. Se você não for aquisitivo das coisas mundanas e, em vez disso, seguir algum mestre religioso, receberá promessas de ter o lugar correto no outro mundo. Todos somos criados assim, e o desejo de ter sucesso está profundamente implantado em quase todo mundo. O sucesso é buscado de modos diferentes, sucesso como artista, como homem de negócios, como aspirante religioso. Tudo isso é uma forma de inveja, mas somente quando a inveja torna-se aflitiva, dolorosa, é que a pessoa tenta livrar-se dela. Enquanto é compensadora e prazerosa, a inveja é uma parte aceita da natureza da pessoa. Não percebemos que nesse próprio prazer há dor. O apego realmente dá prazer, mas também gera ciúme e dor, e não é amor. Nessa área de atividade, a pessoa vive, sofre e morre. Somente quando a dor dessa ação fechada em si mesma torna-se insuportável é que a pessoa luta para escapar disso.

"Acho que entendo tudo isso vagamente, mas o que posso fazer?"

Antes de considerar o que fazer, vamos ver qual é o problema. Qual é o problema?

"Estou torturada pelo ciúme e quero me libertar dele."

Você quer se livrar da dor dele, mas não quer agarrar-se ao prazer peculiar que vem com a posse e o apego?

"Claro que sim. Você não espera que eu renuncie a todas as minhas posses, não é?"

Não estamos preocupados com a renúncia, mas com o desejo de possuir. Queremos possuir pessoas bem como coisas, agarramo-nos a crenças bem como a esperanças. Por que há esse desejo de possuir coisas e pessoas, esse apego ardente?

"Eu não sei, nunca pensei nisso. Parece natural ser invejoso, mas isso tornou-se um veneno, um fator violentamente perturbador em minha vida."

Precisamos de certas coisas, comida, roupas, abrigo e assim por diante, mas elas são usadas para satisfação psicológica, que dá origem a muitos outros problemas. Do mesmo modo, a dependência psicológica das pessoas gera ansiedade, ciúme e medo.

"Acho que, nesse sentido, dependo de certas pessoas. Elas são uma necessidade compulsiva para mim e, sem elas, eu estaria totalmente perdida. Se eu não tivesse meu marido e meus filhos, acho que enlouqueceria lentamente ou me apegaria a outros. Mas não vejo o que há de errado com o apego."

Não estamos dizendo que é certo ou errado, mas estamos considerando sua causa e efeito, não é? Não estamos condenando ou justificando a dependência. Mas por que alguém é psicologicamente dependente de outro? Não é esse o problema, e não como livrar-se das torturas do ciúme? O ciúme é simplesmente o efeito, o sintoma, e seria inútil lidar apenas com o sintoma. Por que alguém é psicologicamente dependente de outro?

"Eu sei que sou dependente, mas não pensei realmente sobre isso. Presumi que todos fossem dependentes de outros."

Claro que somos e sempre seremos fisicamente dependentes uns dos outros, o que é natural e inevitável. Mas enquanto não entendermos nossa dependência *psicológica* de outro, não acha que a dor do ciúme continuará? Então, por que há essa necessidade psicológica de outro?

"Preciso de minha família porque eu os amo. Se não os amasse, não me importaria."

Você está dizendo que amor e ciúme andam juntos?

"Parece que sim. Se eu não os amasse, certamente não teria ciúmes."

Nesse caso, se você livrar-se do ciúme também terá se livrado do amor, não é? Então, por que você quer se livrar do ciúme? Você quer manter o prazer do apego e deixar a dor dele ir embora. Isso é possível?

"Por que não?"

Apego envolve medo, não é? Você tem medo do que você é ou do que você será se o outro deixá-lo ou morrer, e você está apegada por causa desse medo. Enquanto você estiver ocupada com o prazer do apego, o medo estará oculto, trancado, mas infelizmente ele estará sempre lá; e até você estar livre desse medo, as torturas do ciúme continuarão.

"Do que tenho medo?"

A pergunta não é do que é que você tem medo, mas se você está consciente, de que tem medo?

"Agora que está fazendo esta pergunta objetivamente, suponho que sim. Tudo bem, tenho medo."

Do quê?

"De ficar perdida, insegura; de não ser amada, cuidada; de ficar solitária, sozinha. Eu acho que é isso: tenho medo de ficar solitária, de não ser capaz de enfrentar a vida sozinha, então dependo de meu marido e filhos, agarro-me desesperadamente

a eles. Há sempre em mim o medo de algo acontecer a eles. Às vezes, meu desespero assume a forma de ciúme, de fúria descontrolada e assim por diante. Tenho medo de que meu marido volte-se para outra. Sou consumida pela ansiedade. Eu lhe asseguro, já passei muitas horas chorando. Toda essa contradição e agitação é o que chamamos amor, e você está me perguntando se *é* amor. É amor quando há apego? Eu vejo que não é. É feio, totalmente egoísta; estou pensando em mim mesma o tempo todo. Mas o que vou fazer?"

Condenar, chamando a si mesma de odiosa, feia, egoísta, de modo algum diminui o problema; pelo contrário, apenas o aumenta. É importante entender isso. Condenar ou justificar a impede de olhar para o que está além do medo, perturba de forma ativa o ato de encarar a realidade do que está de fato acontecendo. Quando você diz "sou feia, egoísta", estas palavras estão carregadas de condenação, e você está reforçando a característica condenatória que é parte do ser.

"Não tenho certeza de que entendo isso."

Ao condenar ou justificar uma ação de seu filho, você o está entendendo? Você não tem o tempo ou a inclinação para explicar, então para obter um resultado imediato, diz "faça" ou "não faça"; mas você não entendeu as complexidades da criança. De modo semelhante, condenar, justificar ou comparar impede o entendimento de você mesma. Você precisa entender a complexa entidade que você é.

"Sim, sim, entendo isso."

Então, entre no assunto lentamente, sem condenar ou justificar. Você achará bastante árduo não condenar ou justificar, porque durante séculos a negação e a afirmação foram habituais. Observe suas próprias reações enquanto estamos conversando.

O problema, então, não é o ciúme e como livrar-se dele, mas o medo. O que é o medo? Como ele toma forma?

"Está lá, de fato, mas o que é eu não sei."

O medo não pode existir em isolamento; ele existe somente em relação a algo, não é? Há um estado que você chama de solidão, e quando você está consciente desse estado, o medo aparece. Então, o medo não existe por si mesmo. Do que você realmente tem medo?

"Eu suponho que de minha solidão, como você diz."

Por que você supõe? Não tem certeza?

"Hesito em ter certeza de qualquer coisa, mas a solidão é um de meus problemas mais profundos. Ela sempre esteve presente no fundo, mas somente agora, nessa conversa, é que fui forçada a olhar para ela diretamente, ver o que está lá. É um vazio enorme, assustador e inescapável."

É possível olhar para esse vazio sem dar um nome a ele, sem qualquer forma de descrição? Simplesmente rotular um estado não significa que o entendemos; pelo contrário, é um obstáculo para o entendimento.

"Percebo o que diz, mas não posso evitar de rotulá-lo; é praticamente uma reação instantânea."

Sentir e nomear são quase simultâneos, não é? Eles podem ser separados? Pode haver uma distância entre um sentimento e a nomeação dele? Se essa distância for realmente experienciada, será descoberto que o pensador cessa como uma entidade separada e distinta do pensamento. O processo verbalizador é parte do ser, do "eu", da entidade que é ciumenta e que tenta superar esse ciúme. Se você realmente entender a verdade disso, então o medo cessará. Nomear tem um efeito fisiológico bem como psicológico. Só quando não existe nomeação é possível ser totalmente consciente daquilo que é

chamado de o vazio da solidão. Então, a mente não se separa daquilo que *é*.

"Acho extremamente difícil acompanhar tudo isso, mas sinto que entendi pelo menos parte disso, e preciso deixar que esse entendimento se desdobre."

A tempestade na mente

O NEVOEIRO DURARA O dia todo, e quando o céu limpou, pela tarde, um vento surgiu do leste — um vento seco e agreste, fazendo as folhas secas caírem e ressecando a terra. Era uma noite tempestuosa e ameaçadora; o vento aumentara, a casa rangia e os galhos eram arrancados das árvores. Na manhã seguinte, o ar estava tão limpo que quase se conseguia tocar as montanhas. O calor retornara com o vento; mas quando o vento parou, no final da tarde, o nevoeiro voltou novamente do mar.

Como é extraordinariamente bonita e rica a terra! Não se cansa dela. Os leitos secos dos rios estão cheios de vida: tojos, papoulas, altos girassóis amarelos. Nas pedras, há lagartos; uma falsa cobra-coral de anéis marrons e brancos banha-se ao sol, sua língua preta entrando e saindo da boca, e na ravina um cão late, perseguindo um esquilo ou um coelho.

O contentamento nunca é o resultado da realização, do êxito ou da posse de bens; não nasce da ação ou da inação. Ele vem com a completude do que *é*, não de sua alteração. Aquilo que está completo não precisa de alteração, mudança. É o incompleto que

está tentando se tornar completo que conhece a agitação do descontentamento e da mudança. O que *é* é o incompleto, não é o completo. O completo é irreal, e a busca do irreal é a dor do descontentamento que jamais pode ser curada. A própria tentativa de curar essa dor é a busca pelo irreal, da qual surge o descontentamento. Não há saída para o descontentamento. Estar consciente do descontentamento é estar ciente do que *é*, e na completude disso há um estado que pode ser chamado de contentamento. Ele não tem oposto.

A casa dava vista para o vale, e o pico mais alto das montanhas distantes estava brilhando com o sol poente. Sua massa rochosa parecia pendurada no céu e iluminada por dentro, e na sala escurecida a beleza daquela luz era infinita.

Ele era um homem jovem, ansioso e indagador.

"Eu li vários livros sobre religião e práticas religiosas, sobre meditação e os vários métodos defendidos para se atingir o mais elevado. Já senti atração pelo comunismo, mas logo descobri que era um movimento retrógrado apesar dos muitos intelectuais que pertenciam a ele. Também fui atraído pelo catolicismo. Algumas de suas doutrinas me agradavam, e por um período pensei em me tornar católico; mas um dia, enquanto conversava com um padre muito culto, subitamente percebi como o catolicismo era semelhante à prisão do comunismo. Durante minhas viagens como marinheiro em um cargueiro sem rota fixa, fui à Índia e passei quase um ano lá, e pensei em me tornar um monge; mas isso era isolado demais da vida e idealisticamente irreal demais. Tentei viver sozinho para meditar, mas isso também chegou ao fim. Após todos esses anos, ainda parece que sou totalmente incapaz de controlar meus pensamentos, e isso é o que quero discutir. Claro que tenho outros problemas, sexuais e outros, mas

se eu fosse totalmente o senhor de meus pensamentos poderia conseguir reprimir meus desejos e anseios ardentes."

O controle do pensamento levará ao apaziguamento do desejo ou simplesmente sua repressão, o que, por sua vez, trará outros problemas mais profundos?

"Você não está, claro, defendendo que se ceda ao desejo. O desejo é atividade do pensamento, e em minhas tentativas de controlar o pensamento esperava subjugar meus desejos. Os desejos têm de ser subjugados ou sublimados, mas mesmo para sublimá-los eles precisam, primeiro, ser mantidos sob controle. A maioria dos mestres insiste que os desejos precisam ser transcendidos, e eles recomendam vários métodos para se realizar isso."

Além do que os outros disseram, o que você acha? O simples controle do desejo resolverá os muitos problemas do desejo? A repressão ou a sublimação do desejo levará ao entendimento dele ou o fará se libertar dele? Por meio de alguma ocupação, religiosa ou não, a mente pode ser disciplinada todas as horas do dia. Mas uma mente ocupada não é uma mente livre, e certamente apenas uma mente livre pode estar consciente da criatividade atemporal.

"Não há libertação na transcendência do desejo?"

O que você quer dizer com transcendência do desejo?

"Para a realização da própria felicidade, e também do mais elevado, é necessário não estar movido pelo desejo, não ficar preso em sua agitação e confusão. Para ter o desejo sob controle, alguma forma de subjugação é essencial. Em vez de buscar as coisas triviais da vida, aquele mesmíssimo desejo pode buscar o sublime."

Você pode mudar o objeto do desejo de uma casa para o conhecimento, do inferior para o mais elevado, mas isso ainda será a atividade do desejo, não é? Alguém pode não querer o re-

conhecimento mundano, mas o anseio de alcançar o céu ainda será uma busca pelo ganho. O desejo está sempre buscando realização, êxito, e é esse movimento do desejo que precisa ser entendido e não afastado ou escondido. Sem entendimento dos comportamentos habituais do desejo o simples controle do pensamento tem pouca significância.

"Mas preciso voltar ao ponto em que comecei. Mesmo para entender o desejo, a concentração é necessária, e essa é minha dificuldade toda. Parece que não consigo controlar meus pensamentos. Eles vagueiam por todos os lugares, tropeçando uns nos outros. Não há um único pensamento que seja dominante e contínuo entre todos os pensamentos irrelevantes."

A mente é como uma máquina que está trabalhando noite e dia, tagarelando, permanentemente ocupada, quer dormindo ou acordada. Ela é veloz e tão agitada quanto o mar. Outra parte desse intrincado e complexo mecanismo tenta controlar o movimento total, e assim começa o conflito entre desejos e anseios opostos. Um pode ser chamado de ser superior e o outro de ser inferior, mas ambos estão dentro da área da mente. A ação e a reação da mente, do pensamento, são quase simultâneas e quase automáticas. Esse processo todo consciente e inconsciente de aceitar e negar, conformar-se e lutar para se libertar, é extremamente rápido. Então, a pergunta não é como controlar esse mecanismo complexo, pois controle produz atrito e só dissipa a energia, mas essa mente tão ágil pode reduzir a velocidade?

"Mas como?"

Se me permite mostrar, senhor, a questão não é o "como". O "como" simplesmente produz um resultado, um fim sem muita significância; e após ele ser obtido, outra busca por outro fim desejável começará, com sua infelicidade e conflito.

"Então, o que se pode fazer?"

Você não está fazendo a pergunta certa, está? Você não está descobrindo por si mesmo a verdade ou a falsidade de reduzir a velocidade da mente, mas está preocupado em obter um resultado. Obter um resultado é relativamente fácil, não é? É possível para a mente reduzir a velocidade sem usar freios?

"O que você quer dizer com reduzir a velocidade?"

Quando você está indo muito rápido em um carro, a paisagem próxima fica indistinta; somente em uma velocidade de caminhada é que você pode observar em detalhes as árvores, os pássaros e as flores. O autoconhecimento vem com a redução da velocidade da mente, mas isso não quer dizer forçar a mente para ser lenta. A compulsão só produz resistência, e não deve haver dissipação de energia na redução da velocidade da mente. Isso é assim, não é?

"Acho que estou começando a ver que o esforço que se faz para controlar o pensamento é destrutivo, mas não entendo o que mais pode ser feito."

Não chegamos ainda à questão da ação, não é? Estamos tentando ver que é importante para a mente reduzir a velocidade, não estamos considerando como reduzir sua velocidade. A mente pode reduzir sua velocidade? E quando isso acontece?

"Eu não sei, nunca pensei nisso antes."

Você nunca percebeu, senhor, que enquanto está observando alguma coisa a mente reduz a velocidade? Quando você observa aquele carro movendo-se ao longo da estrada lá embaixo, ou olha atentamente para algum objeto físico, sua mente não está funcionando mais devagar? Observar, olhar atentamente, de fato reduz a velocidade da mente. Olhar um quadro, uma imagem, um objeto, ajuda a aquietar a mente, como o faz a repetição de uma frase; mas, então, o objeto ou a frase torna-se muito impor-

tante, e não a redução da velocidade da mente e o que é descoberto desse modo.

"Estou observando o que você está explicando e há uma conscientização da quietude da mente."

Será que alguma vez observamos algo ou interpusemos entre o observador e o observado um filtro de vários preconceitos, valores, julgamentos, comparações, condenações?

"É quase impossível não ter esse filtro. Não acho que seja capaz de observar de um modo inviolado."

Se posso sugerir, não se bloqueie com palavras ou conclusões, positivas ou negativas. Pode haver observação sem esse filtro? Para dizer de forma diferente, existe atenção quando a mente está ocupada? Apenas a mente desocupada é que pode ficar atenta. A mente é lenta, alerta, quando há observação cuidadosa, que é a atenção de uma mente desocupada.

"Estou começando a experienciar o que você está dizendo, senhor."

Vamos examinar isso um pouco mais. Se não houver avaliação, nenhum filtro entre o observador e o observado, haverá, então, uma separação, uma divisão entre eles? O observador não será o observado?

"Temo não ter acompanhado isso."

O diamante não pode ser separado de suas qualidades, pode? O sentimento de inveja não pode ser separado do experienciador desse sentimento, embora realmente exista uma divisão ilusória que gera conflito, e nesse conflito a mente fica presa. Quando essa falsa separação desaparece, há a possibilidade de libertação, e só então a mente está quieta. Somente quando o experienciador cessa é que há o movimento criativo do real.

O controle do pensamento

Em qualquer velocidade, sempre havia poeira, fina e penetrante, e ela entrava muito no carro. Embora fosse de manhã cedo e o sol ainda não fosse aparecer por uma ou duas horas, já havia um calor seco e forte que não era muito desagradável. Mesmo àquela hora, havia carros de boi na estrada. Os condutores dormiam, mas os bois, continuando na estrada, voltavam lentamente para suas aldeias. Às vezes, havia dois ou três carros de boi, às vezes dez, e, em uma vez, 25, uma longa fila com todos os condutores adormecidos e um único lampião de querosene no carro da frente. O automóvel teve de sair da estrada para ultrapassá-los, levantando montanhas de poeira, e os bois, seus sinos tocando ritmicamente, nunca se desviavam.

Ainda estava bem escuro após uma hora de viagem dirigindo regularmente. As árvores estavam escuras, misteriosas e recolhidas. Agora, a estrada era pavimentada, mas estreita, e cada carroça significava mais poeira, mais tinir de sinos e ainda mais carroças à frente. Nós íamos diretamente para o leste e logo haveria o início da aurora, opaca, suave e sem sombras. Não era

uma aurora clara, cintilante com o orvalho reluzente, mas uma daquelas manhãs que são bem pesadas pelo calor vindouro. Mas como era bonito! Bem ao longe estavam as montanhas; elas não podiam ainda ser vistas, mas sentia-se que estavam lá, imensas, frias e livres do tempo.

A estrada passava por todos os tipos de aldeia, algumas limpas, organizadas e bem cuidadas, outras imundas e deteriorando com a pobreza e a degradação irremediáveis. Os homens estavam saindo para os campos, as mulheres para o poço d'água e as crianças gritavam e riam nas ruas. Havia quilômetros de fazendas do governo, com tratores, lagos com peixes e escolas agrícolas experimentais. Um potente carro novo passou, cheio de pessoas abastadas e bem alimentadas. As montanhas ainda estavam distantes, e a terra era rica. Em vários lugares a estrada passava por um leito de rio seco, onde não era mais uma estrada, mas os ônibus e as carroças tinham aberto um caminho nele. Os papagaios, verdes e vermelhos, chamavam-se uns aos outros em seus voos loucos; havia também pássaros menores, dourados e verdes, bem como os pássaros brancos de arroz.

Agora a estrada estava deixando as planícies e começando a subir. A densa vegetação nos sopés dos morros estava sendo removida por tratores e quilômetros de árvores frutíferas estavam sendo plantadas. O carro continuava a subir enquanto os morros tornavam-se montanhas cobertas de pinheiros e castanheiros, os pinheiros esguios e retos e os castanheiros pesados com a floração. A vista abria-se agora, vales imensuráveis estendendo-se abaixo, e, à frente, os picos nevados.

Finalmente, dobramos uma curva no topo da subida e lá estavam as montanhas, claras e deslumbrantes. Elas estavam a 100 quilômetros de distância, com um enorme vale azul entre elas e nós. Estendendo-se por mais de 300 quilômetros, elas enchiam o

horizonte de ponta a ponta, e com uma virada de cabeça podíamos enxergar de um lado ao outro. Era uma visão maravilhosa. Os 100 quilômetros que nos separavam deram a impressão de desaparecer, e só existia aquela força e solidão. Aqueles picos, alguns deles elevando-se a mais de 7.500 metros, tinham nomes divinos, pois os deuses viviam lá, e os homens iam até eles de grandes distâncias em peregrinação para venerar e para morrer.

Ele fora educado no exterior, disse, e ocupara um bom cargo no governo; mas há vinte anos tomara a decisão de desistir dessa posição e dos hábitos do mundo para passar os dias restantes de sua vida em meditação.

"Pratiquei vários métodos de meditação", continuou, "até ter completo controle de meus pensamentos, e isso trouxe junto certos poderes e um domínio de mim mesmo. Entretanto, um amigo me levou a uma de suas palestras, na qual você respondeu a uma pergunta sobre meditação, dizendo que, como era praticada em geral, a meditação era uma forma de auto-hipnose, um cultivo de desejos autoprojetados e refinados. Isso me soou tão verdadeiro que solicitei essa conversa com você; e considerando que dediquei minha vida à meditação, espero que possamos entrar no assunto com bastante profundidade.

"Eu gostaria de começar explicando um pouco o curso de meu desenvolvimento. Percebi de tudo que li que era necessário ser completamente senhor dos próprios pensamentos. Isso foi difícil demais para mim. A concentração em um trabalho oficial era algo totalmente diferente de fixar a mente e atrelar todo o processo do pensamento. De acordo com os livros, a pessoa tem de ter as rédeas do pensamento em suas mãos. O pensamento não pode ser afiado para penetrar nas muitas ilusões a não ser que seja controlado e dirigido; então, essa foi minha primeira tarefa."

Se me permite perguntar sem interromper sua narrativa, o controle do pensamento é a primeira tarefa?

"Eu ouvi o que disse sobre concentração em sua palestra, mas, se puder, gostaria de descrever o máximo possível de toda a minha experiência e depois levantar certas questões vitais conectadas a isso."

Como quiser, senhor.

"Desde o início, eu estava insatisfeito com minha profissão, e foi relativamente fácil largar uma carreira promissora. Li muitos livros sobre meditação e contemplação, incluindo os escritos de vários místicos, tanto daqui quanto do Ocidente, e pareceu óbvio para mim que controlar o pensamento era a coisa mais importante. Isso exigia um esforço considerável, sustentado e intencional. À medida que eu progredia na meditação, tive muitas experiências, visões de Krishna, de Cristo e de alguns dos santos hindus. Tornei-me clarividente e comecei a ler os pensamentos das pessoas e adquirir certos *sidhis* ou poderes diferentes. Fui de uma experiência a outra, de uma visão, com sua significação simbólica, a outra, do desespero para a mais elevada forma de bem-aventurança. Eu tinha o orgulho de um conquistador, alguém que era o senhor de si mesmo. Ascetismo, o domínio de si mesmo, realmente dá uma sensação de poder, e isso gera vaidade, força e autoconfiança. Eu estava na rica plenitude de tudo isso. Embora tivesse ouvido falar de você por muitos anos, o orgulho de minha realização sempre me impedia de vir ouvi-lo; mas meu amigo, outro saniase, insistiu que eu deveria vir, e o que eu ouvi me perturbou. Antes, pensava estar além de toda a perturbação! Isso tem sido resumidamente minha história na meditação.

"Você disse em sua palestra que a mente precisa ir além de toda a experiência; do contrário, ela fica aprisionada nas próprias projeções, nos próprios desejos e buscas, e fiquei profundamente

surpreso de descobrir que minha mente estava presa nessas mesmíssimas coisas. Estando consciente desse fato, como a mente vai escapar das paredes da prisão que ela construiu em torno de si mesma? Esses mais de vinte anos foram desperdiçados? Tudo isso foi uma simples divagação na ilusão?"

Dentro em pouco poderemos discutir a ação que poderá acontecer, mas vamos considerar, se quiser, o controle do pensamento. Esse controle é necessário? Ele é benéfico ou prejudicial? Vários mestres religiosos defenderam o controle do pensamento como o primeiro passo, mas eles estão certos? Quem é esse controlador? Ele não é parte daquele mesmíssimo pensamento que está tentando controlar? Ele pode pensar de si mesmo como sendo separado, diferente do pensamento, mas ele não é o resultado do pensamento? Certamente, controle sugere uma ação coerciva da vontade para subjugar, reprimir, dominar, criar resistência contra o que não é desejado. Nesse processo todo, há um conflito enorme e terrível, não é? Pode resultar algum bem do conflito?

A concentração na meditação é uma forma de melhoramento egocêntrico, ela enfatiza a ação dentro dos limites do ser, do ego, do "eu". Concentração é o processo de reduzir o pensamento. Uma criança está absorta em seu brinquedo. O brinquedo, a imagem, o símbolo, a palavra, detêm as divagações inquietas da mente, e essa absorção é chamada de concentração. A mente é tomada pela imagem, pelo objeto, externo ou interno. A imagem ou o objeto é, então, o mais importante, e não o entendimento da mente em si. A concentração em alguma coisa é relativamente fácil. O brinquedo realmente absorve a mente, mas ele não liberta a mente para explorar, para descobrir o que está, se houver de fato algo, além das próprias fronteiras.

"O que você diz é bem diferente do que eu li ou me ensinaram, mas parece ser verdadeiro e estou começando a entender as

implicações do controle. Mas como a mente pode se libertar sem disciplina?"

Repressão e conformidade não são os passos que levam à liberdade. O primeiro passo em direção à liberdade é o entendimento do cativeiro. A disciplina realmente molda o comportamento e molda o pensamento para o padrão desejado, mas sem entender o desejo o simples controle ou disciplina deturpa o pensamento; ao passo que, quando há conscientização dos comportamentos habituais do desejo, essa conscientização traz clareza e ordem. Afinal, senhor, a concentração é ação do desejo. Um homem de negócios está concentrado porque quer acumular riqueza ou poder, e quando outro se concentra na meditação, ele também está atrás de realização, recompensa. Ambos estão em busca de sucesso, que produz autoconfiança e a sensação de estar protegido. Isso é assim, não é?

"Acompanho o que está explicando, senhor."

A compreensão verbal isolada, que é uma compreensão intelectual do que é ouvido, tem pouco valor, não acha? O fator libertador nunca é uma simples compreensão verbal, mas a percepção da verdade ou da falsidade da questão. Se pudermos entender as implicações da concentração e ver o falso como falso, então haverá liberdade do desejo de realizar, de experienciar, de tornar-se. Disso vem a atenção, que é totalmente diferente da concentração. A concentração envolve um processo duplo, uma escolha, um esforço, não é? Há o criador do esforço e o fim em direção ao qual o esforço é feito. Portanto, a concentração fortalece o "eu", o ser, o ego como o criador do esforço, o conquistador, o virtuoso. Mas, na atenção, essa atividade dupla não está presente; há uma ausência do experienciador, aquele que reúne, armazena e repete. Nesse estado de atenção, o conflito da realização e do medo do fracasso cessa.

"Mas, infelizmente, nem todos somos abençoados com esse poder de atenção."

Não é um dom, não é uma recompensa, algo a ser comprado pela disciplina, pela prática. Isso toma forma com o entendimento do desejo, que é autoconhecimento. Esse estado de atenção é o certo, a ausência do ser.

"Todo o meu esforço e a minha disciplina de muitos anos foram totalmente desperdiçados e sem valor algum? Até ao fazer esta pergunta estou começando a ver a verdade da questão. Vejo agora que por mais de vinte anos busquei um caminho que levou inevitavelmente a uma prisão autocriada, na qual vivi, experienciei e sofri. Lamentar o passado é autoindulgência, e é preciso começar novamente, com um espírito diferente. Mas, e aquelas visões e experiências todas? Elas também eram falsas, sem valor?"

A mente não é, senhor, um vasto depósito de todas as experiências, visões e pensamentos do homem? A mente é o resultado de muitos milhares de anos de tradição e experiência. É capaz de invenções fantásticas, das mais simples até as mais complexas. Ela é capaz de ilusões extraordinárias e de grandes percepções. As experiências e as esperanças, as ansiedades, as alegrias e os conhecimentos acumulados do coletivo e do individual estão todos lá, armazenados nas camadas mais profundas da consciência, e a pessoa pode reviver as experiências, visões etc., herdadas ou adquiridas. Falam-nos sobre certas drogas que podem trazer clareza, uma visão das profundezas e das alturas, que podem libertar a mente de sua agitação, dando a ela maior energia e poder de percepção. Mas é preciso a mente viajar por todas essas passagens escuras e ocultas para chegar à luz? E quando por qualquer um desses meios ela chegar à luz, será essa a luz do eterno? Ou será a luz do conhecido, do reconhecido, uma coisa nascida da busca, da luta, da esperança? A pessoa precisa passar por esse

processo cansativo para descobrir aquilo que não é mensurável? Podemos nos desviar de tudo isso e chegar àquilo que pode ser chamado de amor? Visto que você teve visões, poderes, experiências, o que me diz, senhor?

"Enquanto duraram, eu naturalmente pensei que eram importantes e que tinham significado; eles me deram um sentido satisfatório de poder, certa felicidade de uma conquista gratificante. Quando os vários poderes chegam, eles dão uma grande confiança em si mesmo, uma sensação de autodomínio em que há um orgulho arrebatador. Agora, após discutir tudo isso, não estou absolutamente certo de que essas visões tenham tanto significado para mim como antes. Elas parecem ter recuado na luz de meu próprio entendimento."

Alguém precisa passar por todas essas experiências? Elas são necessárias para abrir a porta do eterno? Elas não podem ser evitadas? Afinal, o que é essencial é o autoconhecimento, que produz uma mente silenciosa. Uma mente silenciosa não é o produto da vontade, da disciplina, das várias práticas para subjugar o desejo. Todas essas práticas e disciplinas somente fortalecem o ser, e a virtude será então outra rocha na qual o ser poderá construir uma casa de importância e respeitabilidade. A mente precisa estar vazia do conhecido para o desconhecido existir. Sem entendimento dos comportamentos do ser a virtude começa a se vestir de importância. O movimento do ser, com sua vontade e seu desejo, sua busca e acumulação, precisa cessar totalmente. Somente aí o atemporal pode tomar forma. Ele não pode ser convidado. A mente que busca convidar o real pelas várias práticas, disciplinas, por orações e atitudes, só pode receber suas próprias projeções gratificantes, mas elas não serão o real.

"Percebo agora, depois desses muitos anos de ascetismo, disciplina e automortificação, que minha mente está sendo mantida

em uma prisão de sua própria fabricação, e que as paredes dessa prisão precisam ser derrubadas. Como se pode começar a fazer isso?"

A própria consciência de que elas precisam cair é suficiente. Qualquer ação para derrubá-las porá em movimento o desejo de realizar, de obter, e assim dará forma ao conflito dos opostos, o experienciador e a experiência, o buscador e o buscado. Ver o falso como falso é em si mesmo suficiente, pois essa mesma percepção liberta a mente do falso.

Existe pensamento profundo?

BEM ALÉM DAS PALMEIRAS estava o mar, agitado e cruel; ele nunca estava calmo, mas sempre encapelado com ondas e fortes correntes. No silêncio da noite, seu barulho podia ser ouvido a uma boa distância em direção ao interior, e naquela voz rouca havia um aviso, uma ameaça. Mas aqui, entre as palmeiras, havia densas sombras e quietude. A noite era de lua cheia e estava clara quase como o dia, sem o calor e a luz ofuscante; e a luz naquelas palmeiras ondulantes era suave e linda. A beleza não era apenas do luar sobre as palmeiras, mas também das sombras, dos troncos arredondados, das águas cintilantes e da rica terra. A terra, o céu, o homem passando, o coaxar das rãs e o apito distante de um trem — era tudo uma única coisa viva não mensurável pela mente.

A mente é um instrumento surpreendente; não há maquinaria fabricada pelo homem que seja tão complexa, tão sutil, com possibilidades tão infinitas. Só estamos cientes dos níveis superficiais da mente, se é que estamos de fato, e ficamos satisfeitos

em viver e ter nossa existência sobre sua superfície externa. Aceitamos o pensar como a atividade da mente: o pensar do general que planeja assassinatos por atacado, do político dissimulado, do professor culto, do carpinteiro. E existe pensamento profundo? Não é todo pensamento uma atividade superficial da mente? No pensamento, a mente é profunda? Pode a mente, que é tornada unificada, que é o resultado do tempo, da memória, da experiência, estar ciente de algo que não seja de si mesma? A mente está sempre agrupando, buscando algo além das próprias atividades fechadas em si mesmas, mas o centro do qual ela busca permanece sempre o mesmo.

A mente não é apenas a atividade superficial, mas também os movimentos ocultos de muitos séculos. Esses movimentos modificam ou controlam a atividade externa, então a mente desenvolve seu próprio conflito dualístico. Não existe uma mente inteira, total, ela está fragmentada em muitas partes, uma em oposição a outra. A mente que busca integrar-se, coordenar-se, não pode criar paz entre suas muitas partes fragmentadas. A mente que é tornada inteira pelo pensamento, pelo conhecimento, pela experiência, ainda é o resultado do tempo e do sofrimento; tendo sido unificada, ainda é um produto das circunstâncias.

Estamos abordando esse problema de integração de forma errada. A parte nunca pode se tornar o todo. Pela parte, o todo não pode ser realizado, mas nós não vemos isso. O que de fato vemos é o particular ampliando-se para conter as muitas partes; mas o ato de criar a unificação das muitas partes não cria a integração, nem ela é de grande importância quando há harmonia entre as várias partes. Não é a harmonia ou a integração que tem importância, pois isso pode ser produzido com cuidado e atenção, com a educação certa; mas o que tem a mais alta importância é deixar o desconhecido tomar forma. O conhecido jamais pode

receber o desconhecido. A mente está incessantemente buscando viver com felicidade no charco da integração autocriada, mas isso não produz a criatividade do desconhecido.

Basicamente, o autoaperfeiçoamento é apenas mediocridade. O autoaperfeiçoamento pela virtude, pela identificação com a capacidade, através de qualquer forma de segurança positiva ou negativa, é um processo fechado em si mesmo, por mais amplo que seja. A ambição gera mediocridade, pois ambição é a realização do ser pela ação, pelo grupo, pela ideia. O ser é o centro de tudo que é conhecido, é o passado movendo-se através do presente para o futuro, e toda atividade no campo do conhecido cria a superficialidade da mente. A mente jamais pode ser grande, pois o que é grande é imensurável. O conhecido é comparável, e todas as atividades do conhecido só podem trazer sofrimento.

Imensidão

O VALE ESTAVA BEM abaixo e repleto das atividades da maioria dos vales. O sol estava se pondo por trás das distantes montanhas e as sombras eram escuras e longas. Era uma tarde calma, com uma brisa vindo do mar. As laranjeiras, fileira após fileira, estavam quase na sombra, e na longa estrada reta que passava pelo vale havia esporádicos lampejos quando os carros em movimento capturavam a luz do sol poente. Era uma tarde de encantamento e paz.

A mente parecia cobrir o vasto espaço e a interminável distância; ou melhor, a mente parecia expandir infinitamente, e atrás e além dela havia algo que continha em si todas as coisas. A mente lutava vagamente para reconhecer e lembrar aquilo que não era de si mesma, e, então, interrompia sua atividade usual; mas ela não conseguia entender o que não era de sua própria natureza, e logo todas as coisas, inclusive a mente, estavam envolvidas naquela imensidão. A tarde escureceu, e o latir distante dos cães de forma alguma perturbava o que está além de toda a consciência. Não é possível ponderar-se sobre isso e assim ser experienciado pela mente.

Mas o que é isso, então, que percebeu e está ciente de algo totalmente diferente das projeções da mente? Quem é que experiencia isso? Obviamente, não é a mente das memórias, respostas e anseios de todo o dia. Existe outra mente, ou existe uma parte da mente que está adormecida, para ser acordada apenas por aquilo que está acima e além de toda a mente? Se é assim, então dentro da mente há sempre o que está além de todo o pensamento e todo o tempo. No entanto, isso não pode existir, pois é apenas pensamento especulativo e, portanto, outra das muitas invenções da mente.

Visto que a imensidão não nasce do processo da mente, então, o que está consciente dela? A mente como o experienciador está consciente dela ou aquela imensidão é que está consciente dela mesma porque não há absolutamente nenhum experienciador? Não havia um experienciador quando isso aconteceu descendo a montanha e, contudo, a consciência da mente estava totalmente diferente, em tipo, bem como em grau, daquilo que não é mensurável. A mente não estava funcionando; ela estava alerta e passiva, e embora cônscia da brisa brincando entre as folhas, não havia movimento de qualquer espécie em seu interior. Não havia observador algum que avaliasse o observado. Havia apenas *aquilo*, e *aquilo* estava consciente de si mesmo sem avaliação. Não tinha início e não tinha fim.

A mente está ciente de que não consegue captar por meio de experiências e palavras o que sempre permanece, atemporal e imensurável.

Leia também

Comentários sobre o viver, J. Krishnamurti

O primeiro volume da trilogia *Breves textos*, que registra os encontros de Krishnamurti com discípulos e curiosos de todos os credos, *Comentário sobre o viver* reúne mais de oitenta textos curtos e esclarecedores sobre temas fundamentais como verdade, conhecimento, realização e atitude. Um dos maiores mestres espirituais do século XX, o autor conquistou o respeito e a admiração das pessoas não apenas pela abrangência e profundidade de suas ideias, mas por sua defesa do pensamento livre. Nascido em uma pequena aldeia da Índia, jamais se deixou seduzir por qualquer guru ou filosofia, e suas belíssimas mensagens propiciam uma reflexão profunda em qualquer etapa da vida.

Pense nisso – Reflexões espirituais sobre temas do cotidiano, J. Krishnamurti

Um dos maiores mestres espirituais da nossa era, Jiddu Krishnamurti estendeu uma ponte entre ciência e religião e criou fundações e escolas visando uma educação que enfatizasse a compreensão da mente e do coração. Em *Pense nisso*, o autor reúne trechos de palestras a estudantes e professores de escolas indianas. Abordando temas que vão da religião ao amor, Krishnamurti instiga a plateia a encontrar respostas para algumas das principais questões da humanidade.

seguimos alguém, cessamos de seguir a verdade": "Não serei mais um cego conduzindo outros cegos."

Daí em diante, trilhou seu próprio caminho, fazendo palestras pelo mundo, apresentando explicações surpreendentemente simples e ao mesmo tempo profundas para os grandes problemas da existência. Muitas delas estão presentes nesta trilogia, que agrupa textos breves e contundentes nos quais Krishnamurti discorre sobre as grandes questões filosóficas e religiosas que perpassam a vida de todos.

Esse livre-pensador jamais se deixou seduzir por qualquer doutrina, escreveu dezenas de livros e se tornou um dos maiores mestres espirituais do século XX. Nestes três volumes, ele tece comentários esclarecedores sobre temas que dizem respeito à prática diária de viver — mensagens universais que ainda são tema de reflexão para todos os que se dispõem a encontrar o próprio caminho.

A mensagem de J. Krishnamurti, filósofo profundamente respeitado por milhões de pessoas, desafia os limites do pensamento. Em palestras e ensinamentos para plateias do mundo inteiro, ele desembaraça seus ouvintes da rede emaranhada das ideias, das crenças organizadas e dos estados fixos da mente e os conduz para a bem-aventurança da verdade — o entendimento do *que é*.

Neste segundo volume da trilogia *Breves textos*, Krishnamurti registra seus encontros com perseguidores da verdade de todas as posições sociais. Aqui, ele comenta as lutas e os problemas comuns daqueles que se esforçam para quebrar os limites da personalidade e da autolimitação. São mais de cinquenta textos sobre dezenas de tópicos:

MEDITAÇÃO

"O silêncio da mente não pode ser realizado pela ação da vontade. Há silêncio quando a vontade cessa. Isso é meditação."

AMOR

"O amor é uma coisa estranha; enquanto o pensamento está entrelaçado com ele, não é amor... O amor é a chama sem a fumaça do pensamento, do ciúme, do antagonismo, do uso, que são coisas da mente."

ESFORÇO

"Esforço é desejo, e o desejo só pode morrer quando a mente deixa de adquirir... Só quando a mente se purifica de todo pensamento existe o silêncio da criação."

ISBN 978-85-7701-274-9

Capa: Sérgio Campante